

# É PRECISO ALGO MAIS



ELISA MASSELLI

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

## Sinopse:

“O que leva um jovem de boa família, classe média, a ingressar no triste caminho das drogas?

Mesmo sabendo que é um passaporte para a dependência física, para o crime, para a infelicidade, muitos são os que mergulham nessa aventura.

Imaturidade? Curiosidade? Vontade de desafiar a própria força? Meio de vencer a timidez e se auto-afirmar?

Os estudiosos procuram descobrir a cura e são unânimes em afirmar que para vencer essa dependência é indispensável querer. A torça de vontade é fundamental, mas não é suficiente.

Os que saíram vencedores no mundo dos vícios reconhecem que precisaram dos recursos infinitos de forças espirituais invisíveis.

Essa ajuda está sempre presente, seja qual for o problema, mas só pode agir quando o interessado sustenta com a sua própria fé.

É por isso que afirmamos sem medo de errar, que não basta só querer, É PRECISO ALGO MAIS...

Só Deus faz o impossível”.

ZIBIA GASPARETTO

## ÍNDICE:

Prefácio .....	11
Um Rapaz Normal.....	13
Momento de Decisão .....	25
Primeiros Sintomas.....	33
Mudança de Humor .....	45
Humilhações e Mentiras .....	63
Pedindo Ajuda .....	81
Traindo uma Amizade .....	93
No Mundo do Crime.....	119
Primeira Ajuda do Céu.....	131
Servindo de Instrumento.....	139
Sentimento de Culpa .....	151
Momento de Escolha.....	159
Desespero e Procura .....	169
Reparando uma Injustiça.....	183
Momento de Despertar.....	193
O Céu Continua Ajudando. ....	203
Caindo Sempre Mais .....	209
Impotência Diante da Realidade .....	227
Procurando Rodrigo .....	233
Na Espiritualidade .....	247
Durante o Sono .....	263
O Passado.....	271
Insegurança .....	291
A Descoberta .....	301
Marilu Planeja .....	313
Na Sala de André .....	325
A Força da Droga.....	335
Ajuste de Contas .....	351
Plano de Vida .....	361
Epílogo .....	369

*Ofereço este livro para:*

*Olívia, minha mãe,  
Que foi o meu início;*

*Olívia, minha neta,  
Que é minha continuação.*

## Prefácio

### **“É PRECISO ALGO MAIS” - ELISA MASSELLI**

“A violência está espalhada por todo o mundo. Na maioria das vezes está ligada à droga, seja ela qual for. Os motivos sociais que levam muitas pessoas para a droga todos conhecemos. Mas eu não estava satisfeita.

Aprendi com a espiritualidade que tudo está sempre certo e que a lei é justa. Talvez por isso muitas vezes me perguntasse o porquê das drogas existirem. Por que Deus permite?

Em uma manhã, ao acordar, estava novamente no início de um novo livro. Como das outras vezes, não sabia nada sobre a história, somente o início. Sabia apenas que era a história de um rapaz envolvido com drogas.

Fiquei entusiasmada, pois sabia que finalmente teria a resposta do mundo espiritual, aquela que eu tanto ansiava.

Comecei a escrever. Como os outros livros, este também teve suas paradas, às vezes de dias. Fui conhecendo a história de Artur, me apaixonando por ela, mas esperava o momento em que minhas dúvidas seriam esclarecidas. Até que um dia, finalmente, a resposta chegou.

Uma resposta dita de um modo simples, como só o é no plano espiritual. Quando terminei de ler, estava encantada, e pensei: "Até pode ser verdade". Recebi a resposta de que realmente tudo está certo e que a lei é mesmo justa.

Desejo que a história de Artur sirva como consolo para todos aqueles que direta ou indiretamente esteja envolvido com drogas, sejam quais forem, e que pensem que em algum lugar, alguém pode estar dizendo: "Estou esperando por você".

## UM RAPAZ NORMAL

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Como em todas as manhãs, Artur acordou com sua mãe colocando a mão em seu ombro e dizendo baixinho:

— Artur, acorde, já está na hora! Seu pai está terminando de tomar banho e logo estará tomando café. Hoje você não vai sair novamente sem se alimentar.

Ele abriu os olhos, queria se virar na cama e continuar dormindo, mas ela voltou a dizer:

— Não adianta se virar, sabe que está na hora!

— Já vou, mamãe! Já vou!

— Está bem, vou descer. Não se esqueça que precisa se levantar!

— Pode ir tranqüila, já estou me levantando.

Ele disse isso, mas voltou a se virar.

Ela colocou novamente a mão em seu ombro:

— Vamos, Artur, não volte a dormir!

Ele abriu os olhos e, sentando-se na cama, disse:

— Pronto, já acordei.

Ela sorriu:

— Olhe lá, estou descendo.

Ela saiu do quarto. Artur olhou a sua volta. Seu quarto era grande e arejado. Dormia em uma cama confortável, tinha seu próprio armário, onde guardava suas roupas. Havia também uma estante para guardar livros. Ao lado de sua cama seu irmão Leandro dormia tranquilamente. Em um dos cantos havia uma

escrivaninha, e sobre ela um computador. Artur olhou para ele, pensando:

"Você é minha maior alegria. Fiquei ontem até muito tarde tentando executar aquele programa! Vou aprender tudo sobre você e os programas, e em pouco tempo dominarei todos os seus segredos. Minha avó teve uma ótima idéia quando, no meu aniversário, me deu você de presente. De todos os presentes que ganhei até hoje, e foram muitos, você foi o que mais gostei. Faltam só dois anos para eu terminar o segundo grau. Mesmo contrariando a vontade do meu pai, não vou fazer Direito, vou fazer Ciências da Computação. Quero aprender tudo a seu respeito...".

Levantou-se e foi para o banheiro tomar seu banho. Enquanto se banhava, ia pensando:

"O dia do meu aniversário esta chegando. Vou fazer dezesseis anos. Papai quer me dar uma festa em família, mas eu não quero hoje não se usa mais isso. Os jovens comemoram o aniversário em barzinhos e danceterias. Vou ter que convencê-lo. Não vai ser fácil, mas tenho que tentar."

Olhou para um relógio que havia no banheiro. Sua mãe o colocara ali exatamente para que ele não perdesse a hora.

— Estou atrasado! Preciso me vestir depressa!

Foi para o quarto, mas antes se olhou no espelho:

— Essas espinhas! Meu rosto está todo tomado por elas! Como Mariana vai me notar?

Vestiu a roupa depressa e foi para a sala de refeições. Seu pai estava terminando de tomar o café. Disse:

— Atrasado, como sempre! Novamente não vai tomar café! Não posso esperar. Vou lhe dar dinheiro, com ele poderá tomar um lanche na cantina. Vamos embora?

— Vamos, sim! Tchau, mamãe!

— Tchau, meu filho, vão com Deus...

Lá fora, entrou no carro e seu pai saiu dirigindo. Artur já estava acostumado, todas as manhãs eram a mesma coisa. Assim que o carro saiu, ele olhou para o rádio no mesmo instante em que seu pai o ligou e sintonizou em uma estação que transmitia notícias.

O pai continuava dirigindo, comentando as notícias que ia ouvindo. Artur sempre respondia, mas naquele dia em especial estava com seus pensamentos voltados para Mariana.

"Só a conheci há alguns meses. Ela veio transferida de outra escola. Não existe menina mais bonita. Até agora, nunca havia me interessado por menina alguma, sempre só me preocupei com meus estudos."

O pai interrompeu seus pensamentos, dizendo:

— Em que está pensando?

— Estou pensando no meu aniversário.

— E, esta chegando. Continua ainda com aquela idéia de não comemorá-lo em família?

— Estava pensando justamente nisso.

— Não acho uma boa idéia. Você é ainda muito criança.

— Ora, papai! Não sou mais criança! Vou fazer dezesseis anos, já estou quase terminando o primeiro ano do Ensino Médio. Logo farei o cursinho para entrar na faculdade!

— Tem razão, não é mais uma criança. Vou pensar sobre o assunto.

Parou de falar, pois uma notícia no rádio chamou sua atenção. Artur voltou seu pensamento para Mariana.

"E, nunca me preocupei com garotas, mas desde que a vi, senti algo diferente. Ela é mesmo muito bonita, mas nunca irá me

notar. Não enquanto eu tiver essas espinhas. Sei que, embora não seja feio, também não sou bonito."

Em seu rosto um sorriso se formou:

"Está resolvido! Vou convidá-la para minha festa, quem sabe conseguirei falar com ela..."

Chegaram em frente à escola. Ele deu um beijo no pai e desceu de um lado da rua; teria que atravessá-la. Seu pai sorriu, dizendo:

— Não se esqueça, estarei aqui ao meio-dia em ponto.

— Não me esquecerei! Fique tranqüilo,

O pai foi embora e ele ficou olhando o trânsito. Precisava esperar para poder atravessar. Estava ali olhando de um lado para o outro quando viu do outro lado da rua uma aglomeração. Atravessou correndo e foi para lá; como os outros, queria saber o que estava acontecendo. Assim que chegou perto, perguntou a um amigo:

— O que está acontecendo?

— Esse rapaz foi pego roubando aquele carro!

Ele olhou para onde o amigo apontava e viu um rapaz, que devia ter a mesma idade que ele. O rapaz estava de cabeça baixa, muito sujo e algemado. Ao seu lado, um policial e um homem, que muito nervoso, gesticulava e dizia:

— Esse marginal estava roubando o rádio do meu carro!

O policial tentava acalmá-lo:

— Fique calmo, ele agora está preso e será encaminhado.

— Espero que seja mesmo, e que fique preso por muito tempo!

Artur não entendia por que, mas sentia muita pena dele. O rapaz estava assustado e com os olhos muito vermelhos; chorava. Artur olhava para ele sem parar, não conseguia desviar o

olhar. O rapaz, parecendo perceber sua insistência, por um segundo levantou a cabeça e seus olhos se cruzaram. Artur sentiu uma emoção estranha. Em seguida, o rapaz voltou a baixar a cabeça. Artur continuou ali olhando para ele, quando ouviu uma voz atrás de si, dizendo:

— Que país é este que não cuida de seus jovens!

Artur voltou-se e viu que era o professor de Ciências que estava falando.

— Por que o senhor está dizendo isso?

— Porque o que está vendo aqui é fruto de uma sociedade injusta! De um mau governo!

Antes que Artur dissesse qualquer coisa, o policial colocou o rapaz dentro do carro e, juntamente com a vítima, se afastaram.

A aglomeração foi se desfazendo e calmamente Artur se dirigiu para a escola.

Todos iam comentando sobre o acontecido. Artur ouvia as pessoas conversando, mas não conseguia esquecer o rosto do rapaz, nem aquele olhar.

A primeira aula foi de Português. A segunda seria de Ciências. O professor entrou. Estava com um semblante muito sério. Sentou-se em sua cadeira e olhou para a classe, perguntando:

— Quem viu o que aconteceu há pouco lá fora?

Quase todos levantaram a mão. Ele continuou:

— Alguém pode me dizer o que significou aquilo?

Alguns responderam, mas Artur ficou calado, só via na sua frente o rosto assustado do rapaz. Ele não entendia e se perguntava:

"Como uma pessoa pode chegar a uma situação como aquela? Que será que lhe aconteceu?"

O professor continuava falando:

— O que viram lá fora é o produto da miséria que existe neste país! E o fruto do mau governo que aqui existe! Governo que não se preocupa com o bem-estar do povo! A miséria está tomando conta de tudo e de quase todos, não há ninguém para mudar esse estado de coisas.

Todos olhavam para ele sem entender muito bem o que diria.

Ele continuou:

— Vocês todos aqui não imaginam o que seja a pobreza! Todos são bem-nascidos, podem freqüentar uma escola cara como esta, mas a maioria do povo brasileiro não tem o que comer, e muito menos escola!

Os alunos começaram a discutir sobre o assunto. Artur ouvia uns e outros, mas não esquecia o rosto do rapaz...

O professor continuou falando:

— Os nossos governantes não se preocupam com o bem-estar do povo. Só estão preocupados com seus próprios interesses, ou em um modo de conseguirem ganhar mais dinheiro!

Ficou falando por muito tempo. Naquele dia praticamente não deu aula, só falou sobre esse assunto.

A aula terminou, outros professores chegaram, mas nenhum deles tocou no assunto. Artur prestou atenção às aulas. Tinha isso por norma, achava que se prestasse atenção quando o professor ensinava, teria mais facilidade para aprender.

Quando as aulas terminaram, foi para o lugar do encontro com o pai. Em seguida ele chegou. Sorrindo, abriu a

poria. Artur entrou. O pai, embora estivesse dirigindo, notou que ele estava muito calado:

— Aconteceu alguma coisa? Tenho a impressão que tem alguma preocupação.

— Aconteceu algo pela manhã que me impressionou muito. O professor de Ciências comentou na aula.

— Que foi que aconteceu?

Artur contou todo o acontecido. O pai ouvia em silêncio. Quando Artur terminou de falar, ele estava furioso:

— Esse professor é um idiota! Vou talar com a diretoria da escola! Que fruto de pobreza nada! São pessoas que nascem marginais! Nada, além disso! Você não tem que ficar preocupado dessa maneira. E um menino estudioso, que sempre se esforçou para aprender. Eu fui um menino pobre, e nem por isso me tornei um bandido. Estudei, e hoje sou um advogado bem-sucedido. Se você tem tudo, se pode estudar em uma escola como a sua, é porque também estudei muito e posso dar a você e a seu irmão o melhor!

— Chegaram em casa. Entraram. Artur continuava calado. Foi para o seu quarto, olhou à sua volta, ouvia a voz do professor dizendo:

"— Enquanto vocês têm tudo, outros, e são muitos, não tem nem o que comer!" Trocava de roupas e pensava:

"O professor tem razão, realmente tenho tudo. Aquele rapaz deve ser muito pobre, por isso estava roubando, devia estar com fome."

Após terminar de se vestir foi para a sala almoçar. Seu irmão, Leandro, quatro anos mais novo que ele, estava sentado diante de um prato com batatas frita. Odete, a mãe, fazia isso para evitar que eles roubassem batatas um do outro, mas não

adiantava, eles continuavam. A uma pequena distração, lá se iam às batatas. Artur sentou, mas para surpresa do irmão, não tentou roubar suas batatas. Permaneceu calado. Sua mãe estranhou:

— Artur, o que você tem?

— Não tenho nada, só estou pensando em algumas coisas.

Nesse exato momento, Álvaro, o pai, entrava na sala:

— Ele está preocupado porque presenciou uma cena que o impressionou.

— O que foi?

Artur contou. Quando terminou, ela perguntou:

— O que esta pensando a respeito?

— No rosto daquele rapaz, que parecia tão assustado, e em tudo aquilo que o professor disse. Será que existe mesmo toda essa pobreza? Será que as pessoas roubam por não terem o que comer?

Álvaro, interrompendo a conversa, respondeu:

— Já disse várias vezes que a pobreza não tem nada a ver com a marginalidade! Você não tem que ter sentimento de culpa por ter comida e boa escola. Trabalho muito para isso. O que tem que fazer é estudar o máximo que puder para que amanhã seus filhos possam ter uma vida igual, ou melhor, que a sua!

— Espere Álvaro! Sabe que dou aula na periferia e vejo muitas crianças com fome, e às vezes sem um agasalho. A pobreza existe, sim!

— Não estou negando isso, só estou dizendo que ela não é a causa da marginalidade. Quer ver uma coisa? Iracema, você mora na favela, não é?

Iracema era a empregada da casa. Já estava com eles havia muito tempo, desde que Artur tinha seis anos e Leandro dois. Ela ficava ali durante a semana e ia para sua casa na sexta-feira à

tarde. Voltava no domingo à tarde, pois morava longe e precisava tomar duas conduções. Assustada com a pergunta de Álvaro, respondeu:

— Moro lá sim sinhô.

— Todos lá são bandidos?

— Não, dotô! Tem muita família boa que mora lá. Eu mesma vim do interior com meu marido porque lá não tinha trabaio. Assim que nós chegô, ele morreu, fiquei com cinco filhos. Nenhum deles, graças à

Deus, é bandido, não!

— Estão vendo? Imaginem se todos os pobres fossem bandidos! O que seria do mundo? Existem pessoas que já nascem com o instinto da maldade.

— Mas você não pode negar que se todos tivessem as mesmas oportunidades, poderia ser diferente...

— Oportunidades existem aos montes, temos que procurá-las. Quando jovem, com catorze anos, por necessidade de ajudar minha mãe, que era viúva, comecei a trabalhar como faxineiro em um escritório de advocacia. E hoje, além de ser um bom advogado, tenho o meu próprio escritório.

— Você teve sorte que o seu patrão se interessou por sua educação. Ele gostou de você e o encaminhou.

— Sorte? Não foi sorte! Desde o primeiro dia em que cheguei ao escritório sempre me interessei em aprender tudo. Ficava vendo os advogados discutindo algum caso. Prestava atenção e ia encontrando as soluções. Lia muito os códigos. Sempre fui e sou até hoje muito interessado.

— Dotô! O sinhô me dá licença! Já que o dotô ta dizendo isso, quero aproveitá esse momento pra pedir uma coisa, posso?

— Claro que pode o que é?

— O dotô já me ouviu falar sobre o meu filho Jarbas, num já?

— Sim, me parece que ia prestar o vestibular para Direito, não é isso?

— Isso mesmo, ele passou no vestibulâ, só que agora não tem dinheiro para paga a faculdade. Queria vê se o dotô não arranjava um emprego pra ele lá no seu escritório. Pra ele podê continua estudando

— Quantos anos ele tem?

— Vai fazê vinte e quatro anos em dezembro.

— Só agora prestou o vestibular?

— Lá onde a gente morava era muito pobre, num tinha escola. Também ele é o maior dos meus filho, precisava ajudá o pai no trabaio. Quando chegamo aqui, ele tinha doze anos. Coloquei ele na escola pra

podê aprendê a leitura.

— Ele não fez o primário?

— Não, foi por isso que meu marido quis vim pra cá, pra que os minino pudesse estudá. Quando o pai morreu, ele teve que para de studia e começô trabaia pra me ajuda cria os otro. Depois de um tempo, eu e otro filho menor que ele começamo trabaia também, aí ele foi estudá di noite. Não paro mais. Diz sempre que vai sê adevogado.

— Parece ser um rapaz com muita boa vontade. Mande-o Lá ao escritório, conversarei com ele. Está vendo, filho? Esse moço é pobre, mas se for honesto e interessado, terá toda a minha assistência. Não gosto de marginal! Tanto é que no meu escritório tramito por todas as varas, menos a criminal. Nunca vou defender um bandido!

— Brigada, dotô!

— Que é isso? Você já está há tanto tempo conosco que já a considero parte da família! Em tudo o que puder ajudar seu filho, ajudarei.

Iracema foi para a cozinha sorrindo intimamente. Sabia que seu filho nunca a decepcionaria:

"O meu filho vai sê um dotô! Ele sempre estudo muito!"

Terminaram de almoçar. Odete e Leandro foram para a escola. Ela dava aula à tarde em uma escola na periferia, e antes de ir para sua escola deixava Leandro na dele. Álvaro foi para o

escritório. Artur ficou um pouco na sala assistindo televisão, depois foi para o seu quarto. Estava estudando um programa novo de computador. Com esse programa poderia fazer qualquer tipo de trabalho relativo a números.

Sentou-se em frente ao computador e começou a estudar. De repente, a imagem de Mariana surgiu à sua frente:

Ela é tão bonita, parece ser muito meiga, mas nunca me notará. Ao menos enquanto eu tiver todas essas espinhas em meu rosto... Com esta voz que não é nem grossa nem fina... Quem sabe na festa eu consigo me aproximar. Será que ela vai comparecer à minha festa? Tomara que sim.

Levantou, olhou pela janela. O dia estava lindo. Olhando para a rua, voltou a se lembrar do rapaz.

Por que será que chegou àquele ponto? Será que é mesmo muito pobre? Por que será que existem pobres no mundo?

Voltou para o computador, continuou estudando aquele programa.

No dia seguinte, na hora do almoço, Álvaro, ao chegar em casa, disse:

— Iracema, seu filho esteve hoje no escritório. Conversei muito com ele e gostei. Percebi que ele tem muita vontade de

estudar, e pela sua perspicácia, será um bom advogado. Ele vai começar a trabalhar no escritório. A princípio, ajudará na limpeza e irá ao fórum para levar e trazer papéis. Disse a ele que vou testá-lo por um mês. Se ele mostrar interesse pelo trabalho, pagarei sua faculdade e darei mais algum dinheiro para que se mantenha. Ele será um ótimo advogado! Vou fazer por ele o mesmo que um dia alguém fez por mim.

— Muito obrigada, dotô! Tenho certeza que o dotô não vai se arrependê.

— Não vou, não! Tenho certeza!

Os dias se passaram. Faltavam poucos dias para a festa. Artur estava ansioso para que a hora chegasse, mas por outro lado, seus pais não se conformavam com aquele negócio de festa só para amigos em uma danceteria.

Artur tentava convencê-los:

— Papai, mamãe, hoje as coisas mudaram, todos os meus amigos estão fazendo assim, não posso ser diferente!

Odete abraçou seu filho:

— Sei que você está certo, mas não pode impedir que estranhemos. Gostaria de uma festa aqui em casa para toda a família, como fazíamos quando você era criança. Nessa sua festa, como você disse, nós não poderemos comparecer. Tem que aceitar que fiquemos descontentes.

Artur beijou sua mãe, dizendo:

— Dona Odete... Dona Odete. Seu filho cresceu, não é mais uma criança. Já sou quase um homem completo, olhe a minha voz!

Ela o beijou novamente:

— Tem razão, meu filho, preciso me acostumar. Mas para os pais um filho sempre será uma criança. Estou muito orgulhosa do filho que tenho! Precisamos saber o que vai querer de presente.

Artur ficou pensando por um breve instante, depois disse pausadamente:

— Presente? Presente... Eu queria um tênis importado.

Álvaro os interrompeu:

— Por que importado? Os nacionais são muito bons. E iguais a qualquer outro!

— Ora, papai! Todos os meus amigos estão usando tênis importados!

— Está bem, quanto custa?

— Mais ou menos oitenta dólares...

— Oitenta dólares?! E muito dinheiro!

— Sei que é, mas tenho tanta vontade de ter um...

— Ora, Álvaro, não é tão caro assim, se vai fazer o nosso filho feliz! Ele merece. E um bom aluno, não nos dá trabalho algum...

— Está bem, vamos à tarde comprar, mas use o tênis só de vez em quando. Ele terá que durar muito!

— Prometo que vai durar muito. Eu adoro os dois!

— Nós também o adoramos, meu filho. Seu pai, embora pareça um durão, na realidade não passa de um meloso e muito orgulhoso do filho!

— Quem disse que sou durão! Estou, sim, muito orgulhoso de você, meu filho. Feliz aniversário!

— Obrigado, papai. Tenho também muito orgulho do senhor. É o melhor pai do mundo!

Álvaro passou a mão nos cabelos de Artur num gesto carinhoso. Depois de muito pensar, disse:

— Está bem, meu filho. Já que tudo está mudando, preciso aceitar essas mudanças. Pode fazer sua festa onde quiser.

Artur levantou-se e abraçou o pai:

— Obrigado, papai. Não se preocupe, não vai acontecer nada demais. Só vou reunir meus amigos.

— Está bem, acredito nisso.

Naquela mesma tarde saíram para comprar o tênis. Artur escolheu e comprou aquele que mais gostou. Depois foram tomar um lanche.

Daquele dia em diante, Artur se dedicou à preparação da sua festa. Fez contrato com a danceteria, marcou o dia, enviou convites para seus primos, primas, colegas da escola de natação e do curso de computação. Estava ansioso, pois teria a oportunidade de ficar ao lado de Mariana. Talvez tivesse coragem de se aproximar e conversar com ela”.

## **MOMENTO DE DECISÃO**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Finalmente o dia da festa chegou. Pela manhã, ao acordar e descer para o café, Artur teve uma surpresa. Em cima da mesa havia um bolo com dezesseis velinhas. Sua mãe disse:

— Sei que não quer nossa presença na sua festa, mas não pode nos impedir de cantar os parabéns.

Ele se emocionou. Os pais, Leandro e Iracema o estavam esperando. Cantaram os parabéns, comeram o bolo e em seguida entregaram os presentes. Iracema costumava ir para sua casa às sextas-feiras, mas naquela sexta não foi. Levantou-se muito cedo no sábado, queria dar os parabéns para Artur. Estava feliz por ver seu menino completar dezesseis anos. Aproximou-se:

— Muitas felicidades. Sei que vai te na vida tudo que deseja, é um bom minino e merece sê feliz.

— Obrigado, Iracema, sei que está sendo sincera.

— Craro que to! Te conheci quando era ainda um menininho, e hoje já tá um moção qui dá gosto!

Em seguida ela saiu. Odete quis passear e almoçar fora, queria comemorar o aniversário do filho.

Passearam, almoçaram em um restaurante e voltaram para casa. Artur foi para o quarto se preparar para a festa. Viu no armário seu tênis novo. Pensou:

"Esse meu pai vale ouro! Vou guardar este tênis e só usá-lo em momentos especiais."

Terminou de se vestir e desceu:

— Nossa, meu filho! Como você está bonito! Já está quase um homem mesmo!

— Obrigado, mamãe, mas estou atrasado. Papai, o senhor me leva até lá?

— Claro que sim, vamos indo.

Álvaro, acompanhado por Odete e Leandro, levou Artur até a entrada da danceteria. Artur não cabia em si de tanta felicidade. Quando estava saindo do carro, Álvaro perguntou:

— A que horas quer que venha buscá-lo?

— Não precisa papai, não sei a que horas vai terminar. Voltarei para casa com algum amigo, pode descansar sossegado.

— Acredita mesmo que vou ficar descansado até que volte para casa?

— Claro que sim! Não se preocupe, vou ficar muito bem, aqui tenho muitos amigos.

— Está bem, vou tentar não me preocupar.

Enquanto Artur entrava, os pais voltavam para casa. Dentro do carro, Leandro, acostumado a dormir cedo, adormeceu. Álvaro e Odete iam conversando:

— Sabe Odete, nem acredito que os nossos filhos já estejam criados. Artur está fazendo hoje dezesseis anos, e Leandro já está com doze. Estamos ficando velhos!

— Eles estão crescidos, não criados! São duas pérolas que Deus nos mandou!

Álvaro sorriu, e seguiram para casa.

Enquanto isso, Artur entrava na danceteria. Ficou encantado com toda aquela iluminação. Ainda não havia chegado ninguém. Ele, sendo o aniversariante, precisou chegar primeiro para receber os demais. Ficou ali olhando tudo. Estava emocionado, pois era a primeira vez que seu aniversário seria comemorado longe dos seus familiares. Precisava que fosse assim, pois aquilo já havia se tornado normal. Já havia participado de muitos outros aniversários de colegas, por isso sabia que eles iriam. Mas, mesmo assim, estava ansioso, e no fundo sentia medo que não aparecessem.

Aos poucos foram chegando. Alguns em turmas, outros sozinhos. Logo o ambiente estava todo tomado de muita alegria.

Artur não cabia em si de felicidade. Os amigos chegavam e o cumprimentavam. Ele olhava a todo instante para a porta de entrada, esperando ver Mariana entrar por ela. De todos ali, quem mais ele queria ver era ela.

Finalmente ela chegou, acompanhada por mais duas garotas. Aproximou-se dele e deu-lhe um beijo no rosto enquanto dizia:

— Feliz aniversário, espero que esteja e seja muito feliz!

— Obrigado por ter vindo.

Ela sorriu as amigas também o cumprimentaram. Afastaram-se, foram se encontrar com outras garotas. Ele ficou ali, olhando-a afastar-se. Estava tremendo, sentia ainda os lábios dela em seu rosto. Estava assim quando se aproximou um rapaz dizendo:

— Olá, Artur, feliz aniversário! Esta olhando para Mariana? Ela é mesmo muito bonita!

Artur voltou-se. Sorriu, respondendo:

— Olá, Rodrigo! Obrigado por ter vindo. Estou olhando mesmo, mas do que adianta? Ela nunca vai me notar, a não ser como amigo!

— Que é isso, amigo? Você até que é um cara legal e bem apanhado. Só tem que chegar até ela e dizer o que está sentindo!

— Nunca vou ter coragem para isso!

— Se quiser, posso ajudar!

— Como?

— Tenho aqui um cigarro. Se você fumar, vai se sentir bem.

— Cigarro?

— Não é bem um cigarro, mas sei que vai lhe fazer muito bem. É maconha.

— Maconha! Está louco? Nem pensar! Eu nem sequer fumo cigarro comum!

— Deixe de ser careta! A maconha não é tão ruim assim! Só se vicia quem quer! Mas em horas como esta, em que está se

sentindo inseguro, nada como uma "puxada" pra ajudar. Experimente! Vai ver como vai se sentir outro!

— Nem pensar! Não quero entrar nessa!

— Você é quem sabe. Estarei aqui à noite toda. Se quiser, basta pedir. Sei que não vai se arrepender!

Artur se despediu e foi conversar com outras pessoas. Rodrigo ficou olhando de longe.

Enquanto todos dançavam, Artur, que não sabia dançar, ficava andando de um lado para o outro. Mariana parecia feliz, ria muito, conversava com um pequeno grupo. Artur a observava enquanto pensava:

"Preciso me aproximar dela, mas como fazer isso? Ela é tão linda! Não vai nem querer me olhar!"

Queria, mas não conseguia, sentia-se muito alto e magro. Aquele rosto cheio de espinhas o incomodava. Não tinha coragem de se aproximar.

Continuou assim, andando de um lado para o outro, conversando, mas seus olhos não se afastavam dela. Estava no balcão tomando um refrigerante quando Rodrigo se aproximou:

— Então, Artur! Conseguiu falar com Mariana?

— Não! Ainda não, mas até o final da noite vou conseguir.

— Vai nada! Você não tem coragem! Já disse que uma "puxada" vai ajudar você! Verá que assim tudo ficará mais fácil!

— Está maluco? E se eu me viciar?

— Viciar? Que nada! Só se vicia quem quer! Você só vai ter coragem para falar com Mariana, nada mais que isso! Amanhã não vai nem se lembrar!

— Tem certeza? Acredita que eu teria coragem para falar com ela?

— Claro que sim! Tente! Uma vez só não tem problema algum! O que não pode é ficar fumando sempre. Mas uma vez só não vai acontecer nada!

Artur afastou-se, foi para a sacada, precisava respirar. Sentia-se agoniado:

"Será que vou conseguir falar com ela? Dançar, ser agradável? Fazer com que ela me note".

Voltou para dentro. Mariana permanecia junto a um grupo. Ria e falava muito. Artur tentou se aproximar, mas não conseguiu. Olhou para o outro lado. Rodrigo estava olhando para ele e sorrindo. Artur não pensou mais, aproximou-se do amigo:

— Rodrigo, você tem mesmo "aquilo" aí?

— Tenho! Resolveu tentar? Garanto que não vai se arrepender..

Artur olhou mais uma vez para Mariana, percebeu que ela até então não o havia notado. Decidido, disse:

— Está bem, vou tentar! Como vamos fazer?

— Muito bem, verá como vai se sair bem! Vamos lá para fora, daremos uma volta pelo quarteirão. Quando voltar será uma outra pessoa.

Saíram. Já na rua, Rodrigo acendeu um cigarro para si e outro para Artur. Com muita paciência, ensinou como o amigo deveria fazer para "puxar".

Artur, a princípio, estava um pouco receoso. Levou um tempo para aprender como fumar. Tossiu um pouco, mas percebeu que estava se sentindo muito bem. Os dois, fumando, deram uma volta no quarteirão. Assim que terminaram os cigarros, voltaram para dentro da danceteria. Artur sentia-se estranho, parecia que levitava. Lá dentro viu Mariana, que ao

longe continuava conversando e se divertindo muito. Ele se aproximou:

— Mariana! Já que sou o aniversariante, você me deve uma dança, pode ser?

Ela e os amigos com quem estava conversando estranharam aquela atitude de Artur, pois todos o conheciam como um grande tímido. Mas por surpresa do que por vontade, ela aceitou. Saíram dançando, e para surpresa dela, percebeu que ele dançava muito bem:

— Pensei que você não soubesse dançar.

Ele, rindo muito, respondeu:

— Também pensei! Acredito que eu só tinha medo!

— Como esse medo terminou!

— Não sei, mas agora me sinto mais seguro.

Dançaram muito. Ele, falante, chamou a atenção dela. Por ter sido sempre um bom estudante, ele tinha muitos assuntos, falava sobre tudo. Ela ficou encantada:

— Sabe Artur, nunca pensei que você fosse tão agradável assim, estou surpresa! Você é muito inteligente!

Conversaram, dançaram e se divertiram o resto da noite. Artur não cabia em si de tanta felicidade. Em dado momento, enquanto dançavam, seus lábios se encontraram, e trocaram um beijo. Para

ele, aquilo foi à suprema felicidade.

Finalmente ele conseguira aquilo com que sonhara desde que a vira pela primeira vez. A noite passou, o pai de Mariana foi buscá-la. Despediram-se com mais um beijo. Aos poucos, todos foram

embora. Artur ficou com Rodrigo e mais alguns colegas. Saíram juntos. Um deles possuía carro. Entraram todos. Dentro do carro, mais cigarros foram acesos. Em determinado ponto, o motorista parou o carro e todos desceram. Haviam parado junto a um telefone publico, e rindo muito, destruíram-no. Artur, até aí, já havia fumado dois cigarros, mas estava muito bem, nunca se sentira solto daquela maneira. O carro parou em frente a sua casa. Ele desceu e entrou. Os outros continuaram sua jornada.

Já em casa, encontrou seu pai, que estava na sala assistindo televisão. Ao ver o pai, ele ficou um pouco assustado, com medo que percebesse que estava diferente. Disse:

— Boa noite papai, ainda não foi dormir?

— Não, estava esperando você chegar. Tentei, mas não consegui dormir. Estava preocupado.

— Não precisava ficar preocupado, estou muito bem, só um pouco cansado. Vamos dormir?

O pai sorriu, beijou sua testa e os dois subiram para seus quartos. Ao entrar em seu quarto, Artur sorriu ao ver seu irmão dormindo ali. Levantou o cobertor e cobriu-o enquanto pensava:

"Não adianta, ele definitivamente nunca vai dormir em seu quarto."

Ainda sorrindo, deitou-se. Lembrou-se da noite que passara e da felicidade que sentira por ter finalmente tido coragem de falar com Mariana. Lembrou-se também do beijo. Suspirou profundamente:

Quando acordou já era mais de meio-dia. Abriu os olhos, olhou a sua volta. A cama de Leandro estava vazia:

"Que horas serão? Leandro não está mais dormindo. Ah, Leandro! Não tem jeito, nunca vai dormir sozinho. Mamãe; fez para ele um lindo quarto, mas não adianta, ele quer dormir

comigo. Eu não ligo gosto muito dele e não me atrapalha em nada."

Suspirou fundo enquanto pensava:

"Que noite maravilhosa eu passei! Aquele cigarro que Rodrigo me deu foi a melhor coisa que poderia ter-me acontecido. Com ele, consegui me aproximar de Mariana. Como ela é linda...".

Sentou-se na cama, mas voltou a se deitar:

"Estou com dor de cabeça e de estômago. Deve ser fome, vou me levantar".

Foi o que fez. Levantou-se, foi para o banheiro, tomou um banho, vestiu a roupa e desceu. Seu pai estava na sala lendo o jornal, Leandro assistia televisão, sua mãe devia estar na cozinha, pois aos domingos Iracema não ia trabalhar. Ele entrou na sala dizendo:

— Bom dia, papai! Dormi muito, não foi?

— Foi, sim, mas precisava. Parece que teve uma noite muito agitada!

Artur lembrou-se do telefone quebrado. Receoso, disse:

— Por que o senhor está dizendo isso?

— Porque sempre que vai a essas festas chega cedo. Mas ontem foi diferente, quando chegou já estava quase amanhecendo. Parece que a festa foi muito boa. Aconteceu alguma coisa?

— Não! Nada especial. Só que a festa estava boa mesmo.

Leandro disse:

— Papai, ele deve ter arrumado uma namorada!

Artur, ao ouvir aquilo, aliviado e rindo, jogou uma almofada na cabeça do irmão, que ria sem parar:

— Não foi nada disso, mas, e se tivesse sido? O que tem a ver com isso?

— Ele não tem nado mesmo, mas eu tenho. Você é ainda muito jovem, por enquanto deve se preocupar só com os estudos.

— Sei disso, não precisa se preocupar, vou ser o rei do computador!

— Preferia mesmo que fosse o rei dos advogados, mas se é isso que deseja que seja.

— Parece que os meus três homens estão muito bem hoje!

Era Odete, que entrava na sala e sorria. Artur levantou-se e foi até a mãe. Abraçou-se a ela, dizendo:

— Estamos, sim, nossa família é uma beleza. Também, com uma mãe tão bonita assim, como não seria?

— Está bem, já conheço você muito bem. O almoço já está pronto. Com esse papo não vai se livrar de arrumar a mesa.

Ela, rindo, saiu da sala. Artur e Leandro levantaram-se e foram para a sala de Jantar. Arrumaram a mesa com esmero, como a mãe os havia ensinado”.

## **PRIMEIROS SINTOMAS**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Almoçaram tranqüilos. Artur estava com muita fome, tanta que sua mãe se surpreendeu:

— Nossa, Artur, parece que faz um ano que não come! O que está acontecendo?

— Não está acontecendo nada! Só estou com fome! Não entendo, a senhora vive brigando porque não como, e agora está brigando porque estou comendo!

Os três olharam para ele, intrigados pelo tom de voz que usara:

— Não, meu filho, não estou brigando, estou até feliz! Por que está tão nervoso assim?

— Não estou nervoso, mas não quero comer mais! Vou para o meu quarto!

Levantou-se e ia saindo da mesa quando Álvaro, com voz firme, disse:

— Mocinho! Pode pedir desculpas a sua mãe e voltar a se sentar. Ainda não terminamos o almoço!

Só então Artur se deu conta de que havia sido mal-educado com a mãe:

— Desculpe mamãe, não sei o que me deu... Acredito que foi por estar cansado. Não estou acostumado a dormir tão tarde!

— Não se preocupe, volte a se sentar e termine seu almoço.

Ele voltou a se sentar. Continuou comendo, mas sentiu uma espécie de enjôo. Não disse nada, mas após o almoço pediu licença e foi para o seu quarto.

Lá chegando, deitou-se na cama e começou a relembrar a noite anterior:

"O que será que tem naquele cigarro? Só sei que por causa dele consegui me aproximar de Mariana. Ela também parece que gostou da minha companhia. Amanhã na escola vou falar com ela novamente. Será que ela vai querer falar comigo?"

Levantou e olhou-se no espelho. Seu rosto ainda continuava cheio de espinhas. Sentiu uma certa insegurança:

"O que ela viu em mim para que eu a agradasse! Será que ela não quis só ser educada? Não sou bonito como o César...".

César era um rapaz muito bem apessoado. Tinha dezoito anos. Era atleta, tinha um corpo perfeito. Todas as meninas da escola dariam tudo para que ele as olhasse. Artur, embora não fosse feio, estava começando a tomar corpo. Sentia que Mariana preferia que fosse César quem se interessasse por ela.

Ficou no quarto dormindo quase a tarde toda.

— Artur, acorde! Mamãe está chamando, está na hora de irmos para o restaurante.

Ele abriu os olhos. Leandro o estava chamando. Com muito custo, conseguiu ficar com os olhos abertos. Lembrou-se que em quase todos os domingos iam jantar fora. Disse:

— Já vou me levantar. Logo estarei lá embaixo.

Leandro não disse nada. Saiu.

Artur ficou mais um pouco de tempo deitado, depois se levantou. Sua cabeça doía.

"Deve ser porque não estou acostumado a dormir à tarde. Ou por ter passado quase a noite toda acordado."

Relembrou mais uma vez de tudo o que havia acontecido na noite anterior:

"Estava muito legal, mas como ajudei a quebrar aquele telefone público? Será que foi o efeito do cigarro? Talvez tenha sido por isso é melhor que eu não volte a fumar."

À noite saíram, foram jantar. Voltaram, ele foi para o seu quarto, ligou o computador e ficou estudando a lição que havia aprendido na última aula. Seus planos eram: assim que terminasse o ensino médio, prestaria vestibular para a Faculdade de Ciências da Computação. Queria essa profissão. Sabia que com

ela teria seu futuro garantido, já eram quase onze horas quando resolveu dormir.

No dia seguinte foi à mesma rotina. Acordou atrasado, o pai lhe deu dinheiro para o lanche.

Quando chegou à escola viu Mariana conversando com outras meninas. Estremeceu, não sabia o que fazer ou como encará-la. Viu também Rodrigo, que se aproximava:

— Bom dia, Artur! Tudo bem com você?

— Bom dia, está tudo bem.

— Vi que estava olhando para Mariana.

— Estava sim, ela é mesmo muito bonita.

— Agora já sabe que pode falar com ela e, quem sabe, começar um namoro.

— Namorar! Não, ela é muito bonita! Não vai querer namorar alguém como eu!

— Que bobagem você está dizendo! Ela pareceu estar muito feliz ao seu lado. Parece que gosta de você...

Artur olhou novamente para Mariana que, distraída, conversando, não viu quando ele chegou. Disse:

— Não sei, não, acho que você está delirando. Ela nunca vai me querer.

Rodrigo não disse nada, apenas sorriu. Todos entraram para a sala de aula. Mariana passou por Artur e sorriu.

Durante a primeira aula, ele arriscou olhar para ela, mas assim que percebia que ela também o estava olhando, tremia e desviava o olhar.

Na hora do lanche ela continuou com as amigas. Artur estava comendo quando Rodrigo se aproximou:

— Então, Artur, já resolveu conversar com Mariana? Percebi que ela está lhe dando uma bola danada!

— Você está louco! Ela nem sabe que existo.

— Por que não vai falar com ela?

— Não posso! Nem sei como me aproximar...

— Tenho a solução, E só querer.

— Outro cigarro? Não, não posso!

— Você é quem sabe. Já viu que não fez mal algum.

Artur falou nervoso:

— Não, não quero isso é muito perigoso!

— Perigoso por quê:

— Fosso me viciar, e já ouvi muitas histórias...

— Disse bem, muitas histórias. Ninguém se vicia. Só continua nas drogas quem quer. Isso de vício é mentira.

— Tem certeza?

— Claro que tenho. Eu mesmo só uso quando quero, quando estou a fim. Se quisesse, hoje mesmo pararia.

— Tem certeza disso?

— Estou dizendo! Já uso há algum tempo, mas só quando quero.

— Não sei, não. Tenho medo.

— Por isso é que não consegue se aproximar dela. Tem medo de tudo!

Artur olhou novamente para o lado em que Mariana se encontrava. Ela continuava conversando com as colegas. Arriscava um olhar para ele, que assim que percebia, desviava o seu. Voltaram para a aula. Ele, como sempre, prestou atenção na aula e entendeu o que os professores ensinavam.

Durante alguns dias foi assim. Ele olhava para Mariana, mas não tinha coragem de se aproximar. Rodrigo estava sempre por perto.

Fazia já quinze dias desde aquela noite. Artur, em casa, fazia planos de como faria para falar com Mariana, mas sempre que ela se aproximava, ele não conseguia dizer o que havia planejado.

Em uma manhã, quando estava tomando lanche, Mariana se aproximou:

— Olá, Artur. Por que você não me procurou mais desde aquela noite?

Ele começou a tremer, não sabia o que dizer. Ela continuou:

— Pensei que havia gostado da minha companhia!

Ele disse com a voz baixa:

— Claro que gostei só que estou estudando muito nos últimos tempos.

Ela apenas sorriu:

— Eu também estou estudando, mas nem por isso preciso me isolar das pessoas.

Ele não sabia o que dizer. Queria continuar conversando, mas não tinha assunto. Sorrindo, afastou-se. Agradeceu intimamente quando ouviu o sinal para que os alunos voltassem para a classe.

Mais três dias se passou. Em casa, ele imaginava, mas na presença da Mariana, sua voz sumia. Naquela manhã, enquanto ouvia as explicações do professor de Português, arriscava olhar para ela, mas assim que a percebia olhando, rápido disfarçava, fingia que estava olhando para o outro lado.

Em uma dessas vezes, seu olhar cruzou-se com o de Rodrigo, que prestava atenção nele.

Um pouco sem graça, desviou o olhar. Sem perceber, começou a se lembrar daquela noite em que beijara Mariana:

"Naquela noite foi tudo tão fácil... eu sabia o que fazer ou falar... por que não consigo hoje? Será que Rodrigo tem razão? Será que se eu fumar mais uma vez conseguirei falar com Mariana. Não, é perigoso, meus pais sempre me alertaram contra isso."

Mais um dia se passou. À noite, sozinho em seu quarto, voltou a se lembrar de Mariana e de como ela era bonita. Antes de dormir, resolveu:

"Amanhã vou falar com ela de qualquer maneira. Nem que seja preciso fumar novamente aquele cigarro. Vai ser só mais um."

Na manhã seguinte, assim que chegou à escola, olhou para Mariana, tentou se aproximar, mas mais uma vez começou a tremer. Desviou o olhar e entrou na sala de aula. Durante o tempo todo tentou olhar para ela, mas não conseguia.

O sinal tocou, era hora de todos irem para a cantina. Enquanto saíam, Rodrigo se aproximou:

— Então, Artur, como está?

— Estou bem, mas preciso falar com você.

— Que aconteceu?

— Quero falar com Mariana, mas não estou conseguindo.

Será que você não poderia me arrumar outro cigarro daqueles?

Rodrigo começou a rir:

— Quer mesmo? Disse que tinha medo, que não queria...

— Tenho medo, pois sempre fui muito alertado, mas já faz algum tempo que fumei e não senti falta. Por isso sei que posso fumar só quando quiser. Vou fumar só mais um, falarei com Mariana e não vou precisar mais.

— Você é quem sabe. Tenho um aqui, se quiser, é pra já...

— Aqui na escola?

— Claro que não. Vamos sair, e na rua usaremos. Faço companhia pra você.

— Como sair? Não nos deixarão passar pelo portão!

— Não tem ninguém no portão, sempre saio. Vamos!

Ele acompanhou Rodrigo e estranhou que na portaria da escola não havia mesmo ninguém. Logo os dois estavam em uma pracinha que havia ali perto. Sentaram-se. Rodrigo tirou do bolso dois cigarros. Acendeu um e deu para Artur. Este olhou para o cigarro e para Rodrigo. Pensou um pouco, em seguida deu a primeira tragada. Essa foi a mais difícil, as outras foram mais rápidas e fáceis. Assim que terminaram o cigarro, voltaram para a escola. Ele não estava sentindo nada. Já na sala de aula arriscou novamente olhar para Mariana, justamente no momento em que ela estava olhando. Ele sorriu. Ela, admirada, sorriu também.

Após o término da aula, no corredor, ele se aproximou:

— Mariana, preciso falar com você.

Ela estranhou aquela atitude. Um pouco desajeitada, disse:

— Que bom, pensei que este dia nunca fosse chegar! Você está diferente! O que aconteceu?

Ele, rindo muito, respondeu:

— Diferente como? Só estou feliz por estar conversando com você.

— E só isso mesmo?

— Claro que é! Não quer conversar comigo!

— Que idéia! Estou feliz por isso. Só que não pode ser agora, minha mãe já deve estar lá fora me esperando.

Só então ele se lembrou do pai. Descontente, disse:

— Meu pai também deve estar aí fora, ou quase chegando.

Quando poderemos nos ver com mais calma?

— Hoje à tarde não vai dar, pois vou à aula de bale, mas amanhã, se quiser, pode ir tomar um lanche lá em casa. Você quer!

— Claro que sim. Amanhã lá pelas quatro vou até sua casa.

Chegaram ao portão, Mariana viu a mãe, que a estava esperando. Acenou para Artur se dirigiu a ela.

Artur ficou olhando-a se afastar. Percebeu que o pai ainda não o estava esperando. Foi para o ponto de encontro. Não conseguia ficar parado, andava de um lado para o outro. Nunca seu pai demorara tanto para chegar.

Finalmente o pai chegou. Artur entrou no carro e seguiram para casa. Durante o caminho seguia calado. Embora sentado, não conseguia ficar parado. Movia-se muito, Álvaro estranhou:

— Artur! O que você tem? Não pode ficar parado?

Artur demorou um pouco para responder:

— Não tenho nada. Só estou com fome.

— Tenha um pouco de paciência. Estamos chegando em casa. Sabe que o almoço está pronto.

Artur não respondeu. Voltou seu rosto para a janela e ficou olhando o caminho. Não sabia o que dizer. Não havia notado que estava se metendo canto. Tentou se controlar.

Finalmente chegaram. Ele desceu quase correndo. Entrou em casa, subiu as escadas e foi para o seu quarto.

Iracema estava preparando a mesa para o almoço. Viu Artur entrando calado e correndo. Admirou-se, pois sempre que ele chegava da escola brincava com ela ou dizia algo, mas nesse dia não fez nada. Admirou-se, mas não disse nada. Em seu quarto, Artur se jogou na cama. Preocupado, pensava:

"Não entendo o que está acontecendo. Por que este mal-estar? Por que esta vontade de chorar? Este vazio?"

Precisava descer para o almoço, mas não sentia fome alguma. Após alguns minutos, trocou de roupa e desceu.

Almoçou em silêncio, Leandro tentou falar com ele, mas não obteve resposta. Todos estranharam. Odete disse:

— Artur, o que você tem?

Ele também não entendia aquilo que sentia. Achou que aquele era o momento de contar o que estava passando. Sabia que algo não estava bem, mas.. Respondeu:

— Não tenho nada! Só estou um pouco nervoso!

— Nervoso por quê?

Ele não sabia o que responder, também não sabia o motivo. Alguns minutos depois, disse:

— Estou com problemas.

— Que problemas?

Ia contar o que estava acontecendo, mas lembrou-se de tudo que já ouvira falar sobre as drogas. Tinha medo de como seus pais reagiriam se contasse que tinha experimentado maconha.

Inseguro, respondeu

— Com a aula de Português, não estou conseguindo entender.

— Ora, meu filho, não precisa ficar nervoso. Basta me dizer, qual é a sua dúvida? Posso ajudá-lo.

— Não precisa mamãe, vou estudar mais um pouco, farei alguns exercícios, sei que vou entender.

— Está bem. Mas, se precisar, basta me dizer. Agora almoce. Sua comida vai esfriar.

Ele começou a comer, mas na realidade não sentia nenhuma vontade.

Após o almoço, como todos os dias, todos saíram. Ele subiu para o seu quarto. Deitou-se na cama, tentou dormir, mas não conseguiu. Mariana surgiu em seu pensamento:

"Hoje consegui falar com ela. Não foi tão difícil como eu imaginava. Parece que ela também está interessada em mim. Será que está mesmo ou só está sendo educada? Amanhã irei até sua casa. Teremos mais tempo para conversar. Vou dizer que quero namorá-la. Será que vai me aceitar?"

Assim pensando, adormeceu.

Acordou algumas horas depois. Estava muito suado, sentia calor. Levantou-se, foi ao banheiro e tomou um banho frio. Sentia que seu corpo estremeceia. Não entendia o que estava acontecendo.

"Devo estar com um início de resfriado. Vou pedir algum remédio para Iracema."

Vestiu a roupa, desceu. Iracema estava na cozinha. Ele se aproximou:

— Iracema, você tem algum comprimido para gripe?

— Por quê? Tá sentindo alguma coisa?

— Acho que estou com febre, estou muito quente.

Ela, com olhar preocupado, aproximou-se, colocou a mão em sua testa. Sorriu enquanto dizia:

— Não tá com febre. Tá morna.

Irritado, ele disse:

— Como pode saber? Você não colocou o termômetro!

Ela estranhou seu tom de voz:

— Não preciso disso aí. O calô da febre é diferente. Tive muitos filhinho, cunheço a diferença. Num tá com febre.

— Mesmo assim, quero um remédio.

— Não podi toma remédio sem precisá.

— Muito nervoso, ele saiu da cozinha dizendo em voz baixa:

— Estou com febre! Sei o que estou sentindo. Ela não sabe nada.

Saiu de casa, começou a andar sem destino. Sentia necessidade de andar, não podia ficar parado. Andou a tarde toda. Eram quase seis horas quando retornou. Entrou em casa, não estava bem, isso ele sabia. A casa estava vazia, seus pais e Leandro ainda não haviam retornado. Ouvia um barulho que vinha da cozinha. Era Iracema que preparava o jantar. Foi para o seu quarto. Já lá dentro, olhou para o computador. Sabia que precisava estudar. Sentou-se e ligou o computador. Ficou alguns minutos estudando.

Levantou-se, não conseguia se concentrar. Desceu, foi para a sala. Ligou o televisor. Assistiu um pouco, mas também não conseguia se concentrar na programação, Voltou para o quarto, ficou lá por alguns minutos, retornou para a sala. Fez isso várias vezes, até que sua mãe chegou acompanhada por Leandro:

— Olá, Artur, tudo bem?

Ele, com a voz muito baixa, respondeu:

— Tudo bem, a senhora demorou muito...

Odete aproximou-se e beijou-o, enquanto dizia:

— Não demorei! Chego todos os dias a esta hora! Não está bem? Está doente?

— Não tenho nada, só senti sua falta...

Ela percebeu que ele não estava bem. Olhou em seus olhos, perguntando:

— O que está acontecendo! Está triste!

Ele sentiu que aquele era o momento. Sentia-se mal, estava deprimido, o pior era que não sabia o motivo. Ia contar, quando a porta se abriu e por ela entrou Álvaro, sorrindo:

— Boa noite, família!

Os três olharam para ele, que se aproximou e beijou a todos.

Após beijar o pai, Artur se afastou, foi para o seu quarto. Odete o acompanhou com os olhos enquanto ele subia vagarosamente a escada.

"Meu estômago está doendo. Por que será? Será por causa daquele cigarro que fumei? Rodrigo garantiu que não ia me acontecer nada!"

Ficou em seu quarto, não sentia vontade de conversar. A dor e a ansiedade foram aumentado, ele escava muito triste e sentia vontade de chorar.

"Por que estou me sentindo assim? Por que esta vontade de chorar? Por que esta tristeza? Isso não é normal!"

Enquanto isso, na sala, Odete e Álvaro conversavam:

— Álvaro, não sei o que está acontecendo com Artur. Ele parece muito nervoso.

— Isso não é nada, como ele mesmo disse, está com problemas com Português.

— Tomara que seja só isso mesmo. Estou preocupada, e se ele estiver doente?

— Só está cansado, mas se estiver doente, bastará levá-lo ao médico.

Artur continuava se sentindo mal. Aquele vazio e a ansiedade. Tentou mexer no computador, mas não conseguiu:

"Não estou conseguindo fazer nada. Que será que está acontecendo comigo? Vou ligar para Rodrigo, talvez ele tenha uma explicação para isso".

Foi exatamente o que fez. Pegou o telefone e ligou:

— Oi, Rodrigo, sou eu, Artur!

— Oi, Artur! Estou estranhando você me ligar, aconteceu alguma coisa?

— Acredito que possa me responder: o que está acontecendo?

Estou com uma sensação estranha! Estou sentindo um enorme vazio, mas não sei por quê. E também estou muito ansioso, não consigo ficar parado!

— Isso não é nada! Às vezes a "erva" tem essa reação, mas vai passar. Se quiser, venha até aqui e lhe dou um remédio.

— Não posso sair agora, é hora do jantar! Meus pais não me deixarão sair!

— Então, não posso fazer nada.

— Isso vai passar?

— Como posso saber? Você deve ter comido alguma coisa que lhe fez mal...

— Não comi nada.

— Quando quiser, venha, estarei aqui.

— Está bem. Irei assim que for possível, não saia de casa.

— Não sairei, estarei esperando.

Artur desligou o telefone e sentou-se em frente ao computador”.

## **MUDANÇA DE HUMOR**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Estava ali tentando entender um programa, mas percebeu que já não tinha a mesma facilidade que antes. Só pensava em uma maneira de sair de casa e encontrar Rodrigo. Leandro entrou:

— Artur, o que está acontecendo?

Ele, nervoso, respondeu:

— Não está acontecendo nada! Por que todos estão perguntando isso?

— Porque você está diferente.

— Não estou diferente! Sou o mesmo!

— Não é não! Está sempre calado, não brinca como antes! Não está nem roubando as minhas batatas!

Artur sorriu:

— Talvez você tenha razão, estou um pouco preocupado, só isso.

— Preocupado com o quê?

— Com as aulas de Português, mas logo vai passar.

— Sei que você me acha uma criança, mas gosto muito de você. É meu irmão, e se achar que posso ajudar, basta pedir, farei tudo por você.

Artur pensou:

"Talvez eu devesse contar a ele, ele falaria com meus pais. Eu não tenho coragem."

Voltou o olhar para o irmão. Ia falar, quando Leandro disse:

— Sabe que você é meu herói! Quando crescer, vou ser igual a você!

Irritado, Artur gritou:

— Não diga isso! Você não vai ser igual a mim! Vai ser diferente!

Leandro se assustou com aquela reação:

— Por que está dizendo isso? Por que está tão nervoso?

— Não estou nervoso!

— Está sim! Esta gritando!

Artur voltou a si. Notou que, sem perceber, estava mesmo gritando. Deitou-se na cama, dizendo:

— Desculpe, estou mesmo muito nervoso. Agora, por favor, saia, preciso estudar um pouco.

Preocupado, Leandro saiu do quarto. Não estava reconhecendo o irmão. Na sala, sentou-se em frente ao televisor. Seu pai estava no banho, sua mãe na cozinha conversando com Iracema.

Artur continuou no quarto até a hora do jantar. Desceu e, calado, jantou. Respondeu a algumas perguntas de seus pais. Após terminar o jantar, deu boa noite e voltou para o quarto. Estava triste, só tinha vontade de chorar. Estava deprimido.

Naquela noite dormiu muito bem. Acordou, lembrou-se que era o dia de ir à casa de Mariana. Não sentia nada, todo aquele mal-estar terminara. Olhando no espelho, sorriu enquanto pensava:

"Hoje estou bem, assustei-me à toa. Devo mesmo ter comido algo que me fez mal. Fiquei preocupado sem razão. Imaginei muitas coisas. Fiquei com medo de estar viciado, mas como Rodrigo disse que só vou me viciar se quiser. Nunca mais vou fumar. Tudo passou."

Tomou banho, desceu. Sua mãe havia ido ao supermercado. Seu pai, junto com Leandro, sorriu ao vê-lo entrar na sala. Leandro disse:

— Estamos esperando você para irmos ao clube.

— Não posso ir.

— Por quê?

— Vou até a casa de uma amiga da escola.

Leandro, com olhar maroto, disse:

— Papai, não disse que ele tinha arrumado uma namorada?

Álvaro olhou para Artur, que respondeu irritado:

— Não é nada disso! É só uma amiga! Nós vamos estudar!

Álvaro disse:

— É só isso mesmo que deve fazer. Sabe que não quero que namore, ainda é muito cedo. Tem que estudar.

— Sei disso, não se preocupe, não estou namorando. É só uma amiga.

— Está bem. Não quer mesmo ir ao clube?

— Não.

— Então, até logo. Vamos, Leandro. Vamos aproveitar o sol.

Quando estavam saindo, Artur disse:

— Esperem só um pouco, só irei à casa de Mariana à tarde, tenho tempo para ir com vocês até o clube.

Álvaro sorriu:

— Está bem, mas apresse-se.

Artur subiu correndo para o quarto, pegou sua roupa de banho e desceu.

Os três saíram alegres em direção ao clube. Lá, enquanto Álvaro jogava tênis, Artur e Leandro, alegres, nadavam.

Artur estava feliz, sentia que tudo estava bem, voltara a ser como antes. Leandro também estava feliz. Disse:

— Artur, hoje você está bem, voltou a ser o meu irmão de antes.

Artur sorriu:

— Nunca deixei de ser seu irmão. Também não sei por que está dizendo isso.

Era quase meio-dia quando Odete chegou. Foi em direção à piscina. Viu seus filhos nadando e brincando. Sabia que Álvaro estava na quadra de tênis. Ficou olhando um pouco, depois chamou os dois:

— Artur! Leandro!

Eles olharam para ela e, juntos, saíram da piscina. Assim que chegaram perto, ela disse:

— Esta na hora do almoço, vamos até a quadra esperar o pai de vocês terminar de jogar.

Sob protestos, os dois a acompanharam. Álvaro terminou de jogar. Despediu-se dos amigos e foi para junto da família:

— Perdi a partida, mas não faz mal, ao menos fiz exercício físico.

Todos riram, pois sabiam que ele ficava muito bravo quando perdia no tênis.

Almoçaram. Artur comeu muito bem. Após o almoço voltaram para casa, Artur estava ansioso, à hora de ir para a casa de Mariana estava chegando. Vestiu-se, colocou seu tênis. Olhou-se varias vezes no espelho. Queria mostrar boa aparência. Havia pensado muitas vezes no que diria a ela.

"Vou pedir para namorá-la. Ela vai aceitar, só tenho que deixar bem claro que preciso estudar. Mas poderemos nos ver na escola ou na sua casa. Depois a convidarei para que venha até aqui."

Após julgar que estava pronto, deu uma última olhada no espelho e desceu.

N a sala de televisão, seus pais conversavam; olhou para eles, dizendo.

— Papai, mamãe, estou saindo. Voltarei antes do jantar.

Odete aproximou-se e beijou o rosto do filho.

— Está bem, divirta-se.

Artur saiu. Mariana morava a quatro quadras de sua casa. Decidido, caminhou. Parou em frente ao portão da casa dela.

Passou a mão pelo cabelo, respirou fundo. Ia apertar o botão da campainha, mas estremeceu.

"Não posso fazer isso. Não sei o que dizer. Não vou ter assunto. Vou parecer um bobo. Não, não posso entrar."

Afastou-se dali quase correndo. Chegou à praça que existia lá perto. Sentou-se em um banco. Tremia muito, estava nervoso.

"Por que essa insegurança voltou? Sei que ela gosta da minha companhia. Não, ela gosta daquele Artur alegre e falante. Que conversa sobre todos os assuntos. Não deste que está aqui. Não saberei falar com ela... a não ser que fume um daqueles cigarros... isso mesmo. Preciso de um cigarro... vou até a casa de Rodrigo, ele deve ter um."

Saiu correndo. Assim que chegou, tocou repetidas vezes a campainha, mas ninguém atendeu. Estava nervoso. Trêmulo, tocou, tocou, mas nada. Teve que aceitar, Rodrigo não estava em casa. Saiu dali.

"Não posso voltar para casa. Todos vão querer saber por que voltei cedo. Vou tentar novamente. Vou até a casa de Mariana."

Fez isso, mas, como da primeira vez, não conseguiu apertar a campainha.

"Não posso... não posso."

Ficou andando o resto da tarde. Estava novamente triste e com aquele ardor no estômago.

Às seis horas da tarde voltou para casa. Ali tudo continuava como sempre. Entrou, cumprimentou a todas, foi para o seu quarto. Quando estava subindo a escada, ouviu a voz de Leandro:

— Então, Artur, namorou muito?

Nervoso, ele respondeu:

— Já disse que não estou namorando! Pare de falar assim!

Álvaro disse:

— Espere ai, mocinho, seu irmão está apenas brincando, não precisa ser malcriado.

— Desculpe papai; desculpe Leandro. Só não quero que digam que estou fazendo algo que na realidade não estou.

Terminou de subir a escada, entrou no quarto. Era o único lugar onde se sentia bem.

Mais tarde desceu para o jantar. Continuava nervoso e tremendo. Conversou um pouco, voltou para o quarto.

Estava novamente com aquela tristeza da qual não sabia o motivo. Não conseguia ficar parado, andava de um lado para o outro. Deitava, levantava, ia ao banheiro. Isso durou a noite toda. Dormia, acordava, levantava e deitava novamente.

Já eram onze horas da manhã. Artur dormia profundamente quando Leandro entrou. Aproximou-se da cama e suavemente chamou:

— Artur, acorde...

Artur abriu os olhos. Ao ver Leandro ficou furioso. Sentou-se na cama e disse, gritando:

— O que você quer? Será que não posso dormir?

Assustado, Leandro respondeu:

— Mamãe pediu que eu viesse chamar você. Já é tarde...

Artur olhou para o relógio. Ao ver a hora, percebeu que realmente era tarde. Olhou para Leandro, notou que ele estava assustado:

— Desculpe, Está bem, pode descer, já vou me levantar.

Leandro saiu do quarto quase correndo.

Artur permaneceu sentado na cama, sentiu que o tremor e a ansiedade continuavam. Percebeu que precisava de um remédio, sabia que só Rodrigo poderia ajudá-lo, ou pelo menos dizer por que estava sentido aquilo. Pegou o telefone, discou. O telefone chamou varias vezes, até que alguém atendeu:

— Alô, quem é?

— Oi, Rodrigo, sou eu, Artur. Preciso de sua ajuda! Não estou me sentindo bem...

— O que está sentindo?

— Estou nervoso, com aquela sensação estranha...

— Venha até aqui, vou lhe dar o remédio.

— Irei, mas, por favor, não saia de casa...

— Não vou sair, hoje é domingo, minha mãe está em casa.

— Está bem, logo mais estarei aí.

Desligou o telefone, foi até o banheiro, olhou-se no espelho. Estava com olheiras profundas:

"Vou, sim! Não estou agüentando mais!"

Aliviado, pois sabia que logo ficaria bem, ensaiou um sorriso e desceu.

Após o almoço, disse:

— Papai, mamãe, vou até a casa de Rodrigo. Vamos ter uma prova, e ele está com um pouco de dificuldade. Ligou pedindo para que eu vá até sua casa.

Odete admirou-se:

— Mas, meu filho, hoje é domingo!

— Sei mamãe, mas a nossa prova é amanhã!

— Ora, Odete, deixe o menino ir. Isso é um sinal de que ele não está doente!

— Está bem, meu filho, mas não volte muito tarde.

Artur, aliviado, beijou o pai e a mãe e saiu. A ansiedade era intensa, seu corpo continuava tremendo. Chegou ao portão da casa de Rodrigo, que ficava duas ruas atrás da sua.

Rodrigo morava em um sobrado junto com a mãe. O nível de vida dele era bem diferente do de Artur. Sua mãe separara-se de seu pai já havia algum tempo. Ela trabalhava muito para poder manter a casa e seu filho em uma boa escola. Por trabalhar muito, quase nunca estava em casa. Rodrigo vivia praticamente sozinho.

Artur tocou a campainha. A mãe de Rodrigo abriu:

— Olá, Artur, como vai?

— Olá, dona Glória, estou muito bem. Vim aqui falar com Rodrigo.

— Que bom, pode entrar. Ele está em seu quarto, vou chamá-lo.

Artur entrou, sentou-se em um sofá enquanto dona Glória subia uma escada que levava ao andar superior.

Ele ficou olhando tudo a sua volta. Aquela sala era bem diferente da sua, embora estivesse bem mobiliada. Era pequena e apertada. Os móveis também não eram da mesma qualidade dos seus.

Enquanto Artur observava, Rodrigo chegou com a mãe:

— Olá, Artur, pensei que fosse demorar!

— Preciso tirar algumas dúvidas de Português.

Dona Glória admirou-se:

— Você acha que Rodrigo vai tirar essas dúvidas? Ele está indo tão mal na escola!

— Estou indo mal, mas em Português sou bom, não é, Artur?

Artur não estava acostumado a mentir. Aliás, nunca mentira, por isso não estava muito à vontade quando respondeu:

— E isso mesmo! Em Português ele é muito bom...

Rodrigo sorriu maroto:

— Venha, Artur, vamos para o meu quarto.

Artur, um pouco sem graça, seguiu Rodrigo. Já no quarto, disse nervoso:

— Rodrigo, não estou me sentindo bem! Estou com uma sensação estranha! Estou ansioso e também tremendo muito... Sabe me dizer o que é?

— Isso não é nada! Vou lhe dar aquele remédio, vai ver como ficará bom...

— Não há outra maneira? Estou ficando com medo! Não estou mais agüentando, precisei mentir para os meus pais, não gosto disso!

— Não se preocupe, vai ficar bem. Também, uma mentirinha não faz mal algum!

— Onde está o remédio?

— Não podemos usar aqui, minha mãe está em casa, precisamos sair. Vamos?

— Claro que vamos, preciso me livrar deste mal-estar!

Desceram. A mãe de Rodrigo estava na sala assistindo televisão. Ele se aproximou, dizendo:

— Mãe, eu e Artur vamos dar umas voltas por aí!

Sem tirar os olhos do televisor, disse:

— Não vão estudar?

— Primeiro vamos à casa de um amigo pegar um livro.

— Esta bem, meu filho, mas não demore. Não se esqueça que estou aqui sozinha...

— Não me esquecerei, sabe que adoro ficar em sua companhia.

Saíram para a rua. Artur estava sentindo-se cada vez pior:

— Rodrigo, dê-me o remédio, não estou me sentindo bem...

Ele não respondeu, apenas sorriu. Chegaram a uma praça. Rodrigo disse:

— Vamos nos sentar aqui.

— Sentar! Não quero sentar! Preciso do remédio!

Rodrigo falou devagar:

— Fique tranqüilo, aqui está o seu remédio. Vai ver como ficará bem...

Artur pegou em suas mãos o cigarro que Rodrigo lhe oferecia. Pensou um pouco. Devolvendo o cigano, disse:

— Não! Não quero! Tem que haver outro remédio! Estou achando que esse mal-estar que estou sentindo é por causa dos cigarros que fumei! Não quero!

— Você é quem sabe... O único remédio que conheço é este...

— Você me garantiu que eu não me viciaria!

— Não está viciado. Isso acontece com todos nas primeiras vezes, mas logo vai passar e não sentirá mais isso...

— Tem certeza do que está me dizendo?

— Claro que tenho... Fume este que estou lhe dando e verá como vai ficar bem...

Artur ainda pensou em não aceitar, mas estava mesmo sentindo-se muito mal. Pegou o cigarro que Rodrigo lhe oferecia:

— Vou tentar, preciso fazer qualquer coisa para ficar bem. Tenho que estudar, vamos realmente ter provas esta semana!

Rodrigo acendeu o cigarro, deu uma tragada e entregou para Artur, que também fumou do modo como ele havia lhe ensinado. Após ter dado três tragadas, percebeu que aquele mal-estar estava passando.

— Rodrigo! A ansiedade e o mal-estar estão passando!

— Não disse que ia ficar bem? E assim mesmo...

Continuou fumando. A cada tragada parecia que sua cabeça flutuava e sentia ser outra pessoa, diferente daquela que havia chegado à casa de Rodrigo. Não estava mais nervoso, sentia que estava flutuando. Rapidamente começou a rir e querer sair correndo.

Rodrigo ficou olhando para ele sem dizer uma palavra, apenas observando.

Logo Artur estava muito bem. Ficou mais um tempo por ali, olhando as árvores e vendo os pássaros, que para ele possuíam cores deslumbrantes.

Começou a escurecer, lembrou-se que precisava voltar para casa. Rindo muito, falou:

— Preciso voltar para casa, meus pais não gostam que eu fique na rua durante a noite.

— Vamos voltar agora você está bem. Não diga nunca que não o ajudei. Foi até a casa de Mariana?

— Fui, mas não consegui tocar a campainha.

— Agora acredita que conseguiria?

Rindo muito, respondeu:

— Acredito que sim! Estou muito bem.

— For que não vai até lá?

— Agora não posso, preciso voltar para casa.

— Amanhã vai conseguir.

— Acho que sim. Você é mesmo um amigo!

— Pode ter certeza que sou...

Despediram-se, e Artur voltou para casa. Sentia que estava tudo bem, todo aquele mal-estar havia passado e ele estava até muito feliz.

Entrou em casa. Seu pai lia um jornal, sua mãe preparava o jantar e Leandro jogava vídeo game. Foi até a cozinha:

— Mamãe, estou com muita fome, o que temos para comer?

— Sabe que não gosto de anunciar a comida antes da hora, mas vai gostar muito do que estou preparando. Volte para a sala, logo mais estará pronto!

Em seu quarto, ligou o computador e começou a mexer, precisava fazer um trabalho que seu professor de computação havia pedido. Pensava:

"Sei que vou trabalhar toda a minha vida com computadores. Vou aprender cada vez mais. Quero dominar tudo muito bem. O que mais desejo é aprender a fazer programas".

Ficou ali por um bom tempo, até que Leandro entrou sem bater.

— Artur, mamãe está chamando, o jantar está pronto!

Ele olhou para o irmão, levantou-se e mexeu nos cabelos dele da maneira que sabia que o deixava irritado. Leandro pegou uma almofada que estava em cima de um sofá, atirou nele e, rindo, saiu correndo. Artur, rindo também, correu atrás dele. Chegaram correndo na sala. Odete também sorriu ao ver os dois brincando, mas fingindo estar brava, disse:

— Vocês dois, querem parar com essa briga! Vamos jantar!

— Não estamos brigando, só que Artur mexeu nos meus cabelos, e eu não gosto!

— Ele me jogou uma almofada!

— Está bem, mas agora chega!

Todos se sentaram. Artur sentia muita fome. Ele mesmo estranhou, pois não era de comer muito. Sua mãe também percebeu que estava comendo mais do que o normal, mas lembrando do que havia acontecido no outro dia, não disse nada.

Assim que terminaram de jantar, ele voltou para o seu quarto. Estava na metade do trabalho, precisava terminar. Voltou a mexer no computador, mas logo começou a sentir muito sono. Estranhou, porque não era de dormir cedo. Tentou continuar estudando, mas não conseguiu, o sono foi mais forte. Desligou o computador, deitou-se e dormiu imediatamente.

Antes de deitar, Odete passou pelo quarto dele. Vinha acompanhada por Leandro. Os dois admiraram-se por ele já estar dormindo. Leandro se deitou, ela os cobriu e saiu. No meio da noite Artur acordou:

"Não, meu Deus! Não pode ser! Aquela sensação está voltando!"

Levantou-se. Com a mão sobre o estômago, foi até o banheiro. Olhou-se no espelho. Percebeu que ainda estava com grandes olheiras. Sua boca estava seca e o tremor voltava com mais intensidade:

"E agora, o que vou fazer?"

Resolveu tomar um banho para ver se melhorava. Ligou o chuveiro, entrou e ficou ali parado, apenas sentindo a água cair por seu corpo. Ficou ali por quase meia hora. Saiu do chuveiro, estava um pouco aliviado, mas percebeu que o tremor estava intenso. Foi para a cama, deitou-se e ficou o resto da noite virando de um lado para o outro.

Odete, como fazia todos os dias pela manhã, abriu a porta. Estranhou ao ver Artur acordado olhando para o teto.

— O que aconteceu? Já está acordado? Esta sentindo alguma coisa? Está com alguma dor?

Ele sentiu vontade de contar o que estava acontecendo, mas não teve coragem. Sua mãe não entenderia e contaria para o seu pai, e isso ele não queria:

— Não estou sentindo nada, acordei porque ontem dormi cedo.

— Ainda bem. Levante-se, seu pai já está no banho. Já que acordou cedo, podem tomar café com ele.

— Vou fazer isso! Só assim ele não vai brigar comigo por eu sair sem me alimentar.

Ela saiu do quarto. Artur sentia aquela sensação ruim. Novamente foi para o chuveiro e tomou um banho rápido. Antes de sair, olhou para o espelho. Seu rosto continuava com muitas espinhas, mas aquilo não o preocupava mais. Havia conversado com Mariana e percebera que ela não se preocupava com elas. Sabia que as espinhas logo mais dariam lugar a uma bela barba. Apesar do mal-estar, sorriu e foi se vestir:

Quando chegou à sala de refeições seu pai já ali se encontrava junto com sua mãe, e ambos tomavam café. Iracema os servia. Ele se sentou. Iracema, sorrindo, falou:

— Inda bem que o minino hoje vai toma café!

— Vou, sim, mas não estou com muita vontade!

Álvaro também estava feliz por ver seu filho ali. Ficava sempre muito preocupado, pois ele quase todos os dias saía sem se alimentar.

— Ainda bem que hoje vai alimentado para a escola. Coma uma fruta. Está numa idade em que precisa de boa alimentação. Fica só comendo aquelas bobagens da cantina...

Artur não respondeu, apenas comeu. O que queria era mesmo ir logo para a escola, precisava falar urgente com Rodrigo. Enquanto comia, ia pensando:

"Já sei que este mal-estar e o tremor só passarão com outro cigarro, mas Rodrigo garantiu que vai passar. Espero que sim, não quero me viciar...".

Terminaram de tomar o café. Deram um beijo em Odete e os dois saíram. No carro, Artur não prestava muita atenção nas notícias que o rádio ia dando. Só queria chegar logo à escola. Álvaro comentava alguma notícia, ele respondia por monossílabos. Parecia que a escola estava muito distante, parecia que o trânsito estava parado.

"Não estou agüentando tanta ansiedade. Tomara que Rodrigo já esteja lá, e que tenha um cigarro daqueles. Sinto que, sem ele, não conseguirei assistir às aulas..."

Álvaro percebeu que ele estava muito calado:

— O que está acontecendo com você?

Artur assustou-se com aquela pergunta:

— Por que está fazendo essa pergunta?

— Estou percebendo que você está um pouco distante, nem parece o mesmo de todos os dias. Sempre me atrapalha com perguntas quando estou ouvindo uma notícia! Está doente?

— Não, não estou doente, só que não dormi muito bem esta noite e agora estou com sono!

— Não dormiu por quê?

— Não sei, estava sentindo muito calor e acordei muitas vezes...

— Eu não senti calor, ao contrário, senti até um pouco de frio.

— Não sei o que me aconteceu.

Finalmente chegaram em frente à escola. Artur desceu apressado, esqueceu-se de dar o beijo que todos os dias dava no pai. Atravessou a rua correndo. Álvaro, intrigado, olhou o filho se afastando:

"Esse menino não está bem, ele está muito estranho. Será que está apaixonado!"

Sorriu, acelerou o carro e saiu pensando:

"Embora não queira admitir, meu filho já está um homem, não posso me admirar de ele estar apaixonado. Na idade dele eu já namorava."

Artur entrou quase correndo na escola. Olhou para o lado em que Rodrigo sempre ficava conversando com alguns amigos, sempre os mesmos. Naquela manhã também, como sempre, estava ali. Artur se aproximou:

— Rodrigo, preciso falar com você.

Rodrigo sorriu, afastou-se dos outros levando com ele Artur:

— O que está acontecendo? Parece que está muito nervoso.

— Aquele mal-estar voltou e está intenso. Você precisa me ajudar, senão não vou conseguir assistir às aulas.

— Está bem, não precisa ficar nervoso! Ainda é cedo, teremos tempo de sair. Vamos sair da escola, e enquanto andamos pelo quarteirão, você dá uma puxada no bagulho. Vai ver como ficará bem.

Saíram da escola, e mais uma vez ninguém percebeu. Assim que chegaram à rua, Rodrigo deu a ele um cigarro. Artur pegou aquele cigarro e, nervoso, acendeu-o. Deu uma tragada depois da outra, quase sem intervalo. Aos poucos foi se sentindo melhor. Logo estava muito bem. Sentia que poderia assistir às aulas sem problema algum. Enquanto Artur fumava, Rodrigo, em silêncio, observava. Voltaram para a escola,

Artur notou que estava com muita energia, mas que suas mãos estavam tremendo.

Durante as aulas, percebeu que não conseguia, como antes, acompanhar as explicações dos professores. Sentia certa dificuldade de assimilação. Queria sair dali, olhava a todo instante

para o relógio. Durante um dos intervalos, não se deu conta que Mariana se aproximara.

— Artur, por que não foi até minha casa? Fiquei esperando você.

Ele se voltou ao ouvir a voz dela, mas sua presença o incomodava, queria mesmo era sair dali. Respondeu seco:

— Não pude ir, tive que sair com meus pais.

Ela, nervosa, afastou-se.

Finalmente a campainha tocou, dando por encerrada as aulas. Artur saiu correndo, não suportava ficar ali sentado. Queria correr sentir o ar fresco.

Já na rua, respirou fundo. Olhou para o caminho pelo qual seu pai costumava chegar. Não conseguia ficar com o corpo parado. Ficou andando de um lado para o outro, até que finalmente seu pai chegou. Entrou rapidamente no carro. Novamente se esqueceu de beijar o pai. Ele notou, mas não disse nada. Acreditava que o filho estivesse apaixonado. Apenas sorriu, acelerou o carro e foram embora.

Durante o caminho tentou conversar com Artur, mas ele estava distante. Como todos os dias, ligou o rádio e ficou ouvindo as notícias. Artur permanecia calado, parecia muito distante dali.

Realmente, ele estava não só distante como também muito preocupado:

"O que será que está acontecendo comigo? Por que estou sentindo meu corpo tão estranho? Será que me viciiei? Não pode ser! Fumei só alguns cigarros! E pouco pra me viciar. Hoje à tarde tenho aula de nataçãõ, vou nadar muito para tirar de mim toda essa droga."

Chegaram em casa. Iracema já estava com a comida pronta para ser servida. Artur foi para o seu quarto, trocou de

roupa, lavou as mãos e voltou para a sala de refeições. Sentou-se. Em silêncio, começou a comer. Iracema estava em pé ao lado da mesa, terminando de servir. Álvaro olhou para ela, dizendo:

— Iracema, estou muito contente com o trabalho do seu filho. Ele é mesmo muito inteligente, aprende tudo rápido. Aquele menino vai longe. Disse a ele que, se continuar assim, pagarei sua faculdade com mais prazer.

— Muito obrigada, dotô. Ele é mermo um bom minino! É muito bom filho e irmão também. O dotô não vai se arrepender de ajudá ele. O dotô vai vê!

— Tenho certeza disso. Ele é muito esforçado mesmo.

Artur ouvia o que diziam, mas não conseguia acompanhar a conversa. Estava muito preocupado consigo mesmo:

"E se eu estiver mesmo viciado? Como vai ser? Meu pai espera muito de mim, nunca poderei chegar pra ele e contar o que está acontecendo. O que vou fazer?"

— Artur, por que está tão calado?

Ele ouviu o seu nome, mas não entendeu o que mais sua mãe perguntara:

— Não entendi mamãe! O que perguntou?

— O que está acontecendo com você? Parece que está muito distraído. Está acontecendo alguma coisa na escola?

Ele olhou para a mãe e para o pai, sentiu vontade de contar. Estava apenas começando, eles poderiam ajudá-lo. Pensou um pouco e, nervoso, respondeu:

— Não estou sentindo nada! Estou bem! Por que a senhora e o papai ficam fazendo essas perguntas?

A mãe estranhou sua reação:

— Estamos preocupados. Você está diferente! Deve estar acontecendo alguma coisa. Precisamos saber o que é para poder ajudá-lo.

— Não está acontecendo nada! Já disse que só estou com alguns problemas em Português. Nada, além disso.

— Sabe que sou professora e seu pai advogado. Não acredita que possamos ajudar?

— Claro que podem, mas não acho justo, já gastam tanto com a minha educação... O mínimo que posso fazer é aprender.

— Não tem que ser assim. Gastamos, sim, com a sua educação, mas nunca nos arrependemos disso. Você, além de ser um bom filho, é também um bom aluno. Só precisa nos dizer qual é a sua dúvida.

— Desculpe mamãe, é que estou muito nervoso. Não estou acostumado a não entender as aulas. Vou agora para o meu quarto tentar entender. Se não conseguir, vou pedir sua ajuda.

— Faça isso, mas se não conseguir, estamos aqui eu e seu pai. Nós o amamos muito.

Artur terminou de almoçar e foi para o seu quarto. Assim que se viu sozinho, entregou-se ao desespero:

"O que está acontecendo comigo? Por que toda essa irritação sem motivo? Ainda bem que não estou sentindo aquele mal-estar. Parece que passou mesmo! Tomara."

Sentiu muita vontade de dormir, mas não podia, precisava ir à natação. Deitou-se só para descansar, mas, sem perceber, adormeceu.

Odete, antes de sair para a escola, foi até o quarto de Artur para ver como estava. Estranhou ao ver que ele estava dormindo. Sorriu, fechou a porta e saiu. Foi falar com Iracema:

— Artur está dormindo, não se esqueça de acordá-lo para que possa ir à aula de natação.

— Pódi fica sussegada, eu acordo ele, sim.

Odete foi embora. Iracema voltou para seus afazeres. Artur, que já dormia por mais de uma hora, acordou sentindo aquele vazio aquele mal-estar, sintomas que já conhecia. Sabia que em breve ficaria pior. Levantou-se e, apavorado, foi para o banheiro. Olhou-se no espelho. As espinhas já não o incomodavam mais. Percebeu que seus olhos estavam vermelhos. Voltou para o quarto, olhou o relógio.

"Está na hora de ir para a natação, mas como poderei nadar com este mal-estar? Vou me apressar, e antes de ir para a aula vou procurar Rodrigo. Ele vai me dar outro cigarro e tudo ficará bem."

Fez exatamente isso. Vestiu-se, colocou o tênis, pegou a mochila e saiu rapidamente. Quando passava pela sala, Iracema disse:

— Pur que tá cum tanta pressa? Não vai toma um lanche antes de saí?

— Não, estou atrasado, hoje preciso chegar mais cedo para a aula de natação!

— Tá bem, mas isso não tá certo não.

Ele não a ouviu, foi correndo em direção à casa de Rodrigo. Enquanto corria, ia pensando:

"Preciso me apressar, senão vou perder a aula. Mas se for até lá sem fumar, não conseguirei nadar."

Chegou finalmente em frente à casa de Rodrigo. Encostou-se ao portão e tocou a campainha. Rodrigo surgiu na janela:

— Olá, Artur! Quer falar comigo?

— Não estou bem, preciso de sua ajuda!

— Pode entrar não se preocupe, minha mãe está trabalhando. Artur entrou apressado:

— Você precisa me arrumar outro cigarro daqueles. Preciso ir à aula de nataçãõ, mas não conseguirei nadar com isto que estou sentindo!

— Está bem, mas só tem um problema, eu não tenho mais bagulho. Dei vários pra você, mas agora terminaram todos os que eu tinha, precisamos buscar mais.

— Então vamos rápido, não posso perder a aula!

— Você tem dinheiro aí?

— Dinheiro? Não. Não tenho. Por quê?

— Porque o bagulho custa dinheiro. Eu lhe dei os meus, mas agora vai ter que comprar para nós dois.

— Dinheiro!?! Não tenho! Comovamos fazer?

— Não sei, também estou precisando, também estou sentindo o mesmo que você!

— Você me garantiu que eu não ia me viciar, mas acredito já estar viciado. Não quero isso!

— É fácil. Basta voltar para sua casa e esquecer do bagulho.

— Não posso voltar para casa! Preciso ir para a aula!

— Então, meu amigo, não tem jeito, precisamos pegar mais bagulho.

— Como!?! Não temos dinheiro!

— Eu não tenho mesmo, mas você tem.

— Eu? Não tenho dinheiro.

— Dinheiro não, mas tem um belo par de tênis nos pés. Ele vale muito, dá pra comprar uma boa quantidade de bagulho.

— Que está dizendo? Meu tênis!?! Não posso! Que vou dizer para o meu pai?

— Seu tênis, sim! Vale muito dinheiro! É importado.

— Sei que vale muito dinheiro, mas o que vou dizer para o meu pai?

— Diga que foi assaltado e que levaram seu tênis. Ele vai ficar contente por você estar vivo não vai ligar para o tênis e até comprará outro. Hoje em dia é normal o tênis importado ser roubado. Ele não vai desconfiar de nada.

Artur estava tremendo, não sabia se era por aquela situação ou pelo mal-estar que sentia:

— Não posso fazer isso. Não saberei mentir. Nunca menti!

— Você é quem sabe. Não tenho dinheiro e nem bagulho. Volte para sua casa ou vá para a aula. Sem dinheiro, não posso fazer nada...

Artur começou a chorar. Sabia que estava perdido, pois a cada segundo sentia que precisava muito da droga. Pensou por algum tempo e disse:

— Está bem, como vamos fazer?

— Iremos até um lugar que conheço. Lá diremos que não temos dinheiro, mas que você tem o tênis. Conseguiremos uma boa quantidade, que vai dar para nós dois consumirmos por um bom tempo.

Artur, nervoso, concordou. Saíram”.

## HUMILHAÇÕES E MENTIRAS

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Artur seguia Rodrigo como um robô. Entraram em uma favela. Enquanto caminhavam pelas vielas, Rodrigo andava e cumprimentava várias pessoas. Pararam em frente a um barraco. Lá dentro estava

outro rapaz de mais ou menos dezenove anos, que ao ver Rodrigo, disse:

— Rodrigo! Você por aqui novamente? Veio buscar mais erva?

Quem é esse?

Rodrigo, piscando um olho sem que Artur visse, respondeu:

— Vim buscar mais erva, sim. Este aqui é Artur, ele também quer um pouco.

— Você tem dinheiro?

— Não, mas Artur tem esse tênis, que é importado e vale muito.

O rapaz olhou primeiro para Artur, depois para o tênis que estava em seus pés.

— O tênis é bonito mesmo! Vale uma boa quantidade de erva. Você vai querer mesmo trocar!

Artur também olhou para o seu tênis. Aquele vazio aquela vontade cada vez mais forte... Sentiu que não poderia ficar sem a droga. Impotente, disse:

— Preciso fazer a troca, mas como vou andar sem tênis?

Rodrigo respondeu:

— O Jiló aqui empresta um dos dele, mas quando chegar perto de sua casa, você joga fora e entra em essa descalço, assim poderá contar uma boa história para os seus pais. Eles acreditarão, não se

preocupe. Já vimos muitas vezes isso acontecer. Não é, Jiló?

Artur se abaixou, tirou os tênis e entregou-os a Jiló, que em troca lhe deu outro par velho e sujo. Ele o calçou, sentindo um mal-estar profundo. Mas sabia que aquela era a única solução. Em seguida, Jiló deu aos dois uma boa quantidade de um tipo de grama seca, que Artur até então não havia visto, pois Rodrigo sempre lhe dera os cigarros já prontos.

Ali mesmo Rodrigo preparou e acendeu um cigarro e deu outro para Artur, que tremendo muito, fumou. Aos poucos, ele foi se sentindo melhor. Seu coração batia forte, mas ele sabia que daquele dia em diante estaria nas mãos daqueles dois. Sentiu um frio passar por sua espinha, quis sair dali rapidamente. Saiu correndo.

Rodrigo o seguia de longe. Já fora da favela, Artur chorava muito enquanto pensava:

"O que vou fazer da minha vida? Como vou mentir para os meus pais?"

Rodrigo se aproximou:

— Não fique assim, tudo vai dar certo.

— Nunca menti para os meus pais! Não sei se vou conseguir!

— Vai sim. Tem sempre uma primeira vez. Esta vai ser a mais difícil, as outras serão fáceis.

— Nunca mais vou mentir! Será só esta vez. Nunca mais! Vou me livrar de tudo isso. Vou pedir ajuda para os meus pais. Eles me ajudarão!

— Está bem. Eles ajudarão, provavelmente o internarão em uma clínica. Mas enquanto isso não acontece, vamos dividir o bagulho. Metade para mim e a outra metade para você. Vou preparar, mas é bom aprender como se faz.

Artur ficou olhando Rodrigo preparar os cigarros. Ele tirou do bolso alguns pedaços de papel de seda. Disse que eram tirados dos maços de cigarro que eram jogados fora depois de usados. Preparou toda a parte de Artur. Em seguida entregou a ele.

— Não posso levar isso para casa. Não tenho onde guardar.

— Se eu fosse você, arrumaria um lugar, porque talvez sinta necessidade durante a noite.

— Não vou sentir. Vou me livrar dessa loucura. Não posso levar para casa. Não quero ser internado em clínica alguma!

— Você é quem sabe. Mas, mesmo assim, vou guardar aí na sua mochila.

Rodrigo abriu a mochila de Artur e colocou os cigarros.

Artur saiu dali correndo, precisava chegar a tempo para a aula. Rodrigo o acompanhou até a saída da favela. Artur estava muito nervoso, queria sair dali o mais rápido possível. Já na rua, sem se despedir, saiu correndo. Assim que desapareceu, Rodrigo voltou novamente para o barraco de Jiló, que o estava esperando:

Rodrigo disse-lhe:

— Jiló, como você viu esse agora já é nosso freguês. Cumprir a minha parte, trouxe mais um. Espero que não me deixe mais sem o bagulho.

Jiló, sorrindo, respondeu:

— Trabalhou direitinho, por um bom tempo vai ter todo o bagulho que precisar. Mas é bom ir procurando outro freguês.

Artur chegou apressado ao clube, e só então se lembrou que estava com um tênis muito sujo e rasgado. Pensou:

"Não posso entrar com este tênis. O que direi ao professor e aos meus colegas? Preciso ir para casa, mas como chegar lá sem o meu tênis?"

Sabia que não havia outra maneira, precisava ir para casa. Dirigiu-se para lá. Quando faltava uma quadra para chegar, tirou o tênis velho dos pés e começou a correr. Entrou em casa esbaforido e cansado. Iracema assustou-se por vê-lo entrar daquela maneira e àquela hora, pois deveria estar na aula de natação:

— Qui te aconteceu, minino?

— Fui assaltado por três rapazes, eles levaram o meu tênis!

— Deus do céu! Fizeram mais alguma mardade com ocê?

— Não! Só levaram o tênis!

— Inda bem! Vai tomá um banho e fica carmo, vou telefoná pró seu pai!

— Não faça isso! Já estou bem. Só vai fazer com que fique assustado. À noite falarei com ele. Vou para o meu quarto...

— Tem razão, o meió é que agora ocê tá bem. Vai discansá...

Artur foi rápido para o seu quarto, precisava ficar sozinho. Precisava pensar no que faria dali para frente. Sabia que estava se viciando, mas não encontrava um caminho para se afastar.

Já no quarto, tirou a mochila das costas. Só então se lembrou que Rodrigo havia colocado nela os cigarros restantes.

Abriu, tirou-os e segurou-os nas mãos. Aquilo para ele era o início de uma longa caminhada.

"Meus pais falaram tanto a respeito de drogas! Como fui me deixar envolver? Preciso encontrar um lugar para esconder, mas onde?"

Olhou para o alto de seu armário, lembrou-se que ali estava guardado havia muito tempo o casaco que seu pai lhe comprara quando foram para os Estados Unidos. Subiu em uma cadeira, abriu o armário e pegou o casaco. Ele estava dobrado do lado do avesso, pois desde que voltaram da viagem nunca mais fora usado:

"Nunca consegui usá-lo aqui. O nosso frio não permite. Vou esconder dentro do bolso. Ninguém mexe nele mesmo..."

Guardou todos os cigarros ali. Deitou-se na cama e ficou lembrando da viagem que fizeram.

"Meu pai quis nos fazer uma surpresa, levou-nos até a Disneylândia. Foi uma viagem maravilhosa. Ficamos ali por quinze dias, depois fomos para Nova York. Ao chegarmos, sentimos muito frio. Não conhecíamos a neve, sempre ouvimos falar que era muito fria, mas nunca poderíamos imaginar o quanto. Foi aí que meus pais resolveram comprar casacos para todos."

Sem perceber, adormeceu. Acordou com sua mãe dizendo:

— Artur, acorde! Cheguei agora do trabalho e Iracema me contou o que aconteceu! Como foi? Você está bem? Não machucaram você?

Ele, com muito custo, abriu os olhos. Ao ver a mãe, começou a chorar. Queria contar tudo o que havia acontecido e pedir ajuda, mas não conseguia. Sentia vergonha da sua atual

situação. Eles esperavam tanto dele, como poderia dizer que era um viciado?

— Estou bem, mamãe, não me machucaram, só levaram o meu tênis...

— Não chore meu filho. Não se preocupe com o tênis. Compraremos outro! O importante é que esteja bem...

— Estou bem, só um pouco assustado...

— Entendo. Seu pai já deve estar chegando, não falaremos nada antes do jantar. Após o jantar contaremos juntos. Ele vai ficar muito nervoso, mas comprará outro tênis.

— Está bem, mas não quero outro tênis. Vou agora terminar o meu trabalho de História que preciso entregar amanhã.

— Tudo bem, vou para o meu quarto, se precisar de alguma coisa, basta me chamar.

Odete saiu do quarto. Artur começou a chorar de forma violenta.

"Como consegui mentir tão friamente? Não posso continuar assim, quando meu pai chegar vou criar coragem e contar tudo O que está acontecendo. Sei que ele vai me entender e ajudar. Vou dizer que menti a respeito do tênis."

Ficou ali deitado, tinha realmente que terminar o trabalho de História para levar no dia seguinte, mas não sentia vontade de se levantar da cama. Ador-meceu novamente.

Leandro entrou no quarto, Artur dormia:

— Artur, acorde! Papai já chegou, o jantar está pronto!

Artur abriu os olhos, olhou para o irmão. Não sabia se era dia ou noite. Sua cabeça e olhos pesavam muito. Sentou-se na cama ainda um pouco sonolento. Sentiu novamente aquele vazio, já sabia que logo mais se transformaria em ansiedade e naquela vontade imensa da droga. Seu irmão olhava para ele admirado:

— Você está doente? A mamãe me contou sobre o assalto! Machucaram você?

— Não estou doente, não! Não! Eles não me machucaram. Pode descer que irei em seguida.

Leandro, mais tranqüilo por ver o irmão bem, saiu do quarto. Artur levantou-se e foi para o banheiro. Olhou-se no espelho, percebeu que estava com os olhos vermelhos e com olheiras profundas. Ficou apavorado, com medo que seus pais notassem a diferença. Nem por um instante se lembrou das espinhas que tanto o incomodavam. O vazío aumentava. Olhou para suas mãos, elas tremiam. Tomou um banho, tentou se acalmar, sabia que a conversa com o pai seria difícil.

"Ele não vai acreditar em assalto... seria melhor que eu contasse a verdade... ele ficará bravo, mas me ajudará."

Saiu do banheiro. Voltou para o quarto, penteou os cabelos e foi ao encontro de seu pai.

Álvaro e Odete estavam sentados em um sofá conversando. Artur se aproximou, beijou o pai como fazia todos os dias. Olhou para sua mãe, não disse nada, apenas sentou-se e ficou assistindo televisão. Iracema entrou na sala avisando que o jantar estava servido. Dirigiram-se para a sala de jantar. Começaram a comer. Artur permanecia calado, comendo com a cabeça baixa. Não tinha coragem de olhar nos olhos dos pais. Enquanto comia, pensava:

"Vou contar tudo, não posso continuar assim, sinto que estou precisando cada vez mais da droga."

Odete conversava com o marido, mas, preocupada, prestava atenção em Artur.

"Ele está triste e assustado, preciso fazer algo para tirá-lo desse estado."

Artur tentava comer, mas não conseguia. Já sentia que a vontade da droga estava voltando mais forte. Queria sair dali e voltar para o seu quarto. Só ali se sentia bem. Finalmente todos terminaram de comer. Como em todas as noites, foram para a sala de televisão. Artur os acompanhou. Sabia que a hora de encarar os pais estava chegando.

Assim que todos se sentaram, Odete disse:

— Álvaro, aconteceu algo muito desagradável com Artur...

Contou a ele o que havia sucedido. Álvaro, à medida que ouvia, ficava vermelho de ódio. Artur permanecia de cabeça baixa. Não tinha coragem de olhar para ele. Odete contou tudo, inclusive sobre o tênis. Quando terminou de falar, Álvaro, muito vermelho e tremendo, olhou para Artur:

— Meu filho, você está bem?

Artur olhou para o pai, sabia que aquele era o momento de contar toda a verdade. Mas não teve coragem, não podia causar a ele toda aquela tristeza. Respondeu:

— Estou bem, só um pouco assustado...

— Pois eu não estou assustado! Estou com muita raiva! Que cidade é esta, onde não podemos mais andar com tranqüilidade? Até quando vamos ficar à mercê desses marginais? Você, ainda o outro dia, ficou com pena daquele que foi preso perto da sua escola! O que acha que esses que o roubaram e assustaram merecem? Ser presos, sim! Ficar atrás das grades por muito tempo! Se não for assim, logo mais não poderemos ir nem até um parque em uma tarde de domingo! Não sei o que vai ser das pessoas honestas nas mãos desses bandidos! Não se preocupe, vou comprar outro tênis para você.

Artur ouvia o pai. Sabia que deveria contar tudo naquele momento, mas percebeu que o pai estava muito nervoso. Tentou:

— Papai... Eu... Eu...

— O quê? Quer me dizer alguma coisa?

— Eu? Não quero outro tênis. Será melhor eu andar com um nacional mesmo, assim não haverá mais perigo de ser assaltado...

— Olhe Odete! A que pontos chegamos! Nosso filho está abrindo mão do que gosta por causa desses marginais!

— Você tem razão, mas também acredito ser melhor que ele ande com um tênis comum. Desta vez não aconteceu algo mais grave, mas nada pode nos garantir que de uma próxima vez não aconteça...

Artur ouvia os pais conversando. Sentia vontade de contar a verdade, mas não teve coragem. Pediu licença, saiu da sala e foi para o seu quarto. Deitou-se na cama e novamente começou a chorar. A vontade da droga já era intensa. Sabia que para que ela passasse teria que fumar outro daqueles cigarros:

"Mas como vou fazer? Não me deixarão sair à noite, como vou fazer? Sinto que não vou conseguir dormir e esperar até amanhã."

Olhou para o alto do armário, sabia que ali estava o seu alívio, mas como fazer? Levantou-se, foi até o armário e pegou o casaco onde havia escondido a maconha. Tirou um dos cigarros que Rodrigo havia preparado. Guardou embaixo do travesseiro. Tentou dormir, não conseguiu. Virou e revirou na cama. Percebeu quando seus pais foram para o quarto. Leandro entrou devagar, ele fingiu estar dormindo. Não queria conversar. Pensava em um modo de fumar o cigarro, Leandro se deitou.

Logo mais, Artur percebeu que ele estava dormindo. Levantou-se e em silêncio saiu do quarto, levando em sua mão o cigarro. Desceu a escada, viu-se na grande sala. Devagar abriu a

porta que dava para o quintal. Passou pelo quarto de Iracema, estava com a porta fechada e a luz apagada. Sem fazer qualquer ruído, saiu. Foi para bem longe da casa. Acendeu o cigarro e começou a fumar. Naquele momento, sentiu-se muito bem. Não lhe importava a mentira que havia dito ou o que o pai dissera. Só lhe interessava o bem-estar que sentia. Após terminar o cigarro, ficou ali fora por mais um tempo. Via luzes coloridas que o encantavam. Voltou para dentro da casa e em silêncio voltou para o seu quarto. Deitou-se na cama, mas não conseguiu dormir. Estava muito agitado e com vontade de sair correndo.

Sentia que as paredes do quarto se apertavam, ele se encolhia na cama, sentindo então muito medo. Após muito tempo, sem perceber, adormeceu.

— Artur, acorde, acorde, já está na hora, seu pai já está tomando banho, não vá se atrasar.

Diferente dos outros dias, ele teve muito mais dificuldades para abrir os olhos. Com muito custo, respondeu:

— Já vou me levantar, não vou me atrasar...

Odete saiu do quarto. Ele se virou na cama e voltou a dormir. Vendo que ele não descia, ela voltou para o quarto:

— Artur, você voltou a dormir? Acorde, meu filho! Vai perder a hora!

Novamente ele ouvia aquela voz vindo de muito longe. Aos poucos foi percebendo que era a mãe que o estava acordando. Abriu os olhos, sentou-se na cama:

— Já vou mamãe, vou mesmo!

Levantou-se e correndo foi ao banheiro. Abriu o chuveiro e entrou de uma vez. A água quente ia caindo, ele ia despertando:

"Meu Deus, o que está acontecendo comigo? Não consegui acordar, não preparei o trabalho de História que teria que entregar hoje."

Tomou o banho, vestiu-se e rapidamente desceu. Seu pai já havia terminando de tomar o café e estava se levantando para ir embora. Disse:

— Mais uma vez vai ter que sair sem tomar café. Isso não é bom.

Artur não respondeu, deu um beijo em sua mãe e saiu correndo atrás do pai, que se dirigia para o carro. Entrou e, em silêncio, seguiram. Seu pai ligou o rádio, as notícias começaram. Após algum tempo, Álvaro disse:

— Está vendo? Só notícias ruins. Será que não acontece mais nada de bom neste país?

Artur não respondeu, estava novamente sentindo o vazio. Pensava:

"Até quando isso vai durar! Está ficando pior! O espaço de tempo está cada vez menor!"

Álvaro percebeu que seu filho não o havia escutado. Continuou:

— Artur, estou preocupado com você! O que está acontecendo? O que o está preocupando?

Novamente Artur sentiu que seria o momento de contar tudo e pedir ajuda. Ia falar, quando seu pai deu uma freada brusca. Nervoso, disse:

— Veja que irresponsável esse motorista! Você viu como ele me cortou?

Artur apenas balançou a cabeça. Seu pai estava nervoso, pensou que não seria uma boa hora para falar com ele. No

trânsito, sua atenção não poderia ser desviada. Calou-se, pensando:

"Não vai adiantar eu falar com ele. Não agora. Mas, também, o que poderia fazer? Talvez me internar! Não! Eu não quero isso! Vou ter que encontrar uma maneira de me livrar. Tem que haver uma maneira."

Chegaram finalmente em frente à escola.

Artur desceu dessa vez lembrou-se de dar o beijo costumeiro. Adorava os pais e o irmão. Nunca daria a eles um motivo para sofrerem. Escava saindo do carro quando seu pai lhe disse:

— Como quase todos os dias, não teve tempo para tomar café. Pegue este dinheiro, compre um lanche na cantina.

Artur pegou o dinheiro. Percebeu que estava com fome.

Entrou na sala de aula. Viu Mariana, mas não teve vontade de falar com ela. No íntimo a culpava por estar naquela situação. Ela se aproximou:

— Artur! Como vai? Por que não me procurou mais? Ele apenas sorriu:

— Estou tendo alguns problemas, mas logo estarei bem e voltarei a ser como antes.

— Posso ajudar de alguma maneira?

— Não! Não pode! Ninguém pode!

— Você esta me assustando! Por que está tão nervoso? O que está acontecendo? Sabe que gosto muito de você! Sou sua amiga! Nunca mais vou conseguir esquecer aquela noite, aquele beijo. Confie em mim.

— Também nunca mais vou me esquecer daquela noite, mas infelizmente por outros motivos.

— Não estou entendendo! Que outros motivos?

— Não é nada, não! São coisas minhas, mas está na hora de entrarmos na sala de aula. Vamos?

Entraram na sala de aula. Ele estava preocupado, o professor de História perguntaria pelo trabalho que ele não havia feito. Teria que inventar uma desculpa.

O professor entrou Artur não se sentia bem. Não estava ainda sentindo falta da maconha, mas conhecia seu corpo, sabia que não era o mesmo. Teve dificuldade para se concentrar. Quase no final da aula, o professor pediu o trabalho de História. Levá-los-ia para casa e lá os corrigiria. Artur percebeu que seus colegas se levantavam e entregavam o trabalho. Ele permaneceu sentado.

Após receber todos os trabalhos, o professor olhou para ele:

— Artur, você não entregou o trabalho?

Aquele era o momento temido. Artur precisava arrumar uma desculpa. Mas qual? Pensou rápido:

— Desculpe professor. Acordei atrasado, esqueci de pegar, mas na próxima aula eu trago.

— Esta bem. Sei que você o fez, sempre foi um ótimo aluno. Não se esqueça de trazer.

— Trarei sim, está pronto.

O professor sorriu, Artur respirou aliviado. Daquela havia escapado. Por dentro sorria. Estava orgulhoso da mentira que inventara feliz por descobrir que mentir não era tão difícil como pensava. Terminou a aula de História, ele não conseguiu se concentrar. O vazio do estômago estava voltando.

"Talvez seja fome, vou até a cantina tomar um lanche."

Saiu da sala de aula acompanhando os colegas. Percebeu que eles saíam conversando entre si, mas ele não estava com vontade de conversar. Queria chegar logo à cantina e comer alguma coisa. O vazio e o tremor estavam aumentando. Não

queria aceitar que estava novamente precisando da droga. Ele havia deixado todos os cigarros escondidos em casa. Na cantina, entrou na fila para pedir seu lanche. A vontade já era imensa. Estava preocupado, sem saber o que fazer:

— Bom dia, Artur. Está tudo bem?

Olhou para trás, era Rodrigo. Sentiu uma mescla de ódio e necessidade:

— Não está nada bem!

Saiu da fila, pegou no braço de Rodrigo e levou-o para um canto:

— Você tem algum bagulho aí?

— Tenho sim, por quê?

— Estou precisando agora, neste momento! Se não fumar, não vou conseguir assistir à próxima aula!

— Podemos fazer um acordo...

— Que acordo?

— Que estava fazendo na fila da cantina?

— Vou comprar um lanche!

— Estou com fome e não tenho dinheiro. Você paga o meu lanche e eu lhe dou o que está precisando...

— Pagar o seu lanche? Não tenho dinheiro para pagar os dois!

— Eu não posso lhe dar o bagulho. Tenho outros que me pagarão.

— Você não pode fazer isso comigo! Só tenho esse dinheiro! Dê-me agora e amanhã trago um dos meus e lhe dou!

— Amanhã será outro dia... Estou com fome agora... Resolva depressa, vamos ter que voltar para a sala de aula.

Artur percebeu que não havia como evitar. Sentiu que não conseguiria assistir às outras aulas se não fumasse o maldito bagulho.

— Está bem, eu lhe dou o dinheiro, mas como vamos fazer? Dentro da escola não vai poder ser, preciso agora!

— Vamos até aquela pracinha lá na frente da escola. Já sabe que lá não vai ter problema algum.

Artur sabia que não havia problema, pois ninguém prestava atenção. Disse.

— Está bem, vamos?

— Antes, dê-me o dinheiro, e enquanto eu compro o meu lanche, vá lá pra fora e me espere na pracinha. Não podemos sair juntos.

Artur percebeu que não havia outra forma. Deu o dinheiro e dirigiu-se ao portão da escola. Não sabia na realidade se o portão ficava aberto todos os dias. Passou pela sala da diretoria e a dos professores. As pessoas estavam lá dentro conversando entre si e não perceberam que ele estava saindo. O mesmo aconteceu na recepção. Logo se viu diante do portão. Não havia ninguém. Abriu e saiu.

Foi em direção à praça. Sentou-se em um banco, ficou ansioso olhando para o portão. Sorriu aliviado quando viu Rodrigo saindo por ele. Rodrigo chegou, sentou-se ao seu lado. Tirou do bolso um cigano e entregou-o para Artur, que o pegou com sofreguidão. Tremia muito enquanto o acendia, Rodrigo, ao seu lado, comia tranquilamente o lanche que havia comprado com o dinheiro de Artur.

À medida que ia tragando do bagulho, Artur percebeu que um bem-estar tremendo ia tomando conta de seu corpo. Começou a sentir-se bem novamente. Sentia que era o dono do mundo e

que poderia fazer o que quisesse. Sentiu que poderia voltar para a sala de aula e assistir à próxima aula com tranqüilidade. Poderia até falar com Mariana. Estava bem demais para se preocupar com sua situação naquele momento, nada mais o incomodava.

Terminou de fumar. Olhou para Rodrigo:

— Agora podemos voltar para a sala de aula, estou muito bem:

— Vamos, então. O meu lanche também estava muito bom.

Voltaram para a classe. Artur conseguiu assistir à aula, mas não via a hora que terminasse. Sentia-se preso. Queria sair, correr e quem sabe, até voar.

Assim que as aulas terminaram, ele saiu, e como de costume, ficou esperando o pai chegar. Estava muito agitado. Não conseguia ficar parado, esperando. Começou a andar de um lado para o outro. Ficou irritado porque o pai estava demorando. Na realidade, não sabia ao certo se o pai estava demorando ou não. Havia perdido o sentido de tempo e horário.

Álvaro parou o carro:

— Entre, Artur.

Ele entrou em silêncio e sentou-se ao lado do pai. Este acelerou e saiu. Artur ficou calado. Não tinha vontade de falar, nem de ficar dentro do carro. Na realidade, o que queria mesmo era sair correndo.

Entrou em casa correndo. Sua mãe estava junto com Iracema terminando de colocar a mesa para o almoço. Ele passou por elas sem dizer nada e em disparada subiu a escada, indo para o banheiro.

Odete estranhou a atitude do filho. Álvaro entrou em seguida. Ela, preocupada, perguntou:

— Aconteceu alguma coisa com Artur?

— Que eu saiba não, por quê?

— Ele entrou calado, subiu correndo!

— Deve ter ido ao banheiro. Não sei, não, mas estou achando que ele está um pouco diferente. Veio o caminho todo da escola até aqui sem dizer uma palavra sequer.

— Será que está doente?

— Pergunte a ele.

— Farei isso, mas agora vamos almoçar.

Sentaram-se para iniciar o almoço.

Artur, no banheiro, abriu a torneira, molhou o rosto com água fria. Estava agitado, sabia que precisava almoçar com os outros, só que estava muito agitado, queria sair para a rua, correr, fazer qualquer coisa, só não podia ficar preso dentro de casa. Suava frio. Estava novamente sentindo aquela sensação. Sabia que em breve não estaria mais suportando. Por alguns segundos ficou olhando para seu rosto refletido no espelho; pensou:

"Que fiz com minha vida? Quando vou ter paz novamente?"

Começou a chorar. De seu peito saíam soluços profundos. Mas durou pouco tempo, logo voltou ao normal. Em um momento de lucidez, pensou:

"Estou me desesperando à toa. Não estou viciado! Vou ter força de vontade! Quando a vontade voltar, vou suportar! Não deve demorar muito. Não posso negar que esses cigarros me fazem muito bem. Com eles me sinto mais seguro, mais livre. É isso mesmo! Por que estou tão nervoso? Graças ao cigarro consegui falar com Mariana. Com ele vejo luzes maravilhosas, sinto-me livre! Não vou mais me preocupar. Vou almoçar, não estou com fome, mas vou comer algo para não levantar suspeita. Meu pai não pode nem sonhar com o que está acontecendo comigo."

Enxugou o rosto. Olhou novamente para o espelho, deu um sorriso e saiu. Quando chegou à sala, seus pais e Leandro já estavam almoçando. Sentou-se, começou a colocar comida em seu prato. Quando pegou feijão com uma concha, sua mão tremeu e deixou cair o feijão sobre a mesa. Ficou irritado:

— Que porcaria! Olhem só o que fiz!

Bateu a concha com força na mesa e saiu correndo. Os pais ficaram atônitos vendo-o se afastar. Odete disse:

— Álvaro, esse menino não está bem! Vou lá falar com ele!

— Ele está é muito mal-educado! Você não vai, não! Vamos terminar o nosso almoço. Depois iremos os dois juntos.

— Deve ser a idade. Sabe como é, está naquela idade em que não é mais um menino, e nem é ainda um adulto.

— Pode ser, mas isso não lhe dá o direito de agir dessa maneira. Por enquanto vamos esquecer esse assunto e continuar o nosso almoço.

Ele disse essas palavras, mas como a esposa, sabia que não conseguiria mais continuar almoçando. Os dois fingiam que comiam, mas foi impossível. Leandro, não percebendo a gravidade do momento, continuou comendo normalmente. Iracema, que estava ao lado deles quando tudo aconteceu, saiu da sala em silêncio. Ela gostava muito daquela família. Já estava com eles havia muito tempo. Gostava muito mais de Artur, sempre o achara um menino muito bom. Além do mais, sempre a tratara com carinho. Na cozinha, ela juntou as mãos, dizendo em voz baixa:

— Meu pai do céu. Protege esse minino... Ele não tá bem não... Não é o mesmo minino di antes... Não deixa que nada de ruim aconteça com ele.

Álvaro e Odete terminaram de comer. Ela levantou-se e começou a subir a escada que a levaria para o quarto de Artur. Sentia que precisava descobrir o que estava acontecendo com o filho. Como Iracema,

sabia que alguma coisa não estava bem. Só precisava descobrir o que era. Álvaro continuou sentado acompanhando com os olhos a esposa.

"Deixarei que ela fale com ele primeiro. Daqui a pouco vou subir e saber o que esta acontecendo."

Odete entrou devagar no quarto. Artur estava andando de um lado para o outro. Ela percebeu que ele estava agitado. Nunca o tinha visto daquela maneira. Aproximou-se:

— Meu filho, o que está acontecendo com você? Por que está tão nervoso?

Ao ver a mãe, ele ficou mais nervoso ainda:

— Como pergunta o que está acontecendo? A senhora não viu o que fiz?

— O que fez que eu não vi!

— Derramei o feijão sobre a mesa!

— Foi só um acidente! Quantas vezes você ou qualquer um de nós já fez isso? Meu filho, você está tendo algum problema na escola? Esta precisando de umas aulas extras?

Ele olhou nos olhos da mãe. Mais uma vez sentiu que havia chegado o momento de contar tudo o que estava passando. Sabia que ela era compreensiva, sempre fora. Ela encontraria uma maneira de ajudá-lo. Abraçou-se a ela, ia começar a falar quando ouviu:

— Menino! Você vai ter que dar uma boa explicação por aquilo que fez. E não é por ter deixado o feijão cair, mas por sua atitude depois. Não sei se tem algum problema, não deve ter, pois

faço tudo para que não tenha. Tem uma boa casa, boa cama e todo o alimento que precisa! Tem o nosso carinho. Procuo ser um bom pai. Ao menos me esforço para isso. Por esse mesmo motivo, não posso suportar uma malcriação como essa que você fez.

Artur olhou para o pai. Sentiu que ele estava sendo sincero. Em sua mente, e em poucos segundos, relembrou como tinha sido sua vida junto dele. Sabia que o que ele estava dizendo era à verdade. Realmente, ele procurava, e até então conseguira, ser um bom pai. Calado, olhando para o pai, pensou:

"Ele tem razão, não posso dar a ele nem a minha mãe um desgosto desses. Não posso dizer o que sou ou em que estou metido; um viciado em drogas, logo eu, que sempre fui tão alertado sobre isso."

Começou a chorar novamente. Sua mãe o abraçou:

— Meu filho, conte o que esta acontecendo, nós o amamos, estamos aqui para ajudá-lo. Sei que essa idade que está vivendo agora não é fácil, mas logo passará. Daqui a pouco você vai ser um adulto completo, terminará a escola e irá para a faculdade. Um dia encontrará uma moça de quem goste, se casará e será feliz. Confie em nós...

Ele estava a ponto de contar, mas ao mesmo tempo, não queria lhes dar um desgosto. Novamente pensou:

"Não posso contar, vou sair dessa sozinho, não vou mais fumar! Nunca mais!"

— Não está acontecendo nada, mamãe. A senhora mesmo disse que deve ser por causa da idade. Desculpe por eu ter derramado o feijão...

Odete se abraçou a ele com mais força. Sorrindo, disse:

— Ora, meu filho! Foi só um acidente! Poderia ter acontecido com qualquer um de nós. Você precisa agora voltar

para a sala e continuar comendo. Pedi a Iracema para não tirar a mesa.

— Não estou com vontade de comer. Pode mandar tirar a mesa. Depois vou comer um sanduíche.

— Deve ter comido tarde na cantina, não foi! Já disse mil vezes para não comer na última aula. Tem que comer assim que chegar à escola, antes das aulas começarem.

— Foi isso mesmo que fiz. Papai desculpe, não tive a intenção de magoá-lo.

— Ora, meu filho, sua mãe tem razão. Deve ser a idade, mas é por isso mesmo que precisa confiar em nós. Ninguém gosta mais de você do que eu e sua mãe. Vou descer. Preciso olhar alguns papéis antes de ir para o fórum, hoje tenho audiência.

Os dois saíram do quarto. Artur foi novamente para o banheiro e olhou-se no espelho. Novamente começou a chorar desesperado.

"Não posso contar! Preciso sair dessa sozinho! Eles não suportariam saber no que estou me transformando! Eles não merecem isso! Da próxima vez que a vontade voltar, vou resistir! Nunca mais vou fumar maconha! Nunca mais!"

Voltou para o quarto, deitou-se de costas, ficou olhando para o teto. Sentia que afundava cada vez mais. Precisava fazer alguma coisa para se livrar daquilo, só não sabia como. Com os olhos fixos

em um ponto, continuou pensando:

"Estou aqui me desesperando à toa. A droga não é tão ruim assim. Sinto que com ela me torno uma outra pessoa. Consigo fazer o que quero, até falar com Mariana ou outra menina qualquer. Não posso negar que com ela estou vivendo experiências antes desconhecidas. Mas, por tudo o que meus pais sempre

disseram, sei que é muito perigoso, um caminho sem volta. Talvez não seja bem assim. Quando estou com a droga, sinto-me muito bem, muito mais do que quando estou sem ela. Só preciso aprender a me controlar e só usar de vez em quando."

Continuou ali deitado, sem saber que caminho seguir. Até então vivera uma vida cerca, dentro dos conformes. Nesse momento seguia por um caminho desconhecido, mas que, embora lhe causasse medo, também o atraía. Levantou-se, foi para o banheiro, olhou-se no espelho.

"Preciso encontrar um meio de conciliar as duas coisas. Posso controlar meu corpo e só fumar no fim de semana. Assim poderei continuar meus estudos sem problema algum. Se conseguir isso, meus pais não desconfiarão. Afinal, não é tão ruim assim. Meus pais nunca usaram drogas, como podem dizer que é ruim? Só preciso aprender a me controlar. Só usar nos fins de semana. Nada, além disso."

Voltou para o quarto. Seus olhos se dirigiram para o computador e para sua mochila. Lembrou-se do trabalho de História, que precisava entregar em dois dias. Ligou o computador, sentou-se. Pegou um livro, começou a ler. Para ele sempre fora fácil aprender qualquer coisa. Após dez minutos, percebeu que não conseguia pensar para fazer o trabalho. Seu pensamento estava distante, não conseguia se concentrar na leitura. Desligou o computador, voltou para cama. Estava cansado, deitou-se e adormeceu.

Quando acordou, não soube dizer por quanto tempo esteve dormindo. A casa estava em silêncio. Sua mãe e Leandro deviam ter ido para a escola. Iracema devia estar na lavanderia, ele sabia que todas as tardes ela ia para lá e passava roupa. Levantou-se, foi para o banheiro. Precisava voltar para o

computador. Saiu, olhou para ele, mas não sentia vontade de escrever, queria mesmo era sair. Olhou para o alto do armário, sabia que ali estava aquilo que precisava. Com a troca do tênis, conseguira muito. Sabia também que por um bom tempo não precisaria se preocupar. Pensou:

"Não entendo por que as pessoas falam tão mal da droga, A mim ela só faz bem. Sinto que com ela nada é impossível. Meus pais falam muito, mas acho que têm muito preconceito. O único problema é o dinheiro para consegui-la. Por isso, já decidi: vou fumar esses que estão aí e não usarei mais. Só voltarei a fumar novamente depois que me formar e tiver uma profissão. Assim terei meu próprio dinheiro, sem precisar pedir a ninguém. Preciso ficar longe de Rodrigo, ele não é um bom amigo. Ele me enganou, disse que eu não me viciaria, mas sinto que isso está acontecendo. Como ele teve coragem de me deixar sem comer? De ficar com o meu lanche? E isso mesmo, vou usar essa maconha que tenho aqui, depois esquecerei. Seguirei minha vida como antes. Não quero mais falar com Rodrigo."

Levantou-se, desceu".

## **PEDINDO AJUDA**

"É PRECISO ALGO MAIS" \_ ELISA MASSELLI

"Conforme previra, não havia ninguém em casa. Dirigiu-se à lavanderia, entrou devagar e chamando:

— Iracema!

Ela se assustou:

— Qui é isso, minino? Me assustou!

— Desculpe, não foi minha intenção:

— Qui cê tá fazendo aqui? Pensei que tivesse no seu quarto, mexendo naquele computadô.

— Por que diz isso?

— E o qui faiz sempre quando tá em casa.

— Tem razão, mas hoje preciso sair. Foi justamente para dizer isso que vim até aqui. Preciso ir à casa de um amigo, temos que entregar um trabalho.

— Purque isso? Sempre é eles que vêm aqui...

— Por isso mesmo, a mãe de um deles quer que façamos o trabalho na casa dela.

— Tô te estranhando, ocê tá diferente. Tá com algum pobrema?

Artur mudou o tom de voz. Nervoso, respondeu:

— Não tenho problema algum! Por que todos estão fazendo essa mesma pergunta?

— Não precisa fica nervoso. Gosto muito doce, te criei desde que era piquinho, por isso te conheço muito bem. Sei que tá acontecendo alguma coisa. Pode confiá, vô fazer tudo pra te ajudá.

Artur, furioso, não respondeu. Saiu batendo a porta, sob os olhos arregalados de Iracema, que não sabia o porquê de tanto nervosismo. Ele tremia muito. Nervoso, voltou ao quarto, pegou o casaco no armário, tirou um cigarro de maconha, colocou no bolso e saiu.

Já na rua, saiu caminhando sem destino. Estava nervoso e tremia muito. Sabia que não estava bem, mas mesmo assim não queria aceitar o fato de que já estava viciado.

"Por que todos estão me achando diferente? Sou o mesmo de sempre! Será que não posso ter a minha privacidade? Tenho que dar satisfações de tudo o que faço?"

Foi em direção a uma praça, sentou-se, acendeu o cigarro e ficou ali fumando. A praça estava vazia àquela hora, não passava ninguém. Após alguns minutos, percebeu que escava se acalmando. A maconha tinha o poder de acalmá-lo, de deixá-lo muito bem. Levantou-se do banco em que se sentara e começou a caminhar, novamente sem rumo.

Depois de algumas horas voltou para casa. Ao entrar, estranhou que sua mãe já estivesse em casa. Não percebera que havia caminhado tanto. Sua mãe, ao vê-lo, disse:

— Olá, Artur. O trabalho com seus amigos ficou pronto?

Ele se assustou:

— Que trabalho?

Sua mãe admirou-se ainda mais:

— Iracema me disse que você foi à casa de um amigo para fazer um trabalho da escola...

Só então ele voltou à realidade:

— Ah, foi isso mesmo. Desculpe mamãe, é que o trabalho foi tão complicado que estou ainda um pouco tonto. Depois de muito tempo conseguimos terminar, e acho que ficou muito bom.

— Ainda bem, mas está quase na hora do jantar, é melhor você tomar um banho. Sua aparência não está muito boa.

— Está bem, já vou.

Saiu da presença da mãe. Estava distante, queria mesmo era ficar sozinho. Foi para o quarto.

Odete foi até a cozinha falar com Iracema:

— Sabe Iracema, estou preocupada com Artur.

— Pur que, dona Déte?

— Ele está diferente, parece distante, não é mais aquele menino de antes. Quase não fala, e às vezes parece que fica nervoso à toa.

— Também percebi isso, tentei fala com ele hoje di tarde, mais ele fico nervoso e saiu sem querê conversa.

— Será que ele está apaixonado por alguma menina que não o quer?

Iracema sorriu:

— Podi sê, sabe como é na idade dele. Acho que pras menina é mais fácil. Acho que podi sê isso mesmo. Todo apaixonado fica meio bobo mesmo, num é?

Odete saiu da cozinha rindo. Lembrou-se de como ela mesma era quando tinha a idade dele. Quantas vezes se apaixonara e quantas vezes pensara que o mundo fosse acabar, mas lembrou-se também que aquela idade passava depressa, que logo ele teria outras prioridades. Pensou:

"Ele é um bom menino, vai me dar muitas alegrias. Essa fase passará."

Enquanto isso, no quarto, Artur estava deitado. Ainda sob o efeito da maconha, sentia que nada poderia lhe fazer mal. Começou a rir quando percebeu que não era tão difícil mentir. Lembrou-se das várias mentiras que havia dito e que ninguém descobrira. Mas sentia-se decidido:

"Vou fumar só essa maconha que tenho, depois nunca mais até me formar e ter o meu emprego. Não quero mais passar pela situação em que fiquei junto a Jiló e a Rodrigo, quando tive que dar o tênis e meu lanche."

Foi para o banheiro, entrou embaixo do chuveiro e lá ficou por muito tempo. Vestiu uma roupa limpa e foi para a sala de jantar. Comeu em silêncio. Os pais notaram que ele estava

calado, mas não disseram nada, apenas observaram. Assim que terminou de comer, Artur pediu licença e foi para o seu quarto. Odete, preocupada, disse:

— Não sei não, Álvaro, mas alguma coisa está acontecendo com Artur, ele está muito diferente.

— Também estou notando, mas talvez seja a idade. Logo vai passar.

— Acho que você tem razão, vamos esperar esse tempo passar.

No quarto, Artur olhou para o computador, aquilo que até então havia sido a sua paixão. Pensou em ligá-lo, mas depois de alguns segundos desistiu. Olhou para a cama e deitou-se. Dormiu em seguida.

Naquela noite, ele mais uma vez se levantou e foi para fora fumar. Saiu com cuidado do quarto para não acordar Leandro, que dormia tranqüilamente. Enquanto saía, pensava:

"Preciso dar um jeito de tirá-lo do meu quarto. Sua presença está me incomodando."

No dia seguinte tudo voltou ao normal. Levantou-se cedo, saiu junto com o pai, que o levou até a escola. Lá, ele não conseguiu acompanhar as aulas, mas não se importou. Na hora do lanche foi para a praça e fumou mais um cigarro. Aprendera por isso todos os dias levava um cigarro com ele, para não ter que passar outra vez por aquilo que passara com Rodrigo.

Os dias se passaram. Em uma noite, quando foi pegar um cigarro no casaco, percebeu que havia só mais um. Ficou preocupado, mas ao mesmo tempo sabia que aquele seria o último. Já havia decidido que não fumaria mais. Precisava terminar seus estudos e conseguir um emprego que lhe desse o

dinheiro que precisava para comprar a maconha. Antes disso, não voltaria a fumar.

Não havia ainda conseguido encontrar um meio de tirar Leandro do seu quarto, por isso ainda continuava tendo cuidado para sair durante a noite. Já lá fora, fumou seu último cigarro. Mais uma vez viu luzes coloridas e se encantou, mais uma vez se sentiu muito bem. Depois de algum tempo, voltou para o quarto e adormeceu.

No dia seguinte, quando sua mãe foi acordá-lo, sentiu muita dificuldade para despertar. Estava cansado. Depois de muita insistência, ela conseguiu finalmente fazê-lo levantar. Seus olhos estavam vermelhos e tinha umas olheiras profundas, mas nem ele nem seus pais perceberam. Só Iracema, que ao vê-lo ficou preocupada e desconfiada. Pensou:

"Os óio dele tão muito vremeio, e essas olheiras... não sei não, mas já vi isso antes. Lá na favela muitos óio são assim. Deus do céu! Que tô pensando? Não podi ser. Ele é um menino muito bem-criado e educado, sabe tudo sobre a droga, nunca se deixaria envolver. Mas, mesmo assim, vou tenta fala cum ele."

Embora preocupada, não pôde falar com ele naquele momento. Resolveu que esperaria até a tarde, quando estivessem os dois sozinhos. Gostava muito dele e sabia ser correspondida. Faria com que ele lhe contasse tudo, e se realmente confirmasse suas suspeitas, ela encontraria um modo para ajudá-lo.

Artur saiu junto com o pai. Estava bem, pois durante a madrugada fumara seu último cigarro de maconha. Tinha também a certeza de que não usaria mais, só quando tivesse o seu próprio dinheiro.

Ao chegar à escola, viu Rodrigo conversando com algumas pessoas. Sorriu. Sabia que ele os estava envolvendo para que usassem a maconha. Pensou:

"Preciso ficar longe dele. Com sua fala mansa, ele vai envolvendo. Sabe que ponto atingir. Mas ainda bem que estou livre. Vou continuar a minha vida, estudando, e logo mais terei o meu diploma."

Assistiu à primeira aula. Conseguiu até acompanhar, não como antes, mas bem mais do que ultimamente. Na segunda aula percebeu que a vontade estava voltando. Apavorou-se:

"Não! Não, preciso resistir, sei que logo passará."

Já não estava tranqüilo. Não conseguiu mais acompanhar a aula. Suas mãos começaram a tremer. Sentia-se abafado, preso, queria sair dali, não conseguia respirar.

Quando terminou a segunda aula era hora do intervalo. Ele saiu correndo para o banheiro. Molhou o rosto com água fria, sentia que não suportaria, sabia que precisava da maconha e que sem ela não ficaria bem. Precisava entender a aula, no último mês tivera notas baixas.

Estava ali quando Rodrigo entrou:

— Que é isso, amigo? Está doente? Precisa de ajuda?

Artur voltou-se, olhou com ódio para ele, mas sabia que mais uma vez precisava dele. Respondeu:

— Não estou bem e você sabe por quê. Preciso de um bagulho.

Tem que ser agora, senão, não conseguirei acompanhar as aulas.

— Tem dinheiro?

— Só o do lanche...

— Se me der, eu lhe dou um bagulho agora mesmo...

Artur não queria, mas sabia que ficaria cada vez pior. Desesperado, disse:

— Preciso comer, saí de casa sem tomar café. Pode me dar, amanhã trarei o dinheiro...

— Nem pensar. Amanhã será outro dia. Se quiser agora, tem que pagar. Se não receber o seu dinheiro, também ficarei sem, e isso não é justo. Preciso de dinheiro para comprar mais...

Sem alternativa, Artur concordou. Tirou do bolso o dinheiro que o pai havia lhe dado para o lanche e entregou-o a Rodrigo, que, sorrindo, tirou do bolso um bagulho.

Artur colocou o cigarro no bolso e saiu em direção à portaria. Teria que sair da escola. Sabia que conseguiria, pois não havia vigilância.

Na rua, rapidamente foi até a praça. Lá, outros jovens fingiam passear, mas ele sabia que, assim como ele, estavam fumando maconha ou usando outras drogas.

Acendeu o cigarro e começou a fumar. Aos poucos foi se sentindo melhor. Era incrível o bem-estar que sentia. Começou a andar pela praça. Após alguns minutos, achou que já estava bem para voltar à escola. Foi o que fez. Voltou, entrou na sala de aula, o professor entrou em seguida. Artur olhava para a classe, parecia que todos estavam envolvidos em nuvens coloridas. O professor falava, mas ele não prestava atenção. Seu pensamento estava longe, queria sair e andar, não conseguia ficar parado.

Finalmente as aulas terminaram, estava na hora de ir embora. Artur foi para o lugar de costume esperar o pai. Não conseguia ficar parado. Irritou-se, pois achou que ele estava demorando. Andava de um lado para o outro. Álvaro chegou, estranhou que Artur não estivesse ali no lugar de costume. Olhou

em volta e viu-o na esquina. Buzinou. Artur ouviu e foi em sua direção. Entrou no carro. Álvaro perguntou:

— Por que não estava no lugar de sempre?

— O senhor demorou muito. Fui até a esquina, já estava voltando.

— Não demorei, cheguei na hora de sempre. Você não me parece bem. Está doente, sentindo alguma dor?

Artur irritou-se:

— Não estou doente nem sentindo dor!

— Por que está tão irritado? Aconteceu alguma coisa?

— Não aconteceu nada, estou preocupado porque não entendi um problema de Matemática.

— Estou percebendo que você está com dificuldades. Estranho, pois você nunca teve isso. Mas não precisa se desesperar. Eu e sua mãe não temos muito tempo, por isso vou contratar um professor. Verá que com algumas aulas logo entenderá tudo. Não precisa ficar nervoso. Matemática é assim mesmo. Parece difícil, mas com uma boa explicação, se aprende logo.

Artur sabia que o pai só queria ajudar. Sentiu que aquele era o momento. Sabia que não conseguiria se livrar da maconha, não sem ajuda. Olhou para o pai, que estava prestando atenção ao trânsito. Arriscou:

— Papai. Preciso lhe contar algo.

Sem tirar os olhos do trânsito, o pai disse:

— O que é? Está apaixonado? Sua mãe disse que pode ser isso.

Artur sorriu:

— Não é nada disso, estou preocupado com um amigo meu, ele está fumando maconha.

Por alguns segundos, Álvaro desviou os olhos do trânsito. Olhou para Artur:

Fumando maconha? Quem é?

Artur percebeu que o pai estava irritado. Respondeu:

— O senhor não conhece.

Voltando os olhos novamente para o trânsito, Álvaro continuou:

— Ele é da escola? Onde consegue a maconha?

— Por que quer saber se ele é da escola?

— Porque se for um aluno, vamos juntos falar com o diretor. Ele precisa saber o que está acontecendo, maconha dentro da escola é um perigo para os outros alunos.

Artur percebeu que o pai ia querer saber muito. Resolveu contornar:

— Ele não é da escola, não sei onde consegue a maconha.

— Se não é da escola, quem é?

— O senhor não conhece.

— Não? Mas conheço todos os seus amigos. Onde o conheceu?

Artur sentiu que não poderia continuar aquela conversa. Seu pai descobriria que era dele mesmo que estava falando. Tentou remediar:

— Conheci na nataçãõ, mas hoje ele não nada mais.

— Ainda bem, meu filho, você tem que ficar longe dele. Uma pessoa que fuma maconha está a um passo das drogas, só pode trazer confusão. Ele não é uma boa companhia. Não quero que se preocupe com ele, quem tem que se preocupar são seus pais. Fique longe dele!

— Está bem, papai, farei isso.

Logo chegaram em casa. Artur entrou e foi direto para o seu quarto. Todos os dias fazia isso, antes do almoço trocava de roupa. No quarto, olhou para o espelho. Em seu rosto havia desespero.

"Não posso contar para o meu pai, ele não vai entender. Minha mãe, talvez, mas com certeza contará a ele. Que farão?"

Lembrou-se de Rodrigo quando um dia lhe dissera:

"... eles o internarão em uma clínica...".

Sentiu um tremor e, apavorado, disse em voz alta:

— Não! Não quero isso! Não posso ser internado! Preciso me livrar da maconha, mas como?

Ficou lá por algum tempo. Em seguida desceu. O almoço já estava sendo colocado por Iracema, que olhou para ele:

"Esse minino num tá bem. Vou vê se consigo fala cum ele."

Almoçaram, como faziam todos os dias. Odete e Leandro foram para a escola. Álvaro para o escritório e Artur, dali a duas horas, deveria ir para o curso de computação. Tudo estava como sempre fora.

Depois do almoço ele foi para o seu quarto. Olhou para o computador, lembrou-se que não havia feito o trabalho de História nem a lição que o professor de computação havia passado. Ligou o computador. Olhou, mas não sabia o que fazer. Seu raciocínio estava lento. Deitou-se e adormeceu.

Na cozinha, Iracema estava cuidando dos pratos quando o telefone tocou.

Ela estranhou, pois o telefone não costumava tocar à tarde, mas atendeu:

— Alô!

— Alô, preciso falar com Artur, ele está?

— Ta no quarto, mas quem é?

— Um amigo dele, Rodrigo.

— Espera um pouco, vou até lá chama ele.

Ela largou o telefone e subiu em direção ao quarto de Artur. Bateu na porta, mas não obteve resposta. Abriu devagar e entrou. Admirou-se ao ver que ele estava dormindo. Fechou a porta e voltou para o telefone:

— Rodrigo, ele ta dormindo.

— Está bem. Diga a ele que telefonei e que volto a ligar mais tarde. Muito obrigado.

— De nada, vô dizê.

Ela desligou o telefone e olhou para a escada que levava ao quarto de Artur. Pensou:

"Dormindo nesta hora? Tá estranho..."

Voltou para o quarto, colocou a mão com suavidade no ombro de Artur, que dormia profundamente:

— Artur, acorda...

Ele, com dificuldade, abriu os olhos. Olhou para ela e voltou a fechá-los. Ela tornou a chamar. Novamente ele abriu os olhos e, irritado, disse:

— O que você quer? Não vê que estou dormindo?

— Tá na hora de ocê i pra aula de computadô.

Ele abriu os olhos novamente. Sentou-se na cama:

— É mesmo, preciso ir pra aula. Vou levantar.

— Tá bom, vou prepara um lanche pra ocê come antes de saí.

Ele não respondeu. Ela, preocupada, saiu do quarto. Foi para a cozinha preparar o lanche. Enquanto preparava, pensava:

"Esse minino não tá bem não. Vô tenta fala cum ele."

Após alguns minutos, ele entrou na cozinha:

— Iracema, estou indo.

— Espera um pouco, come antes de saí.

— Não quero, não estou com fome.

— Precisa come ocê não anda comendo bem. Que tá acontecendo? Teus óio tão vremeio e tá cum muita olheira.

Ele se irritou:

— Que está querendo dizer?

— Num tô querendo dizê nada, só acho que tá com pobrema e que precisa de ajuda ou de conta pra arguém. Que tá acontecendo?

Ele ficou em silêncio olhando para ela. Ela praticamente o havia criado. Sabia que podia confiar nela, talvez ela encontrasse um modo para ajudá-lo. Ficou olhando, calado. Ela insistiu:

— Sabe Artur, sei que num tenho muita instrução, mas já vivi muito e sei que na tua idade se tem muitos pobrema. As veiz esses pobrema são difícil de resolve e a gente precisa de ajuda. Num qué mi

Contá o qui tá acontecendo?

Ele sabia que aquele era o momento de falar. Percebeu que ela já havia descoberto tudo, mas ficou com medo que contasse a seus pais:

— Não está acontecendo nada, só estou com dificuldade na escola, mas vou superar. Não precisa se preocupar, estou indo.

Tchau.

Estava saindo quando ela disse:

— O teu amigo ligo. Ele parou:

— Que amigo?

— O Rodrigo. Ele se assustou:

— O que ele queria?

— Num disse, só falo que ia liga mais tarde.

— Se ele ligar novamente, diga que fui para a aula.

— Tá bem, mas num quer mesmo conversa? Mi conta o que tá acontecendo.

— Já disse que não está acontecendo nada. Tchau.

Precisava sair dali o mais rápido possível. Saiu correndo. Na rua parou de correr e seguiu pensando:

"Se Iracema está desconfiada, meus pais também logo descobrirão. Preciso sair dessa logo. O que será que Rodrigo queria? Ele não sabe que minha maconha terminou, pensa que hoje esqueci de levar para a escola. Estou sentindo que talvez não consiga resistir ao desejo. Não tenho dinheiro! O que vou fazer?"

Chegou à escola de computação, entrou na sala e em seguida a aula começou. Estava prestando atenção na explicação do professor quando sentiu aquela sensação que já era sua conhecida. Apavorou-se. Enquanto levava a mão até a cabeça, pensava:

"Esta voltando. Preciso me controlar, preciso resistir." Não conseguiu mais acompanhar a aula. Via o professor mover os lábios, mas já não entendia o que ele dizia. Com dificuldade, conseguiu ficar até o término da aula".

## **TRAINDO UMA AMIZADE**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Artur saiu da escola rapidamente. A vontade da maconha já era intensa. Olhou para o relógio e pensou:

"Quatro horas da tarde. Não adianta, sei que a vontade vai ficar pior. Se não fumar aquele cigarro, começarei a tremer, já

conheço todas as etapas. Se não fumar, às sete horas não conseguirei me sentar para o jantar. Vou falar com Rodrigo, ele vai me ajudar. Afinal, ele me colocou nessa."

Caminhou em direção à casa de Rodrigo. Chegou ao portão, apertou a campainha. Ele apareceu na janela:

— Olá, Artur. Sabia que viria. Espere, já estou descendo.

Fechou a janela. Artur permaneceu no portão esperando.

A porta se abriu e Rodrigo, sorrindo, saiu por ela. Ironicamente, perguntou:

— O que você quer aqui? Está precisando de alguma coisa?

Artur, irritado, respondeu:

— Sabe por que estou aqui, preciso da sua ajuda. Meu bagulho terminou, preciso de mais.

— Estou feliz.

— Feliz? Por quê?

— Você já está usando o nome certo.

— O que isso tem a ver?

— É sinal de que já está se acostumando e que já não lhe causa mais medo. Veio ao lugar certo. Trouxe dinheiro?

— Não tenho dinheiro, e você sabe disso. É também por esse motivo que tenho medo dela, sim!

Rodrigo, com aquela fala mansa, disse:

— É... Você tem razão... Sem dinheiro não tem bagulho. Sabe que sem dinheiro Jiló não vai dar...

— O que vou fazer? Onde vou arranjar dinheiro? Dê-me um hoje e amanhã na escola lhe dou o dinheiro do meu lanche.

— Sabe que o dinheiro do lanche é pouco. Dei-lhe em troca porque você estava desesperado, mas estou tendo prejuízo. Não posso continuar porque quem vai ficar sem sou eu...

Artur falou quase chorando:

— Você precisa me ajudar...

— Não tem jeito, não, trate de arranjar dinheiro.

— Não sei onde, nem como...

— Na sua casa deve ter alguma coisa que valha dinheiro.

— Não tem nada...

— Claro que tem. Rádio, televisão, qualquer coisa.

— Como vou tirar algo assim da minha casa? Meus pais notariam a falta...

Rodrigo soltou uma gargalhada, dizendo:

— Não sei, tem que se virar, afinal, você não é quadrado. Se vira, meu! Sinto muito, mas não posso ajudar.

Artur percebeu que não adiantava insistir. Ele não o ajudaria. Com a cabeça baixa, saiu dali, voltou para casa. Já estava muito mal, sabia que não conseguiria se controlar. Entrou e foi direto para o seu quarto. Iracema percebeu quando ele chegou.

No quarto, ele se deitou sobre a cama. Ficou olhando para o teto. Precisava encontrar um modo de arranjar o dinheiro:

"Não sei como farei. Quem sabe, se eu falar com minha mãe ou com Iracema, elas possam me ajudar. Ou com o meu pai... Não, com ele não! Eu jamais teria coragem de falar com ele! Sei que sempre teve muita expectativa a meu respeito. Sempre esperou que eu fosse um bom profissional, não posso lhe dar esse desgosto. Mas, o que vou fazer?"

Levantou-se foi em direção ao banheiro. Estava com as mãos trêmulas e suando. Quando ia entrar no banheiro, olhou para a estante de livros que se encontrava encostada em uma parede do quarto. Ficou olhando para uma fotografia onde estavam ele, seus pais e Leandro. Estavam sorrindo. Lembrou-se que aquela foto fora tirada no casamento de sua tia, e que seus

pais foram os padrinhos. Estavam todos muito bem-vestidos. Olhou para o rosto de sua mãe, ela sorria. Seus olhos pararam em um colar que ela usava. Lembrou-se do dia em que seu pai lhe dera de presente. Enquanto o colocava em seu pescoço, dissera:

"— Hoje estamos fazendo dez anos de casados. Estou lhe dando este colar para agradecer por todos estes anos de felicidade e pelos dois filhos maravilhosos que me deu."

Artur, enquanto pensava, lembrava-se daquele dia e da felicidade que sua mãe sentira. Lembrou-se do que seu pai dissera:

"— Olhe, este colar é muito caro, mas não paga nem a metade de toda a felicidade que você me proporcionou. Por isso, quero que o use sempre."

Ela o abraçara e, beijando-o, dissera:

"— Muito obrigada, ele é lindo mesmo, mas se lhe proporcionei tanta felicidade, só posso dizer que você também só me fez feliz. Você é um ótimo pai e um marido melhor ainda. Eu o amo muito."

"— Está bem. Então, a partir de agora, vai usá-lo todos os dias."

Ela começara a rir:

"— Está louco! Este colar é valioso, precisa ser usado com roupa adequada. Vou guardá-lo muito bem e só o usarei em ocasiões especiais."

"— Não o comprei para que fique guardado, quero que o use!"

"— Você não tem mesmo noção do que seja moda. Acredita que eu possa usar uma jóia como esta pra dar aula na periferia?"

Ele ficara calado, olhando para o colar, depois dissera:

"— Você tem razão. Mas adorei esse colar. Assim que o vi no joalheiro, achei que tinha a sua cara. Você não gostou?"

"— Claro que gostei! Ele é lindo! Só não posso usá-lo todos os dias. Fique tranqüilo, vou guardá-lo muito bem e o usarei em todas as oportunidades."

Artur sorriu ao se lembrar daquele dia e de como seu pai ficara triste. Lembrou-se que sua mãe guardara o colar em um pequeno porta-jóias que ela tinha em uma gaveta. Uma idéia passou por sua cabeça:

"O colar deve ainda estar lá. Mamãe só o usou algumas vezes. Posso pegá-lo e levá-lo para Jiló. Deixarei com ele até conseguir dinheiro para pegá-lo de volta. Mamãe não vai desconfiar. Assim que conseguir dinheiro o trarei de volta. Será que vou conseguir dinheiro para recuperá-lo? Claro que vou! Ou melhor, vou largar a maconha. Esta vai ser a ultima vez."

Foi em direção ao quarto de sua mãe, abriu a gaveta e sorriu ao ver o porta-jóias e, dentro dele, o colar.

"Está aqui, vou levá-lo agora mesmo a Rodrigo e juntos iremos ate Jiló."

Foi o que fez. Pegou a caixinha, abriu-a, tirou o colar e colocou-o no bolso. Saiu.

Iracema estava na lavanderia, não percebeu quando ele saiu. Pensava que ele estava no quarto.

Artur chegou novamente em frente à casa de Rodrigo e tocou a campainha. Novamente Rodrigo apareceu na janela do andar superior:

— Olá, Artur. Voltou? Conseguiu o dinheiro?

Artur, ansioso e nervoso, respondeu:

— Consegui! Venha logo! Precisamos ir depressa, tenho que voltar antes da hora do jantar!

Rodrigo sorriu e fechou a janela. Logo depois estava abrindo a porta e saindo por ela. Os dois se dirigiram à favela onde Jiló morava. Durante o caminho, Rodrigo perguntou:

— Onde conseguiu o dinheiro?

— Não tenho dinheiro, mas peguei uma jóia da minha mãe que vale muito. Só que não vou vendê-la. Vou deixá-la com Jiló, mas assim que conseguir o dinheiro vou buscá-la de volta. Preciso devolvê-la ao seu lugar antes que minha mãe sinta falta dela.

Rodrigo não disse nada, apenas sorriu.

Chegaram à favela e ao barraco onde Jiló morava. Ele estava do lado de fora e, ao vê-los, sorriu:

— Novamente vocês dois por aqui? Vieram buscar mais um pouco de bagulho?

Foi Rodrigo quem respondeu:

— Isso mesmo. Artur está precisando e eu também. Ele trouxe uma jóia para que você lhe dê um pouco de bagulho.

Artur, tremendo, tirou o colar do bolso e deu-o para Jiló, que arregalou os olhos:

— Puxa! Isto aqui é jóia mesmo?

— Claro que é! Vale muito! Meu pai o comprou em um joalheiro. Só que não quero que você se desfaça dele por um tempo. Vou conseguir dinheiro e o quero de volta. Preciso colocá-lo novamente no lugar de onde tirei.

— Espere aí! Não faço esse tipo de acordo. Como acha que consigo a maconha? Preciso de dinheiro! Não posso ficar com o colar guardado!

— Esse colar não pode sumir pra sempre! Você tem que me dar um prazo para arrumar o dinheiro.

Jiló olhou para ele e para o colar. Disse:

— Está bem, vou guardá-lo por uma semana. Se não conseguir o dinheiro, vou passá-lo pra frente.

Artur estava completamente descontrolado, sentia que precisava fumar o cigarro naquele momento. Já não raciocinava direito. Disse:

— Está bem, em uma semana vou trazer o dinheiro. Quanto vai me dar por ele?

Jiló pensou por algum tempo. Disse:

— Vai poder levar uns oitenta bagulhos.

— Só isso?

— Estou dando muito! Não gosto de fazer esse tipo de negócio! Prefiro receber em dinheiro! Estou fazendo isso porque você é meu amigo e está precisando.

Artur não pensou muito:

— Está bem, aceito. Mas virei pegá-lo antes de uma semana.

Jiló entrou no barraco e saiu trazendo uma porção de cigarros já prontos. Contou alguns e deu para Artur. Ali mesmo ele acendeu e fumou.

Quando terminou, olhou para os dois, que acompanharam o desespero com que ele fumara. Disse:

— Agora tenho que ir embora. Você me prometeu que não vai se desfazer do colar.

— Prometi e vou cumprir. Mas, se não trouxer o dinheiro, vou ser obrigado.

— Está bem, eu voltarei.

Estavam saindo quando Rodrigo disse:

— Espere aí, Artur, quanto vou levar nessa?

— Como levar?

— Trouxe você até aqui. Também estou precisando e não tenho dinheiro.

— Que quer que eu faça? Tem que arrumar o seu próprio dinheiro! Não vou lhe dar você nunca me deu!

Rodrigo olhou para Jiló, que disse:

— Ei! Espere aí, Rodrigo é meu funcionário. Se você não der dez por cento a ele não vai ter nunca mais.

Artur, irritado, disse:

— Seu funcionário? Então é isso, ele encontra clientes pra você?

— Isso mesmo, e você pode fazer o mesmo!

— Quer que eu consiga outro alguém para ficar da maneira como estou?

— Qual é o problema? Seria um modo de ter sempre bagulho!

— Nunca! Nunca vou fazer isso! Só eu sei o inferno que estou passando, não vou me tornar um traficante!

— Você é quem sabe. Quando quiser, é só falar comigo.

— Isso nunca vai acontecer! Não quero que outro passe por tudo o que estou passando! Eu também vou conseguir sair dessa!

— Vai sair? Ah, ah, ah! Não vai sair! Sabe por quê? Porque você gosta! Sabe que esses bagulhos lhe fazem bem!

— Isso não é verdade! Estou desesperado! Não sei como sair!

— Está dizendo que não lhe faz bem?

Artur ficou pensando por alguns segundos, depois disse:

— Não posso negar que quando estou sob o efeito do bagulho me sinto muito bem, mas em seguida sinto que estou ficando cada vez mais viciado. Isso me dá medo...

— Medo do quê?

— De não ter dinheiro para sustentar meu vício! Jiló começou a rir com mais força. Disse:

— Dinheiro? Ora, isso você sempre arrumará?

— Não sei, não...

— Pode ter certeza que de uma maneira ou outra arrumará o dinheiro!

— Não sei... Não sei...

— Agora está bem, tem muito bagulho e por um bom tempo estará tranqüilo.

— Sei disso. Agora vou embora, preciso andar um pouco e pensar em uma maneira de recuperar o colar da minha mãe...

— Faça isso, faça isso.

Rodrigo disse:

— Vou com você. Também estou com vontade de andar.

Vamos?

Os dois saíram andando. Caminharam pelos corredores estreitos da favela. Artur estava feliz, ria muito. Já na rua, os dois começaram a correr. Sentiam vontade de fazer coisas que sem o cigarro não teriam coragem. Rodrigo mexia com as pessoas. Artur, aos poucos, começou a imitá-lo.

Ele se esqueceu do colar e da mãe. De repente, parou e começou a chorar.

Rodrigo, que estava correndo mais à frente, parou. Voltou-se dizendo:

— O que aconteceu? Por que parou de repente?

— Estou pensando no que fiz. Se minha mãe sentir falta do colar, que vou fazer?

— Você disse que ela quase não usa. Como vai sentir falta?

— Ela só usa em ocasiões especiais. Não sei quando vai ser a próxima. E se for agora?

— Ora, deixe isso pra lá, não vai ser agora. E se acontecer, você dará um jeito e o pegará de volta. Por enquanto, vamos viver a vida!

Artur começou a rir novamente. Os dois continuaram andando, correndo e mexendo com as pessoas.

Ficaram assim por muito tempo. Escureceu não se deram conta. Depois de andarem muito, fazerem coisas nunca antes pensadas, Artur percebeu que estava escuro:

— Nossa já está escuro! Que horas serão? Rodrigo, rindo muito, respondeu:

— Não sei! Não tenho relógio, o meu dei pro Jiló.

— Preciso ir pra casa. Vou agora mesmo, mas onde estamos?

Não sei que lugar é este...

— Também não sei, mas vamos encontrar o caminho.

Resolveram seguir por uma rua. Andaram muito até encontrarem uma rua conhecida e que era perto de suas casas. Seguiram por ela. Chegaram finalmente à rua em que Artur morava. Diante do portão, ele disse:

— Vou entrar, só não sei o que vou dizer.

— Diga que ficou estudando em minha casa, peça pra eles telefonarem, eu confirmo.

— Está bem.

Ainda rindo, entrou.

Assim que abriu a porta, sua mãe correu. Abraçou-o, dizendo:

— Artur! Que bom que chegou! Estava começando a me desesperar. Já são quase dez horas! O que aconteceu? Foi assaltado novamente?

Por trás do ombro da mãe, viu o pai que o olhava. Percebeu que ele não estava bravo, mas preocupado. Soltou-se dos braços da mãe e disse:

— Não, mamãe, não fui assaltado, só estava na casa de Rodrigo estudando.

— Até agora?

— Sim.

— Por que não telefonou? Não sabia que ficaríamos preocupados?

— Desculpe, e que estávamos tão entretidos no estudo que nem percebemos o tempo passar.

Álvaro se aproximou, tinha o rosto crispado.

— Como pôde fazer isso? Não tem responsabilidade? Não imaginou que ficaríamos preocupados, ainda mais depois do assalto?

Artur baixou a cabeça:

— Desculpem, realmente não percebi o tempo passar. Mas não estava fazendo nada de errado! Só estava estudando!

Começou a chorar. Sua mãe voltou a abraçá-lo, dizendo:

— Está bem, já passou, o importante é que está aqui e bem. Nunca mais faça isso. Da próxima vez, telefone. Venha jantar, deve estar com fome.

Iracema entrou na sala. Ficou olhando sem saber o que dizer. Artur, tremendo muito, disse:

— Não estou com fome, comi um lanche na casa de Rodrigo.

Quero ir para o meu quarto, posso?

Os três se entreolharam. Odete, com a cabeça, disse sim. Artur correu para a escada que levava ao seu quarto.

Odete, olhando para Álvaro e Iracema, disse:

— Que estará acontecendo com esse menino?

Iracema pensou em contar o que estava suspeitando, mas não teve coragem. Percebeu que os patrões estavam muito preocupados. Não disse nada. Assim como ela, os pais se calaram, cada um preso em seu pensamento.

No quarto, Artur, sobre a cama, chorava.

“Mais uma vez eu menti”... Até quando isso vai durar?

Seu corpo tremia, estava suando muito, a cabeça doía e sentia enjôo. Sua cabeça estava confusa, não conseguia pensar com clareza.

Naquela noite, pela primeira vez em sua vida, adormeceu sem tomar banho.

Durante a noite acordou, pegou outro bagulho e foi para fora fumar. Na manhã seguinte, quando sua mãe foi acordá-lo, já estava desperto. Ela se admirou, mas não disse nada. Ele se levantou, tomou banho e foi para a escola. Levou com ele um cigarro, sabia que na hora do intervalo sentiria vontade.

O tempo passou, ele estava bem, pois tinha cigarros. Estava tão bem que se esqueceu do colar.

Após quinze dias, estavam jantando quando Álvaro disse:

— Odete, fomos convidados para padrinhos de casamento de Odair.

Ela sorriu:

— Verdade? Quando vai ser?

— No mês que vem. Ele e a noiva fazem questão que aceitemos o que acha?

— Vou adorar! Sabe que gosto muito de Odair e Lúcia. Sinto que serão felizes!

— Também sinto isso. Vou confirmar com ele.

— Preciso pensar no vestido que usarei!

— Não se esqueça de usar o colar.

— Claro que não! Por acaso acredita que vou deixar passar essa oportunidade?

Ao ouvir aquilo, Artur estremeceu. Lembrou-se do colar e do prazo que havia dado a Jiló. Lembrou-se também que o prazo havia passado. Entrou em pânico. Com muito custo, terminou o jantar. Em seguida foi para o seu quarto. Dessa vez os pais não estranharam, já estavam acostumados com ele sempre em seu quarto. Ele dizia que precisava estudar.

Em seu quarto, Artur estava desesperado:

"Que vou fazer? Minha mãe vai descobrir que o colar não está mais na caixinha! Vai querer saber o que foi feito dele. Que vou dizer? Preciso recuperá-lo, mas como? Será que Jiló já o passou pra frente? Amanhã vou até a favela falar com ele. Vou pedir que o devolva, vou contar o que está acontecendo, ele vai entender...".

Não conseguiu dormir direito. Acordava a toda hora. Olhava para a janela, esperando o dia clarear. Já havia planejado:

"Quando meu pai me deixar na frente da escola, não vou entrar, vou para a favela falar com Jiló. Pego o colar e volto antes da aula terminar. Meu pai não vai desconfiar de nada."

Foi exatamente o que fez. Após se despedir do pai, atravessou a rua. Seu pai foi embora, ele se voltou e foi em direção à favela.

Ali chegando, foi até o barraco de Jiló, que estava dormindo. Acordou com as batidas de Artur em sua porta.

Limpando os olhos, abriu a porta. Viu Artur:

— O que está fazendo aqui? Há esta hora?

Artur, muito nervoso, respondeu:

— Preciso pegar de volta o colar da minha mãe, ela vai usar em um casamento.

— Que está dizendo? Precisa pegar o quê?

— O colar da minha mãe!

Jiló pensou um pouco. Depois de algum tempo, disse:

— Ah, sim... O colar... Estou me lembrando dele...

— Ainda está com você?

— Está, ou deve estar aí em qualquer lugar...

— Ainda bem, preciso colocá-lo de volta.

— Tudo bem, vou ver se o encontro. Espere aí mesmo onde está.

Entrou em casa. Artur, muito nervoso, ficou do lado de fora. Após alguns minutos, Jiló regressou com o colar na mão. Sorrindo, disse:

— Está aqui.

— Ainda bem. Pode me entregar?

Com a voz mansa, bem devagar, Jiló disse:

— Sim... Desde que me pague...

— Pagar! Como?

— Não sei... A única coisa que sei é que sem dinheiro não vai levar...

— Você não pode fazer isso! Preciso dele!

— Claro que posso você me deu em troca do bagulho...

— Não tenho dinheiro!

— Então... Não tem o colar...

— Por favor! Depois da festa eu o trago de volta! Jiló começou a rir:

— Vai trazer de volta? Está dizendo que vai trazer volta?

— Vou sim, mas, por favor, deixe-me colocá-lo no lugar de onde o tirei! Confie na minha palavra!

— Você pensa que estou louco? Acha que vou acreditar na palavra de um maconheiro?

— Não sou um maconheiro! Tenho palavra!

— Para mim, a palavra é dinheiro. Se trouxer o dinheiro, vai levar o colar, se não, não. Agora, por favor, vá embora, preciso voltar para a cama, estou com sono.

Entrou no barraco e fechou a porta.

Artur, desesperado, ficou ali parado por um longo tempo. Não sabia o que fazer. Tirou um bagulho do bolso, acendeu, fumou...

Logo a maconha começou a fazer efeito e ele a sentir-se bem. Já não estava tão preocupado. Pensou:

"Vou embora. Antes que minha mãe sinta falta do colar, eu encontrarei uma solução."

Voltou para a escola. Chegou alguns minutos antes do pai. Assim que o pai chegou, entrou no carro e os dois seguiram para casa.

Durante o caminho, Artur seguiu calado. Seu pai percebeu, mas pensou:

"Deve mesmo estar apaixonado, isso vai passar."

Artur, por sua vez, pensava:

"A melhor coisa que tenho a fazer é contar tudo para minha mãe. Ela entenderá."

Em casa, almoçou normalmente. Após o almoço, dirigiu-se até sua mãe:

— Mamãe, preciso conversar com a senhora.

— Está bem, o que é?

— É uma coisa muito complicada.

Ela, pensando que ele ia contar que estava apaixonado, sorriu enquanto dizia:

— Tenho que ir para a escola, deixe essa conversa para a noite. Quero que tenha todo o tempo que precisar para me contar tudo. Acredito que essa conversa não pode ser rápida.

Ele se assustou:

— A senhora sabe de alguma coisa?

— Não, mas estou desconfiada, porém não acredito que seja tão grave assim. Fique tranqüilo. Agora preciso me vestir e vestir Leandro. À noite conversaremos e me contará tudo, está bem?

Assustado e preocupado, disse:

— Está bem, sei que vai me ajudar...

— Pode ter certeza que sim. Não se esqueça de ir para a aula de computação.

— Não me esquecerei.

Ambos foram para seus quartos.

Artur entrou. Olhou mais uma vez para o espelho.

"Ela sabe de tudo ou está desconfiada. Talvez seja o melhor. Jiló disse que sou um viciado, acredito que seja mesmo, ou que esteja ficando."

Deitou-se na cama com os olhos presos no teto. Tremia, suava e sentia dor na cabeça, além do mal-estar no estômago. Escutou um grito, assustou-se e saiu correndo. O grito vinha do quarto de sua mãe. Entrou rápido. Álvaro estava na parte de baixo da casa, assim como Iracema. Os dois, assustados, subiram a escada. Ao entrarem no quarto, viram Odete com a caixinha na mão. Álvaro, assustado, perguntou:

— O que aconteceu? Por que gritou?

— Meu colar! Meu colar sumiu!

— Como sumiu?

— Não está aqui na caixinha!

— Deve estar em outro lugar. Não precisava ter gritado tanto, assustou a todos nós.

— Desculpe, mas eu também me assustei. Preciso ir para a escola. Iracema, por favor, procure o colar. Devo ter colocado em outro lugar.

— Num credito, dona Dete, pois ele sempre teve aí. Mais mesmo assim, vô procura.

Artur, assustado, assistiu a tudo calado. Estava tão apavorado que não conseguia dizer uma palavra.

Pensou em contar tudo, aquele era o momento, mas seus pais estavam muito nervosos. Com medo da reação deles, foi para o seu quarto. Aquele era o único lugar em que se sentia protegido. Tremia, suava e sua cabeça parecia que ia explodir. Pensava em uma maneira de contar o que fizera com o colar.

Os pais saíram, ele saiu do quarto, foi em direção à cozinha. Ia contar para Iracema, ela saberia como falar com seus pais. Ela não estava na cozinha. Ele subiu a escada, foi em direção ao quarto de sua mãe. Iracema estava ali tirando tudo o que havia dentro de uma gaveta e jogando sobre a cama. Ele se aproximou. Ela, percebendo sua presença, disse:

— Artur, tá precisando de alguma coisa?.

Ele ficou olhando. Quis contar, mas não teve coragem. Apenas disse:

— Não, não quero nada...

— Inda bem, pois vou revira este quarto, preciso encontra o colar da sua mãe.

Calado, ele saiu. Foi para a rua e ficou andando sem destino. Pensava em uma maneira, mas não encontrava. Chegou à praça, sentou-se e acendeu mais um cigarro de maconha.

Quando o efeito da maconha começou a se fazer sentir, começou a rir:

"Não sei por que tanto medo. Meus pais entenderão. Eles me ajudarão! Sempre foram bons e compreensivos. Iracema também me ajudará. À noite vou contar tudo."

Continuou andando. Esqueceu-se de ir para a aula de computação. Estava escurecendo quando resolveu voltar. Estava firme em seu propósito de contar tudo. O carro de seu pai estava na garagem. Ele se admirou:

"Meu pai já está em casa? Chegou mais cedo!" Entrou. Na sala estavam os pais e Iracema. Álvaro estava furioso. Artur ficou calado, com muito medo. Achou que haviam descoberto tudo, mas mesmo assim se aproximou. Álvaro, raivoso, dizia:

— Iracema! Você vem me dizer com essa cara que não encontrou o colar?

— E isso memo dotô, procurei em todos os cantos e num encontrei. Todas as otra jóia tão aqui, mais o colar num tá não.

— Como não encontrou? Onde está?

— Num sei, dotô...

— Não sabe? Não sabe? Tem que saber! Você é a única pessoa estranha aqui dentro de casa! Você roubou o colar?

Iracema começou a chorar:

— Não dotô... Não fiz isso...

— Pare de chorar! Se não foi você, quem foi? Eu, Odete ou um dos meninos?

— Num sei, dotô, só sei que num fui eu...

— Só pode ter sido você.

— Num fui não... Num fiz isso... Não fiz...

— Vou dar parte na delegacia, vai ter que falar com o delegado! Ele vai saber como fazer você contar a verdade!

— Pur favô, doto, num faiz isso... Nunca entrei numa delegacia... Trabaio há tanto tempo aqui, nunca tirei nada, num sô ladrona...

— Pode parar de chorar! Não acredito no que está dizendo! Vamos para a delegacia!

— Não dotô... Pur favô...

Ela estava desesperada, chorava com mais intensidade. Olhou para Artur que, calado, assistia. Ele quis dizer alguma coisa, mas de sua garganta não saiu uma palavra. Leandro, chorando, disse:

— Papai! Não foi ela! Ela não faria isso! Gosta muito da gente!

— Gosta da gente? Estava aqui só nos roubando! Vai saber quantas outras coisas nos roubou sem que nos déssemos conta! Do lugar onde mora só podia sair isso! Ali só pode haver pessoas de mau caráter. Vamos!

Álvaro, aos trancos e empurrando Iracema, saiu de casa. Artur também chorava. Lágrimas caíam de seus olhos, mas não teve coragem de contar. Sua mãe também chorava:

— Não posso acreditar que ela tenha feito isso, mas ao mesmo tempo, quem teria feito? Ela é a única pessoa de fora da família, e sabemos que tem uma vida muito pobre.

Leandro disse:

— Mamãe... Não foi ela, não foi...

Artur não disse nada. Embora estivesse triste, estava também se sentindo bem. Por aquela vez havia escapado. Foi para o seu quarto.

Algumas horas depois Álvaro voltou sozinho. Ainda muito nervoso, entrou em casa. Tirou a gravata e o paletó e jogou-os sobre o sofá. Artur, de seu quarto, ouviu o barulho do carro e

desceu para saber o que havia acontecido. Na sala, Álvaro estava rodeado por Odete e Leandro. Ela perguntou:

— O que aconteceu? Ela confessou? Quase gritando, ele disse:

— Não! Ficou o tempo todo dizendo que não foi ela.

— O que o delegado disse?

— Que eu não conseguiria provar que havia sido ela, a não ser que encontrasse o colar em seu poder. Eu disse que não podia fazer isso, pois não sabia há quanto tempo ela o havia roubado. Ele disse que não podia fazer nada. Fiquei com muita raiva e saí logo dali.

— E ela?

— Não sei, deixei-a lá.

— Deu-lhe algum dinheiro para a condução?

— Claro que não!

— Ela mora longe! Como vai para casa?

— Não sei e não quero saber! Ela que se arranje! Telefone para alguém! Aliás, amanhã mesmo vou despedir seu filho! Não quero o filho de uma ladra trabalhando em meu escritório, sabe-se lá do que será capaz. Deve ser outro ladrão!

Odete quis dizer alguma coisa em favor do rapaz, mas sabia que o marido tinha razão:

"Se Iracema teve coragem de roubar o meu colar, com certeza o filho também roubaria."

Artur permaneceu calado. Após ouvir tudo, voltou para o seu quarto e deitou-se chorando na cama.

Durante a noite levantou-se, pegou um cigarro, foi para fora e fumou. De seu pensamento não saía a imagem de Iracema chorando. Ele bem que tentara, mas não conseguira dizer a verdade. Já sob o efeito da droga, pensou:

"Sinto muito por Iracema, mas foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Ela vai chorar um pouco, mas logo passará. Irá embora, arrumará outro trabalho e recomeçará sua vida. Eu vou deixar de fumar. Vou também recomeçar minha vida. Esta foi à última vez que passei por um apuro. Sei que não posso continuar assim, preciso mudar. Não fumarei mais. Tenho só mais alguns bagulhos, e serão os últimos."

Começou a sentir-se muito bem, a droga dava-lhe um bem-estar incalculável. Com ela sabia que poderia fazer tudo o que quisesse. Aos poucos se esqueceu de Iracema e daquilo que lhe havia feito.

Saiu para a rua. Era noite, mas a lua estava clara. Andou muito. Estava amanhecendo quando voltou para casa. Deitou-se e adormeceu.

Na hora de sempre, sua mãe foi acordá-lo. Chamou-o por várias vezes, mas ele não acordou. Ela não entendia o que estava se passando. Sacudiu-o:

— Artur, acorde!

Ele, com dificuldade, abriu os olhos. Viu o rosto ansioso de sua mãe, sorriu, virou-se para o outro lado e voltou a dormir. Ela continuou a sacudi-lo, até que finalmente ele despertou. Sorriu:

— Está bem, mamãe, vou levantar.

— Até que enfim! O que aconteceu? Não dormiu bem?

— Não, esta noite foi muito difícil.

— Sei disso. Também não consegui dormir. Não consigo acreditar que Iracema tenha feito aquilo. O que acha? Você acredita?

Ele olhou para ela, notou sua tristeza, sentiu novamente que aquela era a hora de contar. Mas, como das outras vezes, respondeu:

— Não sei o que dizer. Também me custa acreditar, mas parece que foi ela mesma.

— Não sei... Ela esteve do nosso lado tanto tempo... Foi sempre muito dedicada... Se fez isso, foi por um motivo maior.

Ele, com os olhos perdidos, lembrando-se de Rodrigo, Jiló e do colar, disse:

— Não sei o que dizer... Não sei...

— Está bem, agora levante, seu pai está tomando café.

Ela saiu do quarto, ele se levantou e foi até o banheiro. Olhou-se no espelho. Viu um rosto que para ele estava se tornando desconhecido. Os olhos vermelhos, e as olheiras profundas. Desesperado, disse:

"O que estou fazendo? Preciso contar! Tenho que inocentar Iracema! Ela não merece o que está lhe acontecendo. Já sei, vou descer e agora mesmo contar tudo para meus pais. Eles entenderão e me ajudarão."

Vestiu-se rapidamente e desceu. Seus pais e Leandro estavam sentados tomando café. Ele olhou para a cozinha, sabia que Iracema não estava lá. Ao vê-lo, seu pai disse:

— Novamente estamos atrasados, vou ter que lhe dar dinheiro para que possa comer na cantina. Vamos?

Ele, em silêncio, acompanhou o pai. Estava deprimido, distante, tendo em sua mente a imagem de Iracema chorando.

Durante todo o caminho seguiu calado. Álvaro percebeu, mas ele também não estava com vontade de conversar. Ele também, apesar de tudo, estava triste. Ele também gostava de Iracema, mas havia resolvido:

"Assim que chegar ao escritório vou despedir seu filho. Não quero o filho de uma ladra trabalhando comigo."

Artur entrou na escola, Álvaro seguiu para o escritório. Estava decidido, despediria o filho de Iracema. Mas, ao chegar, notou que ele não estava lá.

O dia foi passando. Eram três horas da tarde quando Jarbas chegou. Bateu à porta de Álvaro. Entrou:

— Boa tarde, doutor!

Ao vê-lo, Álvaro admirou-se. Raivoso, disse:

— Boa tarde? Como tem coragem de vir até aqui?

— Não sei o que se passou em sua casa, mas tenho certeza que minha mãe não fez nada.

— Não fez nada? Quem você acha que roubou o colar?

— Não sei, mas minha mãe não roubou nada!

— Pois eu tenho certeza que foi ela. E, a propósito, não o quero mais aqui. Pode pegar suas coisas e ir embora agora mesmo!

Jarbas olhou desesperado.

— O senhor não pode fazer isso! Minha mãe não roubou nada!

Álvaro gritou:

— Não posso? Claro que posso! Antes que me pergunte, não vou mais pagar sua faculdade. Terá que arrumar outro para pagar, eu não o farei mais. Pode sair, não temos mais nada para conversar. Já perdi muito tempo.

Jarbas ia dizer mais alguma coisa, mas percebeu que seria inútil. Olhando bem nos olhos de Álvaro, disse:

— O senhor está cometendo uma injustiça muito grande.

— Já disse para ir embora!

— O senhor está cometendo um grande erro, tenho certeza que vai se arrepender. Teve coragem de deixar minha mãe

sozinha, sem se preocupar que era noite. Ela não dormiu a noite toda, está doente de tristeza.

— Não me interessa o que aconteceu ou o que está pensando, saia, por favor!

Jarbas saiu. Não conseguiu conter o ódio que sentia naquele momento. Tinha certeza que jamais o perdoaria e que na primeira oportunidade se vingaria.

Álvaro, embora raivoso, voltou ao trabalho.

Artur, assim que chegou à escola, viu Rodrigo, que como sempre conversava com as mesmas pessoas. Ele já sabia que eram clientes de Rodrigo, e como ele, deveriam estar passando pelos mesmos problemas. Tentou evitar que ele o visse. Conseguiu. Entrou rapidamente na sala de aula, mas assim que a aula terminou, Rodrigo se aproximou:

— Olá, Artur, como está? Artur, irritado, respondeu:

— Não estou nada bem!

— Por quê? O seu bagulho acabou?

— Não, tenho alguns ainda. O motivo é outro.

— Quer me contar? O que aconteceu? Alguém descobriu?

Quem foi? Sua mãe? Seu pai?

— Não é nada disso! Ninguém descobriu!

— Ainda bem, fiquei preocupado...

— Não, ninguém descobriu.

— Na hora do intervalo você não quer ir até a praça? Pela sua cara estou percebendo que está precisando.

— Não vou! Nem hoje nem nunca mais! Parei por aqui! Rodrigo, com a ironia de sempre, disse:

— Está bem, se é assim que quer, assim será.

Artur se afastou, queria ficar longe dele. Voltou para a sala de aula. No íntimo estava feliz por ter feito aquilo, sabia que precisava ficar longe dele.

No meio da segunda aula começou a sentir os sintomas conhecidos. Ficou novamente apavorado, sabia que a tendência seria piorar e que logo mais não conseguiria se controlar. Encontrou dificuldade em assimilar o que o professor dizia. Assim que a aula terminou, ele saiu, era a hora do intervalo. A maioria dos alunos se dirigiu à cantina. Artur os acompanhou. Passou por Mariana, mas não olhou para ela. Sua única preocupação era a vontade que sentia. Pensou um pouco e resolveu:

"Não tem jeito, nunca conseguirei me livrar, vou lá para fora."

Mudou a direção que estava seguindo e saiu para fora da escola. Foi em direção à praça. Ali chegando, acendeu um cigarro. Estava na metade dele quando Rodrigo chegou. Sentou-se ao seu lado, dizendo:

— Não conseguiu resistir?

— Não, mas estou determinado a parar, vou conseguir!  
Ainda mais agora, depois do que aconteceu.

— Não quer me contar? O que foi de tão grave?

Artur pensou:

"Talvez ele entenda e me ajude."

Contou tudo o que havia se passado. Quando terminou, estava chorando. Rodrigo, que até então estivera sentado ao seu lado, levantou-se e começou a rir:

— Por que está tão nervoso? Não percebeu como foi bom isso ter acontecido?

Artur olhou para ele sem conseguir entender o que ele estava dizendo. Ao ver a cara que Artur fazia, Rodrigo disse:

— Não percebeu que essa era a melhor coisa que poderia ter acontecido?

— Como assim?

— Com isso que aconteceu você se livrou de um enorme problema!

— Por que está dizendo isso?

— Com tudo isso, sua mãe vai esquecer do colar, e você não terá que arrumar dinheiro para recuperá-lo!

— Mas ela gostava muito dele!

— Seu pai tem dinheiro, comprará outro!

— E Iracema? Como estará? Ela perdeu o emprego...

— Não se preocupe com isso, ela é lá do interior, e esse povo já está acostumado com a pobreza. Logo ela encontrará um emprego novo.

— Não foi só o emprego que ela perdeu... Saiu como uma ladra! Meu pai a levou à delegacia!

— Esqueça disso! Lembre-se apenas que está livre!

Já totalmente sob o efeito da maconha, Artur começou a rir muito:

— Você tem razão! Eu estava tão preocupado! Agora tudo foi resolvido. Mas, mesmo assim, vou sair dessa!

Novamente, com aquele sorriso irônico, Rodrigo disse:

— Está bem, mas agora está na hora de voltarmos para a classe, a aula já deve estar começando.

— Sabe de uma coisa? Não tenho vontade alguma de voltar para a classe! Queria mesmo era sair correndo por aí, andar a esmo, sem rumo!

— Também gostaria de fazer isso, mas é melhor não. Vamos entrar.

Entraram na classe no momento em que o professor chegou. Artur tentou assimilar a aula, mas não conseguiu. Aquela sensação boa estava com ele. Não conseguia pensar em nada, a não ser nas nuvens coloridas que via.

As aulas terminaram. Os alunos saíram da escola. Artur fez o mesmo, foi para o lugar onde esperava o pai.

Naquele dia, Álvaro e Odete não conseguiram esquecer de Iracema e de tudo o que havia acontecido. Após ter despedido Jarbas, Álvaro tentara trabalhar, mas não conseguira. Sua cabeça doía. Embora tivesse sido rude com o rapaz, no fundo sentia pena, pois sabia que ele era esforçado. Antes da hora de costume, saiu do escritório e foi para casa.

Odete, com muito custo, deu sua aula. Ela também não estava bem. Chegou em casa acompanhada por Leandro que fez o caminho todo em silêncio. Ela estranhou ao ver o carro de Álvaro, pois ele chegava sempre depois dela. Entrou, ele estava recostado em uma poltrona com a sala semi-escura. Ela se aproximou e, beijando-o, disse:

— Chegou mais cedo hoje? Não está bem? Está doente?

— Não estou doente, só um pouco nervoso. Nervoso não, poderia dizer que estou triste.

— Sei... Também passei o dia todo assim. É muito difícil acreditar, não?

— Sim, ela sempre pareceu ser tão nossa amiga, cuidava muito bem da casa e era carinhosa com os meninos. Custou crer que tenha feito isso. Mas quem poderia ter sido?

— Estive pensando nos anos em que estive ao nosso lado. Nunca imaginei que ela pudesse um dia fazer uma coisa como essa... Como você, também estou triste.

— Os meninos, como estão?

— Artur não diz nada. Sabe, ele está naquela fase complicada por causa da idade. Já o Leandro só sabe dizer que ela não fez aquilo. Ele está muito triste e nos achando uns monstros. Veio da escola até aqui sem dizer uma palavra. Sabe o quanto ele é falante. Sinceramente, não sei o que fazer.

— Não havia outra solução, ela não poderia permanecer nesta casa. Despedi o filho dela.

— Fez isso? Mas ele não tem culpa!

— Quem pode nos garantir isso? Não quero ter contato nenhum com aquela família.

— Artur onde está?

— Quando cheguei, a casa estava silenciosa, subi ao quarto dele, dormia profundamente.

— Ele me disse que não dormiu bem a noite passada.

— E quem dormiu?

— Acredito que nenhum de nós. Bem, tenho que preparar o jantar.

— E mesmo! Ela não está mais aqui. Precisamos arrumar outra pessoa.

Odete arregalou os olhos. Disse decidida:

— Não! Não quero mais ninguém estranho aqui em casa!

— Como vai ser? Você precisa de alguém!

— Darei um jeito, só não quero ninguém...

— Você é quem sabe. Eu e os meninos poderemos ajudar.

Com ar de deboche, ela disse:

— Isso mesmo. Só de não deixarem suas coisas jogadas já estarão ajudando, e muito!

Ela foi para a cozinha. Leandro estava diante do televisor. Ele não queria conversar. Estava triste.

Após um tempo, Odete voltou para a sala:

— O jantar está pronto. Leandro vá chamar Artur.

Ele olhou para a mãe, não conseguia esconder o ressentimento que sentia. Em silêncio, levantou-se e foi em direção ao quarto de Artur. Ao entrar, estranhou, pois Artur estava deitado, com os olhos parados no teto, como se estivesse vendo alguma coisa. Ele se aproximou, dizendo:

— Artur! O que você tem?

Artur pareceu não ouvir. Continuou ali parado, olhando para o teto. Leandro tornou a perguntar, já mais alto:

— Artur! O que você tem? Está me assustando! Artur olhou para o irmão, respondendo:

— Estou vendo bolas coloridas, você não está?

Leandro olhou para o teto. Ficou olhando por um bom tempo, como se estivesse tentando ver algo. Disse:

— Não estou vendo nada! Você deve estar louco!

Artur voltou à realidade. Olhou para o irmão e percebeu que ele estava realmente assustado. Precisava fazer algo para remediar aquela situação. Pegou um travesseiro e jogou sobre ele, enquanto, rindo, dizia:

— Você é mesmo um bobo! Não estou vendo nada, só estava brincando.

Leandro, desviando-se do travesseiro, disse:

— Ainda bem, pensei que estivesse louco!

— Que quer aqui?

— O jantar está pronto, mamãe pediu que eu viesse acordá-lo.

— Eu não estava dormindo.

— Papai, quando chegou, veio até aqui e você estava dormindo.

— Ele chegou mais cedo?

— Chegou sim, parece que não está bem.

— O que ele tem?

— Está muito triste com tudo o que aconteceu com Iracema e principalmente com o filho dela.

— O que ele fez?

— Nada, mas papai o despediu do escritório.

Artur sentiu como se houvesse recebido uma flechada no coração. Com os olhos arregalados, disse:

— Ele não podia ter feito isso! O rapaz não tem culpa de nada!

— Por isso mesmo é que ele não está bem. Mas disse que se a mãe roubou com certeza o filho fará o mesmo.

Artur, com as mãos, enxugou uma lágrima. Disse:

— Ele não tem culpa de nada...

— Também acho, aliás, não consigo acreditar que Iracema tenha roubado nada. Você acredita que ela fez isso?

Artur demorou um pouco para responder. Ia contar a verdade, quando se lembrou das palavras de Rodrigo:

"—... eles vão interná-lo... Com tudo o que aconteceu, livrou-se de um enorme problema... sua mãe vai esquecer do colar... Seu pai tem dinheiro, comprará outro..."

Esses pensamentos passaram rapidamente. Parando de chorar, respondeu:

— Não sei... Não sei... Vamos descer? Estou com fome!

Leandro não ficou satisfeito com aquela resposta, mas sabia que nem todos pensavam como ele:

— Vamos sim. Também estou com fome.

Desceram. Ao chegar à sala, Artur viu o pai, que continuava recostado na poltrona. Aproximou-se dizendo:

— Olá, papai... Tudo bem?

Álvaro levantou os olhos. Sentou-se:

— Tudo bem. E você, como está?

Artur arregalou os olhos quando respondeu:

— Por que está perguntando isso?

Álvaro, estranhando aquela atitude, disse:

— É só um modo de falar. Agora, com a sua reação, estou preocupado. O que você tem? Está nervoso? Por quê?

Artur percebeu que havia exagerado:

— Não tenho nada, só estou nervoso com tudo o que aconteceu.

— Ah, é isso? Bem-vindo ao clube, hoje estamos todos nervosos. É difícil acreditar, mas aconteceu. Precisamos nos recuperar, vencer a tristeza e seguir nossas vidas. Vamos até a cozinha ajudar sua mãe com o jantar?

— Vamos sim...

Leandro, que acompanhara toda a conversa, seguiu com eles. Ao entrarem na cozinha, perceberam que Odete estava atrapalhada. Deixara uma colher cair. Artur abaixou-se para pegá-la. Ela, um pouco sem jeito, disse:

— Terão que ter paciência, sabem que não estou acostumada com esse tipo de trabalho.

Álvaro, rindo, disse:

— Isso eu sempre soube. Por isso disse que precisamos contratar alguém para ajudá-la.

— Já disse que não quero ninguém estranho aqui em casa. Se me ajudarem, aos poucos conseguiremos nos ajustar. Por enquanto, vamos jantar? Não sei qual é o sabor da comida, mas fiz o máximo para que ficasse boa.

— Deve estar. Vamos?

Os três levaram a comida. Colocaram sobre a mesa, sentaram-se e jantaram em silêncio. Após terminarem de comer, todos elogiaram a comida. Ninguém quis comentar que o arroz estava sem sal. Odete percebeu, mas como não disseram nada, ela também se calou.

Como faziam todas as noites, foram para a sala. Artur ficou ali por um tempo, em seguida foi para seu quarto. Estava começando a sentir os sintomas. Entrou e saiu várias vezes do banheiro. Ouviu quando sua mãe subiu acompanhada por Leandro. Deitou-se rápido, fingiu estar dormindo. Ao entrar no quarto, Odete, pensando que Artur estivesse dormindo, colocou o dedo sobre os lábios, pedindo que Leandro não falasse ou fizesse barulho. Ele balançou a cabeça, dizendo que havia entendido. Deitou-se na cama, ela o cobriu e beijou sua testa. Cobriu Artur e beijou-o também. Na ponta dos pés, saiu do quarto. Artur, embora com os olhos fechados, percebeu quando ela saiu. Esperou mais um pouco. Ao ver que todos estavam dormindo, pegou um cigarro e saiu. Foi para o lugar de sempre e fumou.

No dia seguinte, acordou, foi para a escola, fumou na hora do intervalo. Tudo igual à sempre. Aos poucos, as coisas foram voltando ao normal. Odete fez o possível para conseguir cuidar de tudo. O nome de Iracema deixou de ser pronunciado naquela casa”.

## NO MUNDO DO CRIME

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Artur estava cada vez mais envolvido. Sem a presença de Iracema ele tinha a tarde toda para fumar no quintal. Já não lutava mais contra. Aos poucos, começou a gostar da sensação que a maconha lhe proporcionava. Tinha momentos de alegria e outros de depressão. Os pais, acreditando que ele estava passando por uma idade difícil ou apaixonado, deixaram de se preocupar com suas mudanças de humor.

Dias depois, ao mexer no bolso do casaco para pegar um cigarro de maconha, Artur notou que só restavam dois. Isso aconteceu depois do almoço. Todos haviam saído, e ele novamente ficou apavorado:

"E agora? O que vou fazer? Não tenho mais dinheiro! Vou ligar para Rodrigo."

Pegou o telefone e ligou. No outro lado da linha, Rodrigo atendeu:

Com voz ofegante, Artur disse:

— Alô, Rodrigo! Preciso falar com você!

— O que aconteceu?

— Meus bagulhos terminaram, preciso de mais!

— Tem dinheiro?

Artur demorou um pouco para responder. Mentiu:

— Tenho!

— Está bem, venha até aqui, iremos juntos.

— Já estou indo.

Desligou. Sabia que havia mentido, mas fora necessário: "Se eu dissesse a verdade, ele não iria comigo. Até chegar lá, eu penso em um modo de conseguir bagulho".

Na rua, Artur saiu correndo em direção à casa de Rodrigo. Precisava ir e voltar o mais rápido possível. Quando seus pais chegassem, ele já deveria estar em casa. Quando chegou, Rodrigo já o estava esperando no portão. Com aquele sorriso irônico de sempre, disse:

— Chegou logo! Está mesmo com pressa!

— Claro que sim, preciso voltar logo. Vamos?

Juntos foram para a favela. Jiló estava sentado em um banco em frente ao seu barraco. Ao vê-los, sorriu:

— De novo aqui? Vieram buscar bagulho?

Rodrigo respondeu:

— Isso mesmo. Os de Artur terminaram e os meus também, precisamos de mais.

— Trouxeram dinheiro?

— Eu não tenho, mas Artur tem.

— Quanto você tem?

Havia chegado à hora. Artur, com a cabeça baixa, disse:

— Também não tenho, mas o colar que eu lhe dei valia muito mais dos que a maconha que você me deu.

— Está querendo dizer o quê?

— Que preciso de mais maconha, e que você me deu muito pouco pelo colar. Quero pedir que me dê mais um pouco, depois eu trarei o dinheiro...

Jiló começou a rir. Rodrigo ficou nervoso, pois ele também não tinha mais bagulho nem dinheiro.

— Oh, cara! Você ainda não aprendeu que sem dinheiro não tem bagulho?

— Sei, mas estou precisando!

— Já disse que o bagulho não cai do céu, eu também preciso pagar para poder fornecer.

Artur já estava desesperado. Disse quase chorando:

— Mas eu preciso!

— Se não tem dinheiro, traga alguma coisa da sua casa.

— Não posso mais fazer isso, não tem mais nada que eu possa trazer sem que a falta seja notada.

— Então não tem jeito. Sem pagamento não tem bagulho.

Rodrigo, muito nervoso, disse:

— Artur! Você mentiu?

— Se eu dissesse a verdade você não teria vindo.

— Não teria mesmo!

Rodrigo olhou para Jiló, que também olhava ora para um, ora para outro. Rodrigo, em tom de súplica, disse:

— Ele me enganou, mas estou precisando também...

— Tem dinheiro?

— Não, mas depois eu trago outro freguês!

— Já faz muito tempo que você não traz ninguém. O último foi esse aí. Já levou toda a sua porcentagem.

Rodrigo, quase chorando, disse:

— Estou tentando, mas não estou conseguindo. Logo mais trarei outro.

— Quando trouxer, lhe darei...

— Estou sem bagulho! Como vou ficar?

— Pode sempre voltar a fazer "aquilo"...

— Não, não posso! É muito perigoso!

— Perigoso nada! Quantas vezes já fez e não aconteceu nada? Artur se interessou pela conversa:

— Do que estão falando?

— Se Rodrigo quiser, ele conta. Talvez seja uma solução para você também.

Rodrigo tentou mais uma vez:

— Não tem mesmo outro jeito?

— Não, sem dinheiro não tem bagulho. Se eu fosse vocês, aproveitaria que estamos no começo do mês. Hoje é um bom dia para se fazer o "trabalho".

Artur se entusiasmou:

— Trabalho? Faço qualquer trabalho!

— Rodrigo, está vendo? Ele faz qualquer tipo de trabalho. Está na hora de ensinar.

Ele olhou para Artur. Disse:

— Não adianta, ele não vai ter coragem, é muito medroso!

— Leve-o com você e mostre como se faz. Depois vão para outro lugar e você o deixa fazer. Se conseguirem, podem voltar, terão o bagulho que precisam.

Rodrigo olhou mais uma vez para Artur. Disse:

— Vamos, vou mostrar como se faz.

Artur seguiu-o. Rodrigo, calado, caminhava. Tomaram um ônibus. Embora não soubesse o que ia fazer, Artur estava animado, era o que mais queria. Ter seu próprio dinheiro para comprar a sua maconha.

Desceram no centro de um bairro muito movimentado. Na rua principal existia muito comércio. As pessoas caminhavam de um lado para o outro. Rodrigo dirigiu-se até um banco, entrou, notou que havia muitas pessoas na fila do caixa. A fila era enorme. Prestou atenção em tudo. Levou Artur para um canto do banco e disse:

— Está vendo aquela senhora que está na fila?

— Qual?

— Aquela de casaco preto.

Artur olhou e logo identificou a senhora.

— Estou. Quem é ela?

— Não sei quem é ela. Você vai lá para fora, fica esperando que ela saia do banco. Eu sairei em seguida.

— Não estou entendendo.

— Não precisa entender, precisa só ficar esperto, e quando ela sair, veja para que lado ela vai. Siga-a de perto. Eu vou passar correndo, darei um empurrão para que ela caia. Assim que isso acontecer, você corre para ajudá-la a se levantar.

— Vai roubá-la?

Nervoso, Rodrigo respondeu:

— Não vou roubar! Vou arrumar o dinheiro que a gente precisa! Se quiser o bagulho, tem que fazer o que eu disse. Mas se não quiser, pode ir embora, farei sozinho!

Artur pensou um pouco, sabia que não poderia ficar sem a maconha. Aceitou com a cabeça. Saiu do banco e ficou ali até ver a senhora sair. Rodrigo saiu em seguida:

— Para onde ela foi?

— Naquela direção.

— Vamos atrás dela! Já sabe o que fazer.

— Estou com medo...

— Não quer o bagulho?

— Quero!

— Então faça o que eu disse.

A senhora caminhava devagar olhando as vitrines. Tinha sobre os ombros uma bolsa. Artur ficou mais ou menos a um metro atrás dela. Andava no mesmo passo que ela. Caminharam alguns metros, quando Artur viu Rodrigo passar correndo e

empurrar a senhora, que com um grito, caiu. Ele se aproximou e abaixou-se, dizendo:

— A senhora está bem?

Ela, assustada e surpresa, disse:

— Estou meu filho, mas e minha bolsa? Minha bolsa! Alguém levou!

Artur, tremendo muito, ajudou-a a se levantar. Ela gritava, as pessoas olhavam para os lados. Artur também, mas não viu nem a sombra de Rodrigo. Ele aproveitara enquanto ela estava caída e saía andando disfarçadamente. Ela, entre surpresa e assustada, chorava:

— Como vou fazer? Vim receber a minha aposentadoria! E agora? È todo o dinheiro que tenho para passar o mês...

As pessoas se aproximaram, tentavam consolá-la. Ela chorava, mas aos poucos as pessoas se afastaram. Artur ficou ali sem saber o que fazer ou dizer. Ela disse, chorando:

— Não tenho dinheiro nem para a condução, não sei como irei para casa. Meu filho, não teria ao menos esse dinheiro para me dar?

Artur não tinha. Mas uma senhora que estava por perto tinha e deu a ela, que chorando, agradeceu muito e foi embora.

Ele voltou a olhar para os lados procurando por Rodrigo. Sem saber o que fazer, ficou andando de um lado para o outro. Após uns dez minutos, Rodrigo se aproximou falando rápido:

— Vamos sair daqui, siga-me.

Artur o seguiu, tremia e não se conformava com o que haviam feito. Chegaram ao ponto de ônibus. Rodrigo estava muito nervoso:

— Tanto trabalho para quase nada!

— Onde está a bolsa dela?

— Tirei o dinheiro e joguei fora!

— Não devíamos ter feito isso. Era todo o dinheiro que ela tinha...

— Não se preocupe com isso! Ela deve ter filhos!

— E se não tiver?

— Isso não é da nossa conta. Agora precisamos ir para a favela, estou muito mal! Preciso do bagulho.

Artur seguiu-o calado, pois ele também estava precisando, e muito. Na favela, Jiló os recebeu com um sorriso:

— Voltaram logo. Conseguiram? Rodrigo respondeu mostrando o dinheiro:

— Sim, está aqui!

— Só isso?

— Era tudo o que tinha na bolsa!

— Isso aqui não vai dar pra comprar muito bagulho, não!

— Sei disso. Amanhã iremos para outro bairro, conseguiremos mais e voltaremos.

— Está bem, aqui estão alguns bagulhos.

Deu alguns cigarros para Rodrigo que, ofegante, acendeu e deu um para Artur.

Após terminarem, Rodrigo contou como havia sido.

— Está bem, mas sabem que precisarão de muito mais.

Artur não ouvia, via a imagem da mulher chorando. Ele também começou a chorar:

— Coitada da mulher... Só tinha aquele dinheiro para passar o mês...

Rodrigo disse raivoso:

— Pare de chorar! Parece uma menina! Chora à toa! Já disse que isso não é problema nosso!

— Como não, Rodrigo? Nós a roubamos!

— Sabe muito bem que não havia outra solução. Hoje você fez a parte mais fácil. Amanhã terá que dar o empurrão.

— Eu? Não conseguirei!

— Se não conseguir, não vou mais dividir!

Artur sabia que estava totalmente dominado pela maconha. Sabia também que teria que fazer aquilo. Rodrigo continuou:

— Já devia ter aprendido que é difícil só na primeira vez. Depois fica fácil.

— Está bem... Não tem outro jeito mesmo. Agora preciso ir para casa...

No dia seguinte, logo depois do almoço, Artur foi se encontrar com Rodrigo e, juntos, foram para outro bairro. Entraram no banco, escolheram a pessoa que seria assaltada. Artur deu o empurrão, Rodrigo a socorreu. Nesse dia tiveram mais sorte. A quantia era bem maior.

Artur percebeu que realmente era muito fácil. Como Rodrigo dissera: só foi difícil a primeira vez.

Daquele dia em diante, eles começaram a assaltar. Faziam isso no começo do mês, tinham assim quase toda a maconha de que precisavam.

O tempo foi passando. Artur estava tranqüilo em relação ao modo como conseguiria pagar a maconha. Em casa tudo caminhava. Odete não quis mais uma empregada. Com a ajuda deles, conseguia manter a casa. Aos sábados, a mãe de um de seus alunos ia e fazia uma faxina. Odete pedira que fosse aos sábados, pois estaria em casa e poderia vigiá-la. Mesmo assim, as jóias, o dinheiro e os objetos de valor foram colocados em um cofre.

Artur continuava saindo à noite para fumar no quintal. A presença de Leandro dormindo ao seu lado o incomodava. Um dia, pela manhã, quando sua mãe foi acordá-lo, ele pediu:

— Mamãe, já não está na hora de Leandro ir dormir no quarto dele?

Odete admirou-se:

— Por que está dizendo isso? Nunca reclamou.

— Sei, mas ele já está grande, às vezes eu quero levantar à noite e mexer no computador. Não faço porque tenho medo de acordá-lo.

— Você acorda durante a noite?

— Nem sempre, mas de vez em quando acordo.

— Vou falar com ele. Sei que vai ficar triste, está acostumado.

— Já está bem grandinho.

— Está bem, vou falar com ele, mas agora se levante.

Ela saiu do quarto. Não entendia o porquê daquilo, mas estava muito atarefada, precisava deixar a casa em ordem antes do almoço. Embora Álvaro lhe houvesse dito para deixar a escola, não quisera fazer isso.

Naquela mesma noite, sob protesto, Leandro foi dormir em seu quarto.

O dinheiro começava a chegar fácil. Rapidamente Artur se acostumou. As pessoas atacadas eram frágeis, não tinham como reagir, e eles assaltavam em um tempo cada vez mais curto. Fazia dois meses que estavam assaltando e dividindo toda a maconha que conseguiam.

Em uma tarde, como fazia todos os dias, assim que todos saíram Artur foi para a casa de Rodrigo. Tocou a campainha e Rodrigo abriu a porta. Estranhou, ele estava diferente. Seu rosto

estava vermelho, ele ria muito e dizia que via coisas e ouvia vozes. Falava com alguém que só ele via. Artur, assustado, perguntou:

— O que você tem?

— Cara! Você nem imagina o que tô sentindo! É uma maravilha!

— O que é? O que está sentindo?

— Venha aqui, vou lhe mostrar! Artur o acompanhou até a sala.

Sobre a mesa, e espalhado, havia um corredor feito com um pó branco que Artur não conhecia. Rodrigo disse:

— Tape o nariz e inspire este pó, assim, deste jeito. Vai sentir algo que nunca sentiu antes.

— O que é isso?

— Não importa, faça do jeito que falei! Garanto que não vai se arrepender!

Entusiasmado com a atitude de Rodrigo, Artur obedeceu. Fez exatamente o que Rodrigo ensinara. Aproximou-se, debruçou-se sobre a mesa e inspirou. Após alguns minutos, começou a rir. Não conseguia descrever a sensação que sentia. O cigarro de maconha lhe dava prazer, mas aquilo era muito superior.

Não sentia aquela vontade de sair correndo, queria ficar ali parado, ou melhor, sentado. As imagens que vinham a sua mente eram incríveis. Daquele dia em diante, deixou de usar maconha. Só queria o pó.

Quando sentia que estava em depressão, saía em busca do pó.

O tempo foi passando, Artur ficava sozinho em casa. Continuou fazendo os assaltos, tendo assim dinheiro para comprar o pó branco. Seu humor mudava de uma alegria imensa até uma depressão profunda, mas seus pais não notaram. Além

de estarem preocupados com seus afazeres, achavam que era tudo questão da idade. Artur, sem a presença de Leandro em seu quarto e de Iracema em casa, não teve mais preocupação em esconder o pó no casaco. Deixava os pacotinhos do pó dentro de uma gaveta na mesa do computador. Sabia que ninguém entrava em seu quarto ou mexia nas suas coisas. Nunca mais foi para a aula de natação ou de computação. Passava toda a tarde andando com Rodrigo ou na favela junto com Jiló, planejando o próximo assalto.

Na escola, procurou acompanhar as aulas, sem a pressão da falta do pó. Até que conseguiu, mas suas notas baixaram. Novamente seus pais não perceberam, porque não estavam acostumados a verificar isso. Além do mais, sabiam que ele sempre tirava notas altas nas provas. Naquele final de ano, Artur não foi muito bem, ficou de segunda época em quatro matérias: Português, Ciências, Matemática e História. Ficou preocupado:

"Como vou dizer para meus pais? Eles vão desconfiar. O que vou fazer? Tenho ainda uns quinze dias para dizer. Até lá, encontrarei uma maneira."

Desde que começara a usar aquele pó, ele não se preocupava com mais nada. Achava que sempre encontraria uma solução fácil para seus problemas. Por estar preocupado com as notas, a única solução que encontrou naquele momento foi esparramar o pó sobre a mesa e aspirá-lo.

Em uma das tardes em que conversava com Rodrigo e Jiló, este disse:

— Vocês agora estão usando o pó, e sabem que ele é bem mais caro. Têm que assaltar várias vezes para conseguir o dinheiro que precisam para o mês todo. Tenho um assunto pra tratar com vocês.

Se aceitarem, poderão trabalhar só uma vez por mês.

Os dois se interessaram por aquela conversa. Rodrigo, curioso, perguntou:

— Que assunto?

— Tem um cara aí que precisa de um carro. Ele paga muito bem...

Artur se assustou:

— Não! Isso é muito perigoso! Não vou fazer!

Rodrigo continuou:

— Jiló, não sei se ele está preparado pra isso. Ainda é muito cedo.

— Não vou insistir, quando estiverem prontos é só falar. Se eu fosse vocês, pensaria bem no assunto. Acho que vale a pena. É uma boa...

Artur concordou com a cabeça. Ele e Rodrigo saíram dali. Artur seguia ao lado de Rodrigo. Aquela conversa com Jiló realmente o assustara. Disse:

— Rodrigo, o que você acha daquilo que Jiló disse?

— Que cara é essa, Artur? Já sabe que roubar não é tão difícil. Carro é ainda mais fácil. A gente só precisa esperar o dono estacionar e se afastar.

— Se ele ou alguém nos vir?

— Ninguém vai ver, e se acontecer, a gente corre.

— Não sei não...

— É muito mais perigoso a gente continuar assaltando velhinho, tem sempre muita gente por perto. Além disso, precisamos nos arriscar muitas vezes. Nem sempre a gente consegue um bom dinheiro que dê para o mês todo.

— Nisso você tem razão...

— Sabe muito bem que não consegue mais ficar sem o pó!

— Infelizmente, é verdade.

— Infelizmente coisa nenhuma! Bem que você gosta do pó! Quer saber de uma coisa? Eu vou até o barraco pra continuar o assunto com Jiló! Se você não quiser, não precisa ir, mas já sabe, não vou dividir mais! Vai ter que se virar!

Artur foi obrigado a concordar. No íntimo ele gostava de usar a droga. Ela lhe dava um prazer indescritível.

Sem dizer mais nada, Rodrigo se voltou e começou a caminhar novamente em direção à favela. Artur ficou vendo-o se afastar. Em seguida, correu atrás dele.

— Está bem, vou com você. Vai dar tudo certo.

Rodrigo sorriu, e juntos chegaram ao barraco de Jiló, que ao vê-los, disse:

— Decidiram bem depressa! Toparam fazer o serviço?

Rodrigo foi quem respondeu:

— Estivemos conversando e decidimos fazer o trabalho.

— Assim é que se fala...

— Vamos ao que interessa. Quantos carros a gente vai precisar roubar pra ter pó por um mês?

Jiló pensou um pouco antes de responder. Levava os dedos aos lábios, como se estivesse fazendo uma conta. Disse:

— Um ou no máximo dois.

— Tá vendo, Artur? Vai ser muito mais fácil!”.

## PRIMEIRA AJUDA DO CÉU

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Artur, como das outras vezes, sabia que precisaria da droga. Disse:

— Está bem, vamos tentar. Quando vai ser? Jiló, antes de responder, disse:

— Só tem um problema...

— Que problema?

— Não pode ser durante o dia, seria muito perigoso. O melhor é à noite, de preferência perto de alguma faculdade. Lá só tem carro bom. É tudo filhinho de papai.

— Não conseguirei sair à noite.

— Pode deixar, eu ligo para sua casa na hora do jantar. Digo que estou precisando da sua ajuda, seus pais não desconfiarão de nada.

— Será que não desconfiarão mesmo?

— Claro que não. Eles não imaginam o que você faz, confiam plenamente.

— É por isso que em alguns momentos fico triste. Não consigo imaginar o que fariam caso descobrissem.

— Agora não é hora de pensar nisso. Precisamos planejar como faremos. Jiló vamos conversar sobre a marca do carro e qual será a nossa parte em dinheiro.

— É assim que se fala. Esperem, vou lá dentro pegar tudo. Está tudo escrito em um papel.

Jiló entrou. Artur, como já vivia a muitos dias se drogando, estava meio entorpecido, não conseguia pensar com

clareza, só sentia necessidade do pó. Jiló em seguida saiu com um papel na mão. Entregou-o para Rodrigo e os três planejaram como seria.

Artur ia concordando com tudo. Naquela mesma noite, após o jantar, o telefone tocou.

Odete atendeu. Artur estava sentado junto ao pai assistindo televisão. Após atender ao telefone, Odete disse:

— Artur, é para você!

— Quem é?

— Rodrigo, disse que está precisando da sua ajuda para a prova de amanhã.

— Que chato!

— Ora, meu filho, não custa nada ajudar. Nem todos têm a mesma facilidade que você para aprender.

Fingindo descontentamento, pegou o telefone.

— Alô.

— Oi, Artur, está tudo bem por aí?

— Está tudo bem, mas o que você quer?

— Posso falar?

— Claro!

— Precisa ser hoje, minha mãe ligou dizendo que vai precisar trabalhar até mais tarde. Diz aí que precisa vir para cá me ensinar.

— Não posso sair à noite.

— Me deixe falar com sua mãe.

— Está bem. Mamãe, ele quer falar com a senhora. Odete pegou o telefone.

— Alô! Pode falar.

— Dona Odete, amanhã vai ter uma prova muito difícil, e eu estou tendo um pouco de dificuldade. Será que Artur não pode

vir até minha casa para me ajudar? A senhora sabe que ele é o melhor aluno da classe!

Ela, que até então não sabia que o filho já não era mais o melhor aluno, respondeu:

— Não sei se ele pode ou quer ir.

— Por favor, peça a ele...

Odete sorriu. Rodrigo sabia ser agradável.

— Está bem, vou tentar.

Olhou para Artur, que fingia não estar interessado.

— Artur, acredito que não custa nada, ele é seu amigo...

— Está bem, mamãe, eu vou.

Álvaro disse:

— Eu o levo.

— Não precisa, é aqui perto.

— Vá, meu filho. Quando terminar, se for tarde, vou buscá-lo.

— Não vai precisar papai, acho que não vai demorar. Não posso ficar muito tempo, preciso dormir. Também tenho a mesma prova amanhã.

Artur saiu. Na rua, começou a correr. Precisava realmente voltar logo para não despertar suspeitas. Quando chegou, Rodrigo já o estava esperando:

— Vamos logo. Você demorou!

— Não demorei, vim o mais rápido possível. Vamos!

— Espere, antes vamos entrar. Minha mãe ainda não chegou, dá tempo de dar uma cheirada antes de sair.

Entraram. O pó estava esparramado sobre a mesa. Cheiraram e saíram. Andavam pela rua sem saber muito bem o que estavam fazendo. Corriam, paravam e riam muito. Chegaram ao local planejado. Em frente havia uma faculdade. Vários rapazes

e moças estacionavam seus carros e entravam. Eles ficaram observando. Logo o movimento de pessoas parou. As aulas começaram e todos os alunos estavam lá dentro.

Rodrigo mostrou um carro para Artur.

— È aquele ali. Vamos rápido. Tenho aqui as ferramentas, vamos!

Aproximaram-se do carro. Artur se impressionou com a rapidez com que Rodrigo abrira a porta. Ficou do lado de fora enquanto Rodrigo entrou e puxou alguns fios que havia embaixo do painel. Cortou, estava fazendo a ligação quando ouviu uma voz:

— O que está fazendo aí?

Levantou a cabeça. Ficou horrorizado com a cena que viu. Um homem, tendo um revólver sobre a cabeça de Artur, que tremia muito, repetiu:

— O que está fazendo aí?

Rodrigo, também tremendo, ficou sem saber o que dizer. O homem, com voz firme, disse:

— Saia! Não tente nada. Sou um delegado de polícia.

O homem tirou duas algemas que tinha na cintura e colocou nos dois. Naquele momento, Artur se lembrou do rapaz que havia visto em frente à escola e que tanto o impressionara. Teve a resposta à pergunta que se fizera naquele dia. Sabia o porquê de o rapaz estar naquela situação.

Com os dois algemados e com o revólver em suas costas, o delegado levou-os até um telefone que havia ali. Ligou para um número e logo depois uma viatura com dois policiais chegou. Empurrando os dois para dentro da viatura, disse a um policial:

— Leve estes dois para a delegacia. Vim trazer minha filha para a aula e de longe vi estes dois em atitude suspeita. Aproximei-me e vi que tinha razão. Eles estavam tentando furtar

este carro. Faça o relatório. O delegado saberá o que fazer. Se for necessário, irei até a delegacia. Aqui está o número do meu telefone.

— Sim, doutor, farei isso.

Os policiais colocaram os dois na parte de trás da viatura. Eles estavam apavorados. Devido à droga, não percebiam muito bem a situação, mas sabiam que nada estava bem.

Assim que chegaram à delegacia, foram levados até uma sala. Um senhor com os cabelos grisalhos, com um sorriso e a voz calma, perguntou:

— O que estavam fazendo?

Artur permaneceu calado. Rodrigo, com voz trêmula, respondeu:

— Não estávamos fazendo nada! Foi tudo um engano! Aquele delegado se enganou, a gente só estava passando por aquela rua!

Com um sorriso o homem prosseguiu:

— Foi mesmo? Aqui neste papel diz que um de vocês estava dentro do carro tentando fazer uma ligação direta.

— È mentira...

— Pode ser, mas por que um delegado mentiria? O que ele ganharia com isso?

— Não sei, ele não deve ter gostado da gente...

— Vocês estão drogados?

Um olhou para o outro. Artur não dizia nada, não conseguia esquecer daquele dia em frente à escola, quando o rapaz fora preso. Naquele momento, no rosto de Rodrigo via a mesma expressão de medo e desespero que vira no rosto dele. Rodrigo respondeu:

— Não senhor! Não estamos drogados.

O delegado deu outro sorriso. Parecia que estava triste por aquela situação:

— Vocês já perceberam que não sou mais jovem, tenho uma longa vida aqui nesta delegacia. Por aqui passaram vários outros jovens como vocês. Sei que estão drogados, sei também que estavam roubando aquele carro para pagar a droga.

Quantos anos vocês têm?

Disseram a idade. Os dois choravam. O delegado continuou:

— Preciso saber o nome de vocês e o endereço. Artur quase gritou:

— Por quê?

— Preciso avisar e pedir para que seus pais venham buscá-los. Artur, desesperado, disse:

— Por favor, senhor! Não faça isso! Meus pais não sabem de nada. Se souberem, morrerão!

— Eles não sabem?

— Não!

— Então, em vez de ficar chorando, deve agradecer por isto que está acontecendo. Da maneira como estão vestidos e falam, parecem pertencer a boas famílias. São bem-educados, por isso tenho certeza que seus pais também são esclarecidos e entenderão. Só poderão ajudá-los quando tomarem conhecimento.

Rodrigo tentou:

— Por favor, doutor, deixe a gente ir embora. Prometemos que nunca mais faremos isso! Deixaremos a droga, não é, Artur?

Artur não conseguia falar, estava nervoso, assustado e com muito medo. O delegado continuou:

— Não posso fazer isso. Conheço o drogado, ele promete, mente, pede perdão, diz que não vai mais usar, mas assim que se

vê livre, volta a se drogar. Não consegue se livrar sozinho, precisa de ajuda. Para o bem de vocês, preciso avisar seus pais. Eles virão e eu conversarei com eles. Encontraremos uma maneira de ajudá-los. Já estiveram presos antes? Já traficam?

Com a cabeça, disseram que não.

— Se isso for verdade, é muito bom, é sinal que estão ainda no começo e que têm chance de se libertar. Agora preciso dos nomes e endereços.

Entendendo que não havia outra maneira, os dois disseram seus nomes e os endereços.

Enquanto isso, na casa de Artur, Odete, preocupada disse:

— Álvaro, já está tarde, são quase onze horas e Artur não voltou.

— Tem razão, ligue para a casa do amigo dele, diga que vou buscá-lo. Não quero que fique andando pelas ruas à uma hora dessas, é muito perigoso.

— Não sei o número do telefone. Ele não deixou...

— Deve estar nessa agenda perto do telefone.

Odete pegou a agenda, procurou, mas não encontrou. Álvaro disse:

— Artur deve ter uma agenda só dele.

— É mesmo, vou até o seu quarto ver se encontro.

Ela subiu a escada em direção ao quarto de Artur. Entrou, sorriu ao ver a bagunça. Pensou:

"Vou ter que falar sério com ele, precisa arrumar este quarto."

Olhou em direção ao computador, aproximou-se. Procurou por sobre a mesa, mas não viu a agenda. Abriu a gaveta, também ali não estava. Viu alguns pacotinhos de pó branco. Pegou um deles em sua mão, olhou, mas não conhecia, não sabia

o que era, pois nunca havia visto cocaína. Colocou de volta na gaveta, saiu.

Voltou para junto de Álvaro, dizendo:

— Não achei nenhuma agenda.

— Sabe onde ele mora?

— Não, sei que é aqui perto, mas não sei onde.

— Bem, só nos resta esperar, logo mais ele vai telefonar ou chegar.

— Tem razão.

Estavam ali conversando e esperando por Artur. O telefone tocou. Álvaro, enquanto atendia, disse:

— Não disse que ele ia telefonar?

Odete sorriu aliviada. Ele atendeu:

— Alô.

Do outro lado da linha, uma voz de homem disse:

— Preciso falar com o doutor Álvaro Gomes de Matos.

— Sou eu.

— O senhor precisa vir até a delegacia.

— Delegacia!?! Por quê?

Odete deu um pulo do sofá onde estava sentada. Olhou desesperada para o marido, que ouvia o homem dizendo:

— Seu filho está aqui.

— Meu filho!?! Por quê? Foi assaltado novamente?

— Não posso dizer nada por telefone, o delegado o está esperando aqui.

— Mas ele está bem? Está ferido?

— Não, ele não está ferido. Venha o mais rápido possível.

— Irei agora mesmo. Qual é o endereço?

Enquanto ele anotava em um papel o endereço, Odete segurava em seu braço, desesperada, querendo saber o que estava

acontecendo. Após terminar de anotar, muito nervoso, ele se voltou para ela, dizendo:

— Preciso ir para a delegacia, Artur está lá!

— Entendi isso, mas por quê?

— Não sei, a pessoa que ligou não quis dizer por telefone, mas disse que ele está bem, não está ferido! Vou agora!

— Vou com você!

— Não pode! Leandro está dormindo, não pode ficar sozinho.

— Vou ficar desesperada!

— Sei disso, mas não há outra maneira.

— Assim que chegar e tomar conhecimento do que aconteceu, ligue para me contar.

— Está bem, farei isso.

Ele deu-lhe um beijo e saiu. Ela ficou rezando, foi até o quarto de Leandro, que dormia profundamente. Voltou para a sala e ficou junto ao telefone”.

## **SERVINDO DE INSTRUMENTO**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Álvaro chegou ao pátio da delegacia, estacionou o carro e entrou. Encaminhou-se a um balcão, onde um homem o recebeu:

— Pois não?

— Meu nome é Álvaro Gomes de Matos, recebi um telefonema dizendo que meu filho está aqui. Seu nome é Artur. O que aconteceu?

— Eu mesmo liguei. Sente-se e aguarde um minuto. O delegado falará com o senhor.

Embora nervoso, ele sabia que precisava obedecer ao regulamento. Enquanto esperava, uma moça muito nervosa entrou e dirigiu-se ao balcão:

— Recebi um telefonema dizendo que meu filho está aqui! O nome dele é Rodrigo.

— Ele está aqui sim, mas, por favor, sente-se e aguarde um minuto.

— O que aconteceu com ele? Está ferido?

— Sente-se, o delegado logo mais falará com a senhora.

Ela se voltou, estava caminhando em direção a um banco. Álvaro se aproximou:

— Com licença, a senhora é a mãe de Rodrigo?

— Sim, mas quem é o senhor?

— Sou o pai de Artur.

— De Artur!?! Ele também está aqui?

— Sim.

— O que aconteceu? O senhor sabe?

— Não! Estou ansioso. Ansioso não, desesperado para saber!

— Eu também. Trabalhei até mais tarde. Assim que cheguei vi um bilhete escrito por Rodrigo dizendo que estava estudando na casa de Artur. Fiquei tranqüila. Logo depois recebi o telefonema. Não tenho a menor idéia do que aconteceu.

— Seu filho ligou para minha casa pedindo permissão para Artur ir para a sua, onde estudariam para a prova de amanhã. Isso tudo está muito estranho.

— Está mesmo...

Conversavam tentando entender o que estava acontecendo. O homem do balcão, com as mãos, fez um sinal chamando-os. Aproximaram-se. O homem disse:

— O delegado irá atendê-los, é naquela sala.

Ambos seguiram em direção à porta que com a mão o rapaz apontara. Assim que chegaram a frente à porta, pararam. A cena que viram dentro da sala fez com que ficassem como que paralisados. Artur e Rodrigo, em um canto da sala, algemados e com as cabeças baixas. Por detrás de uma mesa, o delegado sentado, e em frente a ela duas cadeiras. Da porta onde estava parado, Álvaro gritou:

— Artur! O que significa isto?

Glória, a mãe de Rodrigo, paralisada, não conseguiu dizer nada. Artur continuou de cabeça baixa, sem coragem de enfrentar o pai. O delegado, percebendo o desespero deles, com uma expressão preocupada, fez um sinal com a mão mostrando as cadeiras, pedindo que se sentassem.

Eles pareciam estar vivendo um sonho. Devagar, sentaram-se. Álvaro, assustado e muito nervoso, disse:

— O que está acontecendo aqui? Por que meu filho está algemado?

O delegado, acostumado com aquela situação, respondeu.

— Procure se acalmar, sei o que está sentindo. Já estou aqui há muito tempo, já vi muitas cenas como esta.

— Como me acalmar? Meu filho está aí! Nessa situação! Por quê?

— Eles foram presos tentando furtar um carro.

Glória e Álvaro levantaram-se da cadeira ao mesmo tempo.

Falaram juntos:

— Furtar!?! Um carro!?!

Álvaro continuou:

— Não pode ser! Aqui deve estar havendo um engano!

— Sentem-se, por favor, procurem se acalmar, temos muito para conversar.

Voltaram a se sentar. O delegado continuou:

— Não há nenhum engano. Foram presos em flagrante por um delegado.

Os dois olharam para Artur e Rodrigo, que continuavam de cabeça baixa. Glória balançava a cabeça, como se não acreditasse naquilo que via e ouvia. Álvaro, percebendo que Artur não dizia nada, temeu que o que o delegado estava dizendo fosse verdade. Olhou para Artur e disse:

— Artur, por quê? Para quê?

Artur continuou com a cabeça baixa. O delegado continuou:

— Artur, você quer responder?

Com a cabeça, ele disse que não. Álvaro olhou para o delegado, que disse:

— Eles fizeram isso porque precisavam de dinheiro.

— Dinheiro!?! Não pode ser!?! Ele tem todo o dinheiro que precisa! Procuo atendê-lo em todas as necessidades!

— Mas não lhe dá dinheiro para comprar droga.

— Droga!?! Não pode ser! Não pode ser! Meu filho não usa drogas!

Glória levantou-se e correu para o lado de Rodrigo. Começou a sacudi-lo:

— Rodrigo! Por favor, diga que ele está errado! Diga que aqui está acontecendo um engano!

Rodrigo também não respondia e continuava de cabeça baixa. Ela continuou:

— Você sabe o quanto trabalho para lhe dar tudo o que precisa, além de uma boa escola! Você sabe que desde que seu pai foi embora eu vivo só para você! Diga que é mentira!

Diante do silêncio de Rodrigo, o delegado continuou:

— Por favor, senhora, acalme-se e sente-se. Precisamos conversar.

Em seguida, chamou o homem do balcão:

— Pois não, doutor.

— Leve esses dois para a outra sala.

O homem pegou nos braços dos dois e os conduziu para fora. Ambos, sem resistir e em silêncio, o acompanharam. Assim que saíram, o delegado pediu:

— Por favor, os senhores precisam se acalmar. Já passaram por aqui vários jovens como esses e, infelizmente, muitos outros ainda passarão. A droga está destruindo nossos jovens. O pior é que muito pouco ou quase nada podemos fazer para exterminar os traficantes. Eles se multiplicam em uma escala geométrica.

Álvaro, completamente descontrolado, mas já aceitando a situação, disse quase chorando:

— Meu filho não pode estar usando drogas! Não pode!

— Consigo imaginar o que o senhor está sentindo, mas infelizmente está sim.

— Não pode ser! Sempre conversamos muito sobre isso. Eu e a mãe dele procuramos lhe dar tudo o que precisasse. Somos, ou pelo menos nos sentíamos bons pais. Ele está em uma boa escola,

faz natação. Quando disse que queria aprender computação, o colocamos em uma escola. Não entendo por que ele fez isso...

— Ele não tem culpa de nada.

— Como não tem culpa? Ele não tinha motivo!

— Os traficantes usam argumentos, sabem que ponto atingir. Diria até que são melhores que os psicólogos.

— Todos deveriam morrer!

— Também penso assim, mas o senhor sabe quem ajuda os traficantes?

— Não, e nem me interessa.

— Pois deveria se interessar. Na maioria, é jovem como o seu filho.

Glória, que acompanhava a conversa, disse:

— Não pode ser ele é ainda uma criança...

— Por isso mesmo. As crianças são facilmente envolvidas. A droga é cara. Quando se viciam, como não têm dinheiro, são levados para o crime ou o tráfico. Ainda não sei em que grau de vício seus filhos estão não sei se já cometeram outros crimes ou delitos.

— Crimes? Delitos? Não! O senhor não está falando do meu filho! Ele sempre foi um bom aluno, o primeiro da escola. Nunca tive que me preocupar com suas notas.

— Há quanto tempo o senhor não olha as notas ou não vai até a escola para saber como ele está?

Álvaro ficou por um instante pensando. Depois disse:

— Acho que faz um bom tempo, aliás, faz muito tempo. Para dizer a verdade, desde que percebemos que era um bom aluno.

— Garanto para o senhor que se for hoje até a escola, terá notícias bem diferentes.

— Será?

— Sim, a droga interfere no cérebro do jovem. Aos poucos ele não consegue mais se concentrar. Seu único pensamento é encontrar uma maneira para consegui-la.

— Irei amanhã mesmo à escola.

— Faça isso.

Glória, enxugando as lágrimas, disse:

— Também farei isso. Nunca me preocupei muito com as notas de Rodrigo porque ele nunca foi um bom aluno. Sempre teve dificuldades em aprender. Suas notas nunca foram as melhores, mas sempre conseguiu passar de ano. Só não estou entendendo por que ele fez isso.

— Muitos são os motivos. O traficante sabe muito bem como usá-los. Alguns jovens são curiosos, querem fazer parte do grupo, e muitas vezes por timidez não conseguem. Outros querem estar em evidência. A maioria dos viciados é fruto da pobreza ou de lares desfeitos.

Álvaro, ao ouvir aquilo, disse:

— Meu filho não se enquadra em nenhum desses casos. Ele nunca me pareceu querer fazer parte de grupo algum, tem uma vida tranqüila em relação a dinheiro, eu e minha esposa nos damos muito bem. Sempre acreditei que minha família fosse perfeita...

— E deve ser, mas alguns jovens nessa idade, não importando o sexo, sentem-se feios, desajeitados. É quando o interesse pelo sexo oposto surge, e se eles não têm coragem de se aproximar da outra pessoa, entregam-se às drogas, que lhes dá uma falsa sensação de poder. Com ela, eles conseguem dizer e

fazer o que desejam. Como podem ver, existe um vasto campo para ser explorado pelos traficantes.

Glória, insistindo em secar as lágrimas, falou:

— No meu caso, Rodrigo se encaixa, sim. Estou separada do seu pai há muito tempo. Desde então, dediquei-me ao trabalho para mantê-lo bem. Sou a culpada, não lhe dei a atenção devida. A única coisa que sempre me preocupou foi dar-lhe uma boa vida. Meu único desejo era que estudasse, se formasse e tivesse uma boa profissão.

O delegado, com voz mansa, continuou:

— A senhora fez o que achava certo. Qual pai não quer isso para o filho? Por isso, não deve se culpar por nada. No momento, não importa quais foram às razões ou os motivos. O que precisamos fazer agora é tentar tirar esses garotos do vício.

Álvaro estava transtornado. Sentia como se estivesse vivendo um pesadelo. Ouvia a voz do delegado, mas não conseguia acreditar, nem aceitar. Naquele momento lembrou-se de Odete que, em casa, deveria estar ansiosa. Disse:

— Não sei o que a mãe dele vai sentir. Ela, assim como eu, nunca se preocupou com isso.

— Não notaram a mudança no comportamento dele?

— Sim, e até nos preocupamos, mas após muito pensar, chegamos à conclusão de que era por causa da idade, da adolescência. Julgamos que passaria com o tempo. Nunca, jamais poderíamos imaginar isso.

— O senhor tem que entender e ajudar seu filho, é o que ele está precisando.

— Ajudar! Vou é dar-lhe uma boa surra! Vou prendê-lo em casa, não irá sozinho para lugar algum!

— Isso não adiantará, e o entregará mais depressa de volta para a droga. Hoje eles estão assustados, garanto-lhes que neste momento estão reavaliando o que a droga fez por eles e com eles. Estão com sentimento de culpa em relação aos senhores. Suas cabeças jovens estão pensando muito. È o momento de ajudá-los.

— Como?

— Existem não muitas, mas boas clínicas que se dedicam ao trabalho de desintoxicação. Algumas vezes conseguem bons resultados. Tenho aqui vários endereços e telefones. Poderão escolher a que quiserem.

— Clínica? O senhor está me aconselhando a colocar Artur em uma delas? Meu filho em uma clínica? Não! Não pode ser!

— Por que não? É a única chance dele se recuperar, e nem posso lhe garantir que conseguirá.

Álvaro parou por um instante. Tudo estava muito confuso, ele não sabia bem o que pensar ou fazer. Glória, com os olhos secos, interferiu:

— Eu estou disposta a fazer qualquer coisa para ajudar meu filho, só que não tenho dinheiro, não imagino como conseguirei pagar uma clínica como essa...

— Existem algumas que não cobram nada, a maioria delas é mantida por organizações religiosas.

— Que religião?

— Existem várias, não me lembro agora, mas isso não é importante. O que interessa é o que eles possam fazer por seus filhos. As clínicas geralmente ficam em lugares afastados, onde é muito difícil ter contato com a droga. Lá, eles viverão ao ar livre, terão boa alimentação, saúde, além de ouvir falar de Deus, o que sempre faz bem.

Glória, nervosa e ansiosa, perguntou:

— Quando o senhor acha que seria melhor eu levar Rodrigo?

— O ideal seria hoje mesmo, assim que saíssem daqui. Hoje, a noite está sendo muito difícil para eles. A necessidade da droga se fará mais forte.

— Como devo fazer?

— Vou lhe dar um número de telefone. Ali no corredor tem um público, pode ligar e falar com a pessoa que atender. Conte tudo que aconteceu, diga que seu filho está aqui e que não tem dinheiro para pagar o tratamento. Eles lhe dirão como deve proceder.

— Não tenho cartão telefônico...

Ele tirou do bolso um cartão telefônico e, ensaiando um sorriso, disse:

— Leve este, não posso permitir que use o telefone da delegacia. Sabe como é, contenção de despesas.

Ela, agradecendo, pegou o cartão e saiu da sala em direção ao corredor. Álvaro, com o semblante preocupado, disse:

— Não posso fazer isso, preciso discutir o assunto com minha esposa. Precisamos decidir a qual clínica o levaremos.

— Eu não aconselharia isso. Leve-o hoje para qualquer uma, depois terão tempo para escolher. Telefone para sua esposa. Conte a situação, ela entenderá.

— Não, não posso fazer isso, não estou conseguindo aceitar, mesmo vendo-o nessa situação. Ela não entenderá. Acredito ser melhor levá-lo para casa. Lá decidiremos, e amanhã bem cedo iremos para uma clínica.

— O senhor é quem sabe. Leve este papel, nele está endereço e telefones de várias clínicas. Poderá ligar e escolher

aquela que achar melhor, mas o ideal seria que os dois fossem internados em clínicas diferentes.

Álvaro pegou o papel e colocou-o no bolso. Glória entrou novamente na sala, devolveu ao delegado o cartão telefônico que lhe havia emprestado.

— Conversei com um senhor, ele disse para eu levar Rodrigo hoje mesmo, estará lá me esperando. Lá me dará os regulamentos que terei que cumprir. O senhor sabe quais são?

— Cada clínica tem seu próprio regulamento. Em geral, por certo tempo não permite que os internos entrem em contato com a família ou alguém conhecido.

— Ficarei sem ver Rodrigo?

— Acredito que sim. Ele precisa ficar sozinho, longe de tudo que lhe lembre a droga.

— Mas eu não lhe lembro a droga!

— Lembra sim, ele tem muito sentimento de culpa em relação à senhora. Sabe o quanto fez e espera dele.

— O senhor talvez tenha razão, sempre esperei muito dele. Sempre quis e acreditei que seria um doutor ou que teria uma boa profissão.

Álvaro ouvia e pensava:

"Eu também sempre esperei muito de Artur. Esperei, não! Sempre acreditei que ele seria o melhor na profissão que escolhesse." O delegado continuou:

— Sempre esperamos muito dos filhos, sempre acreditamos e desejamos que eles sejam os melhores. Quando isso não acontece, nossa decepção é muito grande.

— O senhor tem razão.

— Infelizmente. Mas o senhor pretende mesmo levar seu filho para casa?

— Sim, preciso conversar com minha esposa, quero que ele esteja presente.

— Eu levarei Rodrigo para a clínica.

— A senhora tem condução?

— Sim, tenho meu carro.

— Sendo assim, só queria lhe dar mais um conselho. Daqui até a clínica levará mais ou menos três horas na estrada, não seria conveniente que fosse sozinha. Não terá ninguém que possa acompanhá-la?

— Vou ligar para uma amiga, talvez ela venha.

— Faça isso, será melhor.

— Só que para isso precisarei novamente do cartão.

Ele, sorrindo, devolveu-lhe o cartão. Ela saiu. Voltou alguns minutos depois:

— Minha amiga está vindo para cá.

O delegado sorriu, dizendo para ambos:

— Só me resta fazer uma última coisa. Vou pedir para trazê-los de volta. Só peço aos senhores que me deixem falar com eles e não interfiram.

Os dois concordaram com a cabeça. Em seguida, o delegado chamou o homem que havia lhes telefonado e os recebeu e pediu que trouxesse os meninos de volta. Ele saiu da sala e em seguida voltou, trazendo com ele os dois, que continuavam com as cabeças baixas.

O delegado, mudando completamente o tom de voz, disse com firmeza:

— Bem, rapazinhos, seus pais agora já sabem de tudo, por isso não será necessário haver mais mentiras. Vocês são dois garotos de sorte.

Têm pais interessados, que estão dispostos a ajudá-los. Sei que cada um deles fará a sua parte, o resto depende de vocês. Devem e precisam colaborar. Quero que levantem a cabeça e olhem para os meus olhos

Eles obedeceram, e vagarosamente levantaram a cabeça e olharam para o delegado, que continuou:

— Eles decidiram que farão todo o possível para ajudá-los. Para isso, serão enviados a uma clínica, onde receberão toda a assistência que necessitam no momento.

Ao ouvir aquilo, Artur estremeceu, mas continuou ouvindo o delegado, que continuou dizendo:

— Lá terão a oportunidade de se livrar da droga e voltar a ser como eram antes. Entenderam?

A única coisa que eles queriam naquele momento era sair dali. Concordaram com a cabeça.

— Pois bem. Você, Rodrigo, vai sair daqui com sua mãe e irá direto para uma clínica. Artur, seu pai achou melhor que fossem até sua casa primeiro conversar com sua mãe, e só irá amanhã cedo. Está bem assim?

Novamente concordaram.

— Agora é o momento de escolherem o caminho que desejam seguir. Deus queira que escolham o melhor. Hoje os estou deixando ir embora, mas se voltarem novamente a esta delegacia, os mandarei para uma instituição que cuida de menores. Ficarão lá até que faça dezoito anos.

Eles tornaram a baixar a cabeça. O delegado fez um sinal e os quatro saíram da sala. Assim que saíram, ele olhou para uma foto que havia em cima de sua mesa. Era a foto de uma jovem de mais ou menos dezessete anos. Com os olhos molhados, pensou:

"Tomara minha filha, que eu esteja servindo de instrumento para ajudar esses dois rapazes, já que com você não consegui."

Do lado de fora da delegacia os quatro se despediram. Artur e o pai entraram no carro. Glória, junto com Rodrigo, voltou para dentro, precisava esperar a amiga.

Artur seguia calado e de cabeça baixa. Podia imaginar o que seu pai estava sentindo naquele momento. Queria dizer alguma coisa, mas não conseguiu. Seu coração batia acelerado. Sabia que encontraria sua mãe e que ela também ficaria triste e decepcionada. Pensava:

"Vou mudar! Vou deixar a cocaína e não vou precisar de clínica alguma. Tenho que fazer isso sozinho!"

Álvaro estava triste, magoado e decepcionado demais para dizer qualquer coisa. Para ele o mundo havia caído. Tentava descobrir onde havia errado.

Seu desespero era imenso. Intimamente se perguntava:

— Por quê? Por que ele fez isso?

Dirigia o carro. Artur percebeu pela primeira vez que o rádio estava desligado.

Assim, em silêncio, chegaram a casa".

## SENTIMENTO DE CULPA

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Odete também estava nervosa e muito assustada, por isso, ao ouvir o barulho do carro entrando na garagem, foi correndo para lá. Ao vê-los, disse, ansiosa:

— Ainda bem que chegaram! Não agüentava mais de tanta preocupação!

Entraram calados, ela os seguiu. Já lá dentro, na sala, perguntou:

— Artur! O que aconteceu? Por que estava na delegacia? Por que demoraram tanto?

Leandro acordou com o barulho do carro. Olhou para o relógio, estranhou que seu pai estivesse chegando àquela hora. Saiu do seu quarto, seguiu pelo corredor e parou no alto da escada exatamente no momento em que eles entraram. Ao ouvir a palavra delegacia, parou. Sentou-se no primeiro degrau da escada. Embora não fosse visto, podia com tranqüilidade ouvir o que diziam.

Ao ver o rosto de desespero de sua mulher, Álvaro disse:

— Odete, sente-se, teremos uma longa conversa.

Ela estranhou ao ouvi-lo chamá-la pelo primeiro nome. Ele nunca fazia isso, a não ser quando estava nervoso ou tinha um assunto muito grave. Muito nervosa, sentou-se. Ele sentou-se ao seu lado. Olhou para Artur, dizendo:

— Você quer que eu conte ou prefere contar?

Artur tremia muito, e continuou de cabeça baixa. Não conseguia olhar para a mãe.

Álvaro, percebendo que ele não queria falar, seguiu:

— Nunca mais esquecerei a cena que vi ao chegar à delegacia.

— Que cena?

— Seu filho encostado no canto de uma sala e algemado.

— Algemado!?! Como!?! Por que!?!

— Por ter tentado furtar um carro.

— Furtar um carro!?!

— Isso mesmo.

— Você deve estar delirando! Por que ele faria isso?

— Para poder comprar droga.

Ela se levantou, não queria acreditar no que estava ouvindo, mas sabia que seu marido jamais inventaria ou brincaria com um assunto como aquele. Gritou:

— Droga? Não! Não pode ser!

Começou a chorar. Álvaro levantou-se e a abraçou:

— Sinto muito, mas é verdade, seu filho está usando drogas!

— Que tipo de drogas?

— Não sei! Pergunte a ele! Ela, desesperada, perguntou:

— Artur, que tipo de droga?

Ele, sem levantar a cabeça, disse:

— Cocaína.

— Meu Deus! Por que, Artur? Por quê? Ele não respondeu, apenas chorava.

Leandro continuava no alto da escada. Ao ouvir aquilo e ver o desespero dos pais, começou a chorar, mas não teve coragem para descer a escada. Continuou ali quieto e parado.

Odete livrou-se dos braços de Álvaro e foi para junto de Artur. Com as mãos, levantou sua cabeça, fez com que ele ficasse com os olhos diante dos dela:

— Meu filho, por quê? Por quê? O que estava lhe faltando? Porque não nos pediu ajuda? Sei que o erro foi meu, deixei escapar alguma coisa, só não consigo imaginar o que seja. Que foi meu filho? O que deixei de fazer?

Artur só chorava, não conseguia dizer nada. Permaneceu calado. Ela continuou:

— Sempre me julguei uma boa mãe... Sempre achei que estava agindo certo... Meu Deus! E agora? Como vai ser?

Abraçou Artur bem forte junto ao seu coração. Ficou assim por um longo tempo, sem dizer nada, apenas abraçando-o e chorando. Ele também, por sua vez, fazia o mesmo. Por detrás dos ombros de Artur, olhou para o marido:

— O que faremos?

— Volte a se sentar.

Ela se sentou. Ele disse:

— O delegado é um homem com muita experiência nesses casos. Disse que a melhor solução será o internarmos em uma clínica de desintoxicação.

— Acredita mesmo que seja o melhor?

— Não sei! Nunca imaginei que um dia isso acontecesse! Também não sei o que é melhor!

Depois de muito tempo calado, Artur olhou para mãe e disse, chorando em tom de súplica:

— Não, mamãe... Por favor, não! Não quero ir para clínica alguma! Prometo que nunca mais vou usar cocaína ou outra droga qualquer. Voltarei a estudar, a nadar e a mexer no meu computador.

Antes que Odete dissesse qualquer coisa, Álvaro o interrompeu:

— O delegado disse para não confiarmos em nada do que ele dissesse, pois para conseguir a droga eles choram, mentem, enganam e até roubam.

Assim que terminou de dizer essa última palavra, olhou em direção à cozinha. A imagem de Iracema surgiu em sua frente. Lembrou-se com exatidão de tudo o que havia sucedido ali, naquela mesma sala. Levou como uma flechada no peito. Voltou-se para Artur:

— Artur, roubaram mesmo seu tênis? Foi Iracema quem tirou o colar de casa?

Ele sabia que já não precisava esconder mais nada, o que temia acontecera. Seus pais já sabiam de tudo. Com a cabeça baixa, respondeu:

— Não foi Iracema quem tirou o colar, e ninguém roubou meus tênis. Eu os troquei por maconha...

Odete soltou uma exclamação:

— Meu Deus! Como pôde Artur? Você não sentiu pena dela?

— Desculpe mamãe... Sinto muito...

Leandro não resistiu mais, desceu a escada correndo e gritando:

— Não disse que não tinha sido ela? Não disse? Como teve coragem de deixar que todos pensassem que tinha sido ela? Como teve coragem de deixar que o papai a levasse para a delegacia?

Odete abraçou o filho:

— Sempre teve razão, mas Artur precisa de nossa ajuda. Ele está doente. Amanhã, depois que o levarmos para a clínica,

iremos juntos à favela onde ela mora e pediremos perdão. Vamos ver se conseguimos fazer com que ela volte.

— Vai fazer isso mesmo?

— Vou sim...

— Posso ir junto?

— Claro que pode.

Álvaro permaneceu calado. De repente, deu um soco em sua própria cabeça, dizendo:

— Como fui estúpido? E o filho dela? Um rapaz esforçado, estudioso e trabalhador! Que terá sido feito dele?

— Não adianta ficar assim, amanhã resolveremos isso. Pediremos perdão, e se ele ainda quiser, poderá fazer com que volte para o escritório.

— Agora não há nada mesmo que eu possa fazer. Você tem razão, amanhã faremos isso. Agora você, Artur, vá para o seu quarto, prepare uma maleta com algumas roupas, deixe tudo pronto. Amanhã terá a oportunidade de recomeçar. Logo cedo telefonarei para todas as clínicas que o delegado me deu. Escolherei aquela que me pareça a melhor. Pode subir.

Artur tentou abraçá-lo, mas ele não permitiu. Sua mãe o beijou, Leandro não quis olhar para ele. Lentamente subiu e entrou em seu quarto.

Entrou no banheiro e tomou um banho. Não conseguia parar de chorar. Voltou para o quarto e deitou-se de costas como sempre fazia. Começou a lembrar tudo, desde o começo. A festa, Mariana, tudo que havia feito por causa da droga. O desespero de Iracema dizendo que não havia sido ela. O rosto de seu pai quando o encontrara na delegacia, a atitude de sua mãe quando tomara conhecimento, o olhar de ódio que Leandro lhe desferira. As imagens iam passando, e ele cada vez chorava mais. Decidiu:

"Nunca mais usarei droga, haja o que houver. Talvez eu consiga mesmo ser curado nessa clínica. Por que não? Pode ser a solução!" Aos poucos, foi se acalmando. Adormeceu. Enquanto isso, na sala, Álvaro conversava com Leandro:

— Sei meu filho, que está muito triste. Tentou nos avisar sobre Iracema, mas como vê, jamais poderia ter imaginado que seu irmão estivesse envolvido nisso.

Ele chorava muito enquanto dizia:

— Sei disso, mas eu disse que ela não tinha feito aquilo.

Odete o abraçou:

— Sabemos disso, e estamos pedindo perdão. Já disse que amanhã iremos procurá-la, e se Deus quiser, a traremos de volta. Esse problema não vai ser difícil de resolver. O problema maior que temos é com Artur. Tomara que consigamos ajudá-lo a se curar.

Agora vá para seu quarto e tente dormir. Amanhã teremos um longo dia, com muitos problemas para resolver. Dê um beijo em seu pai e boa noite.

Ele se aproximou do pai e beijou seu rosto:

— Boa noite, papai.

— Boa noite, meu filho. Durma bem.

Olhou para a mãe, sorriu e subiu a escada. Passou pelo quarto de Artur, a porta estava aberta, mas não quis entrar, estava muito magoado. Não entendia a extensão de tudo que estava acontecendo. Só de uma coisa tinha certeza. Pensava:

"Jamais o perdorei! Ele não podia ter feito aquilo com Iracema..."

Na sala, Odete se levantou e foi em direção à cozinha. Preparou um chá e em seguida voltou para a sala levando em uma bandeja duas xícaras, um pequeno bule e um açucareiro. Colocou

a bandeja em cima da mesa de centro. Vagarosamente pôs o chá dentro das xícaras, adoçou e ofereceu ao marido. Pegou a dela e sentou-se ao lado dele. Ele começou a beber, mas ela notou que seus olhos estavam perdidos no espaço. Perguntou:

— Em que está pensando?

— Na minha infância, em minha mãe viúva, trabalhando como lavadeira para nos sustentar. Na revolta que eu sentia por viver naquela pobreza. No que eu dizia todas as noites antes de dormir.

— O que você dizia?

— Não me lembro com exatidão das palavras, mas era mais ou menos assim: "Deus, se é que existe mesmo, faça com que eu ganhe muito dinheiro para poder ajudar minha mãe, dar todo o conforto que ela merece e aos meus irmãos também, e quando eu for grande e tiver meus filhos, não permita que eles sintam nunca falta de nada...".

— Você conseguiu tudo isso. Sua mãe hoje mora em uma casa que você comprou para ela. Tem uma vida tranqüila. Quanto aos seus filhos, eles sempre tiveram tudo o que desejaram, nunca lhes faltou nada! Você é um vencedor!

— Também acreditava nisso, até esta noite. Consegui mesmo tudo o que havia desejado só que, em algum momento do caminho, eu me perdi. Estou agora tentando descobrir que momento foi esse.

Ela, segurando sua mão, respondeu:

— Não deve se torturar... Você sempre foi e é um bom pai e um marido maravilhoso. Se existe algum culpado nessa história, sou eu. Eu sim não devo ter dado a ele a atenção necessária. Devo ter deixado escapar alguma coisa. Talvez por ele ter sido sempre um bom menino, julguei que não havia problema algum.

— Não sei dizer qual de nós é o culpado, mas tentaremos descobrir.

Ela se levantou e deu um beijo em seu rosto, dizendo:

— Só que não vai ser agora. Já está tarde, vamos nos deitar e tentar dormir. Sinto que nem tudo está perdido, conseguiremos trazer nosso filho de volta.

Ele também se levantou, retribuiu o beijo e abraçou-a. Subiram a escada.

Ao passarem pelo quarto de Artur, Odete percebeu que sua porta estava apenas encostada. Abriu devagar, viu que ele estava deitado e com os olhos fixos no teto. Segurando a mão do marido, entrou. Ele a acompanhou. Ela se dirigiu à cama de Artur, ajoelhou-se e disse:

— Artur... Sei que também não está sendo fácil para você.

Eu e seu pai conversamos e chegamos à conclusão de que em algum momento nós falhamos.

Ele, chorando, disse:

— Não! Não falharam! São os pais mais maravilhosos deste mundo!

— Falhamos sim. Se assim não fosse, você teria nos contado qual era o problema...

— Por serem maravilhosos foi que não tive coragem de contar! Não queria que soubessem nunca! Não queria ver em seus rostos o que estou vendo agora! Decepção e tristeza.

— Você devia ter nos contado, mas agora já passou. Você é nosso filho e o amamos muito. Amanhã irá para a clínica, lá eles tirarão toda a droga que está em seu corpo e você não sentirá mais falta dela. Voltará a ser o filho que sempre foi de quem nos orgulhamos muito.

— A senhora acha mesmo que vou me curar?

— Claro que sim. Agora não se preocupe, trate de dormir.  
Álvaro não disse nada, apenas aproximou-se e o beijou.  
Artur sentiu um alívio profundo. Sorriu. Pai e mãe saíram abraçados do quarto”.

## **MOMENTO DE ESCOLHA**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Assim que seus pais saíram do quarto, Artur levantou-se e foi ao banheiro.

Novamente olhou-se no espelho. As olheiras continuavam grandes, seus olhos estavam vermelhos e inchados. Já não era só por causa da droga, mas também pelo muito que havia chorado. Olhando-se no espelho, pensou:

"Eles são realmente os melhores pais do mundo. Por que não confiei neles? Mas, depois de tudo que passei esta noite e de ver o sofrimento em seus rostos, nunca mais usarei cocaína ou qualquer outra droga. Irei para a clínica. Sei que não será fácil, mas conseguirei!"

Voltou para o quarto, novamente se deitou.

Devido às emoções do dia e do muito que chorara, adormeceu em seguida.

Acordou no meio da noite. Olhou para o relógio, faltavam vinte minutos para as três horas da manhã.

Estava suando. Levantou-se, sentiu um leve tremor. Voltou a se deitar após alguns segundos. Percebeu que não conseguiria. Desesperado, pensou:

"Estou novamente precisando da droga! Não! Não vou usar! Vou acordar meus pais e pedir ajuda!"

Abriu a porta. Uma luz fraca iluminava o corredor que levava aos quartos. Dirigiu-se ao quarto dos pais. Ia bater na porta, mas parou com a mão quase tocando nela:

"Não! Não posso fazer isso! Eles estão dormindo! Não é justo acordá-los!"

Voltou para o seu quarto. Lá dentro, entrou e saiu várias vezes do banheiro. O tremor aumentava a cada segundo. A vontade da droga foi se tornando insuportável. Entrou novamente no banheiro.

Não sabia quantas vezes já havia feito esse percurso. Em uma das vezes, ao sair do banheiro, olhou para a mesa do computador e para sua gaveta. Não pensou muito. Abriu a gaveta:

"Aqui está o que preciso."

Pegou um dos pacotinhos, esparramou o seu conteúdo em cima da capa de um livro, tapou um lado do nariz e com o outro inspirou. O efeito foi quase imediato. Sentiu aquele bem-estar tão seu conhecido. Em poucos minutos já era outro. Feliz, pensou:

"Definitivamente, eu gosto desta sensação". Não quero ficar sem a droga, ela só me faz bem. Não posso ir para clínica alguma, não vai adiantar. Mas também não posso continuar aqui em casa, meus pais não aceitarão, me levarão para lá.

Olhou para o armário, abriu a porta, tirou uma calça, uma camisa e uma jaqueta. Pegou os pacotinhos que estavam na gaveta, colocou-os no bolso da jaqueta e abriu a porta bem

devagar. Estava tudo em silêncio. Seus pais e Leandro dormiam. Na ponta dos pés, saiu do quarto e desceu a escada. Logo estava na porta da sala. Abriu-a e saiu.

A noite estava escura, apenas iluminada pelas luzes dos postes de eletricidade. Ele saiu caminhando sem destino. Andou muito, não se preocupando para onde ir.

Quando se deu conta, estava em frente à casa de Rodrigo. Ela estava toda escura. O carro da mãe dele não estava ali.

"Ela ainda não voltou. Para que clínica o terá levado?"

Sem saber o que fazer ou para onde ir, continuou andando. Só de uma coisa ele tinha certeza:

"Nunca mais voltarei para casa! Não quero ir para a clínica."

Continuou andando. O dia estava clareando quando chegou à favela onde Jiló morava. Enquanto entrava por uma viela, algumas pessoas passaram por ele. Imaginou que elas estivessem se dirigindo ao trabalho. Lembrou-se quando Iracema disse:

"— Não, dotô, na favela não tem só bandido, não! Tem muito trabaiadô!"

Imediatamente ele se lembrou do dia em que, chorando, ela jurara ser inocente. Lembrou-se também de seu pai empurrando-a e levando-a para a delegacia. Uma lágrima quis se formar, mas ele a enxugou:

"Isso agora será resolvido. Hoje mesmo meus pais deverão ir até a casa dela e esclarecer tudo."

Chegou finalmente à porta do barraco de Jiló. Ia bater quando se lembrou da última vez em que o acordara. Resolveu esperar até que ele acordasse. Sentou-se no chão, encostou a cabeça na parede do barraco. Ali sentado, lembrou-se do olhar de

Leandro quando tomara conhecimento de que havia sido ele quem roubara o colar e permitira que Iracema levasse a culpa.

"Ele estava com muito ódio, acho que nunca mais me perdoará."

Ficou ali sentado e pensando, sem ver o tempo passar. A porta do barraco se abriu. Jiló saiu. Ao ver Artur ali sentado, admirou-se:

— Que está fazendo aqui há esta hora? Sei que tem muita coca! Ao ver Jiló, ele se levantou, respondendo:

— Não estou aqui por causa da coca. Fugi de casa.

— O quê?

— E isso que disse, fugi de casa! Jiló com as mãos esfregou os olhos.

— Acho que ainda estou dormindo. O que você disse?

— Fugi da casa.

— Por quê? Está louco?

— Meus pais descobriram tudo e querem me levar para uma clínica, e eu não quero ir.

Jiló ficou pensando por um tempo, depois disse:

— Conte com calma, o que aconteceu?

Artur contou tudo, como haviam sido presos, dos rostos de seu pai e da mãe de Rodrigo quando os viram na delegacia. Após terminar, Jiló ficou pensando mais um pouco:

— E Rodrigo, onde está?

— Não sei, a mãe dele ia levá-lo direto para uma clínica.

— Foi mesmo?

— Foi.

— E agora? O que pretende fazer?

— Não sei, estou aqui para ver se você me ajuda ou me dá alguma idéia. Não sei o que fazer!

— Pensa que eu sei?

— Preciso de ajuda!

— A rua é bem grande! Tem bastante espaço!

— Não posso ir para a rua!

— Volte pra sua casa, então!

— Eles me internarão!

— É mano, é sua hora de escolher... Não posso fazer nada...

Entrou no barraco e fechou a porta. Artur ficou ali olhando, sem saber o que fazer. Lágrimas começaram a correr de seus olhos: "Eu devia imaginar que ele faria isso. Nunca foi meu amigo, eu era simplesmente um freguês. O que preciso fazer é voltar para minha casa. Não há outro caminho".

Estava ali ainda sentado quando um rapaz se aproximou. Viu Artur, mas não tomou conhecimento. Bateu na porta do barraco. Ela não se abriu. Ele insistiu e chamou por Jiló, só aí ele atendeu.

— Careca! É você? Entre aqui.

Afastou-se para que o rapaz pudesse entrar. Olhou em direção a Artur, não disse nada. Assim que entrou atrás do rapaz, fechou a porta. Artur ficou pensando:

"Deve ser mais um freguês que veio em busca da mercadoria." Mas não era disso que se tratava. Assim que entraram, o rapaz desabotoou a camisa e de dentro dela tirou um pacote grande. Entregou-o a Jiló, que disse:

— Trouxe uma boa quantidade, mas sabe que não é o suficiente. Minha freguesia cresce dia a dia.

— Sei disso, mas foi só isso que mandaram. Onde está o dinheiro?

Jiló tirou uma tábua do chão. Apareceu um buraco e de dentro dele tirou um pacote. Abriu-o e apareceram algumas notas. Entregou-as ao rapaz, dizendo:

— Aqui está tudo o que consegui. Assim que entregar esta mercadoria, terei mais dinheiro, por isso pode voltar daqui a dois dias e trazer mais.

O rapaz contou, embrulhou o dinheiro, tornou a enfiá-lo sob a camisa e saiu. Lá fora, olhou para Artur, dizendo:

— Você também veio comprar?

Desesperado, Artur respondeu:

— Não, estou com um problema, vim pedir ajuda pro Jiló.

O rapaz começou a rir:

— Ajuda? Acreditou mesmo que aqui encontraria ajuda?

— Não tenho mais ninguém a quem recorrer.

— O que aconteceu?

Artur ia responder quando Jiló retornou e, raivoso, disse para Artur:

— Você ainda está aqui? Já não disse que não posso ajudar? Ao ouvir aquilo, o rapaz disse:

— Você parece que está em apuros e sem rumo.

— E isso mesmo, não sei o que fazer...

— Se quiser, pode vir comigo, talvez eu possa ajudar.

Artur levantou-se e, agradecendo, acompanhou-o. Durante o caminho foi contando tudo o que havia lhe acontecido. Após ouvir, o rapaz disse:

— Estou nessa vida há muito tempo, várias vezes quis sair, mas nunca consegui. Está vendo este pacote que está aqui embaixo da minha camisa?

Artur não viu o que era, mas percebeu que o volume era bem grande. Perguntou:

— O que é isso?

— Entreguei uma mercadoria para o Jiló, e ele pagou.

— Você é um traficante?

— Não! Sou apenas um entregador, nada mais. Quem vende prós malacas é o Jiló.

— Malacas?!

O rapaz começou a rir:

— Pelo jeito, você não entende gíria! Malaca é gente igual a você e eu: viciado.

— O que faz é o mesmo que traficar.

— Prefiro não pensar assim, prefiro pensar que sou só um entregador.

— Por que faz isso?

— Cheguei a um ponto que não me restou mais nada pra fazer. Já estou acostumado.

Não quero fazer isso

— Então, meu amigo, a melhor coisa que tem para fazer é voltar pra sua casa. Meus pais são pobres, nunca me pagariam uma clínica, mas você disse que os seus querem levá-lo. Talvez seja a única solução para se livrar. Isto aqui não é vida, não. A qualquer momento a gente morre. Se não for a polícia, vai ser um outro traficante. Eu não tenho mais futuro, mas você tem ainda uma chance.

Artur ficou só ouvindo. Chegaram a uma outra favela. Ele acompanhou o rapaz até um outro barraco. Entraram.

— Aqui é o meu mocó.

Artur ficou olhando.

O rapaz começou a rir:

— Esqueci que você não está acostumado com algumas palavras! Logo aprenderá. Entre e sente-se aí.

Artur olhou a sua volta. Nunca havia visto um lugar igual àquele. O chão era de terra. Não havia quase nada lá dentro, só uma cama de solteiro, que parecia não ter colchão, uma mesa, uma cadeira quebrada e um fogareiro, mais nada. Em cima da mesa, uma panela com arroz queimado. Muita sujeira.

O rapaz percebeu que ele estava olhando. Disse:

— Está vendo onde eu moro? Se continuar nessa vida, vai acabar morando assim. Meu nome é Careca, e o seu, como é?

Artur começou a rir:

— Meu nome é Artur, mas, Careca? Isso não é nome de gente!

— De gente não, mas de quem vive nessa vida, sim! Se fosse você, já ia pensando em um nome de guerra pra usar quando for traficante.

— Nunca serei um traficante!

— Será sim. Se continuar nessa vida, sim!

— Por que não me diz seu nome verdadeiro?

— Porque se os "ómi" pegarem você, não vai poder me entregar.

— Os "ómi"? O que é isso?

Ele novamente começou a rir:

— Esqueci que você não conhece algumas gírias. Estou falando da polícia.

— Mas eu nunca o entregaria!

— Isso você diz agora, mas quando estiver nas mãos deles, nem vai se lembrar disso que está dizendo. Quer comer um pouco desse arroz? A gente pode fritar uns "óio". Antes que pergunte o que é isso, vou dizer. É ovo.

Artur olhou novamente para a panela. Disse:

— Não, obrigado, não estou com fome.

— Mas eu estou.

Com uma colher, ele tirou o arroz queimado, colocou em uma panela e levou ao fogareiro para esquentar. Enquanto esquentava, em outra panela ele fritou dois ovos. Artur ficou olhando-o comer. Imaginou como uma pessoa podia comer aquilo. Lembrou-se da comida que havia em sua casa, principalmente daquela que Iracema cozinhava. Ficou pensativo.

Quando Careca terminou de comer, disse:

— Resolveu o que vai fazer da vida?

Artur suspirou antes de responder:

— Acho que sim. A melhor coisa é voltar para casa e tentar me livrar. Só estou pensando...

— No quê?

— Você não ganha dinheiro com o seu trabalho?

— Claro que ganho, mas com o passar do tempo, a gente vai precisando de mais droga, e de mais dinheiro para pagá-la. Todo dinheiro que ganho fica por contra da droga que uso. Também acho que deve voltar para casa. Esta vida não vale a pena, não.

— É isso mesmo que vou fazer. Tchau. Careca, com um sorriso e aliviado, disse:

— Tchau, e boa sorte.

Artur seguiu pelo caminho que o levaria de volta para casa.

Enquanto caminhava pelas vielas da favela, ia prestando atenção em tudo. As vielas eram estreitas. Passava pelos barracos, alguns estavam com as portas abertas. Ele pôde notar que em quase todos existia a mesma pobreza que no de Careca. Crianças mal-vestidas brincavam. Lembrou-se do professor de Ciências quando naquele dia dissera:

"— Tem muita pobreza neste país! Muitas pessoas não têm para comer, muito menos para estudar!"

Artur ia olhando e pensando:

"Ele tinha razão. Mas por que existe tanta pobreza neste mundo?"

Chegou finalmente ao fim da favela. Já na rua, caminhou decidido em direção a sua casa.

Caminhou muito. Seus pensamentos estavam confusos. Sabia que realmente aquela era a única solução para tentar retornar à vida anterior às drogas, mas no íntimo sabia que jamais voltaria a ser o mesmo de antes. Vivera, conhecera sensações e coisas diferentes, antes nunca vividas.

Era verão. Embora ainda fosse cedo, o sol já estava quente. Ele continuou andando. Chegou à rua em que morava. De longe podia ver sua casa. Viu quando o carro de seu pai se aproximou e entrou na garagem da casa..

Os dois carros de seus pais estavam na garagem:

"Papai! De onde ele estará vindo? Ele não foi trabalhar hoje? Se eu for até lá, o que vou dizer? Eles não acreditarão em nada do que eu disser. Eu já os fiz sofrer muito. Não! Não posso entrar! Não sei o que dizer!"

Voltou-se e, correndo, tomou o caminho contrário ao da sua casa. Correu muito. Chegou à praça muito cansado. Já quase sem conseguir respirar, sentou-se em um banco. Embora soubesse que se entrasse em casa os pais o receberiam bem, pois eles o amavam, definitivamente não queria ir para a clínica.

Colocou a mão no bolso, tirou um pacotinho. Ali não tinha como cheirar. Olhou para o chão, viu uma folha de jornal. Pegou, rasgou um pedaço, enrolou como se fosse um funil,

colocou o pó dentro e cuidadosamente o inspirou. Em poucos minutos estava bem novamente:

"Não irei para clínica alguma!"

Levantou-se e continuou andando sem rumo.

Assim que Artur saiu, Careca ficou olhando a sua volta. Percebeu a pobreza enorme em que vivia. Lembrou-se de como havia começado naquela vida.

"Eu não tinha catorze anos ainda, meu pai havia abandonado nossa casa". Minha mãe ficou sozinha com quatro filhos, eu fiquei desesperado, sem saber o que fazer. Era o mais velho dos irmãos. Poderia ter tentado encontrar um trabalho, mas meu amigo Créo me ofereceu um emprego onde eu poderia ganhar muito mais. O trabalho era fácil, só tinha que entregar uma mercadoria pra alguém. Lembro-me que ele dissera:

"— O dinheiro que vai ganhar é muitas vezes mais do que vai ganhar trabalhando. Você sabe que não tem uma profissão, nem estudo."

Logo nas primeiras entregas pude ver que ele dissera a verdade. Ganhei muito dinheiro, tanto que nunca em minha vida eu tinha visto igual. Fiquei encantado com tanto dinheiro e com tão pouco trabalho. Só tinha que entregar um pacote, pegar o dinheiro e levar pro seu Romeu, nada mais. Ia tudo bem, eu levava dinheiro pra casa. Minha mãe nunca desconfiou do trabalho que eu fazia, ficava contente quando eu lhe dava dinheiro pra ir à feira. Nunca perguntou onde eu conseguia. Durante uns seis meses eu trabalhei sem problema. Até que um dia Créo me deu o primeiro baseado. Fiquei empolgado com a sensação que ele me deu. Depois do primeiro, veio outro e mais outro, até que cheirei pela primeira vez a coca. Aí sim foi que vi o que me tornava com ela. Poderia ser o que quisesse nada me importava e nada era

impossível fazer. Logo fui notando que para ter aquele prazer precisava de dinheiro, muito dinheiro. Hoje estou aqui, vivendo desse jeito... Sempre coloquei a culpa na pobreza, mas e Artur? Por tudo que me contou, é um menino rico! Tem uma família perfeita! Por que entrou nessa? Não sei, não sei mesmo.

Foi em direção a uma gaveta, tirou uma seringa, aqueceu o pó e se aplicou. Em seguida, começou a rir muito. Saiu para a rua”.

## **DESESPERO E PROCURA**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Naquela manhã, Odete abriu os olhos, não havia dormido bem. Acordara e voltara a dormir várias vezes. Seu coração estava apertado, sentia uma pressão sobre o peito que lhe causava dificuldade para respirar. Várias vezes foi obrigada a respirar profundamente. Percebeu que Álvaro também não conseguira dormir bem. Olhou para ele, que estava deitado ao seu lado e naquele momento dormia profundamente. Sorriu enquanto pensava:

"Preciso me levantar, vou preparar o café, depois os chamarei. Hoje teremos um longo dia. Depois de levamos Artur para a clínica, iremos em busca de Iracema. Na gaveta do escritório deve estar o seu endereço. Tomara que consigamos obter seu perdão."

Ficou ali deitada por mais um tempo, pensando em tudo o que havia acontecido na noite anterior e tentando encontrar o momento em que havia se descuidado de Artur. Em seu pensamento só havia uma certeza:

"Eu falhei como mãe! Sou a culpada dele estar nessa situação, mas farei tudo para me redimir. Eu o trarei de volta!"

Levantou-se, em silêncio saiu do quarto, não queria que Álvaro acordasse. Ao passar pelo corredor viu que as portas dos quartos de Artur e Leandro estavam fechadas. Sorriu e foi para a cozinha.

Preparou o café e a mesa para servi-lo.

"Antes de chamar Álvaro irei até o quarto de Artur. Verei como está. Conversarei a respeito da clínica, notei que está muito assustado."

Foi para o quarto de Artur, abriu a porta e entrou bem devagar. Assim que olhou para a cama, levou um susto. Olhou para a porta do banheiro. Ela estava fechada. Sorriu. Bateu na porta:

— Artur! Você está aí?

Bateu e chamou por duas vezes. Não obtendo resposta, abriu a porta e entrou. Ficou desesperada ao ver que ele não estava ali. Foi correndo em direção ao seu quarto:

— Álvaro, acorde! Artur não está em casa!

Álvaro abriu os olhos e num pulo sentou-se na cama:

— Como não está em casa? Onde ele está?

— Não sei! Fui até seu quarto e ele não está lá!

Ele se levantou, foi em direção ao quarto de Artur, olhou tudo, até o banheiro.

— Ele não está mesmo! Para onde terá ido?

Odete olhou para a mesa do computador, lembrou-se dos pacotinhos que havia visto e não dado atenção. Correndo, abriu a gaveta; eles não estavam mais lá. Começou a chorar:

— Sou mesmo uma idiota!

— Por que está dizendo isso?

— Ontem, quando vim procurar a agenda de telefone, vi aqui nesta gaveta alguns pacotinhos com um pó branco, devia ser a droga, mas eu não sabia! Nunca vi droga em toda a minha vida! Não está mais aqui! Ele levou!

Álvaro se desesperou:

— Eu deveria ter dado ouvidos ao delegado! Ele tentou me alertar! Disse que Artur deveria ser levado para uma clínica assim que saíssemos da delegacia, que não deveria voltar para casa! Mas eu não quis! Queria que você tomasse conhecimento de tudo, e que pudéssemos escolher a melhor clínica para levá-lo!

— E agora? O que faremos?

— Não sei! Não sei! Onde ele estará?

Odete sentou-se na cama e começou a chorar com desespero. Ao vê-la daquela maneira, Álvaro se recompôs:

— Não fique assim... Não vai adiantar nos desesperarmos... O melhor que temos a fazer é irmos lá para baixo e pensarmos em uma maneira de encontrá-lo.

Levantou-a pelos braços. Assim que ela ficou de pé, deu-lhe um abraço muito forte, dizendo:

— Precisamos nos acalmar, nossa vida está se desmoronando, mas eu a amo... E amo nossos filhos... Sei que sou amado por vocês... Encontraremos uma maneira para ajudar nosso filho... E nos ajudar também...

Seus corações, que até aí batiam descompassados, aos poucos foram voltando ao ritmo normal. Ela parou de chorar. Afastou seu rosto do dele e disse com voz firme:

— Tem razão. Chorar não vai resolver nada. Que pretende fazer?

— Ligar para a delegacia e comunicar que ele desapareceu.

— E isso mesmo! Boa idéia.

Desceram abraçados. Assim que chegaram à sala, ele pegou imediatamente o telefone, ela ficou ao seu lado. Ele, com o telefone não mão, disse:

— Não sei o número da delegacia!

Embora nervosa, ela deu um sorriso. Abriu uma gaveta e pegou a lista telefônica. Ansioso, ele foi virando as páginas até encontrar o número que procurava:

— Encontrei! Está aqui!

Discou o número, uma pessoa atendeu. Ele comunicou o desaparecimento de Artur. A pessoa disse:

— O senhor precisa vir até a delegacia, e de preferência trazer uma foto do desaparecido.

— Está bem, irei agora mesmo.

Assim que colocou o telefone de volta no gancho, olhou para Odete.

— Preciso ir até a delegacia.

— Também irei!

— Não pode... Precisa ficar com Leandro. Fique calma, vou e volto o mais depressa possível. Preciso levar uma foto de Artur.

Ela não discutiu, sabia que ele tinha razão, Leandro não poderia ficar sozinho em casa. Afastou-se, foi para seu quarto e pegou uma foto de Artur que estava em um porta-retratos. Voltou com ela na mão:

— Está aqui, é bem recente, ele está lindo...

— Irei agora mesmo.

Com a foto nas mãos, ele foi saindo. Ela disse:

— Vai sair vestido com esse pijama?

Ele se olhou, um pouco sem graça, subiu e foi trocar de roupa. Voltou em seguida, deu-lhe um beijo no rosto e saiu.

Assim que ele saiu, Odete novamente começou a chorar. Seu pensamento estava atormentado:

"Eu sou a culpada... não fui uma boa mãe... se assim não fosse, ele teria confiado e me contado seus problemas... ele deve ter um problema, mas qual?"

Ficou ali chorando, andando de um lado para o outro.

Leandro acordou, levantou-se e foi para a sala. Estava com fome, queria tomar café. Assim que chegou, encontrou a mãe chorando. Assustado, perguntou:

— Mamãe! O que aconteceu? Por que está chorando?

Ela o abraçou e contou tudo. Ele, que já estava com raiva de Artur por ter mentido em relação à Iracema, ficou mais bravo ainda:

— Ele não pode fazer isso! Por que está fazendo essas coisas? Mentindo, roubando, fazendo à senhora e o papai ficarem nervosos! Estou sentindo um ódio muito grande por ele!

— Não diga isso, meu filho... Ele está doente... Precisa da nossa ajuda. Venha tomar o seu café.

Ele se sentou e ela o serviu. Após tomar o café, sentou-se ao lado dela em um sofá. Percebeu que ela estava nervosa, abraçou-se a ela e ficou quieto, sem dizer ou fazer nada. Ela parou de chorar, mas ficou com o olhar distante, relembando o passado. Desde o dia em que Artur nascera, e pensava em como eram felizes.

Após algum tempo, Leandro ligou o televisor e começou a assistir desenhos. Ela foi para a cozinha, ficou mexendo aqui e ali.

Estava andando de um lado para o outro quando ouviu o barulho do carro de Álvaro entrando na garagem. Correu para fora. Leandro continuou assistindo à televisão. Não estava preocupado, mas sim com muita raiva.

Ela chegou à garagem no momento em que Álvaro descia do carro:

— Então, Álvaro? O que eles disseram?

Ele a abraçou e a conduziu de volta para dentro da casa. Ao entrar, viu Leandro, que continuava na mesma posição. Ao ver o pai, levantou-se e correu para ele. O pai abriu os braços e o abraçou forte:

— Tudo bem, meu filho? Com lágrimas, ele respondeu:

— Tudo bem..

— Isso mesmo! Está tudo bem e ainda ficará melhor! Tenha certeza disso!

Leandro se soltou de seus braços e voltou seus olhos para a televisão. Álvaro fez um sinal para Odete e subiu a escada. Ela o acompanhou. Assim que chegaram ao quarto, ansiosa ela perguntou:

— O que eles disseram?

— Que é preciso esperar quarenta e oito horas para começar a busca.

— Quarenta e oito horas? Mas é muito tempo!

— Também disse isso, mas me foi dito que esse é o regulamento.

— E agora? Que faremos? Era o mesmo delegado de ontem?

— Não, era outro, mas foi também muito atencioso. Contei tudo o que havia acontecido. Ele se mostrou condoído. Disse que a

droga está realmente destruindo uma boa parte da juventude, e que a polícia se sente impotente para lutar contra o tráfico. Deixei a foto de Artur. Passadas as quarenta e oito horas ela será colocada em todos os lugares estratégicos, e principalmente em todas as delegacias.

— Nas delegacias? Por quê?

— O delegado disse que, de acordo com sua prática, Artur logo aparecerá. Voltará para casa ou será preso novamente.

— Preso!?! Não pode ser! Por quê?

— Conteí a ele sobre os pacotinhos que você viu. Ele disse que assim que eles terminarem Artur fará qualquer coisa para conseguir mais. Por isso, com certeza, tentará furtar novamente.

Ela chorava desesperada.

— Não! Por favor, diga que isso que está dizendo não é verdade!

— Sinto muito, meu bem, mas foi isso que o delegado disse.

Por outro lado, tomara que seja logo, pois assim o encontraremos e o levaremos para a clínica.

— Não sei se devemos fazer isso... Ele pareceu muito assustado com essa idéia...

— Também notei, mas é o único caminho. Precisamos esperar, é o melhor que pode ser feito no momento...

Ela se abraçou a ele e ficou chorando baixinho. Estavam assim quando Leandro entrou no quarto. Da porta viu os pais abraçados e sua mãe chorando. Aquilo fez com que ele sentisse mais raiva de Artur. Sua mãe, ao vê-lo, enxugou as lágrimas e caminhou em sua direção:

— Leandro, está precisando de alguma coisa?

— Estou querendo saber quando iremos à casa de Iracema.

Ela olhou para Álvaro. Ele também foi em direção a Leandro:

— Hoje não poderemos ir. Precisamos ficar aqui e esperar por Artur.

— Ele não vai voltar! Iracema deve estar muito triste! Ela não merece!

— Olhe meu filho, sei que está triste e revoltado, sei que Artur errou muito, mas ele ainda é seu irmão e nosso filho. Hoje ficaremos aqui em casa, você irá para a escola como sempre, e amanhã é sábado. Prometo que logo pela manhã iremos procurar Iracema, está bem assim?

Ele balançou a cabeça, dizendo que sim. A mãe o abraçou e deu-lhe um beijo na testa. Ele saiu do quarto. Ela se voltou para o marido:

— Ele está muito triste, precisamos dar-lhe muita atenção.

— Sim. Além do mais, precisamos mesmo procurar Iracema e Jarbas para pedir-lhes perdão.

Ela sorriu tristemente e, abraçados, saíram do quarto.

Ao chegarem à sala, Álvaro olhou para Leandro, que continuava ali deitado no sofá e com os olhos fixos na televisão. Não fez nenhum movimento quando viu os pais entrarem. Odete sentia que o filho estava precisando dela, mas ela própria também estava precisando de consolo e conforto, não tinha e nem sabia mais o que dizer ou fazer. Caminhou em direção à cozinha. Aquele local havia se tornado o seu refúgio.

Após alguns minutos, Álvaro entrou na cozinha:

— Odete, preciso ir até o escritório. Tenho hoje que representar um cliente perante o juiz e agora está muito tarde para que a audiência seja desmarcada.

— Estava aqui pensando; não estou em condições de dar aula. Liguei para a escola e pedirei para hoje ser substituída.

Ficarei esperando por Artur, sei que ele voltará. Pode ir para o escritório tranqüilo.

— E Leandro? Não irá hoje para a escola?

— Sim, eu o levarei e voltarei em seguida.

Ele saiu da cozinha e dirigiu-se ao seu quarto para se vestir e poder sair. Ela continuou ali, preparando algo para o almoço. Seus pensamentos estavam confusos, não acreditava que tudo aquilo estivesse acontecendo. Pensava:

— Desde que tudo foi descoberto Álvaro só me chama pelo meu nome. Isso demonstra o quanto está preocupado. Como a nossa vida pôde mudar tão de repente? Ontem mesmo éramos uma família feliz... A tranqüilidade reinava aqui... E agora? Como será que conseguiremos viver? Artur, meu filho! Onde você está?

Novamente, sem que conseguisse evitar, as lágrimas começaram a cair. Ela tentava inutilmente enxugá-las.

Ouviu o barulho do telefone chamando. O som vinha da sala. Ela não estava bem, não queria falar com ninguém. Caminhou em direção à sala, mas antes que dissesse qualquer coisa, Leandro atendeu ao telefone:

— Alô!

— Leandro! Está tudo bem por aí?

— Não está não...

— Por quê? O que aconteceu?

— Artur fugiu de casa... E a mamãe está chorando... Odete chegou junto dele, pegou o telefone de suas mãos:

— Alô, mamãe!

— Odete! O que aconteceu?

Ela desabou, não conseguia conter as lágrimas, os soluços e nem falar. Do outro lado da linha, sua mãe desesperada dizia:

— Por favor! Pare de chorar! Diga-me, o que aconteceu?

Odete tentava, mas não conseguia se conter. Nesse momento, Álvaro, depois de trocar de roupa e se preparar para sair, entrou na sala. Ao ver aquela cena, correu em direção a Odete e tirou o telefone de sua mão:

— Alô!

— Álvaro! O que está acontecendo aí?

— Algo muito grave, Artur saiu de casa.

— Como? Por quê? Estou indo pra aí!

— Venha, por favor... Odete está precisando de ajuda, eu preciso ir para o escritório.

— Está bem. Já estou indo.

Ele desligou o telefone. Odete estava ali, sentada e tentando com as mãos enxugar as lágrimas. Ele se aproximou, dizendo:

— Meu bem, não fique assim... Tudo vai ficar bem... Sua mãe está vindo para cá. Sabe como ela é lúcida e tranqüila... Ela lhe fará companhia e assim poderei ir sossegado para o escritório. Voltarei o mais breve possível. Está bem assim?

Ela não conseguia falar, apenas balançou a cabeça. Ele beijou sua testa, deu um beijo em Leandro e saiu.

Enquanto dirigia o carro para o escritório, também não ligou o rádio. Assim como Odete, ele também pensava:

"Como nossa vida mudou tanto? Por quê? Em que momento me descuidei de Artur? O que deixei de fazer por ele? Que estará ainda para acontecer?"

Chegou ao escritório. Ao entrar, lembrou-se de Jarbas, sempre ali, solícito e demonstrando interesse em aprender. Seu coração se apertou:

"Como consegui praticar uma injustiça como aquela? Preciso trazê-lo de volta."

Mais ou menos após quarenta minutos de Odete ter falado com sua mãe, um táxi parou em frente à casa. Leandro, ao ouvir o barulho do táxi, abriu a porta e saiu correndo para fora.

Do táxi desceu Noélia, uma senhora de mais ou menos sessenta anos. Bem vestida, com os cabelos levemente grisalhos, mas bem penteados. Quando viu Leandro correndo em sua direção, abriu os braços. Ele a abraçou e começou a chorar. Com os braços em volta dele, disse:

— Leandro... Não chore. Tudo ficará bem.

Abraçados, começaram a andar em direção à porta da sala. Odete, que estava na cozinha, ouviu o barulho do táxi. Chegou ao momento em que eles também chegavam. Ao ver a mãe, começou a chorar. Esta a abraçou e, em silêncio, entraram.

Lá dentro, Odete a convidou para que fosse até a cozinha, onde estava terminando de preparar o almoço. Só para os três, Álvaro não iria almoçar.

Na cozinha, enquanto se sentava Noélia perguntou:

— O que aconteceu? Por que Artur saiu de casa?

Odete ia recomeçar a chorar, mas Noélia, decidida, disse:

— Não chore! Isso não vai adiantar. Conte-me tudo.

Odete conhecia sua mãe, sabia como ela sempre fora uma mulher forte e decidida. Nunca em sua vida a vira chorar. Sempre resolvera todos os problemas. Enxugou as lágrimas, respirou fundo e contou com detalhes tudo o que acontecera. Noélia ouvia em seu rosto nenhum músculo se moveu. Seus olhos sim demonstravam preocupação e tristeza.

Enquanto contava, Odete não se conteve. Mesmo sem soluçar, as lágrimas caíam. Noélia ouvia, não a recriminava mais por estar chorando. Ao contrário, ficou calada, com os olhos

parados. Quando Odete terminou, após alguns segundos ela disse:

— Como foi que ele começou isso?

— Não sei. Nunca poderíamos imaginar que estivesse agindo assim! Foi sempre um bom menino, atencioso e calmo.

— Bem, minha filha, sei que o que vou dizer talvez não adiante, mas preciso dizer...

— Já sei! Vai dizer que eu fui à culpada! Que não soube cuidar do meu filho!

— De onde tirou essa idéia?

— Porque eu me sinto assim!

— Pois não deveria... Você não é a culpada de nada...

— Como não? Eu não lhe dei confiança o bastante para que me contasse seus problemas.

— A maioria dos pais, quando têm seus filhos, procura dar a eles o melhor. Sei que tanto você como Álvaro sempre deu para esses meninos não só educação, mas também carinho, conforto e muito amor.

— Também pensava assim, mas parece que faltou algo.

— Vocês deram a ele todas as condições para que tivesse uma vida tranqüila e produtiva. Porém, ele escolheu seu próprio caminho, e isso vocês não poderiam evitar...

— Como escolheu seu próprio caminho? Ele é ainda uma criança!

— Não é mais uma criança... Já é quase um adulto...

— Mas ainda não é!

— Como espírito, ele já é um velho...

Lá vem a senhora com essa sua religião

— Era exatamente sobre isso que queria conversar.

— Sabe que não acredito em nada disso!

— Sei sim... Nunca obriguei a nenhum dos meus filhos a seguir uma religião. Sempre acreditei que cada um de vocês teria o momento certo para fazer suas escolhas. E acho que o seu momento chegou.

— Acredita que se eu começar a seguir sua religião o meu filho voltará e tudo ficará bem?

— Não disse isso. Não importa a religião que siga tudo será como tem que ser. Mas tenha certeza que sempre é para um bem maior.

— Não estou entendendo. Como pode dizer que tudo o que agora está acontecendo poderá ser para um bem maior?

— Artur está agora vivendo um momento decisivo em sua vida. Terá a oportunidade de exercer o seu livre arbítrio.

— O que é isso?

— É a oportunidade que Deus nos dá para escolhermos nosso caminho.

— Continuo não entendendo, o que está querendo dizer?

— Como filhos de Deus, nascemos com boas e más qualidades. Ao longo de nossa existência vamos vivendo bons e maus momentos. Temos oportunidade de praticar boas e más coisas. Tudo dependerá de nossas escolhas.

— Escolhas? Que escolhas? Acredita que eu escolhi isto que me está acontecendo?

— Não, você não escolheu, mas isto tudo está acontecendo, e você terá que tomar uma atitude. Qual será?

— Não sei! Não sei o que fazer!

— Então, se não sabe, não faça nada.

— Como não fazer nada? Vou ver meu filho se destruir e não fazer nada?

— Você disse que não sabe o que fazer.

— A senhora sabe de alguma coisa que eu possa fazer?

— Se aceitar uma sugestão, eu diria que precisa encontrar esse Deus, entregar seu filho a Ele, pedir que o ilumine e lhe mostre o melhor caminho.

— Só isso?

— Sim, é só isso que pode fazer. As coisas de Deus são sempre simples. Nós é que costumamos complicar.

Noélia, enquanto dizia isso, sorria. Odete continuou:

— A senhora é mesmo muito simplista! Até hoje não me conformo como, dois meses após a morte de Romualdo naquele acidente, a senhora não ligava mais e nem chorava! Nem parecia que fora o seu filho a morrer! Deu-nos a todos a impressão de que não gostava dele!

Noélia ficou lívida, seus olhos demonstravam o que estava sentindo. Ficou por um tempo calada, depois disse:

— Naquele dia, uma parte de mim também morreu, mas foi por causa daquilo que procurei encontrar um Deus que me desse às explicações que eu procurava. Aprendi que Romualdo fora um presente que Deus me dera, mas que nunca fora meu na realidade. Ele veio para alegrar minha vida por um tempo, mas na hora e dia certos, voltou para o seu verdadeiro lugar. Aceitei essa explicação, por isso não sofri ao pensar nele. Sei que ele está em algum lugar e que mais cedo ou mais tarde eu o encontrarei.

Ao ver o rosto da mãe, Odete se arrependeu do que dissera. Sua mãe havia sido a melhor mãe que ela conhecera. Sempre estivera ao lado dos filhos, dando conselhos, mas sempre deixando que cada um seguisse o caminho escolhido. Muito envergonhada, disse:

— Perdão, mamãe... Não quis dizer isso... Sei que sempre nos amou a todos, principalmente a Romualdo, ele era o caçula.

— Não se preocupe com isso. Sempre me faz muito bem lembrar dele. Mas estávamos falando de Artur.

— Sim, a senhora disse que eu tenho que encontrar Deus e entregar-lhe o meu filho.

— Isso mesmo.

— Onde está Deus? Na sua religião?

— Não.

— Não? Se ele não está lá, por que a segue?

— Sou espírita por acreditar e aceitar seus ensinamentos. Porque através deles aprendi que todos os problemas são passageiros e, finalmente, porque me faz bem, mas sei que Deus não está em religião alguma. Todas elas são apenas denominações. Deus está dentro de cada um de nós. Sejamos religiosos ou não. Crentes ou ateus. Todos sempre teremos Deus ao nosso lado, nos ajudando e conduzindo para que encontremos o caminho que nos levará até ele.

— Acredita mesmo nisso?

— Sim, por isso acho que deve procurar esse Deus primeiro dentro de você, depois em qualquer religião, na qual se sinta bem.

— Não sei... Não sei se conseguirei isso...

— Tente minha filha... Tente. A presença de Deus em seu coração só lhe fará bem. Agora, está na hora de almoçarmos. Leandro vai para a escola, não vai?

Odete se levantou:

— Vai sim. Vamos arrumar a mesa? A comida está pronta.

— Vamos sim.

Almoçaram. Leandro colocou seu uniforme escolar. Quando estavam saindo, Noélia disse:

— E quanto a Iracema? O que pretende fazer?

— Amanhã eu, Álvaro e Leandro tentaremos encontrar sua casa. Contaremos tudo o que aconteceu, pediremos perdão a ela e a seu filho, e também que voltem a trabalhar conosco. Álvaro disse que dará um aumento de salário aos dois.

— Faça isso, minha filha. Não existe nada pior que uma injustiça. Tomara que consigam fazer isso e que eles os perdoem. Quer que, depois de levarmos Leandro, eu volte e fique com você?

— Hoje é sexta-feira, dia em que a senhora vai a seu centro espírita. Não acho justo perder seu compromisso por minha causa. Depois da conversa que tivemos estou bem. Preferia que a senhora fosse lá e pedisse por Artur.

— Está bem, farei isso. Depois de levar Leandro poderia me deixar em casa?

— Claro que sim. Obrigada por ter vindo.

Noélia apenas sorriu. Sabia que a filha estava sendo sincera e que a conversa que tiveram realmente lhe fizera bem.

Após deixar Leandro na escola, Odete seguiu para a casa de sua mãe. Estacionou o carro em frente a uma linda casa. Noélia perguntou:

— Você não vai entrar? Poderemos tomar um café e conversar mais um pouco.

— Não, mamãe, prefiro ir para casa. Se Artur voltar, quero estar lá.

— Está bem, mas não se esqueça daquilo que conversamos.

— Não me esquecerei, aquela conversa me deixou mais calma.

— Isso mesmo, minha filha. Deus é um pai amoroso e bom, não nos abandona nunca.

Dizendo isso, beijou a filha e desceu do carro. Odete retribuiu o beijo, deu adeus com a mão. Seguiu.

Noélia ficou olhando a filha se afastar. Sorriu enquanto pensava:

"Deus a proteja, minha filha..."

Quando o carro desapareceu, ela entrou em casa. Embora fosse dia e o sol brilhasse, a sala estava na penumbra. Zulmira, sua empregada, ao sair fechara a cortina, que era azul-marinho. Sentou-se em um sofá. Estava cansada, talvez não fisicamente, mas por tudo o que soubera.

"Meu neto! Meu adorado neto... que caminho é esse que está seguindo? Meu Deus proteja-o... não permita que ele destrua sua vida de agora e a futura..."

Levantou-se e encaminhou-se à cozinha. Para chegar nela teria que passar pela sala de jantar. Quando chegou à porta, parou. Olhou para uma mesa grande de madeira escura, suas cadeiras eram forradas de cetim dourado. Lembrou-se de seus filhos crescendo e sentados em volta dela. Levantou os olhos em direção a uma cristaleira. Nela havia cristais caríssimos. Muitos ela comprara em viagens que fizera ao exterior acompanhando seu marido. Sobre a cristaleira havia um porta-retratos, onde estava a foto dela, seu marido e seus quatro filhos. Três moças e um rapaz. Seus olhos pararam no rosto de seu filho:

"Romualdo, meu filho querido. Sei que hoje está bem e que vela por todos nós. Graças a você conheci essa doutrina maravilhosa, que só me fez bem. Se assim não fosse, eu teria enlouquecido quando você se foi. Não sei qual foi o motivo para que Deus o levasse tão cedo, tendo ainda uma vida inteira pela frente, mas aprendi que Ele sabe tudo. Que nada está errado nesta vida. Não sei se pode, mas se puder, ajude Artur, ele está precisando muito."

Uma lágrima de saudade se formou em seus olhos. A seu lado, Romualdo se fez presente. Estava acompanhado por um outro homem, bem mais velho que ele. Os dois sorriram e lançaram sobre ela uma quantidade imensa de luz. Noélia foi se sentindo muito bem. Respirou fundo, olhou para outro móvel onde guardava sua louça, que também era de porcelana finíssima. Sobre o móvel estavam mais três porta-retratos, esses menores, onde pôde ver fotos de suas filhas com os maridos e filhos. Odete, a mais velha, com Álvaro e os filhos. Gilda com o marido, dois meninos e uma menina. Claudete ao lado do marido e mais quatro crianças. Três meninas e um menino. Com um sorriso, pensou:

"Essa é a minha família... Tenho consciência de que os criei com carinho e dedicação. Amo-os muito. Deus me presenteou com marido e filhos maravilhosos. Não permitirá que meu neto se desvie do caminho... sei que neste momento preciso fazer muita prece, sei que isso ajudará muito, mas sei também que só ele poderá se libertar. Ele terá de escolher. Deus, meu Pai! Não permita que ele faça a escolha errada".

## **REPARANDO UMA INJUSTIÇA**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Durante aquela noite, o único que conseguiu dormir foi Leandro. Estava tranqüilo, pois sabia que procurariam Iracema e, quem sabe, talvez ela retomasse para junto deles.

Álvaro e Odete não conseguiram dormir. A preocupação que sentiam em relação a Artur era indescritível. Perguntavam-se o porquê de tudo aquilo estar acontecendo com eles. Ao mesmo tempo, culpavam-se e buscavam entender qual teria sido o motivo que levara Artur a consumir drogas.

Não conseguiam também esquecer de Iracema e da injustiça que praticaram com ela.

Ainda não eram seis horas da manhã quando Odete, não suportando mais, levantou-se. Tomou banho, vestiu a primeira roupa que encontrou e saiu do quarto. Passou pela porta do quarto de Leandro, entrou devagar, olhou. Ele dormia profundamente. Ao passar pelo quarto de Artur, uma leve esperança fez com que abrisse a porta, mas ele não estava lá. Carregando o mundo em suas costas, desceu a escada.

Saiu para o quintal. Com a mente tomada pelo desespero, pensou:

"Artur! Onde você está? Por que fez isso? Por que fugiu? Nós o amamos e só queremos o seu bem!"

Lágrimas desciam por seu rosto. Naquele instante lembrou-se de tudo que sua mãe havia lhe dito. Levantou os olhos para o céu e disse em voz baixa:

— Meu Deus! Se tudo o que minha mãe disse for verdade... Entrego neste momento meu filho em suas mãos... Proteja-o, Senhor... Por favor...

Estava assim quando sentiu uma mão abraçando-a por trás. Voltou-se. Era Álvaro, que com a voz embargada e com lágrimas se formando em seus olhos, disse:

— Você está rezando... Pedindo por nosso filho... Não sei se tenho esse direito... Há muito tempo estou afastado de Deus... Há

muito tempo a minha única preocupação tem sido ganhar cada vez mais dinheiro... Se rezar, não sei se Ele me atenderá...

Chorando, os dois abraçaram-se. Ficaram assim por muito tempo. Cada um a seu modo, conversando com Deus.

Naquele momento, sem que percebessem, uma luz os envolveu. Ela saía das mãos de um homem que sorria. Ao seu lado estava um rapaz, que disse sorrindo:

— André, enquanto esse amor durar entre eles, sempre haverá uma esperança.

O espírito que jogava a luz respondeu:

— Sim, Romualdo, você tem razão. Eles agora estão passando por um momento decisivo, quando terão que reafirmar o amor que sempre existiu entre eles. Tenho fé que conseguirão...

Odete e Álvaro continuavam abraçados e chorando, mas aos poucos foram se acalmando. Uma paz imensa tomou conta dos dois. As lágrimas cessaram. Ainda abraçados, entraram novamente na casa. Foram acompanhados pelos dois espíritos. O mais velho disse:

— Ficaremos ao lado deles até que tudo volte ao normal. Romualdo, sorrindo, balançou a cabeça, dizendo que sim. Assim que Álvaro e Odete entraram na cozinha, ela disse:

— Filho, já está acordado? E vestido para sair? Realmente, Leandro estava entrando pela porta que ficava do lado oposto de onde eles entravam. Com o rosto sério, ele respondeu:

— Estou pronto para procurar Iracema.

— Mas ainda é muito cedo! Antes precisamos tomar o nosso café.

— Quando vai ser à hora?

Odete não se conteve. Sorriu e respondeu:

— Sei meu filho, que você está ansioso. Vamos fazer o seguinte: Vou preparar o café. Assim que terminarmos de tomá-lo, iremos. Está bem assim?

Ele apenas balançou a cabeça e saiu da cozinha. Odete olhou para Álvaro:

— Precisamos nos apressar, ele está mesmo muito ansioso.

— Tem razão. Eu também estou, preciso reparar a injustiça que pratiquei. Tomara que consiga.

— Conseguirá. Claro que conseguirá!

Ele sorriu e dirigiu-se para a sala.

Odete continuou na cozinha. Assim que terminou de preparar o café, levou-o para a sala. Álvaro e Leandro terminavam de preparar a mesa. Sentaram-se e tomaram o café. Leandro ficou o tempo todo calado. Assim que terminaram, Odete e Álvaro subiram e foram se vestir.

Após alguns minutos, regressaram. Leandro, assim que os viu, levantou-se dizendo:

— Agora podemos ir? Já está tarde.

Os pais não conseguiram deixar de notar que ele falava em um tom muito sério, nem parecia ser apenas uma criança. Álvaro o abraçou:

— Está na hora, sim. Espero que não seja tarde demais.

Leandro não disse nada, apenas dirigiu-se à porta de saída. Os pais o seguiram. Estavam entrando no carro quando Odete disse:

— Esperem, esqueci o endereço.

Entrou correndo na casa. Foi até o escritório e abriu uma gaveta. Dentro de uma pasta havia uma espécie de ficha de Iracema, com foto e endereço. Pegou a pasta e saiu.

— Está aqui, podemos ir.

— Você sabe onde ela mora?

— Não, mas tenho o nome do bairro, e sabemos que ela mora em uma favela. Teremos que procurar.

— Está bem, vamos.

Foram no carro de Álvaro, que dirigia pensando: "Que direi a ela? O que precisarei fazer para que me perdoe? Nunca deveria ter sido tão injusto!".

O bairro onde Iracema morava era bem distante. Mais de uma hora depois, finalmente chegaram. Perguntaram em uma padaria onde ficava a favela. Receberam a indicação. Seguiram o caminho indicado. Logo perceberam que estavam saindo do centro do bairro. Pegaram uma outra rua, quase desabitada, e seguiram por ela. Ao longe, viram uma favela, na encosta de um morro. Para se chegar a ela havia só uma rua, sem asfalto e esburacada. Álvaro levou o carro até ela e entrou devagar. Durante esse caminho, os três olhavam para cima. Viam barracos que pareciam que despencariam a qualquer momento. Perceberam que para chegar ao alto só havia uma rua. Nela existia uma escadaria, seus degraus feitos provavelmente pelos moradores. Eram de terra e seguros por algumas madeiras. Álvaro parou em frente à rua. Um homem vinha descendo. Leandro, assim que o pai parou, desceu do carro e subiu correndo a escadaria. Os pais quiseram evitar, mas era tarde. Em poucos minutos ele falava com o homem que vinha descendo:

— O senhor sabe onde mora Iracema?

Ele olhou para o menino e em seguida para Álvaro e Odete, que também subiam à escadaria. Assim que chegaram a seu lado, disse colocando a mão sobre o rosto, como se estivesse tentando se lembrar:

— O menino aqui está perguntando por uma Iracema, não sei não... Mas parece que lá no alto, antes da última viela, mora uma mulher com esse nome. Acho que ela veio do interior e tem uma porção de filhos...

Leandro falou alto:

— É ela mesma, tenho certeza! Onde é, moço?

O homem apontou para cima, mostrou o local e em seguida se afastou. Os três olharam para onde ele apontava. Leandro saiu correndo na frente. Álvaro e Odete novamente o seguiram. Após subirem alguns degraus, Álvaro, por ser esportista não sentiu nada, mas Odete se cansou e parou:

— Álvaro, estou cansada, não sei se agüentarei subir até lá no alto.

Ele também parou e chamou Leandro, que estava bem à frente. O menino ouviu e parou, olhando para trás. Álvaro disse em voz alta:

— Leandro, espere um pouco, sua mãe está cansada!

Ele desceu as escadas correndo e foi para junto da mãe:

— A senhora está muito cansada mesmo?

— Só um pouquinho, meu filho, mas logo estarei bem. Só preciso subir um pouco mais devagar, não consigo acompanhá-lo. Você está indo depressa demais. Iracema estará lá em dez minutos ou mais.

— Estou com saudades dela!

— Eu também, mas vamos subir devagar?

— Está bem.

Ela sorriu, e reiniciaram a subida, já bem mais devagar. Enquanto subiam iam passando por barracos e vielas. Algumas pessoas desciam e subiam à escada. Alguns traziam crianças seguras pelas mãos. Alguns cumprimentavam, outros não, mas

eles puderam perceber que sua presença ali trazia curiosidade. Álvaro observava tudo. Pensava:

"Iracema tinha razão ao dizer que na favela havia muitas famílias e gente que trabalhava. Essas pessoas que estão passando são realmente famílias...".

Continuavam subindo. Perceberam que os barracos eram mal construídos e que havia muita pobreza. Álvaro subia em silêncio e pensando:

"Quanta pobreza... nunca vi igual. Fui uma criança pobre, mas sempre morei em uma casa e em uma rua. Nunca andei vestido como essas crianças que estou vendo aqui. Não... eu não tinha a menor idéia do que fosse uma favela, só ouvia dizer ou via em algum noticiário na televisão...".

Estava realmente impressionado por estar frente a frente com aquela realidade até então desconhecida por ele.

Chegaram finalmente à viela que o homem havia apontado e entraram nela. Uma senhora ia saindo de um barraco. Leandro perguntou:

— A senhora sabe onde Iracema mora? Ela olhou os três de cima a baixo.

— Que quer com ela?

Leandro, ansioso, ia responder, quando Odete disse.

— Temos urgência em falar com ela.

— Acho que perderam a viagem...

— Por quê?

— Ela trabalhava muitos anos em uma casa de gente muito rica. Eles desconfiaram que ela tinha roubado uma jóia, levaram-na até a delegacia. Ficou muito triste, dizia que tinha quase certeza que quem tinha roubado era o filho deles, ela estava desconfiada e tentando descobrir se ele estava usando droga, mas

não deu tempo. Ela disse que gostava muito de todos naquela casa, principalmente do tal filho. Não teve coragem de dizer do que estava desconfiando.

Álvaro ficou lívido, dos olhos de Odete lágrimas desciam livremente. Leandro, desesperado, disse:

— Onde ela mora? Onde ela está?

— Não sei não, menino. Ela ficou muito doente de tristeza e vergonha. Os filhos dela resolveram se mudar daqui. Venderam o barraco e foram embora. O Jarbas, filho dela, também foi mandado embora do emprego. Ele é um bom menino, muito estudioso, também ficou triste. Não sei onde estão.

Ao ouvir aquilo, Leandro, que chorava, disse:

— Está vendo, papai, o que o senhor fez?

Álvaro não respondeu. Odete, contendo-se para não chorar, disse:

— Por favor, senhora. Era em nossa casa que ela trabalhava. Só agora tomamos conhecimento de toda a verdade. Ela tinha razão, meu filho está mesmo envolvido com drogas. Estamos aqui justamente para lhe pedir perdão e para que ela volte a nossa casa. Se a senhora souber onde ela está, por favor, diga-nos...

— Sinto muito, senhora, mas não sei, não. Se soubesse, claro que diria, pois sei o quanto ela ficaria feliz se soubesse que tudo foi descoberto.

Perceberam, pelo seu tom de voz, que ela realmente não sabia. Despediram-se, voltaram para a escada e reiniciaram a descida. Estavam desolados. Leandro tinha o semblante fechado. Por sua cabeça só passavam pensamentos de tristeza e ódio contra Artur, que no seu entender era o responsável por tudo aquilo. Odete relembrou a presença de Iracema sempre a seu

lado, nas horas mais difíceis que havia passado. Do amor que ela sempre demonstrara por todos eles. Seu coração estava apertado e ela fazia um esforço enorme para não chorar. Álvaro seguia calado. Sentia-se o último dos homens. Começou, sem perceber, a colocar em dúvida tudo o que tinha feito durante a vida.

"Para que estudei tanto? Para me tornar este carrasco? Que teve a coragem de julgar uma pessoa que durante muito tempo esteve ao nosso lado nos dando carinho e dedicação? Sem ter-lhe dado à chance de se defender? Logo eu! Um advogado! Aprendi que perante a lei todos são inocentes até que sejam julgados e condenados! De que vale ter dinheiro e tranqüilidade se estou perdendo meu filho e talvez tenha destruído a família de Iracema? Para que serviu ou serve tudo o que consegui? Para que serviu ou serve a minha vida? Sou um fracassado! O melhor seria acabar com a minha vida! De que me vale continuar vivendo?"

Leandro e Odete, assim como Álvaro, desciam calados.

Do lado esquerdo havia um barraco, uma menina negra e magra estava na janela. Ao passarem por ela, timidamente lhes sorriu. Álvaro se emocionou. Sob os olhares confusos de Leandro e Odete, foi até junto dela:

— Como é o seu nome?

Ela, com os olhos brilhantes e sorrindo, respondeu:

— Meu nome é Rosinha, e o seu?

— O meu é Álvaro. Sua mãe está aí?

Antes que ela respondesse, uma senhora apareceu ao seu lado na janela:

— O senhor deseja alguma coisa?

Ele percebeu que ela estava assustada:

— Desculpe senhora, mas sua filha chamou a minha atenção. Ela parece ser uma menina feliz.

— O senhor tem razão, ela é uma menina feliz, apesar do seu problema.

— Que problema?

— Nasceu com um defeito na perna direita, não consegue andar...

— Não tem cura?

— Tem, precisa de muitas operações, depois vai precisar usar aparelho, mas o médico disse que com esse tratamento conseguirá andar. Tudo isso custa muito caro, faz tempo que estou tentando, mas até agora não consegui. Mas tenho certeza que ainda vou ver minha filhinha andando. Deus vai ajudar a gente. Ele sabe quando é a hora certa. E essa hora um dia vai chegar!

Ele olhou para a esposa e o filho. Eles perceberam que, embora ele tentasse, não conseguia evitar as lágrimas. Com elas caindo por seu rosto, disse:

— A hora chegou...

— Não entendo o que o senhor está dizendo. Ele tirou do bolso um cartão:

— Na segunda-feira, quero que a senhora leve essa linda menina a este endereço. É o meu escritório. Assim que chegar, iremos até um médico meu amigo. Ele vai examiná-la. Assim saberemos o que fazer para que ela ande.

Quem chorava então era a mãe da menina:

— O senhor não está brincando? Vai mesmo ajudar minha filhinha?

— Não estou brincando, mas também não estou ajudando sua filha. Ela é quem acaba de me ajudar, de me fazer renascer.

— Eu sabia meu Deus! Eu sabia que o Senhor não ia abandonar a gente. Muito obrigada.

Rosinha sorria. Tinha apenas seis anos, mas era muito esperta. Uma luz muito branca a envolvia, a ela e a todos eles. Essa luz saía das mãos dos mesmos seres que estavam na casa deles. Rosinha, com os olhos brilhando, perguntou:

— O senhor vai mesmo me fazer andar?

— Eu não! Os médicos.

— Os médicos e Deus! Não se esqueça Dele!

— Tem razão. Deve ter sido Ele mesmo. A minha hora de conhecê-lo também chegou...

— Não chore, não... Eu vou andar o senhor vai ver...

— Verei sim, com certeza, verei...

Odete segurou o braço do marido com força. Muito emocionada, não conseguia dizer nada.

Leandro, pela primeira vez depois de muitos dias, ensaiou um sorriso.

Despediram-se e em silêncio desceram à escadaria.

No carro, já voltando para casa, Álvaro pelo retrovisor olhou para o filho:

— Sinto muito, meu filho, mas nossa vinda foi inútil. Não encontramos Iracema, nem sabemos onde está...

Ele sorriu:

— Não encontramos Iracema, mas encontramos Rosinha! Valeu, sim!

— Tem razão, meu filho. Valeu mesmo!

— Sabe papai, estou pensando: também vamos encontrar Iracema, o senhor vai ver.

— Tomara meu filho... Tomara.

Embora continuasse com os olhos no caminho e tomasse cuidado com o trânsito, não conseguia parar de pensar em tudo que havia acontecido. No sentimento de frustração que sentira. Na

vontade que tivera de terminar com a vida e nos olhos daquela menina que aparecera do nada e lhe mostrara que nem tudo estava perdido. Só então ele tomara conhecimento do que era realmente a pobreza. Ele entendeu que o dinheiro que tinha conseguido com seu trabalho poderia ser usado para curar aquela criança. Naquele momento pensou em Deus e sentiu vontade de rezar e agradecer. Coisas que ele não fazia havia muito tempo. Tentou se lembrar de qual fora a última vez em que havia feito isso, mas não conseguiu.

"A última vez que rezei eu era ainda uma criança. Minha mãe nos fazia rezar sempre, mas depois que cresci e comecei a entender a vida, percebi que não adiantava rezar, o que precisava mesmo era estudar e trabalhar."

Chegaram em casa.

Odete entrou e quase correndo subiu a escada em direção ao quarto de Artur. Tinha esperança de que ele estivesse lá. Porém, o quarto estava vazio. Ela se ajoelhou:

— Meu Deus! Onde ele está? Artur, meu filho, onde passou a noite? Por que não volta para casa?"

## **MOMENTO DE DESPERTAR**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Ela chorava muito, tanto que seu corpo estremecia. Não entendia o porquê de tudo aquilo estar acontecendo em sua casa. Eles sempre tiveram uma vida tranqüila e sempre tiveram paz. Não havia problema algum. Sempre se julgara uma boa mãe.

Embora trabalhasse, nunca deixara de dar atenção aos filhos. Mas ali, ajoelhada junto à cama de Artur, dizia:

— Devo ter errado em algum momento, não lhe dei a atenção que precisava, não notei que ele estava mudando... Pensei que fosse da idade. Meu Deus, por que tudo isso está acontecendo conosco? E Iracema? Será que um dia poderemos encontrá-la? Permita Deus que isso aconteça... Precisamos pedir perdão...

Não sabia havia quanto tempo estava ali. Não percebeu que Leandro entrara no quarto e ficara parado, olhando para ela, nem percebeu que ele, ao vê-la daquele modo, também chorava. Ele e Artur, embora tivessem uma diferença grande de idade, sempre se deram muito bem. Ele gostava do irmão, mas naquele momento sentia muita raiva por ver seus pais sofrerem tanto. Ficou ali, em pé, parado, sem ter coragem de dizer nada. A única coisa que queria naquele momento era encontrar Artur, dizer a ele o quanto todos estavam sofrendo.

Odete, ao se levantar, viu-o ali:

— Leandro! Não sabia que você estava aí!

— Faz tempo que cheguei. Mamãe pode parar de chorar...

Ele vai voltar...

Ela, com as mãos, secou as lágrimas:

— Sei meu filho... Sei, mas quando será isso? Não suporto a idéia de não saber onde e como ele está!

— E nem onde Iracema está...

— Tem razão. Em toda esta história, foi ela quem mais sofreu, foi ela quem foi julgada e condenada sem poder se defender...

— Será que algum dia vamos encontrá-la?

— Não sei meu filho... Espero que sim... Mas, vamos descer? Precisamos almoçar. Já passou da hora, não está com fome?

— Estou sim, vamos.

Abraçados, saíram do quarto e desceram a escada. Estavam descendo quando ouviram a campainha do telefone. O coração de Odete se apertou. Álvaro também se assustou, mas levantou o telefone do gancho:

— Alô, pois não.

Do outro lado, uma voz de mulher disse:

— Dr. Álvaro! Aqui é Glória, a mãe de Rodrigo, como o senhor está?

Ele olhou para Odete e Leandro, que chegavam junto dele. Respondeu:

— Estou mais ou menos, e a senhora?

— Um pouco mais tranqüila. Deixei Rodrigo na clínica, espero que fique lá até se curar...

— Isso é muito bom, também é o meu desejo... Ele é ainda muito jovem, tem a vida toda pela frente...

— E Artur, como está? Em que clínica o internou? Ainda olhando para Odete, respondeu:

— Não o internei... Ele fugiu durante a noite...

— Oh, meu Deus! E agora? O que pretende fazer?

— Não sei, não sei, estamos desolados, só nos resta esperar que apareça.

— Também espero, sei o que estão passando. Eu também fui tomada de surpresa. Sei que tive a culpa de tudo, só pensei no meu trabalho, não notei nada...

Ela começou a chorar. Ele, sem saber o que fazer, disse:

— Não deve continuar chorando. Também nos julgamos culpados. A senhora ao menos tomou a decisão certa. Seguiu os conselhos do delegado, por isso hoje está mais tranqüila. Sabe onde seu filho está. Nós, ao contrário, não temos a mínima idéia. Posso lhe garantir que nada é pior que isso.

— Talvez tenha razão, não posso imaginar o que seja isso. Deve ser muito triste mesmo. Mas vamos rezar para que tudo termine bem para nossos filhos.

— É só o que podemos fazer.

— Bem, foi só para isso que liguei. Queria saber como Artur estava... Infelizmente a notícia que recebo não é muito boa, mas vamos confiar em Deus.

— Isso mesmo, obrigado por ter ligado. Até logo.

Desligou o telefone. Ficou com os olhos parados. Odete perguntou:

— Quem era?

Ele a olhou, seus olhos estavam distantes. Respondeu:

— Era a mãe de Rodrigo, queria saber de Artur. Sabe que ela me disse algo que está me fazendo pensar...

— O que ela disse?

— Que precisamos rezar...

— O que tem isso?

— Nunca tive o hábito de rezar... Sempre acreditei que Deus não existia que era tudo uma lenda. Desde quando era criança e via minha mãe sozinha, criando os filhos. Via a pobreza em que vivíamos. Deixei de acreditar em Deus. Ele não pode existir. Se existisse, não permitiria tanta pobreza e maldade. Não permitiria que houvesse drogas no mundo! Não permitiria que tantos jovens fossem destruídos por ela! Eu sempre me considerei auto-suficiente, sempre achei que poderia conduzir minha vida,

desde que estudasse e tivesse dinheiro. Mas hoje vejo que de nada adiantou... Tenho um diploma e dinheiro, mas estou perdendo meu filho, se é que já não o perdi...

— Não diga isso! Não o perdemos... Vamos encontrá-lo e trazê-lo de volta. Você é e sempre foi um bom pai. Nunca nos deixou faltar nada... Esteve sempre presente.

— Estou tentando me convencer disso. Estou tentando descobrir onde errei, pois com certeza em algum momento eu errei...

— Também tenho a mesma impressão. Também devo ter errado em algum momento, só não sei quando foi...

Ao ouvir aquilo, Leandro disse furioso:

— Papai! Mamãe! O que estão dizendo? Sempre foram os melhores pais do mundo! Artur é quem está errado! Ele que não pensou na gente! A mãe de Rodrigo disse que precisamos rezar!

Acho que ela tem razão! Vamos rezar? Vamos?

Os dois olharam para o filho. Em seguida se olharam. Odete novamente secou as lágrimas, ajoelhou-se e abraçou Leandro, que a abraçou também:

— Vamos rezar mamãe... Vamos rezar...

— Vamos sim, meu filho...

Nesse instante o telefone tocou. Álvaro atendeu. -Alô!

— Oi, Álvaro, como está tudo por aí? Teve notícias de Artur?

— Oi, dona Noélia... Aqui está mais ou menos, não tivemos notícias de Artur.

— Posso falar com minha filha?

— Claro que sim.

Passou o telefone para Odete.

— Oi, mamãe.

— Como você está minha filha?

— Desesperada! Não sei o que fazer...

— Tenha calma, no fim tudo dá sempre certo...

— Como pode dizer isso? Nada está nem vai ficar certo!

— Claro que vai... Tudo passa... Logo Artur vai voltar pra casa... Acredite nisso. Deus é nosso pai e não nos abandona nunca... O que precisa fazer agora é rezar pedindo proteção para o seu filho, e confiar em Deus...

Odete não respondeu, lágrimas caíam novamente de seus olhos. Leandro percebeu que ela não conseguia falar. Pegou o telefone de suas mãos.

— Oi, vovó! A senhora ligou bem na hora em que a gente ia começar a rezar...

— É mesmo, meu filho? Faça isso! Ensine seus pais a rezar e confiar em Deus.

— Vou fazer isso, um beijo...

Vou agora mesmo fazer isso também. Deus vai ouvir nossas preces. Um beijo, meu filho, e que deus o abençoe...

Desligou o telefone. Leandro colocou-o no gancho:

— A vovó disse que é pra gente rezar. Ela vai rezar também.

Não sei o que vão fazer, mas eu vou lá pro meu quarto rezar, pedir ajuda pro Artur.

Dizendo isso, dirigiu-se para a escada. Odete e Álvaro ficaram olhando por um instante, depois foram atrás dele. No quarto, Leandro se ajoelhou, dizendo:

— Meu Deus... Não sei bem quem o senhor é... Só sei que deve ser muito bom, dizem que fez tudo o que tem na Terra, fez até a gente... Por isso, se fez mesmo, tem que tomar conta de tudo...

Artur está perdido e a gente não sabe onde ele está... O senhor sabe que ele é meu irmão e que gosto muito dele. Fiquei um pouco bravo com ele por causa de Iracema, o senhor sabe, né? Ela não fez aquilo e agora também não sei onde ela está. Sei que o mundo é muito grande, e tem muita gente, deve ser difícil tomar conta de tanta coisa, mas o senhor é Deus e pode tudo. Proteja Artur, faça com que volte para casa... Deixe que encontremos Iracema... Muito obrigado... Mais uma coisinha... Não deixe mais minha mãe chorar... Ela é a melhor mãe do mundo... O meu pai também é o melhor pai do mundo... O senhor sabe, o conhece, sabe que ele gosta de tudo certo e que quase sempre está com a cara fechada,

Mas o senhor sabe também que é preocupação... Ele quer ganhar muito dinheiro... Cada vez mais, por isso ele é assim, mas é o melhor pai do mundo...

Álvaro e Odete, ouvindo o que ele dizia, não conseguiram conter as lágrimas. Em silêncio, acompanharam tudo o que ele dizia e pediam as mesmas coisas. Álvaro abraçou-se ao filho:

— Obrigado, meu filho, por ter-me dito todas essas coisas...

— Não disse pro senhor! Disse pra Deus...

— Sei disso, meu filho, mas mesmo assim, muito obrigado.

Ao perceber que o pai também chorava abraçado a ele, por detrás de seus ombros Leandro levantou os olhos emocionados, dizendo:

— Deus, o senhor ainda está aí? Esqueci de dizer que não é pra deixar o meu pai chorar também. Obrigado.

Odete e Álvaro não conseguiram conter o riso. Álvaro se afastou, dizendo:

— Está bem, meu filho. Deus atendeu suas preces, nós não vamos mais chorar. Não é mesmo, Odete?

Ela, com lágrimas, mas sorrindo, disse:

— Isso mesmo, meu filho, nós não vamos mais chorar.

Novamente Leandro levantou os olhos:

— Obrigado, Deus! O senhor é mesmo poderoso!

Assim dizendo, saiu correndo do quarto, foi para a sala e ligou o televisor.

Os pais o seguiram. Não entendiam por que, mas sentiam um alívio imenso. Ele foi para o escritório e ela para a cozinha. Parecia que estava tudo bem.

No mesmo instante em que Leandro rezava, Noélia em sua casa fazia o mesmo:

— Deus, meu pai, sei que os meus queridos estão passando por um momento muito difícil. Sei também que tudo passa e que de alguma forma, no final, algum aprendizado restará. Dê senhor, a eles, a serenidade para poderem passar bem por tudo isso. Proteja a todos, e principalmente a Artur. Derrame sua luz sobre eles. Encaminhe-o, meu Deus, ao seu caminho original.

Que assim seja.

Após dizer essas palavras, respirou fundo. Ela acreditava na justiça e bondade de Deus. Sabia que ele nunca os abandonava.

Foi em direção à sala de estar. Sentou-se em um sofá. A sala estava na penumbra. Fechou os olhos, pensando:

"Ontem, lá no centro, eu e meus irmãos de fé fizemos vibrações por todos eles e principalmente por Artur. Sei que em algum momento ele encontrará o caminho de retorno. Espero que não demore muito. Sabe meu Deus... fico pensando: acredito que tudo está certo, de acordo com sua justiça, mas às vezes não entendo. Durante todo esse tempo em que estou no centro, por muitas vezes vi chegar até nós jovens com problemas de drogas.

Alguns conseguem se libertar, e na maioria das vezes se transformam de tal maneira que chego a me surpreender. Já percebi muitas vezes que eles têm sempre uma missão importante para cumprir. Não só com a vida deles, mas com a humanidade. Alguns dão palestras, dedicam-se a ajudar outros jovens, ou trabalham na periferia dando assistência aos mais necessitados. Outros se tornam artistas, pintores, escritores, e alguns até inventam alguma coisa boa. De alguma forma deixam suas obras como exemplo de vida. Por que será que a droga surgiu no mundo? Deve ter algum motivo, mas qual será? Por que, na maioria das vezes, os jovens mais inteligentes, com um potencial enorme, se deixam envolver por ela? Se tudo isso está acontecendo em minha família, sei que de alguma forma devo fazer parte. Só lhe peço meu Deus, nos dê coragem para que possamos passar por tudo e, no final, sairmos vencedores, crescidos espiritualmente, e acreditando cada vez mais na sua bondade e justiça."

Embora ainda estivesse na parte da tarde, foi para seu quarto, deitou-se e adormeceu.

Álvaro entrou no escritório. Sentou-se em uma cadeira que havia em frente à mesa. Ficou ali olhando para vários papéis espalhados sobre ela. Seus pensamentos estavam em Leandro e na oração que ele havia feito.

"Como uma criança como ele pôde dizer aquelas palavras? Como uma criança como ele pôde me levar às lágrimas? O que estará acontecendo comigo? Talvez seja por tudo isso que estou passando. Devo estar fraco psicologicamente. Nunca esperei uma coisa dessas em minha vida."

Seus olhos se desviaram em direção à estante, que estava repleta de livros. Levantou-se, foi até ela, apanhou um livro grosso e voltou a se sentar. Começou a folhear o livro.

"Este é o Código Penal. Só o li durante as aulas, pois bem cedo resolvi que nunca me dedicaria a essa vara. Nunca defenderia um bandido. Meu Deus! A qualquer momento meu filho pode se transformar em um bandido! Se isso acontecer, terei que encontrar um advogado que o defenda! E se não encontrar? Se todos os advogados pensassem como eu? Como tenho estado errado esse tempo todo...".

Ficou ali folheando aquele livro havia muito tempo esquecido por ele. Enquanto folheava, se ia lembrando da sua infância, adolescência e, finalmente, já adulto, na Faculdade de Direito. Lembrou-se:

"Como fiquei feliz com aquele diploma em minhas mãos... como minha mãe também estava feliz ao me abraçar, dizendo:"

"— Meu filho, hoje estou me sentindo uma mulher realizada... nunca pensei que teria um filho doutor!"

"— Também estou feliz, mãe! Mas de hoje em diante, nossa vida vai mudar! Com este diploma todas as portas se abrirão! Não só por causa dele, mas porque serei um bom advogado! Bom não! O melhor de todos!"

"— Sei disso, meu filho! Sei disso!"

"Ela ficou mais feliz ainda no dia em que, juntos, fomos procurar e comprar a nossa casa. No dia da mudança, já instalada, ela disse:"

"— Estou muito feliz, não por você ter-me comprado uma casa, que sempre foi o meu maior desejo, mas por você ser o filho que e!

"Eu apenas a abracei. Estava advogando havia dois anos quando conheci Odete, em um domingo na casa de um amigo. Ela também já havia se formado. Estava feliz por ter passado em um concurso público. Após sermos apresentados, ela, sorrindo, disse:"

"— Não acredito que consegui passar no concurso! Meu maior sonho sempre foi dar aula. Você já imaginou a felicidade que sentirei quando vir uma criança aprendendo a escrever?"

"Eu não respondi, apenas sorri pela felicidade que ela sentia. Confesso que também fiquei feliz. Não sei explicar o que senti, mas me parecia que já a conhecia de algum lugar. Aqueles olhos não me eram estranhos. Mas isso era impossível, eu nunca a havia visto antes, morávamos em bairros distantes..."

Parou de pensar nisso por um instante. Levantou os olhos em direção à estante de livros. Continuou pensando:

"Quantos livros existem nessa estante... quanto estudei para chegar a ser o advogado que sou. Mas, muito do meu sucesso com certeza devo a Odete. Ela sempre foi a melhor companheira que um homem poderia desejar. Nosso amor foi à primeira vista. Bastou um olhar para sabermos que ficaríamos juntos para sempre. Casamo-nos, Artur nasceu... foi um dos dias mais felizes da minha vida, só igualado ao dia do nascimento de Leandro. Até então éramos uma família feliz... hoje estou aqui, sou advogado, talvez não o melhor, mas sou muito bom... consegui concretizar todos os meus sonhos, mas do que adianta tudo isso se estou vendo minha família desmoronar? Se estou perdendo, ou já perdi meu filho para as drogas? Vi agora mesmo Leandro, apenas uma criança, dando-me uma lição de amor e fé... Meu Deus! Onde estiver, por favor, ajude-me e ajude ao meu filho!"

Lágrimas sentidas escorriam por seu rosto".

## O CÉU CONTINUA AJUDANDO

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Artur continuou andando o dia todo, não se alimentou, mas também não se preocupou com isso. Quando começou a escurecer, tentou reconhecer onde estava, mas não foi possível. Aos poucos foi notando que estava no centro da cidade. Pessoas iam e vinham, caminhavam apressadas para tomar o ônibus. Andou mais um pouco, o cheiro bom de comida que vinha das lanchonetes e dos restaurantes fez com que sentisse fome, mas sabia que não tinha dinheiro para comer. Lembrou-se de Rodrigo.

"Se ele estivesse aqui, tudo seria mais fácil, com certeza encontraria uma maneira de arrumar comida. Será que ele está mesmo na clínica? Se estiver, será que está gostando?"

Pensou mais um pouco, até perceber que não havia maneira de arrumar comida. Tirou mais um pacotinho do bolso, colocou o pó no papel e inspirou. Como por encanto, a fome desapareceu.

As portas das lojas começaram a fechar, logo estava tudo deserto. Aos poucos, ele foi notando pessoas que chegavam. Estavam sujas e carregavam sacolas. Foram sentando-se juntos às portas. Ele andava de um lado para o outro da rua. As pessoas foram se ajeitando, encostavam as costas nas portas ou simplesmente se deitavam. Embora ele tivesse boa resistência física, pois sempre praticara esportes, estava cansado, andara o dia todo. Também se encostou a uma porta e adormeceu.

Não sabia quanto tempo havia se passado. De repente, acordou com alguém o empurrando. Abriu os olhos assustado. Três rapazes e uma moça, rindo muito, tentavam tirar seu tênis, que embora não fosse importado, era novo. Ele tentou reagir, mas não adiantou, em pouco tempo estava sem ele e sem a jaqueta, onde estavam os pacotinhos. Eles, rindo muito, levaram tudo. Assustado e desolado, ainda tentou correr atrás deles, mas sabia que seria inútil. Voltou a se sentar, já chorando muito. Não sabia o que fazer ou para onde ir. Lembrou-se da sua casa, do seu quarto e de todo o conforto e segurança que havia ali. Mais uma vez sentiu o impulso de voltar. Só ali poderia encontrar proteção. Mas, ao mesmo tempo, lembrou-se da clínica.

"Não! Não posso voltar! Não quero ser internado!" Ficou ali sentado sem saber o que fazer ou para onde ir, apenas chorando. Estava assim quando uma senhora de mais ou menos cinqüenta anos se aproximou:

— Menino, que está fazendo aqui? Esse lugar não é pra você...

Ele olhou para ela, lembrou-se de sua avó. Chorou ainda mais.

Não conseguia se controlar. Ela continuou falando:

— Você não pode continuar na rua, deve ter família, não parece ser um abandonado.

— Como sabe disso?

— Pelas roupas que está vestindo. Criança de rua não vive vestida assim. Vá pra sua casa, sua mãe deve estar preocupada...

— Sei disso, mas não posso voltar...

— Como não? Garanto que ela vai ficar muito feliz se você fizer isso. Já está tarde, é quase meia-noite.

— Não sei como chegar lá, nem sei onde estou. Mas mesmo que soubesse, não voltaria para minha casa. Eles querem me internar em uma clínica.

— Você está metido com droga, não é?

Ele balançou a cabeça, afirmando. Ela continuou:

— Faz muito tempo?

Ele novamente apenas balançou a cabeça, dizendo que não.

— Se não faz muito tempo, você pode sair dessa vida. Disse que não quer ir pra clínica, mas é o único lugar que tem pra ser ajudado. Se seus pais podem pagar, você deve ir...

— Não! Não quero! Vou sair da droga sozinho. Quando voltar para casa, será sem ela!

— Não vai conseguir isso, não vai não. Sabe por que estou aqui na rua?

— Não...

— Porque quando eu não tinha nem trinta anos, comecei a beber. No começo foi um pouquinho, depois fui aumentado, até que chegou um ponto que eu não conseguia mais cuidar da casa e nem dos meus filhos. Sempre deixava pro outro dia, dizia que ia parar sozinha, mas não consegui. Um dia, larguei tudo e fugi de casa. Não tendo para onde ir, terminei na rua. Bebendo cada vez mais. Não sei como está a minha família, nem sequer os meus filhos. Vivo bêbada todos os dias.

— Mas agora a senhora não está bêbada!

— Não sei o que aconteceu hoje. O dia inteiro não tive vontade de beber e fiquei pensando muito nos meus filhos e no meu marido, que era um homem muito bom. Não sei o que aconteceu, não. Acho que era pra gente ter essa conversa...

— Será que foi isso?

— Não sei, mas estou com vontade de ir até a minha casa e ver como tudo está por lá...

— Vai fazer isso mesmo?

— Não sei, se ficar alguns dias sem beber, eu volto, sim. Você devia fazer o mesmo. Volte pra sua casa... Sua mãe deve mesmo estar preocupada. Você tem pai?

Ele se lembrou dos pais e de Leandro e de como eram felizes antes de tudo aquilo. Respondeu:

— Tenho sim, e um irmão de quem gosto muito.

— Então, todos devem estar muito preocupados. Quando saiu de casa?

— Esta madrugada.

— Volte meu filho... Só ali poderá encontrar ajuda... Não faça como eu... Não deixe passar tanto tempo...

— Acho que vou voltar mesmo. Obrigado por conversar comigo. Vou agora mesmo. Só não sei como voltar, e não tenho mais o meu tênis...

— Onde você mora?

Ele disse. Ela pegou um pedaço de pano muito sujo que estava em seu bolso e tirou de dentro dele alguns trocados:

— É tudo que tenho, mas vai dar pra você tomar aquele ônibus e ir pra sua casa. Corra, porque esse pode ser o último. Tênis eu não tenho, mas seus pais não vão se preocupar com isso. Ficarão felizes em vê-lo.

A princípio, Artur não quis pegar, mas sabia que ela tinha razão, só seus pais poderiam ajudá-lo. Seguindo apenas o instinto, ele a beijou no rosto e saiu correndo para o ponto do ônibus. O motorista estava saindo, Artur deu o sinal com os braços. O motorista olhou para ele e acelerou. Artur, desconsolado, viu o ônibus se afastar.

— E agora? O que vou fazer?

A senhora se aproximou:

— Ele não quis parar, viu você descalço, pensou que fosse um mendigo. Está percebendo o que significa continuar nessa vida?

— Não sei o que fazer...

— Siga por essa rua, daqui a três quadras vire à esquerda. Siga em frente, logo reconhecerá o caminho. Vá, meu filho, e que Deus o acompanhe.

Ele seguiu andando pela rua. Ela ficou olhando até vê-lo desaparecer. Pensou:

“Tomara que ele consiga sair dessa vida”... Também vou tentar me recuperar... Como estarão meus filhos? Preciso voltar a ser como era antes da bebida...

Artur seguia pensando:

"Preciso chegar logo em casa, meus pais devem estar mesmo preocupados."

Após andar muito, finalmente começou a reconhecer o lugar em que estava.

"Estou ainda muito longe e meus pés estão doendo, mas conseguirei chegar. Sei que meus pais me ajudarão..."

Caminhou por mais algum tempo. De repente, a vontade da droga voltou. Ele se apavorou:

— E agora? Não tenho mais, eles levaram todos os pacotinhos. Preciso ser forte, meus pais estão preocupados...

Embora tivesse vontade de deixar a droga, breve sentiu que não suportaria por mais tempo. Começou a suar frio e a tremer. Seu coração batia descompassado. Sentiu fraqueza, pois durante o dia não havia comido nada. Seu estômago doía. Colocou a mão sobre ele. Estava diante de uma lanchonete, que àquela

hora da noite estava vazia. Lembrou-se dos trocados que a senhora havia lhe dado.

"Preciso comer alguma coisa, não sei o que poderei comprar com este dinheiro, vamos ver..."

Entrou na lanchonete. O garçom que servia no balcão estava lavando os copos e limpando a chapa, já estava na hora de fechar. Ao vê-lo entrando, disse com voz brava:

— Pode ir saindo! Não o quero aqui dentro incomodando os clientes!

— Eu só estou com fome e preciso comer alguma coisa...

— Mas não vai ser aqui! Pode ir saindo!

— Tenho dinheiro para pagar...

— Tem é?! Quanto?

Ele abriu a mão e mostrou as moedas.

— Não é muito, mas dá para eu lhe dar um pedaço de pão com manteiga, está bem?

— Está, e muito obrigado...

Enquanto passava a manteiga no pão, foi dizendo:

— Embora esteja descalço, não parece ser um mendigo. Que está fazendo a esta hora na rua?

— Estou indo para casa. Mas não comi nada hoje...

— Onde está o seu sapato?

— Eu estava usando um tênis, mas alguns garotos levaram.

O garçom olhou bem para ele dizendo:

— Então foi isso que lhe aconteceu? Bem que eu percebi que você não tinha cara de menino de rua. Além do pão, vou lhe dar um copo de leite. Esta cidade está ficando cada vez mais perigosa mesmo...

Colocou sobre o balcão o pão e o copo com leite. Artur comeu rápido, estava realmente com muita fome. Após tomar o último gole de leite, sorrindo, disse:

— Muito obrigado, agora poderei seguir o meu caminho.

— Vá com Deus...

Já mais forte Artur saiu da lanchonete. Enquanto caminhava ia pensando:

“Hoje, já por duas vezes, ouvi falar em Deus”. Estou estranhando, pois em minha casa pouco ou quase nada se falava sobre Ele. Será que existe mesmo Deus? Acho que não! Se existisse não permitiria tanta pobreza, nem a droga que destrói a gente...”.

## **CAINDO SEMPRE MAIS**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Assim pensando, continuou a andar. Sabia que ainda estava muito longe, mas conseguiria chegar, apesar da dor nos pés, que já estava bem forte. Assim que comeu o pão, a vontade da droga desapareceu, e ele nem se lembrava mais dela. Mas não demorou muito para ela voltar com toda sua força. Ele estremeceu. Sabia que precisava resistir. Apertou o passo para chegar mais depressa. Andou por mais uns quinze minutos, depois parou:

"Não adianta, não posso mais resistir. Como vou chegar em casa nesta situação?"

Entrou em desespero:

"Não posso! Não posso! Meus pais não merecem isso! Além do mais, não quero ir para clínica alguma!"

Parou. Ficou analisando onde estava. Sabia em que direção ficava sua casa. Continuou seguindo, só que dessa vez em direção à favela onde Careca morava.

"E isso mesmo que tenho que fazer! Não adianta ficar lutando, não tenho mais remédio. Careca vai me ajudar, deve ter alguma droga lá no seu barraco!"

Caminhou com passos apressados, precisava chegar o mais rápido possível. Não estava bem, mas sabia que logo ficaria. Assim que cheirasse o pó.

Finalmente chegou à viela que o levaria até o barraco. O dia ainda não clareara. Ele não tinha noção de que horas eram, mas isso não o preocupava, o que queria mesmo era poder usar a droga. Sabia que depois disso ficaria muito bem. Assim que chegou em frente ao barraco, bateu com força na porta. Demorou um pouco, mas ela se abriu. Careca, um pouco assustado, olhou colocando só a cabeça para fora. Ao ver que era Artur, assustou-se:

— O que está fazendo aqui? Há esta hora?

Artur falou rápido:

— Preciso de sua ajuda! Não sei o que fazer! Você é a única pessoa que pode me ajudar!

— Entre aqui.

Ele entrou. O barraco cheirava mal, mas ele não se importou. Sabia que o que precisava estava ali. Contou a Careca tudo o que havia lhe acontecido. Ele ouviu sem interromper. Artur terminou de falar:

— Como vê, não posso voltar para casa, não neste estado.  
Você pode me ajudar?

— Não tenho nada aqui. Tudo fica escondido, pois se os "ômi" chegar, não vão encontrar nada.

— Onde está?

— Não posso dizer. Além do mais, ela não é minha. É tudo encomendado, preciso entregar.

— Me dê só um pouco!

— Tem dinheiro?

— Não...

— Então não pode ser. Preciso prestar contas todos os dias. Se não fizer isso, vou ficar em maus lençóis. Não dá mesmo...

Artur chorava:

— Por favor! Sinto que vou enlouquecer!

— Não posso fazer nada. Se eu pudesse, ajudaria, mas não posso...

— Você não ganha comissão?

— Ganho, mas já cheirei e me apliquei tudo. Não tem jeito não... É melhor você voltar pra sua casa e ir para aquela clínica...

— Não posso voltar! Nem vou para a clínica!

— Você é quem sabe...

— Só sei que agora preciso de um pouco do pó.

— Se quiser, pode esperar aqui, vou falar com algumas pessoas. Quem sabe pode se juntar com alguém e fazer alguns assaltos. Sempre dá para livrar o pó.

— Não posso fazer isso! E se for preso novamente? Meu pai não vai me perdoar! Nunca!

— Pode levar a droga de um lugar para outro, assim como faço.

— Não sei... Tenho medo de ser preso... Careca disse furioso:

— Assim não dá! Não quer fazer nada e quer o pó? Acha que vai conseguir sem fazer nada?

— Não sei o que fazer, preciso de um pouco, assim pensarei melhor.

Careca serviu um pouco de café frio que estava em uma leiteira de alumínio. Em cima da mesa havia alguns pães duros. Artur olhou para eles. Careca percebeu:

— Está com fome? Pode pegar, está duro, mas é melhor que nada.

Artur não pensou muito, estava mesmo com fome. Pegou o pão e tomou o café. Quando terminaram, Careca olhou fixo para ele:

— Agora preciso sair. Não tenho pó para lhe dar, mas se quiser pode ficar por aqui. Sei que não dormiu à noite, pode deitar nessa cama.

Saiu. Artur ficou sozinho olhando tudo. Estava com sono, mas a vontade da cocaína era muito intensa. Deitou-se e, aos poucos, adormeceu.

Sonhou com uma moça que lhe sorria e corria com os braços abertos em direção a ele. Ele ficou encantado com a beleza dela. Ela não falava, mas pôde perceber que seus olhos queriam lhe dizer algo. Mas quando ela se aproximou, ele acordou. Ficou ali deitado. Sabia onde estava, mas o rosto da moça não saía do seu pensamento.

"Ela era muito linda... o que será que estava querendo me dizer?"

Estava ainda deitado quando Careca retornou. Entrou no barraco sorrindo e dizendo:

— Então, como você está?

— Estou bem, acabei de acordar.

— Pensei muito a seu respeito, não vai poder ficar aqui se não trabalhar. Sei que vai precisar da coca, mas não tendo dinheiro vai me causar problemas.

— Não! Eu não farei isso! Não criarei problema algum! Não tenho para onde ir!

— Volte para sua casa ou me ajude. Falei com o meu patrão, contei a sua história. Ele disse que, se quiser, eu poderei lhe ensinar o trabalho. Ele tem alguns clientes que precisam ser visitados. Se quiser, ele o contrata.

— Quer que eu me torne um traficante?

— Já disse que não sou traficante, sou apenas um entregador.

— Não sei, não sei...

— Você precisa decidir logo. Se não quiser o trabalho, pode ir embora agora mesmo. Com o trabalho poderá conseguir toda a cocaína que precisar. Sem ele, me dará muito problema, e eu não estou a fim.

Artur ficou pensando, novamente teria que decidir o que fazer. Não queria tornar-se um traficante, mas também não queria ir para a clínica. Pensou, pensou e finalmente disse:

— Está bem, vou aceitar o trabalho.

— Ainda bem. Vou lhe dar um pouco de pó por conta. Amanhã vou levá-lo a um lugar, vai falar com o meu patrão.

— E se eu for preso?

— Não vai ser preso! Um cara boa pinta como você não desperta suspeita. Se ainda fosse preto como eu! Mas não é! Conversa muito bem. Vai dar tudo certo.

— Está bem. Tomara que dê certo, não quero ir para a clínica.

Careca saiu do barraco. De dentro de uma madeira falsa na parede tirou dois pacotinhos e retornou para dentro. Deu um para Artur e o outro ficou para ele. Os dois cheiraram. Após alguns instantes, saíram para a rua.

Andaram muito, regressaram já altas horas. Artur deitou-se no chão em um colchonete velho e sujo, mas drogado como estava, não se importou.

Já passava de uma hora da tarde quando acordaram. Careca estava apressado e dizia:

— Acorde, precisamos ir a um lugar!

Artur levantou-se rápido. Sabia que aquele seria o início de um novo caminho. Sentia medo, mas não via outra solução. Faria qualquer coisa, menos ir para a clínica.

Saíram. Artur estranhou, pois Careca seguia em silêncio e em direção ao centro da cidade. Entraram em um edifício velho e escuro. Artur sentiu um pouco de medo. O elevador era pequeno. Pararam no oitavo andar. Careca, seguido por Artur, saiu do elevador e parou em frente a uma porta. Deu três batidas, entrou. Um rapaz os recebeu:

— Bom dia, Careca, chegou atrasado.

— Dormi muito. O seu Romeu tá aí?

— Está lá dentro, mas quem é esse aí?

— É o meu amigo. Ele quer trabalho. O rapaz deu um sorriso sarcástico.

— Trabalho... É...

Depois entrou por uma porta e saiu em seguida.

— O seu Romeu pediu para vocês entrarem.

Entraram. Um homem alto e bem vestido os recebeu.

— Bom dia, Careca. Então, vejo que trouxe o amigo de quem me falou. Bom dia, Fred.

Artur ficou olhando para ele sem entender bem o que ele dizia. O homem tornou a dizer:

— Fred! Estou falando com você.

Artur percebeu que o homem se dirigia a ele. Disse confuso:

— Meu nome não é Fred...

— A partir de hoje será. No nosso ramo de trabalho não sabemos o verdadeiro nome das pessoas. Não é Careca?

Rindo, Careca respondeu:

— É isso mesmo, eu já falei com ele a esse respeito. Artur lembrou-se da conversa que haviam tido. Disse:

— Está bem, gostei do nome, é mais bonito que Careca.

— Então está bem. Careca vai lhe ensinar o trabalho. Só precisa ficar atento e trabalhar com cuidado. Não tem perigo de nada.

— E se eu for preso?

— Está sob minha proteção. Será solto logo.

— Sou menor de idade, meu pai será avisado e me levará para uma clínica... Eu não quero ir...

— Se fizer tudo como Careca lhe ensinar, não tem perigo.

Artur estava assustado, mas sabia que não havia outra solução. Disse:

— Está bem.

— Daqui em diante, não vai mais precisar se preocupar com a droga. Se trabalhar direito, terá toda que precisar. Agora podem ir. Careca, ensine o trabalho para ele.

— Está bem, senhor.

Romeu se despediu. Os dois saíram.

Na rua, enquanto caminhava Careca disse:

— Agora vamos buscar a mercadoria.

Artur o acompanhou calado. Pensava em como sua vida havia mudado. Nunca pensou que existisse um lugar e um trabalho como aquele. Em um outro lugar tão horrível como o primeiro pegaram um pacote e foram fazer a entrega em uma favela que ele ainda não conhecia.

Dali pra frente, aquilo se tornou uma rotina. Careca deu a ele uma lista de pessoas e lugares onde deveria entregar a droga. Ele não falava diretamente com os viciados, apenas entregava os pacotes para outros iguais a Jiló. Continuou morando com Careca. Usava toda a droga que queria e, aos poucos, acostumou-se com o ambiente e com o trabalho. Com uma parte do dinheiro que ganhou comprou algumas roupas e sapatos. Mas a maior parte era consumida com a droga. Sob o efeito dela, ele e Careca praticavam pequenos assaltos, só para verem a cara assustada das vítimas. Depois de cada assalto riam muito. Artur visitava favelas, mas também lugares finos. Para esses lugares Romeu sempre pedia que ele fosse, pois o julgava bem-educado e de boa aparência.

Fazia mais de três meses que ele estava naquele trabalho. Certa vez, foi até um edifício fino para levar a mercadoria. Procurou o número da porta na qual deveria entrar. Encontrou. Em uma placa presa a ela estava escrito: Galeria de Arte.

Assim que entrou na recepção, percebeu que aquele ambiente era diferente de todos os que haviam freqüentado. Identificou-se à recepcionista. Ela fez com que esperasse alguns minutos. Enquanto esperava, ficou observando o ambiente. Havia muitos quadros e esculturas que chamavam a atenção. Ele não entendia quase nada sobre arte, mas percebeu que aquelas obras

eram de artistas famosos. Estava olhando com atenção quando a recepcionista pediu que ele entrasse em uma sala.

Ele entrou. Uma senhora de mais ou menos quarenta e cinco anos o recebeu. Sorrindo, disse:

— Bom dia, meu jovem. Trouxe a mercadoria?

De dentro de uma pasta executiva ele tirou um pacote e entregou a ela. Ela passou o pacote de uma mão para outra, como se estivesse conferindo o peso. Séria, disse:

— Parece que está certo. Aqui está o dinheiro. Ele pegou o dinheiro. Quando ia saindo, ela disse:

— Como é o seu nome? Ele se voltou.

— Meu nome é Fred.

— Gostei muito de você. É bonito e parece ser de boa estirpe.

Na sexta-feira haverá uma festa em minha casa, não gostaria de comparecer?

Ele levou um susto e, um pouco atrapalhado, respondeu:

— Não sei...

— Não sabe por quê?

— Não estou acostumado a ir a festas, e, além do mais, acredito não ter roupas adequadas. A senhora me parece ser uma pessoa com boas condições financeiras, com certeza em sua festa outras pessoas iguais à senhora comparecerão.

Ela começou a rir:

— Tem razão, mas não se preocupe com isso. Basta ir um pouco mais cedo, lá em casa tem a roupa que precisar. Meu sobrinho morava comigo, foi embora. Acredito que a roupa dele é do seu tamanho. Se resolver, aqui está o endereço. Basta telefonar, meu motorista vai buscá-lo onde estiver. A festa vai

começar às dez horas, precisa chegar um pouco mais cedo para poder se vestir.

Ele pegou o cartão que ela lhe oferecia. Leu: Rosaria Maria Lins da Veiga.

Ele não soube o que responder. Apenas se despediu.

Assim que chegou à favela, contou a Careca o que havia acontecido. Ele disse:

— Ela é muito rica, mora em um apartamento de luxo. Se gostar de você, lhe dará tudo o que precisar. Inclusive a droga.

— Não estou entendendo, por que faria isso?

— Você é um rapaz bem-apessoado e educado. Ela gosta de ter jovens como companhias.

— Não, eu não vou. Estou desconfiado dessa história.

— Desconfiado do quê? Se ela gostar de você vai lhe dar tudo o que precisar. Poderá deixar esta vida.

— Desculpe, sei que está tentando me ajudar, só que não sei o que fazer...

— Só sabe dizer isso? Não posso! Não sei! Eu é que não sei o que fazer com você. Estou indo embora! Tomara-me tivesse essa chance! Pense bem. Se resolver, ligue pra ela.

Saiu sem dizer mais nada. Artur ficou pensando em tudo o que Rosaria havia dito. Já era uma hora da tarde. Seu estômago começou a doer, ele não sabia se era fome ou vontade da droga.

Comeu um pastel que haviam comprado na noite anterior e bebeu um gole de café. Após algum tempo, sentiu que precisava da droga, não havia como negar. Aceitou que definitivamente era um viciado. Por uma janela conseguia ver o sol. O dia estava lindo, mas para ele parecia uma noite escura. Olhava para fora e para o cartão. Decidiu:

"Não posso voltar para casa... nem posso continuar aqui... vou telefonar e ver o que acontece."

Saiu para a rua procurando um telefone. Encontrou, ligou:

— Alô. Preciso falar com a senhora Rosaria.

— Sou eu mesma, pode falar.

— É Fred. Estive conversando com a senhora. Disse que eu podia ligar.

— Onde você está?

Artur deu o endereço. Ela disse:

— Sei onde é. Fique aí mesmo, meu motorista vai buscá-lo. O meu carro é preto e grande. Fique junto ao telefone.

— Está bem.

Ela desligou o telefone. Artur ficou andando de um lado para o outro. Não sabia muito bem o que encontraria ou o que teria que fazer. Não havia se passado nem meia hora quando um carro preto parou perto dele. O motorista desceu do carro e deu a volta, dizendo:

— Você é Fred?

— Sou eu mesmo.

— Suba no carro.

Abriu a porta traseira. Artur entrou e se sentou. O carro era belíssimo. Artur sentiu-se mal, estava nervoso e ansioso. O motorista seguiu em silêncio. Artur estava em seu limite, tremia e suava muito. Sentia frio e calor. Passaram por alguns bairros. Artur começou a sentir medo, pois não conhecia aquelas pessoas e nem sabia para onde estava indo. Mas sabia também que talvez fosse uma ótima solução.

O carro entrou em uma rua com poucas casas, todas grandes e bonitas. Parou diante de um portão de ferro. O motorista desceu, abriu o portão, depois voltou ao carro.

Entraram em uma alameda cercada de flores. Artur, curioso, olhava tudo. Ao longe, viu uma espécie de cachoeira cuja água caía sobre uma piscina. Árvores frondosas tomavam conta da paisagem. Ele pensou:

"É realmente muito bonito, parece àquelas casas que a gente só vê em filmes."

Pararam em frente a uma porta. O motorista desceu e, com um sinal feito com a mão, conduziu Artur até ela. Entraram, a sala era também muito grande. Tinha uma enorme escadaria, que deveria levar ao andar superior. O motorista disse a Artur para se sentar em um sofá e entrou por uma outra porta que ficava à esquerda de onde Artur estava. Ele permaneceu ali olhando tudo. Não entendia de arte, mas sabia que os quadros que ali estavam eram de algum pintor famoso. Após mais ou menos cinco minutos, o motorista retornou. Disse com o semblante sério e a voz firme:

— Venha comigo.

Artur levantou-se e seguiu-o. Entraram pela mesma porta por onde ele havia saído. Chegaram a um corredor grande com quatro portas. O motorista entrou em uma delas. Dentro dela havia um escritório com uma mesa e um computador. Ao vê-lo, Artur teve um lampejo e lembrou-se do seu computador. Sentiu certa tristeza. Atrás de uma mesa, sentada em uma cadeira finíssima de couro, estava ela. Ao vê-lo, sorriu:

— Olá, pode sentar-se aí.

Artur obedeceu. Ela olhou para o motorista, que saiu imediatamente. Depois voltou seus olhos para Artur:

— Como vai? Fiz uma investigação a seu respeito. Sei seu nome, onde mora e quem são seus pais. Tem certeza que não quer mais voltar para sua casa?

Artur apenas moveu a cabeça, dizendo que sim.

— Está bem, se é assim, vamos tentar. Estou vendo que está impaciente e tremendo muito. Está precisando de um pouco de pó?

Os olhos de Artur brilharam enquanto dizia:

— È o que mais preciso neste momento.

Ela tirou de dentro de uma gaveta um pacotinho e uma espécie de canudo. Entregou os dois para Artur, que colocou o canudo dentro do pacotinho e inspirou com toda a força de seus pulmões. Logo estava se sentindo muito bem. Não tinha mais medo ou dúvida. Tudo estava bem para ele. Após algum tempo, Rosaria disse:

— Precisamos conversar, mas agora não será possível. Você está muito "louco" e precisando de um banho, e também de trocar essas roupas. Vou chamar João, ele lhe mostrará o quarto onde passará a viver.

Artur não disse nada, apenas ria sem parar. Rosaria apertou uma campainha que havia por baixo da mesa. João entrou.

— João, conduza-o até o quarto que era de Plínio. Eles têm o mesmo corpo, por isso às roupas devem servir nele. Faça com que tome um banho, dê alguma coisa para ele comer. Quando estiver pronto, traga-o de volta.

— Sim senhora.

Pegou no braço de Artur e conduziu-o até um quarto que ficava no andar superior.

Artur não notou, mas o quarto era espaçoso. João o ajudou a tirar a roupa e colocou-o embaixo do chuveiro. Depois de tomar o banho, tornou a ajudá-lo a se vestir. Artur não sabia muito bem o que estava acontecendo, mas estava gostando.

Terminou de se vestir e foi levado por João de volta ao escritório. Parecia que estava flutuando. Definitivamente, a droga lhe fazia muito bem. João mostrou-lhe a porta. Ele bateu e entrou. Ao vê-lo, Rosaria deu um sorriso:

— Está muito melhor agora, sente-se aí.

Artur obedeceu. Ela continuou:

— Já viu que esta casa é muito grande, mas moro sozinha. Casei-me algumas vezes, mas não tenho filhos e nem família. Conheceu no centro da cidade o meu escritório. Trabalho com arte, envio algumas para o exterior. Aqui em casa costumo abrigar garotos. Ficam aqui por um tempo, até que me enjoem deles e arrumem outro. O último foi embora, era do Nordeste, voltou para sua terra.

— Por que ele foi embora?

— Ficou aqui por um ano, mas não tinha uma boa educação. Sei que você é bem-educado, pois pertence a uma boa família e estudava em uma boa escola.

Artur lembrou-se de sua família, de sua casa e também da escola. Respondeu:

— É verdade, mas agora também não tenho mais família, jamais me aceitariam da maneira como estou.

— Tem certeza disso? Seus pais com certeza o aceitarão.

— Talvez sim, mas já disseram que preciso ir para uma clínica, e eu não quero.

— Você acha que eles estão errados? Essa não seria uma boa solução?

— Estive pensando muito a respeito disso. Resolvi que não quero largar a droga, ela me faz muito bem. Com ela sinto que conseguirei fazer qualquer coisa. Estive muito assustado, mas agora sei que é esse o caminho que quero. A minha única

preocupação é como conseguir o dinheiro que preciso. Ganho entregando a mercadoria, mas está ficando cada vez mais difícil, pois a cada dia que passa aumenta a necessidade, e o dinheiro que ganho já não está sendo suficiente.

— Se é assim, não precisa mais se preocupar. Aqui terá boa casa e comida, como também boas roupas e toda a droga que precisar.

— È verdade?

— Sim, só que para isso precisa me fazer companhia.

— Se é só isso, farei com prazer.

— Sou sozinha, mas recebo muitos amigos. Aqui sempre tem festa, onde rola muito sexo e droga.

Artur ficou calado, depois disse:

— Nunca pratiquei sexo, aliás, nunca namorei...

— Não se preocupe com isso, vai aprender como se faz, e garanto que vai gostar. Agora preciso trabalhar. Se quiser, pode ir para a piscina ou dormir. Você pode escolher o que preferir.

— Prefiro nadar, faz muito tempo que não faço isso.

— Vou pedir a João que o leve até a piscina.

Fez isso. Em poucos minutos João chegou, recebeu a ordem e saiu. Deu uma roupa de banho a Artur, que a se ver diante da piscina, não resistiu. Mergulhou e começou a nadar. Ele que fora sempre um ótimo nadador, que até competira e ganhara sempre entre os primeiros, sentia que já não era o mesmo de antes. Após dar algumas braçadas, era obrigado a parar e descansar. Mas mesmo assim, ficou lá por muito tempo. Após atravessar a piscina, saiu dela e sentou-se em uma cadeira. Fechou os olhos e ficou pensando:

"Como cheguei até aqui? Que caminho é esse que estou percorrendo? Esta casa é muito grande, parece que aqui existe

todo o conforto. Dona Rosaria parece ser uma ótima pessoa. Sinto que aqui estarei protegido."

Levantou-se, ficou olhando para o céu. Começou a andar em volta da piscina. Lembrou-se de sua família.

"Como estarão? Devem estar preocupados... não posso mais viver ao lado deles, mas também não é justo deixar que se preocupem. Preciso telefonar e dizer que estou bem. Parece que aqui não me faltará nada...".

Voltou para a cadeira, deitou-se ao sol. Estava assim pensando em tudo que estava lhe acontecendo quando ouviu uma voz:

— Fred, dona Rosaria quer conversar com você. Ele se levantou imediatamente:

— Onde ela está?

— No escritório, pediu que eu o acompanhasse até lá, venha. Assim dizendo, voltou-se e começou a andar. Artur precisou quase correr para alcançá-lo. João caminhava com passos firme e calado. Artur percebeu que ele não era de falar muito, estava sempre com o semblante fechado. Desde que o conheceu não havia visto nem a sombra de um sorriso. Ele deveria ter uns cinqüenta ou cinqüenta e cinco anos. Chegaram à porta do escritório, que estava aberta. João entrou na frente:

— Ele está aqui.

Rosaria, com um sorriso, respondeu:

— Obrigada, João, agora pode se retirar.

Ele obedeceu sem mexer um músculo do rosto. Artur entrou. Estava com um roupão sobre a roupa de banho. Rosaria fez um sinal para que ele se sentasse. Ele obedeceu e sentou-se em uma cadeira que estava em frente à escrivaninha. Ficava assim bem de frente a Rosaria que o olhava com insistência. Seu

olhar era tão intenso e profundo que fez com que Artur se sentisse mal. Após um sorriso, ela disse:

—Gostou da piscina?

— Sim! Ela é muito boa, sua dimensão é olímpica.

— Gosta de nadar?

— Gosto. Aliás, gostava. Eu ia ao clube duas vezes por semana para ter aula e treinar.

— Aqui poderá treinar o quanto quiser.

— Isso será muito bom.

— Aqui terá também tudo o que precisar para ser feliz. Poderá viver aqui para sempre, será o meu hóspede.

— A senhora já disse isso, só não entendo por quê.

— Estou vendo que você é um belo rapaz. Além do mais, é educado, sabe como se comportar e falar. Sabe que para tudo na vida há um preço...

— Sei disso, por isso não estou entendendo. Como farei para lhe pagar a hospedagem?

— Sou uma mulher sozinha. Devido ao cargo que ocupo na empresa, não posso me dar ao luxo de ter uma família. Por isso preciso de alguém em quem possa confiar para me fazer companhia. Gostei do seu modo, sinto que poderemos ter longas conversas.

— Se for só isso, aceito.

— Costumo dar muitas festas aqui, convido pessoas de fino trato, homens e mulheres...

— Parece que vai ser divertido.

— Geralmente é. As pessoas vêm aqui para se divertir e tratar de negócios. Preciso fazer com que se sintam bem, e para isso vou contar com você. Quero que lhes dê toda a atenção e que faça tudo o que quiserem. Está disposto?

— Tudo o quê?

— Elas precisam estar bem para que eu possa fechar bons negócios e ter dinheiro para manter tudo isso aqui, entendeu?

Pelo olhar dela, Artur começou a entender o que dizia. Um pouco preocupado, disse:

— Se estou entendendo bem, a senhora está dizendo que terei de ser agradável. Manter relações sexuais?

Com o olhar malicioso, ela disse:

— Não, isso só fará comigo...

Ele disse confuso:

— Não sei como se faz! Nunca tive uma relação sexual, o que sei aprendi nos livros e revistas, e algumas coisas meu pai me falava, mas sempre para me alertar do perigo que havia. Acredito que não poderei fazer isso.

Rosaria começou a rir:

— Ora! Não se preocupe com isso, foi por isso mesmo que me interessei por você. Terei prazer em ensinar-lhe tudo! A única coisa que tem a fazer é aprender o mais rápido possível. Venha comigo.

Ela levantou-se da mesa e caminhou com ele em direção à porta, que levava a um corredor bem comprido, onde havia muitas portas. Abriu e entrou por uma delas. Ao entrar atrás dela, Artur foi obrigado a exclamar:

— Nossa! Que maravilha!

Rosaria apenas sorriu:

— Aqui é o lugar mais importante para as minhas festas. É por causa disto que muitas pessoas atendem ao meu convite. São pessoas especiais.

Artur, sem entrar, olhava tudo de longe. Diante dele havia uma imensa sala, toda colorida, com muitas luzes e mesas com

feltro verde, roletas e máquinas caça-níqueis. Era um verdadeiro cassino, como os que ele só havia visto nos filmes.

— E tudo muito bonito!

— Pode notar que tipos de pessoas vêm aqui. Será com elas que terá de lidar.

— Não sei se conseguirei. Nunca imaginei estar em um ambiente como este...

— Conseguirá, sim. Verá que não é tão difícil. Terá que se lembrar sempre que esse será o preço que estará pagando por todo o conforto e a droga que terá.

Artur não respondeu, estava deslumbrado com tudo que via e vivia. Lembrou-se dos pais.

— Não sei se poderei ficar aqui. Meu pai com certeza está me procurando, deve até ter colocado detetives para me achar. Eu o conheço, não sossegará enquanto não me encontrar...

— Isso poderá ser resolvido. Ele só vai procurar por você se não souber onde você está.

— Mas se souber que estou aqui, virá me buscar imediatamente!

— Não precisa saber que está aqui, só precisa saber que você está bem.

— Como farei isso?

— Basta telefonar dizendo que está em um lugar e com conforto, e que a qualquer momento voltará para casa.

— Acredita que isso será o suficiente?

— Claro que sim.

Artur olhou para o telefone que havia sobre uma mesa. Olhou para Rosaria para lhe pedir que o deixasse telefonar, mas antes que ele falasse qualquer coisa, ela disse:

— Vai telefonar, sim, mas não daqui. Se o fizer, em pouco tempo seu pai estará aqui.

— Como?

— Ele poderá ir à polícia, contar a história e conseguir que a ligação seja rastreada.

— Poderá mesmo?

— Claro que sim, ainda mais sendo advogado e em se tratando de drogas.

— Como farei?

— Ainda não são cinco horas, vou pedir a João que saia com você e o leve até um bairro distante. Você fará a ligação de um telefone público. Mesmo que tente, ele não conseguirá encontrá-lo.

Artur pensou por um instante, depois disse:

— Acho que assim é melhor mesmo. A senhora pensa em tudo.

— No ramo em que estou se não pensar estarei frita!

Dizendo isso, voltou-se, e os dois saíram da sala, voltando para o escritório. Rosaria apertou uma campainha, e logo João estava lá.

— Pois não, senhora.

— João, mostre a ele o quarto que vai ocupar a partir de hoje. Depois preciso que saia com ele e o leve até um bairro distante para que possa telefonar.

— Está bem, senhora.

Olhou para Artur ainda sem mexer um músculo do rosto. Disse:

— Fred, venha comigo.

Artur olhou mais uma vez para Rosaria, que lhe sorria. Iam saindo do escritório quando a ouviram dizer:

— De agora em diante não vai mais me chamar de senhora, a não ser na frente dos meus convidados.

— Está bem, entendi. Até mais, Rosaria...

Sorrindo, acompanhou João, que seguia novamente com o rosto fechado. Subiu uma escadaria em caracol que saía de uma sala imensa. No andar de cima, percebeu que havia várias portas, onde deveriam ser os quartos. João abriu uma delas. Artur entrou. Deslumbrou-se. No meio do quarto havia uma cama de casal com dois criados-mudos. Em cima de cada, um abajur, e do outro lado, um sofá e uma mesa de centro. Na parede em frente à cama uma espécie de estante, onde havia um aparelho de televisão. Ao seu lado um aparelho de som. Tudo estava muito limpo, a cama convidava a se deitar nela, mas ele resistiu. João mostrou uma outra porta que havia dentro do quarto. Abriu. Era um banheiro imenso, com chuveiro e banheira. Um armário, onde havia jogos completos de toalhas macias. Um lavatório com perfumes e cremes. Artur deslumbrou-se ainda mais com a vida que percebia a sua frente. Após mostrar tudo, João se despediu e saiu do quarto.

Assim que se viu sozinho, não se conteve. Jogou-se sobre a cama. Sentiu que ela era fofa e macia, os travesseiros estavam forrados com fronhas de cetim de um azul bem claro, assim como os lençóis. Não se conteve e falou alto:

— Isto aqui é o paraíso!

Levantou-se, olhou para uma porta que João não havia lhe mostrado e abriu-a. Lá dentro havia outro quarto só que com armários, onde estavam muitas roupas e sapatos. Experimentou algumas peças. Serviram direitinho. Havia também um grande espelho, onde ele se olhou, e gostou do que viu. Ficou encantado. Parecia que aquele quarto fora feito para ele. Sabia que pertencia

a um outro rapaz de nome Plínio, mas isso não lhe importava, pois a partir de então tudo aquilo era seu. Encheu a banheira, jogou um pouco de sais de banho que havia no armário, fez espuma e entrou. Estava ali deitado e com os olhos fechados quando ouviu uma batida na porta e a voz de João:

— Já está tarde, precisamos telefonar.

Só então Artur voltou à realidade. Levantou-se apressado e disse:

— Já estou indo.

Saiu do banheiro enrolado em uma toalha. Correu para o quarto onde estavam as roupas, vestiu-se rapidamente e saiu com João.

João, sempre em silêncio, levou-o até a garagem. Entraram no carro preto, e logo estavam novamente na avenida. Ele dirigiu por mais ou menos quarenta minutos. Estacionou o carro em frente a um telefone público, deu um cartão telefônico a Artur e fez-lhe um sinal, mostrando o telefone. Ele desceu e, junto ao telefone, parou por um instante. Precisava pensar no que diria. Tomou a decisão e discou o número de sua casa.

Álvaro estava em casa, mas em seu escritório, onde estudava seus casos e lia, por isso não havia telefone, não gostava de ser incomodado. Deu um pulo da cadeira em que estava sentado quando ouviu o chamar do telefone. Saiu do escritório correndo. Chegou ao momento em que Odete atendia:

— Artur! Meu filho! Onde você está?

— Estou bem, mamãe, estou ligando para dizer que não precisam se preocupar comigo, estou muito bem...

— Não diga isso, meu filho! Como pode estar bem longe de casa e da gente?!

— Agora a senhora já sabe no que me transformei. Não posso mais continuar vivendo aí...

— Você está chorando, meu filho?

— Não, estou só triste por tudo isso que está acontecendo...

— Volte pra casa! Só aqui poderá ser ajudado! E só isso que precisa! Ajuda, e nós estamos aqui para isso, amamos você!

— Não, mamãe, não posso voltar. Preciso da droga. Encontrei um lugar onde terei toda que precisar...

— Não, Artur! Se isso for verdade, terá que pagar um preço muito alto! Ninguém faz nada de graça! Volte pra casa!”.

## **IMPOTÊNCIA DIANTE DA DROGA**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Álvaro e Leandro ouviam Odete falando, mas não sabiam o que Artur estava dizendo. Em um repente, Álvaro tirou o telefone da mão de Odete:

— Artur! Onde você está? Vou buscá-lo agora mesmo! Precisa voltar pra casa, vai nos deixar a todos loucos!

— Sinto muito, papai, mas não posso voltar. Não poderei mais viver sem a droga, e não quero lhes dar mais problemas. Estou bem, não se preocupe...

— Não está bem coisa nenhuma! Só estará bem aqui em casa e ao nosso lado! Se tiver um bom tratamento, não vai mais precisar da droga. Vai se livrar dela e poderá ser tudo como era antes. Onde você está?

— Não, papai... Nada nunca mais será como era antes... Estou indo embora porque o amo e não quero que sofram mais por minha causa. Dê um beijo no Leandro, diga a ele para que fique longe das drogas...

Antes que Álvaro dissesse qualquer coisa, Artur desligou o telefone. Chorava muito. João, que acompanhara toda a conversa, pela primeira vez expressou um sorriso:

— Tem certeza que está fazendo a coisa certa? Tem certeza que é esse mesmo o caminho que quer seguir?

Artur estranhou aquela atitude e a pergunta vinda daquele homem que ele não conhecia e que até então não havia dito uma palavra agradável. Tão estranho achou que não soube o que responder. Estava triste por ver a aflição de seus pais, mas sabia que jamais poderia voltar para casa. Um novo mundo se abria para ele um mundo onde conheceria outras pessoas e uma maneira nova de viver. Um mundo que o atraía e que ele queria conhecer.

Assim que desligou o telefone, Álvaro olhou para a mulher e o filho. Os dois choravam. Leandro chorava por ver a tristeza e o sofrimento nos olhos dos pais. Ele se sentia impotente, havia rezado pedido a Deus para que seus pais não chorassem mais, mas de nada adiantara, porque naquele momento ele também chorava e não conseguia se conter. Pensou:

"Deus não ouviu minha prece, acho que ele não entendeu..." Álvaro não sabia o que fazer. Sentiu que naquele momento perdia seu filho para sempre. Não aceitava aquilo, logo ele que havia lutado tanto para chegar aonde chegara. Disse com voz decidida:

— Estou indo agora mesmo para a delegacia, vou contar o que aconteceu. Talvez eles possam descobrir de onde ele telefonou. Se descobirmos, talvez possamos encontrá-lo.

Odete pensou em impedi-lo, mas sabia que não adiantava, ele estava determinado a encontrar o filho. E por tudo que ela conhecia dele, sabia que só descansaria quando isso acontecesse.

Pegou um paletó, e enquanto o vestia, ia saindo e dizendo:

— Preciso ir rápido, ele não pode estar muito longe do telefone, deve estar andando a pé.

Saiu. Odete olhou para Leandro, que assim como ela, seguia os passos do pai. Percebeu que ele chorava e lembrou-se da oração que havia feito naquele dia. Abraçou-se a ele dizendo em voz baixa:

— Meu Deus, não permita que meu filho chore, não esqueça que ele Lhe pediu isso.

Leandro, ao ouvi-la, levantou a cabeça. Olhava em seus olhos enquanto dizia:

— Ele não se esqueceu, mamãe, só vamos chorar mais um pouquinho. Artur vai voltar...

Ela, com os dedos, secou uma lágrima que corria pelo rosto dele:

— Sim, meu filho. Tudo vai ficar bem.

Álvaro chegou à delegacia. Foi encaminhado a uma sala. Ao entrar, encontrou o mesmo delegado que havia prendido Artur e o aconselhado a interná-lo. Ao vê-lo, soltou uma exclamação, enquanto perguntava:

— O senhor é o delegado de plantão?!

— Olá, como vai o senhor?

— Não estou bem, aconteceu muita coisa desde aquela noite.

— Posso imaginar, mas não quer me contar qual é o motivo da sua presença aqui?

Álvaro contou tudo o que acontecera desde a fuga de Artur. Quando terminou de falar, o delegado soltou um leve sorriso:

— Eu o avisei para levá-lo naquela noite mesmo para a clínica. Era a melhor oportunidade, ele estava assustado e não entendia muito bem o que havia acontecido.

— O senhor tem razão, mas agora já foi. Precisamos rastrear o telefone, talvez o encontremos.

— Se quiser, podemos fazer isso, mas posso lhe garantir que será inútil.

— Como pode saber?

— Se ele ligou dizendo que está bem, é porque encontrou um lugar para ficar. Caso contrário, teria ligado para lhe pedir que fosse buscá-lo.

— Mas não custa tentar! Já contratei um detetive, mas ele não o achou. Talvez por não ter sido eficiente. O senhor conhece algum que possa me indicar?

— Conheço e posso lhe indicar, mas sei que não vai adiantar.

Álvaro, nervoso com aquela atitude, disse:

— Preciso tentar! Como pode saber que não vai adiantar?

Ele tirou do bolso a foto de uma mocinha e entregou-a a Álvaro. Ela devia ter no máximo dezessete anos. Com os olhos muito tristes, disse:

— Estou dizendo isso porque já percorri todos esses caminhos.

— È sua filha?

— Era minha filha... Hoje não está mais aqui na Terra...

— Ela morreu?

— Sim, de overdose. Quando descobri, senti o mesmo que o senhor está sentindo. Fiz tudo isso que está querendo fazer, mas não adiantou. Ela não conseguiu ou não quis se afastar das drogas. Mentiu, roubou, enganou, fez tudo para disfarçar. Dizia que estava bem, que nunca mais usaria, mas um dia a encontramos morta em uma rua da cidade. Lugar por onde nunca poderíamos imaginar que andasse. Era nossa filha única. Eu e minha esposa quase morremos também. Ela havia sido criada com todo o carinho. Ao menos era assim que pensávamos. Por isso dedico minha vida a ajudar os jovens que estão nas drogas. Sempre que posso, indico uma clínica ou uma religião. Alguns têm conseguido sair e retomar a vida.

Álvaro estava estarecido:

— Até onde isso vai? Por que os traficantes ficam impunes?

— O mundo das drogas é um mundo à parte. Nele existe muito dinheiro, e o senhor sabe, o dinheiro compra a tudo e a todos. Algumas vezes conseguimos descobrir um ponto de droga, prendemos até algumas pessoas, mas geralmente são pessoas sem importância alguma, os chamados "aviõezinhos". Os verdadeiros traficantes, os chefões, estão bem protegidos, escondidos atrás de uma identidade respeitável. A droga está espalhada pelo mundo todo. Viaja mais que qualquer ser humano. Todos os países estão preocupados com ela.

— O senhor está me dizendo que não há como combatê-la?

— Há, claro que há. Mas para isso não adianta prender o traficante, pois ao prendermos um, dez tomarão o seu lugar. O que é preciso é acabar com o consumidor. Sem eles não haverá mais traficante. Mas isso também está longe de acontecer. A droga não está só com os jovens, está em toda parte. Pessoas influentes,

como artistas, estudantes, advogados, políticos e até médicos fazem uso dela. O que precisamos é começar educando as crianças desde o primeiro ano escolar. Dar a elas condições de estudo e uma vida tranqüila junto a seus pais.

Ao ouvir aquilo, Álvaro lembrou-se de Iracema e da favela onde ela morava. Disse:

— Isso todo mundo diz, em todos os debates que vejo na televisão, mas é tudo demagogia. Nosso país é muito pobre. Estive em uma favela e não acreditei no que vi lá. Não entendo como as pessoas podem viver daquela maneira.

— Nosso país é muito pobre, sim, mas não precisaria ser e um dia não será. Quando encontrar homens que realmente o amem e governem para o bem-estar de todos. Esse dia chegará.

— O senhor acredita nisso?

— Acredito, preciso acreditar...

— Mas, de qualquer forma, Artur não se enquadra nesse perfil. Ele sempre teve tudo o que precisou. Nunca deixei que lhe faltasse nada. Sua mãe e eu vivemos na mais perfeita paz, nos damos muito bem. Ele cresceu em um ambiente saudável. Se fizemos alguma coisa de errado, juro ao senhor que tenho pensado todos esses dias, mas não consigo encontrar. Não sei onde falhei como pai.

— Se é assim, o senhor tem razão, talvez à pobreza não seja o motivo. Além do mais, o que sabemos da vida? Qual será o verdadeiro motivo que está escondido por trás de tudo o que nos acontece?

— Não sei se existe algum motivo escondido, mas se existir vou descobrir, isso lhe garanto.

O delegado sorriu:

— O senhor é mesmo um homem determinado.

Álvaro, um pouco constrangido, apenas sorriu e continuou dizendo:

— Apesar de tudo o que conversamos, eu queria tentar junto à companhia telefônica e também com o detetive. Pode me ajudar?

— Claro que sim.

O delegado escreveu alguma coisa em um papel e entregou a Álvaro, junto com um cartão de visita.

— Neste papel está o nome da pessoa com quem deve falar na companhia, e este cartão é o do detetive meu amigo. Se seu filho estiver em alguma favela, com certeza ele o encontrará. Tenha boa sorte, e se o encontrar, me comunique, estou muito interessado em saber notícias dele. Aqui está o telefone da minha casa. Se não me encontrar aqui, poderá me encontrar lá.

Álvaro pegou o papel e o cartão, agradeceu e saiu. Assim que chegou em casa, antes mesmo de dizer alguma coisa a Odete, ligou para o telefone que estava anotado no papel. Falou com a companhia telefônica em nome do delegado. O homem prontificouse a ajudá-lo. Em seguida contou a Odete e a Leandro tudo o que havia conversado com o delegado”.

## **PROCURANDO RODRIGO**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Enquanto isso, Artur chegava à casa de Rosaria. Contou-lhe tudo o que havia dito a seus pais. Ela ouviu com atenção. Assim que ele terminou de contar, disse:

— Tem certeza de que fez a coisa certa?

Artur respondeu decidido:

— Tenho!

— Então está bem. João leve-o para conhecer o resto da casa.

Antes que saia, preciso lhe dizer que aqui só moramos eu, João e Rubinho, o nosso cozinheiro.

— Só os três? Rosaria riu:

— E agora você.

— Em uma casa tão grande como esta?

— Sim.

— Mas está tudo tão limpo... Quem faz a limpeza?

— Contratei uma companhia de limpeza. Eles vêm três dias por semana e cuidam de tudo. Não precisa se preocupar, tudo que precisar estará sempre em ordem. Tenho outra companhia especializada em festas. Nas noites de festa eles trazem garçons e tudo o que é preciso. Já estou com essas companhias há muito tempo. Você tem carteira de motorista?

— Ainda não, tenho só dezessete anos.

— Você é tão alto que esqueci desse detalhe. Assim que fizer dezoito anos, lhe darei um carro.

— Um carro?

— Sim, por quê?

— Nunca pensei em ter um carro só meu!

— Pois terá. Basta apenas dar conta do seu trabalho, e terá um carro e muito mais.

Artur não acreditava em tudo aquilo. Algumas horas antes estava no barraco de Careca sem saber o que fazer da vida, e naquele momento tudo aquilo. Tinha a impressão de estar sonhando.

João, em seu quarto, pensava:

"Outro garoto... a este não vou me afeiçoar, sei que acontecerá com ele o que aconteceu com os outros. Morrerá de tanta droga, ou do modo como Plínio morreu. Não consigo esquecer daquela noite em que ele, completamente louco, sob o efeito da droga, caiu na piscina. No dia seguinte, quando o encontramos, tive que colocá-lo no porta-malas e jogá-lo na represa. Nunca ninguém descobriu como ele havia morrido. Quando o corpo foi encontrado, a polícia concluiu que ele havia se afogado lá mesmo. Só eu que não consigo esquecer-lo, gostava muito daquele menino. Por isso não quero me aproximar deste. Sei que vai acontecer à mesma coisa, e não quero sofrer mais."

Na primeira festa que houve, Artur admirou-se com tanta gente que apareceu. Logo todos estavam em volta das mesas, roletas ou nas máquinas caça-níqueis. Percebeu também que havia muita bebida e droga. As pessoas não só cheiravam, mas algumas aplicavam nas veias. A princípio ficou assustado, mas depois, também sob o efeito da droga, começou a se divertir. Seguindo a recomendação de Rosaria, foi gentil com homens e mulheres. Não demorou muito para que também se aplicasse a droga na veia. Estava totalmente dominado. Tinha ao seu alcance toda a droga que precisava. Aos poucos, foi se esquecendo da família. Quando se lembrava deles, afastava logo o pensamento com mais uma cheirada ou picada.

O tempo foi passando. Quando fez dezoito anos, como Rosaria havia lhe prometido, ganhou um carro último tipo. Ficou encantado. Precisava mostrar a alguém, mas quem?

Lembrou-se de Rodrigo:

"Onde ele estará"? Será que saiu das drogas?

Em uma tarde saiu com o carro e seguiu em direção à casa de Rodrigo. Estacionou o carro na frente da casa. Desceu, tocou a campainha. Uma senhora que não conhecia abriu a porta.

— Pois não!

— Queria falar com Rodrigo. Ele está?

A mulher olhou para ele com um olhar estranho. Parecia não entender o que ele dizia. Ele repetiu:

— Preciso falar com Rodrigo, ele está?

— Aqui não tem ninguém com esse nome. Deve ter errado de casa.

— Há quanto tempo a senhora mora aqui?

— Faz mais de um ano. Comprei a casa de uma senhora que ia embora para o interior. O nome dela era Glória.

— Ela vendeu a casa?

— Sim. E eu comprei.

— O filho dela estava junto?

— Encontrei-me com ela só por duas vezes, mas não conversamos muito, apenas o referente à venda da casa. Nem sabia que ela tinha um filho.

— O que será que aconteceu?

— Não sei, nem sabia que tinha um filho...

— Obrigado.

Artur ia saindo quando ouviu uma voz:

— Ei, moço! Você não era amigo de Rodrigo?

Ele se voltou e reconheceu a vizinha que sempre via quando ia visitar Rodrigo. Respondeu:

— Sou eu mesmo. A senhora sabe onde ele está?

— Ele morreu.

— Morreu? Como?

— Dona Glória o internou em uma clínica. Ele ficou lá por mais de seis meses e voltou para casa. Ela estava feliz, pois ele parecia estar curado. Mas não demorou muito e logo começou se drogar novamente. Ela quis levá-lo de volta, mas ele fugiu e foi encontrado morto em uma rua distante. Ninguém sabe quem o matou, se foi à polícia ou os bandidos. Ela ficou desolada, vendeu a casa e foi embora para o interior.

Artur precisou se segurar no portão para não cair, tão grande foi o susto que levou. Quis dizer alguma coisa, mas sua garganta secou, não conseguiu dizer uma palavra.

Deu adeus com a mão, entrou no carro e saiu em disparada. Estava perto de sua casa. Olhou no relógio do carro e viu que estava na hora de sua mãe chegar em casa acompanhada de Leandro.

Dirigiu-se à entrada da sua rua, do lado oposto ao que sua mãe chegava. Estacionou o carro na esquina. De onde estava podia vê-la chegando, mas ela não poderia vê-lo. Não demorou muito e ele viu o carro entrando na rua e estacionando em sua garagem. A porta se abriu, e viu sua mãe descendo. Ela estava um pouco mais magra e parecia envelhecida. Do outro lado desceu Leandro. Ao vê-los, Artur sentiu vontade de correr para eles, mas se conteve. Olhou para Leandro enquanto ele entrava na casa atrás de sua mãe.

"Como ele cresceu! Deve estar quase da minha altura. Minha mãe parece tão triste... O que fiz com ela?"

Ficou ali parado olhando a casa por um bom tempo, mas sabia que não poderia e nem queria voltar. Vivia uma outra vida, já não era o mesmo menino que eles conheciam. Tornara-se um homem adulto e já tinha vivido muita coisa. Tinha todo tipo de droga, bebida e sexo. Nunca mais poderia voltar. Estava feliz com

a vida que levava. Gostava e não queria sair. Ligou o carro e voltou para a casa de Rosaria. No dia seguinte haveria outra festa, e ele aproveitaria.

Estacionou o carro em frente à porta de entrada. Foi para seu quarto, sabia que àquela hora Rosaria não estava em casa, devia estar no escritório que possuía na cidade. Foi para seu quarto, estava precisando da droga, pois estava deprimido com a morte de Rodrigo e saudosos de sua família. Ver sua mãe e o irmão não lhe fizera bem. No quarto de vestir, abriu uma gaveta. Lá guardava todo tipo de droga. Resolveu inspirar um pouco de pó. Não era tão forte como aquele que aplicava na veia, mas era só o que queria naquele momento. Esparramou o pó sobre a mesa e com a ajuda de um caninho inspirou o mais profundo que conseguiu. Queria se livrar daquela tristeza que sentia.

Em poucos minutos começou a sentir o efeito. Normalmente ficava alegre e feliz, mas naquele dia isso não aconteceu. Ele continuava triste. Sentou em um canto do quarto e começou a chorar, enquanto pensava.

"Estou aqui há quase dois anos. Durante esse tempo todo tenho atendido a todos os desejos de Rosaria e de seus amigos. Tenho realmente tudo o que preciso, mas estou só... não tenho ninguém para conversar... hoje vi Leandro, ele está um moço, e eu não acompanhei seu crescimento... e minha mãe? Está tão diferente de como era... meu pai? Como estará? Rodrigo morreu... não quero mais viver minha vida está destruída, não sirvo pra nada...".

Cheirou mais um pouco de pó. Ficou ali por muito tempo, até que Rosaria entrou no quarto.

— Que está sentindo, por que está chorando dessa maneira?

Ele, com muito custo, contou tudo o que havia acontecido naquela tarde. Rosaria o abraçou, dizendo:

— Isso tudo vai passar. Sabe o quanto gosto de você, sabe que pelo seu jeito de agradar consegui muito dinheiro. Por sua causa, as pessoas apostam muito. Fique calmo, entre na banheira e tome um banho. Logo vai se sentir muito bem. Seu amigo morreu porque chegou à hora dele, você não tem nada a ver com isso. Sua vida é outra, aqui está protegido.

Como uma criança, ele obedeceu. Entrou na banheira e tomou um banho demorado. Ficou dentro da banheira por muito tempo. Depois se vestiu, deitou-se na cama e adormeceu.

Quando acordou já eram quase onze horas da manhã. Tentou se levantar, mas foi obrigado a se deitar novamente, sua cabeça estava pesada. Não se lembrava muito bem do dia anterior. Pensou ter sonhado com sua mãe, o irmão e Rodrigo. Estava confuso. Levantou-se, entrou no banheiro, ligou o chuveiro e entrou.

Após tomar o banho, vestiu uma roupa e desceu em direção à cozinha. Encontrou no corredor João, que ia exatamente acordá-lo. Ao vê-lo, Artur sorriu.

— Ia me acordar?

— Ia sim.

Artur mexeu em seus cabelos e saiu correndo. Rindo, disse:

— Confesse! Não pode viver sem a minha companhia!

João, embora não quisesse, foi obrigado a sorrir. Ele havia tentado manter distância de Artur, mas não havia conseguido. Aos poucos foi gostando dele, e já temia muito por seu destino. Era fiel a Rosaria, trabalhava com ela havia muito tempo, mas não gostava quando ela se aproveitava de garotos ingênuos como Artur era quando chegara àquela casa. Sorrindo,

acompanhou-o até a cozinha. Viu quando ele chegara à tarde anterior, sentiu vontade de ir até seu quarto, mas sabia que Rosaria não queria.

Os dois chegaram juntos na cozinha. Rubinho, o cozinheiro recebeu-os:

— Até que enfim você acordou. O café já esfriou daqui a pouco o almoço estará pronto.

Artur respondeu:

— Não se preocupe com isso, não estou com fome, vou só tomar um copo com leite e esperar o almoço. Sei que não vou me arrepender.

— Não vai mesmo, nem imagina o que estou preparando.

— Nem quero saber, sabe que gosto de surpresas.

Enquanto tomava seu copo de leite João tomava café. Assim que terminou, disse:

— Estou indo para o escritório, Rosaria quer vir almoçar em casa. Disse que não está bem do estômago, por isso não quer comer em restaurante. Quer que você faça só uma sopa leve.

Jerônimo ficava contente quando Rosaria deixava a boa comida dos restaurantes para comer a sua. Disse:

— Pode ir, vou agora mesmo preparar a sopa do jeito que ela gosta.

Artur e João saíram da cozinha. João foi para fora da casa. Artur para o escritório de Rosaria. Ao chegar, lá viu o computador, que estava desligado. Lembrou-se de suas aulas e de como gostava delas. Da facilidade que tinha em aprender. Sentiu uma enorme vontade de usá-lo. Ligou, abriu o programa seu conhecido. Começou a trabalhar nele. Fez uma planilha de custos, inventou alguns números.

Estava distraído quando ouviu Rosaria, que com voz brava, dizia:

— O que está fazendo aí?

Ele se assustou e virou a cadeira:

— Estou apenas brincando, me distraíndo...

Rosaria se aproximou, olhou e viu que ele realmente estava fazendo algo que não tinha nada a ver com seus negócios.

Perguntou:

— Você sabe mexer com programas?

— Era o que mais gostava de fazer, tinha verdadeira adoração por computador. Durante muito tempo frequentei as aulas e dizia que seria o rei do computador. Mas isso faz muito tempo, agora não sou nem serei o rei de nada...

— Isso agora não tem importância. Preciso saber se sabe mesmo mexer com esse negócio.

— Sei claro que sei, e o que não sei posso aprender.

— Sabe o tipo de negócios que tenho e que a galeria é só uma fachada. A pessoa que cuidava de tudo faleceu e eu não confio em mais ninguém. Ele trabalhou ao meu lado durante muito tempo. Tenho cópias dos arquivos guardados no cofre. Será que consegue decifrar o programa e continuar o trabalho? Lá estão todos os nomes de fornecedores, clientes e pontos de venda. É um programa feito especialmente para isso. Quero que tente modificá-lo, que fique de uma maneira que só você conheça. Acha que pode fazer isso? Artur pensou um pouco, depois respondeu:

— Agora no momento não sei se posso fazer isso, mas se tiver alguns dados e um computador, tentarei. Talvez consiga.

— Está bem, hoje mesmo depois do almoço irá comigo até o escritório. Lá estudará um meio de fazer isso, mas ninguém pode saber que mora comigo, nem que o conheço. Será apenas mais um

empregado. Terá um bom salário e, se conseguir esse programa, terá tanto dinheiro como nunca sonhou.

Artur sorriu. Estava feliz com a vida que levava. Quase nunca se lembrava de sua família. Quando isso acontecia, entrava em depressão, mas nada que uma dose de droga não afastasse. Algumas vezes sentia falta de fazer alguma coisa, tinha muito tempo livre e isso o aborrecia. Mas estava tendo a chance de trabalhar e, o mais importante, poderia voltar ao computador, o seu sonho.

Depois do almoço foi junto com Rosaria até a galeria. Desde aquela primeira vez, ele nunca mais voltara ali. Tomaram o elevador, desceram no oitavo andar. Rosaria saiu na frente, seguida por Artur. Chegaram a frente à porta, onde estava a placa.

Rosaria abriu a porta. Artur se deparou novamente com aquele ambiente de muito luxo. Uma moça estava sentada atrás de uma mesa decorada com um vaso de flores frescas. Não era a mesma recepcionista da vez anterior. Rosaria, sorrindo, disse:

— Olá, Vera, este é Fred, vai trabalhar conosco.

Ela olhou para Artur e ficou encantada com a bela figura de homem que estava a sua frente. Disse:

— Muito prazer, e seja bem-vindo.

Ela se encantou, e realmente tinha razão para isso. Ele se tornara um belo rapaz. Mais velho e encorpado, estava longe daquele garoto com o rosto cheio de espinhas. Ele apenas sorriu.

Rosaria continuou andando, virou à direita e entrou em um corredor comprido. Artur notou que havia várias salas e que pessoas trabalhavam nela. Ia olhando tudo e seguia Rosaria. Notou que as pessoas sabiam que eles estavam ali, mas que não olhavam. No corredor um rapaz se aproximou:

— Boa tarde, dona Rosaria.

— Boa tarde, Gilberto. Este é Fred, vai trabalhar ao seu lado. Quero que o ajude em tudo que precisar.

— Fico contente. Seja bem-vindo, Fred. Estarei ao seu dispor, pode pedir tudo o que precisar.

Rosaria disse:

— Fred, este é Gilberto. Ele faz tudo aqui, e entende alguma coisa de computador.

Artur sorriu:

— Olá, Gilberto, espero que possamos nos dar bem.

— Se depender de mim, nos daremos sim.

— Podem começar agora mesmo. Gilberto acompanhe Fred até a sala dos computadores. Mostre todos a ele, estarei em minha sala.

— Sim senhora. Venha, Fred.

Artur o acompanhou. Entrou em uma sala onde havia vários computadores. Todos estavam ligados e mostravam muitos números. Perguntou:

— Que números são esses?

— Não sei, não tenho acesso a eles.

— Mas dona Rosaria disse que você entende alguma coisa.

— Entendo de folha de pagamento, contas a pagar e a receber, mas isso aí não entendo não.

— Gostaria de ver do que se trata.

— Sente-se e fique à vontade. Vou para minha sala, aquela segunda à esquerda. Se precisar, basta me chamar.

— Obrigado.

Gilberto saiu. Artur sentou-se em frente ao computador e começou a estudar.

Olhou, olhou. Alguma coisa sabia, mas para entender aquilo precisava de mais. Foi até a sala de Rosaria e disse:

— Rosaria, estive vendo o programa, acredito que possa entrar nele e descobrir como foi feito, mas para isso preciso de alguns livros. Posso ir até uma livraria e pesquisar qual seria o melhor livro para comprar?

— Pode ir e comprar o que precisar.

— Posso levar Gilberto comigo?

— Claro que sim. Ele é um bom rapaz.

Artur saiu da sala e foi para a de Gilberto. Contou a ele o que precisava e os dois saíram juntos.

Daquele dia em diante, uma amizade grande começou entre os dois. Trabalhavam, almoçavam e tomavam o lanche juntos. Em menos de um mês descobriram como operar o programa. Tinham todo o controle de como a droga chegava ao país e como era distribuída. Muitos nomes apareceram. Artur sabia que eram fictícios, mas aquilo não lhe importava. Queria mesmo era que Rosaria ficasse feliz com seu trabalho. Aprendeu a se controlar com respeito às drogas. Tendo sempre que queria, não havia mais ansiedade. Só usava nas festas de Rosaria e nos fins de semana, algumas vezes durante a noite.

Sua vida estava perfeita. Tinha dinheiro, drogas e um amigo com quem podia conversar. Gilberto era um pouco mais velho que ele, mas isso não fazia diferença. Os dois tinham os mesmos gostos, só que Gilberto não usava drogas e dizia:

— Fred, você tem que parar isso não vai levar a nada...

— Vou parar, um dia...

Gilberto logo percebeu que esse dia nunca chegaria, mas gostava de Artur. A vida foi continuando. Sempre que Artur se lembrava da família, mandava um cartão dizendo:

"Estou bem, não se preocupem, amo a todos."

Cada vez que esse cartão chegava, era um motivo de tristeza e de felicidade.

Álvaro lia e dizia:

— Por que isto está acontecendo?

Odete respondia:

— Não sei qual é o motivo, mas segundo a minha mãe, tudo está sempre certo. Ao menos sabemos que ele estava vivo.

Foi inútil a tentativa do detetive para descobrir. Investigou de todas as maneiras que conhecia, visitou favelas, consultou pessoas, mas não adiantou. Certa manhã telefonou para Álvaro:

— Sinto muito, doutor, mas não consegui encontrar o seu filho. Ele não está em nenhum ponto conhecido.

— Onde estará?

— Não sei o que lhe dizer, mas de acordo com a minha experiência, ele deve estar sendo protegido por alguém poderoso.

— Como assim?

— Não sei lhe dizer, mas correm boatos de que existem homens e mulheres que ajudam garotos em troca de favores.

Álvaro estremeceu:

— Que está dizendo? Acredita que meu filho pode ter se tornado um garoto desses?

— Não sei, mas o desaparecimento dele pode significar isso.

— Meu Deus, não pode ser...

— Sinto muito, mas vou continuar procurando.

— Faça isso, e não se preocupe com o dinheiro.

— Continuarei procurando, pois se tornou uma questão de honra, e o senhor não precisa pagar. O dinheiro que me deu foi o suficiente. Farei o possível. Até qualquer dia. Espero retornar com boas notícias.

Álvaro colocou o telefone de volta ao gancho e ficou com os olhos perdidos no passado. Lembrou-se da sua infância, do quanto havia trabalhado para que nunca faltasse nada a sua família.

"Do que adiantou eu ter planejado a minha vida?"

Não contou a Odete o que o detetive havia dito, sabia que ela sofreria ainda mais.

Aos poucos a vida foi voltando ao normal. Odete continuou dando aulas. Prestava mais atenção aos alunos e, a qualquer mudança, chamava os pais e os alertava. Rosinha foi operada várias vezes, já estava andando quase perfeitamente. Para ajudar com o tratamento, Álvaro alugou uma casa perto do hospital e dava uma pensão mensal para que sua mãe pudesse levá-la para fazer fisioterapia. Dinheiro para isso não faltava. Ele, que já tinha bons clientes, conseguira muito mais. Leandro continuava estudando, não queria nem saber de drogas, embora muitas vezes lhe oferecesse. Toda a noite, ao seu modo, conversava com Deus, pedindo que Artur voltasse para casa.

Após muita insistência de Noélia, Odete e Álvaro começaram a ler alguns livros que falavam sobre a espiritualidade. A princípio Álvaro se recusara, ele sempre acreditara só no seu trabalho. Mas com tudo o que havia acontecido, e após ler alguma coisa, começou a acreditar que havia algo além daquilo que pensava.

Começaram a freqüentar o centro aonde Noélia ia. Os cartões de Artur lhes davam a tranqüilidade para continuar. Novamente naquela casa existia uma relativa paz.

Artur e Gilberto continuavam com a amizade, mas ela se restringia ao escritório. Ele foi proibido por Rosaria de contar a qualquer pessoa, até mesmo a Gilberto, que morava com ela e que

conheciam pessoalmente muitos dos nomes que apareciam no programa.

O tempo passou, como sempre. Artur ia completar vinte anos. Fazia quase quatro anos que saíra de casa. Rosaria estava feliz com seu trabalho e companhia, por isso programou uma grande festa. Artur estava feliz, pois sabia que ela lhe daria um apartamento como pagamento pelo êxito do programa. Rosaria tinha tudo sob controle.

Embora Artur estivesse em um caminho não muito bom, estava feliz, sem se preocupar com milhares de jovens que como ele entrava nas drogas. O que lhe interessava era só o dinheiro que ganhava com aquilo.

Seguia ajudando Rosaria a ter cada vez mais dinheiro. Gilberto continuava ao seu lado. Um dia, enquanto estavam os dois na sala, trabalhando no computador, Gilberto disse:

— Sabe Fred, conheci uma moça. Ela é muito bonita e inteligente. Estou pensando em ficar noivo e me casar.

— Casar?! Para quê?

— Para que as pessoas se casam? Lógico que é para estarem juntas e ter filhos...

— Filhos?! Jamais terei um filho!

— Por quê?!

— Não quero que aconteça comigo o mesmo que aconteceu com meus pais. Eles me criaram com tanto carinho e dedicação, no fim foi essa a paga que lhes dei, tornei-me um drogado.

— Sempre pode voltar a ser como era antes.

— No princípio, pensei muito sobre isso, hoje não penso mais. Estou vivendo muito bem e fazendo o que gosto. Trabalho

com computador e uso a droga que quiser, sempre que sentir vontade. Vou reclamar do quê?

— Sabe que a droga só o conduzirá a um fim triste. Hoje tem dona Rosaria, mas se ela faltar? Não está preparado para a vida. Não estudou.

— Nem quero pensar nisso. Além do mais, o que aprendi sozinho no computador com certeza me dará um bom trabalho, que será suficiente para manter a droga que preciso.

— Não sei, mas acredito que não estejamos nesta vida somente para viver. Acredito que todos nós tenhamos algo mais para fazer. Uma missão sabe lá...

— De onde tirou essas idéias?

— De alguns livros que estou lendo. A moça que conheci me emprestou.

— Esses livros falam sobre o quê?

— Da vida aqui na Terra e após a morte.

— Depois da morte? Está louco?! Depois da morte não existe nada!

— Será mesmo? Será que Deus nos colocou aqui na Terra, nos diferenciou dos animais, nos deu inteligência para aprendermos tanta coisa para, no final, nos destruir sem mais nem menos? Não acredito nisso. Acho que ele quer que crescamos espiritualmente...

Artur começou a rir:

— Que Deus?! Aquele mesmo que inventou as drogas? Que permite todas essas mazelas no mundo? Toda essa pobreza? Não! Sinto muito, meu amigo, mas esse Deus não existe! O que existe são só as oportunidades, que podem levar qualquer um até o mais alto grau de riqueza. Sem essas oportunidades, não tem chance, não!

— Não estou falando de riquezas, mas de algo muito além, da eternidade...

— Não sei se ela existe. O que sei é o que estou vivendo aqui e agora. Isso eu sei que existe verdadeiramente, o resto é tudo história. Ninguém nunca voltou pra contar.

— Pois eu acredito que haja algo mais.

— Então espere! Eu continuarei vivendo a minha vida do modo como está. Tive uma oportunidade, aproveitei e aqui estou rico e feliz.

— Se você acredita ser feliz, quem sou eu para contrariá-lo?

Artur não respondeu. Continuou olhando para o computador”.

## **NA ESPIRITUALIDADE**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Uma moça subia correndo uma escadaria. No alto havia uma porta grande feita em madeira entalhada. Ela entrou pela porta. Atrás da porta havia uma sala grande, muito bem decorada. Na sala havia muitas portas. Ela se dirigiu a uma delas. Bateu com suavidade e abriu. Colocou a cabeça pela porta, dizendo:

— Posso entrar?

Essa sala também era grande. Atrás de uma mesa e sentado estava um homem com cabelos grisalhos, olhos brilhantes e um sorriso bonito. Respondeu:

— Leticia! Claro que pode entrar! Ela entrou:

— Olá, André! Preciso conversar com você!

— Claro, estava esperando por você. Sente-se. Ela, enquanto se sentava, dizia:

— Conforme o planejado está se aproximando o tempo em que devo renascer na Terra.

— Não gosta de viver aqui?

— Sim, aqui vivo bem, sei que estou protegida, mas estou ansiosa para me encontrar com Miguel.

— Só por isso quer ir para lá?

— Sim.

— Já não será mais necessário.

— Como não? Por quê?

— Ele vai regressar.

— Mas ainda não cumpriu o tempo! Não cumpriu sua missão!

— Infelizmente não, mas está se desviando do caminho, deixou-se novamente envolver pelo vício.

Leticia arregalou os olhos. Disse quase chorando:

— Não pode ser novamente...

— Estou tão triste quanto você, mas não posso fazer nada. Para seu próprio bem, ele terá que voltar para cá.

— Não diga isso, precisa esperar mais um pouco... Foi tudo planejado... Ele tem uma missão importante...

— Sei disso. Lembra-se de quando todos juntos, aqui nesta mesma sala, planejamos como seria a reencarnação dele?

— Sim, claro que me lembro. Estou todo esse tempo esperando a hora para estar a seu lado.

— Sei disso, minha filha, sei também que está muito triste, mas sabe que precisa ser assim. O livre arbítrio é a maior bondade de Deus para com todos nós. Graças a isso podemos escolher e percorrer nosso caminho. A única coisa que Deus deseja é o nosso aprimoramento.

— Tem certeza que não há mais nada que se possa fazer?

— Sempre existe a chance de se retornar, mas para isso é preciso muita força de vontade, e neste momento o que ele menos tem é isso.

— Não! Não posso aceitar! Temos de encontrar uma maneira! Poderia ir agora até onde ele está?

— Deseja mesmo? Não importando o que vai encontrar?

— Sim, desejo. Talvez possa fazer com que mude de idéia...

— Está bem, esse também é o meu desejo. Vamos.

Em poucos segundos estavam no quarto de Artur. Começava a anoitecer. Ele estava injetando cocaína na veia. Colocava a agulha sem muito cuidado. Letícia, ao ver aquilo, desesperou-se. Tentou evitar, mas foi contida por André.

— Não pode fazer isso! Se tocar nele, sua energia poderá lhe ser fatal. Ele está usando seu livre arbítrio, não podemos interferir.

Ela se afastou. Ficou olhando para Artur com os olhos cheios de lágrimas. Não queria acreditar no que estava vendo. André, condoído, disse:

— Posso imaginar o que você está sentindo. Mas quando ele retornou, sabíamos que poderia se deixar envolver novamente pelo vício.

— Sei disso, mas ele prometeu! Ele disse que conseguiria ser forte! Fizemos tantos planos... Para vivermos no céu!

— Infelizmente, ele não está pronto para a missão que devia cumprir, muito menos para ir pro céu.

— Isso não pode acontecer! Esta é a última chance que teremos para nos encontrarmos, sermos felizes e juntos escalarmos para um plano mais alto.

— Você já está pronta, poderá ir quando quiser.

— Não irei sem ele! Acredita que conseguiria ficar bem sabendo que ele não está?

— Você também pode exercer o seu livre arbítrio, também pode escolher.

— Sei disso, por isso mesmo estou dizendo que não irei sem ele.

— Está bem, mas sabe o risco que está correndo. Aqui está bem, pode exercer um trabalho edificante. Voltando para a Terra, poderá ser envolvida pelos problemas dele e sofrer com isso. Mas se quer mesmo, vamos tentar mais uma vez.

Estendeu a mão em direção a Artur. De seus dedos saíram luzes prateadas, que envolveram Artur por inteiro. Ele abriu os olhos, como se tivesse despertado. Caminhou em direção a um canto do quarto e sentou-se. Com os olhos parados, começou a relembrar seu passado, desde o dia em que, na festa, fumara o primeiro cigarro de maconha. Letícia podia ver seus pensamentos, acompanhava tudo com atenção. Artur chegou ao momento exato em que Álvaro acusava Iracema pelo roubo do colar e ele, calado, assistia a tudo. André olhou para um lado do quarto, segurou no braço de Letícia e, com um sinal, fez com que ela olhasse também. Lá estavam duas moças e três rapazes, que

também assistiam a tudo. Sorriram ao vê-los chegar. André correspondeu ao sorriso. Perguntou.

— Como estão às coisas?

Um dos rapazes respondeu:

— Infelizmente, não estão muito bem. Estivemos nesse dia o tempo todo ao seu lado, alertando-o, fazendo com que pensasse, tentamos fazer com que retornasse ao caminho, mas ele pareceu não nos ouvir. Estava dominado pelo vício e com medo que o descobrissem.

André, com uma sombra de tristeza em seus olhos, não disse nada.

Letícia, emocionada, não se conteve. Correu para abraçá-lo, mas não conseguiu. Uma espécie de nuvem densa a impediu. Ela olhou para André, que sorriu.

— Esqueceu que estamos em outra faixa? Esqueceu que ele agora possui um corpo humano?

— Sim, esqueci, mas o que ele está fazendo? Por que Nestor está gritando e Amélia chorando?

— Vejo que os está reconhecendo.

— Claro que sim! Somos companheiros de várias encarnações! Juntos vencemos várias etapas.

— Sim, é verdade. Desta vez, todos vieram só com um objetivo: ajudar Miguel. Nestor e Amélia vieram como pais de Miguel para lhe dar segurança e apoio. Sabíamos que esse encontro seria inevitável, seria a oportunidade de se perdoarem, ajudarem e juntos fazerem um grande trabalho em favor da humanidade.

— Lembro-me muito bem de quando tudo isso foi decidido, mas por que não deu certo? Também não me respondeu por que Nestor está gritando.

— Você sabe que entre todos, Miguel era o que mais precisava de ajuda, pois na realidade a missão era dele. Os outros só lhe dariam apoio e segurança para que ele a cumprisse. Naquele dia, ele estava se desviando do caminho e estava tendo mais uma chance para retornar. Essa foi à hora. Você precisa saber o que ele fez.

Letícia prestou atenção no que estava se passando. Aos poucos foi entendendo o que havia acontecido. Olhava para Artur com intensidade e em pensamento dizia:

"Miguel, meu amor! Por que não contou a verdade? Por que não defendeu Marilu? Por que não aproveitou essa chance de retornar ao caminho? Ao nosso caminho! Precisa voltar para o caminho e poder, assim, cumprir sua missão! Retorne para que eu possa voltar e ficar ao seu lado...".

Artur continuou lembrando. Naquele dia, sentira vontade de contar toda a verdade a seu pai, mas não tivera coragem, ficara calado. Quando Álvaro saiu para a delegacia levando consigo Iracema, André olhou para Letícia e os jovens que ali estavam. Disse:

— Infelizmente, naquele momento, calando-se, ele perdeu a chance de voltar.

Letícia, desesperada, disse:

— André, por favor, permita que eu continue ao lado dele. Permita que eu tente ajudá-lo, nem que seja só para intuí-lo...

— Ele agora vai adormecer. Quando isso acontecer, o levaremos conosco. Assim poderemos conversar e tentar ajudar.

Letícia sorriu. Olhou para Artur, que continuava encostado no canto da parede e lembrando. Com os olhos marejados, olhou para André. Este entendeu o que ela queria. Disse:

— Está bem, pode ficar com ele. Eu e os jovens daremos um passe para que se lembre de tudo e consiga entender o que está passando. Já sabemos tudo o que aconteceu naquele dia. Você estava se preparando para renascer, por isso não acompanhou todo o processo. Permaneça ao seu lado e saberá.

Ela sorriu:

— Obrigada, André. Sinto que encontrarei uma maneira de ajudá-lo, ao menos farei o possível.

— Está bem.

Após dizer isso, juntamente com os jovens, deu um passe em Artur. Ele sentiu muito sono, levantou-se e foi para a cama. Estava com os pensamentos confusos. Letícia sabia que não podia se aproximar. Um pouco distante, disse:

— Miguel, meu amor, estou aqui. Sei que conseguirá vencer.

Sei que conseguiremos nos encontrar e ser felizes, desta vez para sempre.

Artur sentiu um bem-estar enorme. Ela se aproximou, começou a jogar sobre ele muita luz branca, que o foi envolvendo. Ele, as poucos, adormeceu.

Ela ouviu uma risada que vinha por detrás de suas costas. Voltou-se e viu um homem que ria muito. Ao vê-lo, ela arregalou os olhos:

— Hélio?! Que está fazendo aqui?!

Com um tom irônico de voz, disse:

— Linda Letícia! Está novamente tentando ajudar esse perdedor?

— Sim, estou aqui tentando ajudar não um perdedor, mas o meu amor.

Ele continuou tendo em seu rosto um ar de deboche. Sorrindo com o canto dos lábios, disse:

— Amor... Amor... Amor... O que é isso? Sabe que não adianta! Isso de amor é só uma desculpa para se continuar errando.

— Por que está dizendo isso? Por que continua com tanto ódio e rancor?

— Você me pergunta isso? Logo você?

— Sabe que sempre quis a sua felicidade. Sabe que sempre estive ao seu lado... E que sempre fui sua amiga...

Ele, raivoso, disse:

— Não me venha com essa conversa de santa querendo me enganar! Sabe que não acredito em você, nem em toda essa baboseira de amor e perdão! Estou aqui e vou ficar até que consiga fazer com que ele volte, e novamente derrotado.

— Sabe que ele tem uma missão importante! Não pode continuar fazendo isso! Não pode continuar prejudicando-o!

— Prejudicando? Eu? Prejudicando? Como pode dizer isso? Logo você, que sabe muito bem o que ele me fez!

— Foi em outro tempo, em outra vida! Ele agora se arrependeu, está tendo uma nova oportunidade. Você, em vez de prejudicá-lo, deveria ajudá-lo para que vença! Sabe que se o ajudar também será ajudado! Também poderá voltar para a Terra! Evoluir para a luz!

Ele, sorrindo com ar de deboche, disse:

— Que retornar? Que luz? Ainda acredita nisso?

— Claro que sim! Todos têm oportunidade de evoluir!

— Você é muito ingênua. Acredita mesmo em toda essa baboseira? Eu, por minha parte, só acredito no ódio que sinto e no meu desejo de vingança!

— Só está fazendo mal a você mesmo! Enquanto não encontrar o perdão e o amor, continuará assim, envolto nessa nuvem negra que o impede de usufruir de toda a beleza que Deus nos dá.

— Não quero ouvir nada disso! Você é como tantos outros, só fica sonhando com algo que não existe!

— Claro que existe! Enquanto você está aqui tentando se vingar, está deixando de aprender, está deixando de encontrar as pessoas que o amam e sofrem por sua causa.

— A única coisa que me interessa é me vingar dele e de você! Foram os responsáveis por eu estar assim!

— Não fomos os responsáveis! Você não aceitou o nosso amor! A nossa união!

— Não vou aceitar nunca! Só vou ficar bem quando conseguir destruir os dois para sempre!

— Não diga isso... Pense em tudo o que está perdendo...

— Só quero pensar nisso! Não pensarei em outra coisa! Nunca! Também não quero mais ficar aqui ouvindo você! Vou embora! Voltarei quando ele acordar e vocês não estiverem mais aqui!

— Não vai conseguir, ficarei ao lado dele o tempo todo.

— Pode ficar o quanto quiser! Ele não notará a sua presença! Ele atrai a minha energia, não a sua!

Sem se despedir, e antes que ela dissesse qualquer coisa, ele desapareceu. Letícia olhou para Artur, que continuava dormindo. Embora seu corpo estivesse dormindo, seu espírito, entorpecido pela droga, estava fora do corpo, mas desesperado,

pois queria sair do quarto. Porém, não conseguia, ficava andando de um lado para o outro. Desesperado, retornou ao corpo e despertou. Levantou-se, foi para a gaveta onde estava a droga, pegou uma seringa e se aplicou. Com lágrimas, Letícia o acompanhou enquanto ele se aplicava a droga. Ela dizia:

— Só você, meu amor, poderá encontrar a sua paz... Está em suas mãos o seu destino... Ficarei ao seu lado todo o tempo que me for permitido. Lute meu amor... Lute...

Após terminar de aplicar-se a droga, ele ficou ali relembrando. Letícia percebeu que sob o efeito da droga não conseguiria atingi-lo com seus pensamentos. De longe, jogava sobre ele luzes que o envolviam. Ele continuava pensando e, assim, Letícia ia tomando conhecimento de tudo. Ele se lembrou do que fizera quando Álvaro levava Iracema para a delegacia, do dia em que fora preso e das palavras do delegado aconselhando-o a deixar aquela vida. Lembrou-se do desespero de seus pais quando tomaram conhecimento, da mendiga bêbada que lhe dera dinheiro para que pudesse voltar para casa, do garçom que lhe dera um copo de leite. Lembrou-se até de Careca, que a princípio também o aconselhara. As imagens iam passando por seus pensamentos. Letícia, chorando, acompanhava tudo. Sentia-se impotente, amava Artur. Atingira um estágio de desenvolvimento espiritual no qual poderia ficar sem reencarnar e atingir um plano mais alto. Mas não quis, nem queria seguir sem ele. Por isso estava ali. Lutaria para fazer com que ele retornasse.

Sem que ela pudesse fazer qualquer coisa, ele se levantou e se encaminhou para o jardim. Ela ficou ali parada. Um dos rapazes da equipe entrou. Ela disse:

— Ele está saindo para a rua!

— Não se preocupe, eu vou acompanhá-lo, agora só precisa de espaço para andar. Andarei com ele.

— Não vai deixá-lo sozinho?

— Claro que não. Eu o estarei protegendo de assédios indesejáveis. Agora ele só vai sentir o efeito que a droga lhe causa. Logo mais voltará e dormirá.

— Está bem. Vou falar com André para ver se posso permanecer aqui.

Ela deu uma olhada em Artur, que estava abrindo o portão e saindo para a rua. O rapaz correu para alcançá-lo. Ela sorriu tristemente e foi em busca de André.

Entrou na sala. André conversava com Osmar, o responsável pela equipe que lá se encontrava. Ela se aproximou e em silêncio ficou ouvindo. André perguntou:

— Como ele está?

Letícia respondeu:

— Não está bem, aplicou-se a droga e saiu acompanhado por Inácio.

— Está em boa companhia.

— Hélio estava lá no quarto dele.

— Hélio?

Ela fez que sim com a cabeça. Osmar disse:

— Ele está ao lado dele desde o início. Tentamos afastá-lo, mas Miguel não permite. Com sua energia de tristeza, medo e insegurança, o atrai. Hélio se aproveita e o domina. Ele tem muito ódio ainda!

André tinha uma sombra de tristeza em seus olhos. Disse:

— Infelizmente, Hélio não conseguiu perdoar, por isso sofre e faz sofrer.

Letícia disse:

— Não podemos fazer nada quanto a isso?

— Receio que não, ao menos por enquanto. Miguel terá que reagir e não permitir que ele se aproxime.

— Ele não fará isso, não tem condições, está totalmente dominado.

André voltou os olhos para Osmar:

— O que lhe parece? Acredita que ele vai conseguir reagir?

— Não sei, estamos tentando, mas todos aqui sabemos o quanto isso é difícil, todos nós já passamos por isso.

— É verdade, todos da equipe também foram viciados, por isso tentam ajudar as pessoas que estão com o mesmo problema. Estão conseguindo algum êxito?

— Sim. Graças a Deus, sempre há um ou outro que consegue se livrar do vício. Sempre é mais fácil quando os amigos intercedem a seu favor. Se todas as famílias e amigos soubessem como é importante a oração, tudo se tornaria um pouco mais fácil.

— Você sabe que sempre demora um pouco, mas no final, a única esperança que resta é orar. E isso todos acabam fazendo.

— Esse é o nosso trabalho, inspirar os familiares e amigos para isso. Mas algumas vezes, após muitos ou pequenos crimes, idas e vindas da prisão, brigas e ofensas, casas roubadas e destruídas, alguns pais, inconscientemente, desejam que seus filhos morram para que eles próprios tenham paz.

— Sim, isso acontece muitas vezes, e eles sofrem por terem esses pensamentos.

— Para isso estamos aqui. Nossa equipe é formada pela quantidade de pessoas que estão envolvidas. Cada um fica ao lado de uma pessoa envolvida. Por isso estamos aqui, em cinco, pois temos cinco irmãos envolvidos.

Letícia interrompeu:

— Quer dizer que se a família fosse maior ou menor, a equipe também seria diferente?

— Sim. Aqui temos um pai, uma mãe, um irmão e a empregada.

— Ela não faz parte da família!

André sorriu:

— Ela não faz parte da família terrena, mas da espiritual é um membro importante. Sei que você se lembra dela. Vi quando a reconheceu.

— Também reconheci Nestor, Amélia e Mário, que está ainda em um corpo de criança.

— Pois é, é Marilu.

— Mas ela está muito diferente!

— Sim, mas é ela mesma. Lembra-se de como foi decidida à volta de Miguel? Lembra-se que ela também estava naquela reunião?

— Sim, eu me lembro.

— Ela, desta vez, retornou no corpo de uma mulher pobre e tendo que criar sozinha vários filhos. O encontro dela com Miguel estavam programados. Eles teriam a oportunidade de se perdoar e ajudar mutuamente.

— Estou entendendo, mas parece que não deu certo.

— Sim, mas não por culpa dela. Bem que tentou conversar com ele, alertá-lo. Ele não quis ser ajudado, exerceu seu livre arbítrio. Tinha esse direito.

— Agora precisamos voltar. Não temos mais nada para fazer aqui, ao menos por enquanto.

— André, queria lhe fazer um pedido.

— Já sei, quer ficar aqui, mas sabe que não pode.

— Por quê?

— Você tem seus próprios compromissos e trabalho, não pode simplesmente abandonar tudo. Para isso existem as equipes. Já percebeu que eles estão fazendo tudo para ajudar a todos.

— Sei disso, mas Hélio disse que iria embora, mas que voltaria quando saíssemos. Se eu ficar, ele não vai mais se aproximar.

— Sabe que não estava dizendo a verdade, sabe que o próprio Miguel o atrairá, e você não poderá fazer nada.

— Se eu ao menos pudesse conversar com ele! Se ele me visse e ouvisse, poderia se lembrar de tudo! Poderia entender que o que está fazendo não está prejudicando só a ele, mas a todos nós!

Se continuar assim, vai impedir que eu volte! Sua missão não será cumprida e ele desencarnará antes do tempo! Preciso conversar com ele! Por favor, André! Permita! Sei que pode!

André aproximou-se e abraçou-a, dizendo:

— Minha filha... Sei que está tentando tudo, mas sabe que isso não é possível... Ele sozinho tem que decidir o que fazer... Se você aparecer para ele e contar tudo, ele com certeza se lembrará do amor e dos compromissos que existiam entre vocês dois. Talvez até retorne ao caminho, mas qual seria o seu mérito? O que ele aprenderia? Continuará para sempre sendo um espírito inseguro, covarde, sem condições de fazer suas escolhas.

— Desculpe, é que estou desesperada.

— Pois não devia ficar assim, já aprendeu o bastante para saber que tudo está certo de acordo com a lei maior. Nada está errado. Não poderei fazer com que ele a veja, mas posso fazer com que pense que sonhou. Já sei o que faremos. Hoje à noite, quando todos estiverem dormindo, os levaremos para a minha sala e lá poderemos recordar os compromissos assumidos. Poderemos fazer

com que Miguel se lembre da missão que tem que cumprir. Está bem assim?

Letícia e Osmar sorriram, sabiam que seria uma boa oportunidade. Letícia humildemente disse:

— Obrigada, André, sabia que tentaria tudo o que estivesse ao seu alcance.

— Vamos nos reunir e, depois disso, teremos que tomar uma decisão.

— Está bem. Queira Deus que consigamos ajudá-lo. Posso lhe perguntar algo que está me incomodando?

— Claro que sim, o que é?

— Por que Deus permite que exista droga no mundo? Por que alguns a usam e outros não?

André começou a rir. Respondeu:

— Essa é uma pergunta que muitos fazem principalmente aqueles que estão diretamente envolvidos não só com as drogas, mas com a bebida, que também prejudica muitos espíritos, fazendo com que estacionem e percam sua encarnação e, por isso, sejam obrigados a renascer novamente. Em sua maioria, essas reencarnações são acompanhadas de muita dor e sofrimento, necessários para o aprimoramento do espírito.

— Mas por que existem os vícios?

— Se olhar agora para o alto verá o firmamento. Daqui de onde estamos pode ver as estrelas e a lua, que hoje está na sua fase crescente. Se fosse dia, veria um céu azul, com nuvens e o sol brilhando. Sabe que além deste sistema existem muitos outros planetas, luas e sóis. De qualquer planeta que estiver, verá esse mesmo firmamento, com toda a sua beleza. Tudo isso foi criação de uma força maior. Tudo no firmamento está em perfeita ordem e sob uma lei que comanda tudo, evitando que haja choque entre os

planetas, estrelas, luas e sóis. Espiritualmente dizendo, existem planetas mais ou menos evoluídos que este ao qual chamamos de Terra. Também no princípio a natureza foi criada perfeita. Há terra, água e ar, indispensáveis à sobrevivência do ser humano. A certa altura, espíritos revoltados e que precisavam de aprendizado foram enviados para cá. Não tinham o que vestir, onde morar ou o que comer, porém sabiam que teriam de sobreviver. Embora estivessem nessa situação, nunca estiveram sós. Sempre esteve sob a proteção maior, assim como os adultos que ensinam as crianças a comer, falar, andar, etc., e, sobretudo, lhes dão proteção. Esses espíritos precisavam evoluir, e isso só seria conseguido se aprendessem a lutar contra seus medos, ódios e desejos de vingança. Tinham a chance de recomeçar e reparar os erros passados. Não tinham lembrança do passado, mas sabiam que precisavam sobreviver. Por isso tiveram que aprender a caçar, lutar contra os dinossauros e todos os animais que existiam. Moravam em cavernas, aprenderam a caçar e a beber água. Eram espíritos embrutecidos, trouxeram com eles muito ódio e rancor. Começaram a se juntar em pequenos grupos e fazer suas próprias leis. Os mais fortes fisicamente tornaram-se os líderes e descobriram o poder. Isso fez com que comessem a guerrear entre si. Eles não conheciam nada sobre espiritualidade, mas sabiam que existia algo além, por isso adoravam os elementos da natureza, inclusive animais. Precisavam evoluir ainda mais. Embora tenham sido mandados para cá, deixaram atrás de si outros espíritos amigos e companheiros de jornada. Esses, assim como você está tentando fazer agora, não se conformavam em ficar bem sabendo que seus amigos não estavam. Por isso, veio ajudá-los. Renasceram naquele ambiente hostil somente para auxiliar seus amigos. Com isso foi descoberto o fogo, a roda e tudo o mais,

que foi facilitando a vida para eles. Sempre houve aqueles que inventaram isso ou aquilo. Leticia o interrompeu:

— O que tudo isso tem a ver com as drogas e o vício?

— Já chego lá. Eles foram evoluindo, conseguindo apetrechos para facilitar sua vida, mas sempre que ficavam doentes ou sofriam um acidente, não tinham uma anestesia e sofriam muito. Foram descobrindo que muitas plantas lhes proporcionavam uma espécie de anestesia e que, com ela, conseguiam evitar um pouco a dor física. A Ciência foi evoluindo, e surgiu a primeira droga que serviria como anestesia. A essa altura eles já haviam descoberto que o dinheiro lhes dava poder. Outras drogas foram surgindo. Por isso, aos poucos, essa droga, que a princípio deveria ajudar, transformou-se em uma fonte de dinheiro e poder. Para o bem da humanidade, as drogas não poderiam desaparecer. O espírito teria que conviver e vencer todas elas. Só quando conseguisse isso estaria em condições de se elevar.

— Está dizendo que elas não serão exterminadas? Que continuarão destruindo vidas?

— Sim. Uma parte da Ciência continuará se dedicando à luta para encontrar cura para as doenças, e para isso as drogas são necessárias. Outra parte se especializará em tornar as drogas cada vez mais potentes.

— Assim vai ser difícil combatê-las...

— Sim, é difícil, mas é uma batalha que cada um terá que travar. Para isso temos o nosso livre arbítrio. O espírito só estará pronto quando conseguir se libertar de todos os vícios.

— Mas não só os espíritos menos evoluídos aceitam o vício.

— Não, na maioria, assim como está acontecendo com Miguel, eles trazem consigo uma missão importante não só para a elevação de seu próprio espírito, mas para a humanidade.

— E se não conseguirem? Se deixarem dominar pelo vício?

— Será ruim para eles mesmos, ou para outros, como está acontecendo agora com você e Miguel. Por ele ter se deixado envolver pela droga não está só perdendo uma oportunidade de evoluir nesta encarnação, está fazendo com que tudo o que foi planejado por vocês dois seja adiado. Mas outros virão para cumprir a missão que eles deixaram de cumprir. A humanidade não pode parar de evoluir, muitas descobertas terão ainda que ser feitas.

Osmar, que ouvia tudo em silêncio, disse:

— Mas existem pessoas que não têm vício algum e, mesmo assim, praticam atrocidades.

Com a calma de sempre, novamente André respondeu:

— O vício não se limita às drogas. Existem outros, como o ódio, a ganância, a revolta, a inveja, a vingança, o rancor e o poder. Esses são iguais ou mais nocivos que a própria droga química. Muitas vezes é mais difícil se livrar de um deles do que da droga.

— Então não podemos fazer nada para impedir?

— Não, tudo depende do livre arbítrio de cada espírito. Mas, como você mesmo disse, estando ao lado deles e intuindo, um ou outro consegue se libertar e retornar ao seu caminho anteriormente planejado.

Letícia, embora tenha aceitado aquela resposta, disse inquieta:

— Tudo isso que disse tem coerência, mas muitas crianças estão sendo iniciadas nas drogas até com nove ou dez anos. Como poderão exercer o livre arbítrio?

— Tem razão, muitas estão sendo iniciadas, mas outras tantas não. Ou, se tentadas, reagem. Se pensarmos pelo lado espiritual, sabemos que o espírito, apesar de estar em um corpo de criança, é muito velho. Esse espírito que se deixa usar talvez esteja precisando passar por essa experiência e aprender a resistir.

— E aquelas que vivem em um lar pobre ou destruído, onde não encontram segurança?

— O espírito só passa pelas experiências que precisa. Lembre-se que cada um é responsável por si. Eu não posso viver sua experiência, assim como você não pode viver as minhas.

Ficaram em silêncio, apenas pensando e analisando tudo o que ouviram”.

## **DURANTE O SONO**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Inácio entrou na sala dizendo:

— Miguel deu algumas voltas pelo quarto e retornou, está agora deitado.

André, sorrindo, disse:

— Em breve ele e os outros estarão dormindo. Durante o sono, faremos com que nos acompanhem. Todos reunidos poderemos conversar sobre tudo que está se passando, e talvez possamos encontrar uma forma para ajudar Miguel e a todos.

Concordaram com a cabeça.

Letícia, mais calma, porém ainda um pouco inquieta, perguntou:

— O que pretende fazer?

— Durante o sono, como você sabe, o espírito se liberta do corpo, podendo assim visitar vários lugares. Vamos fazer com que eles se encontrem.

Osmar perguntou:

— Acredita que ele com isso poderá mudar?

— Não sei, mas sempre será uma oportunidade rica de aprendizado. Agora, cada um de vocês deve ir à busca dos outros. Eu e Letícia conduziremos Miguel. Esperaremos vocês na minha sala.

Osmar concordou, dizendo:

— Está bem, agora mesmo reunirei a equipe e faremos isso. Até logo.

— Estaremos esperando.

Osmar saiu. Letícia e André foram para junto de Artur, que andava de um lado para o outro do quarto. Ele não entendia o que estava lhe acontecendo. Durante aqueles quase quatro anos vivera bem. Estava feliz com o trabalho que fazia, tinha dinheiro e toda a droga que precisava. Embora estivesse sob o efeito da droga, pensava.

"Por que agora estou sentindo isso? Por que agora estou sentindo essa tristeza? Por que sinto que falta algo que não sei o que é?"

André, ao vê-lo daquela forma, sorriu enquanto dizia:

— Está vendo, Letícia, como Deus é maravilhoso?

— Não estou entendendo, o que quer dizer?

— Agora, Deus está lhe dando mais uma chance para que retorne ao caminho e cumpra a missão para a qual foi enviado.

— Como assim?

— Ele estava muito bem, gostava da vida que levava, mas seu espírito reagiu, sabe que não é esse o caminho. Por isso se revolta, causando nele esses sentimentos de desconforto.

— Acredita que ele ainda poderá voltar?

— Estou estranhando essa pergunta.

— Por quê?

— Desde que você tomou conhecimento da situação dele, está dizendo que ele vai voltar que tem uma missão para cumprir, que juntos serão felizes, que quer ajudá-lo em tudo o que for possível. Por que essa dúvida?

— Desculpe como sempre, tem razão. Talvez eu esteja inquieta por estar envolvida na questão.

— É isso mesmo o que está acontecendo. Quando estamos envolvidos em algo, temos dificuldades de enxergar e acompanhar. Fique tranqüila, Miguel terá todas as chances.

Letícia sorriu. Artur estava sob o efeito da droga. Após andar muito de um lado para o outro, resolveu se deitar, e em poucos minutos estava dormindo. André disse:

— Precisamos esperar um pouco até que adormeça profundamente. Em seguida o conduziremos.

Ela não respondeu, apenas fechou os olhos e começou a orar pedindo para que Artur pudesse se lembrar dela e de seus compromissos.

Osmar chegou à casa de Álvaro. Odete, enquanto cobria Leandro, o beijava e dizia:

— Durma bem, meu filho. Sonhe com os anjos.

Leandro olhou com ternura para ela:

— Sabe mamãe, estou pensando muito em Artur. Já se passou tanto tempo, onde estará?

Uma sombra passou pelos olhos de Odete. Respondeu:

— Não sei meu filho. Desde aquele dia em que ele saiu de casa, nunca mais o vimos. A única coisa que me conforta é saber que ele está vivo, pois seus cartões continuam chegando. Ainda bem que ele tem essa preocupação. Desde que comecei a freqüentar o centro onde sua avó me levou e ler a respeito do assunto, sinto uma esperança enorme de que ele um dia voltará.

— Parece que papai também pensa assim.

— Ele também mudou muito, já não é o mesmo de antes. Embora tenha sido sempre um homem bom para a família, era um pouco prepotente, sentia-se aquele que sabia de tudo e julgava ter a todos e a tudo sob controle. Hoje aprendeu que não é bem assim, que nada está sob nosso controle.

— Gostaria muito de encontrar Artur. Sempre penso nele e em Iracema. Onde estará ela?

— Sabe que seu pai fez de tudo para encontrá-la, mas foi inútil. Por tudo que aprendi, sei que um dia a encontraremos. Precisamos confiar na bondade e justiça de Deus, Ele é quem sabe de tudo. Agora vamos dormir, amanhã será um novo dia e temos muito para fazer. Boa noite, meu filho.

— Boa noite, mamãe.

Ela o beijou, apagou a luz e saiu. Foi para o seu quarto. Álvaro já havia se despedido do filho e estava recostado na cama lendo um livro. Assim que Odete entrou, disse:

— Ele já dormiu?

— Está pronto para isso.

— É um bom menino, espero que continue assim.

— Por que está dizendo isso?

— Não sei, mas estou pensando em Artur com muita força.

— Sempre penso nele!

— Sei disso, eu também penso nele todos os dias, mas hoje está intenso, não consigo nem me concentrar na leitura. Seu rosto vem ao meu pensamento a todo instante.

— Leandro me disse a mesma coisa. Confesso que também passei o dia todo pensando nele. Meu Deus!

— O que foi?

— Será que ele está em perigo?

Álvaro sentou-se na cama e, com voz preocupada, disse:

— Que está querendo dizer?

Com os olhos marejados, ela respondeu:

— Não sei, mas tenho medo que algo muito grave esteja acontecendo. Será que ele morreu ou vai morrer?

Álvaro levantou-se rapidamente:

— Não! Não pense assim! Ele está bem, mandou ainda na semana passada um de seus cartões!

— Sei disso, mas não sei o porquê deste pressentimento.

Enquanto falava, ela se vestia para dormir. Ele se aproximou, abraçou-a e, sem que ela esperasse, começou a chorar. Ela se assustou:

— O que é isso? Por que está chorando?

Ele não respondeu, apenas chorava. Ela percebeu e em silêncio agradeceu a Deus por aquele desabafo, pois havia muito tempo que ele não chorava daquela maneira. Por alguns minutos

eles ficaram abraçados, ele chorando com soluços profundos, ela apenas abraçando-o.

Finalmente ele se acalmou. Disse:

— Não sei o que aconteceu...

— Esteve durante este tempo todo se fazendo de forte, mas é um ser humano como todos nós.

— Estou me sentindo muito melhor. Essas lágrimas me fizeram muito bem. Por um momento vi meu filho morto, e isso me causou uma dor profunda. E não consegui me controlar.

— Já vi essa cena muitas vezes. Já vi meu filho morto das mais diferentes formas, e já chorei muitas vezes, assim como você está fazendo agora. Mas sempre no final eu dizia: "Meu Deus... que seja feita a Vossa vontade". Acho que é isso o que tem que fazer também, verá como se sentirá bem.

Ainda abraçado a ela, ele disse:

— Que seja feita a Vossa vontade...

Odete sorriu. Ela sabia que o marido estava aceitando a nova doutrina que ela estava seguindo, e tinha certeza de que ele a estava entendendo. Seu marido, aquele a quem tanto amava, estava se tornando mais humano.

Em seguida deitaram-se. Adormeceram. Osmar estava ao lado deles. Ao vê-los dormindo, disse ao seu companheiro:

— Logo estarão prontos.

Efetivamente, logo depois estavam todos na sala de André. Artur chegou sendo quase carregado por Letícia e André. Sob efeito da droga, não conseguia entender o que estava acontecendo. André sentou-se na cadeira da cabeceira da mesa. Letícia sentou-se ao seu lado e, com carinho, fez com que Artur também se sentasse. Em seguida, acompanhados por Osmar, chegaram Álvaro, Odete e Leandro. Estavam meio dormindo, meio

acordados, por isso também não entendiam o que estava acontecendo. André sorriu, levou suas mãos na direção deles e delas saíram pequenos raios de luz branca, que os envolveram. Aos poucos foram despertando completamente. Álvaro, ao ver André, disse:

— André! Meu amigo! Que bom vê-lo novamente!

— Olá, Nestor. Também estou feliz por revê-lo. Você está muito bem.

Álvaro ia responder, quando olhou para o lado e viu Artur, que fazia um esforço enorme para ficar com os olhos abertos. Levantou-se da cadeira em que estava sentado e o abraçou, dizendo:

— Artur, meu filho! Por onde andou?

Artur abriu os olhos, olhou e sorriu tristemente. Não respondeu. Odete e Leandro também se levantaram e quiseram abraçá-lo e falar com ele, mas André disse:

— Não adianta querer falar com ele agora, pois ainda não está completamente desperto. Está ainda sob o efeito da droga. Mas logo estará bem.

Os três, tristes, voltaram a se sentar. Olharam para Letícia, que acompanhava a cena com lágrimas nos olhos. Odete foi a primeira a falar:

— Letícia! Você também está aqui? Que pergunta boba é essa que estou fazendo, claro que estaria nunca deixaria Miguel sozinho!

André a interrompeu:

— Vejo que já está se lembrando de tudo.

— Sim, estou... Estamos juntos novamente. Mas onde está Rui?

— Ele tem uma missão importante para ser executada amanhã. Não sabe ainda, mas terá também que tomar uma decisão da qual dependem sua vida terrena e seu futuro espiritual. Mesmo não sabendo dessa decisão, está ansioso, e por isso não está conseguindo dormir. Por isso, nós também não conseguimos trazê-lo.

Mas a presença dele aqui não é muito importante. Ele assistiu à última reunião. Você não se lembra da última reunião que tivemos aqui?

Ela fechou os olhos como se quisesse se lembrar de algo. Após alguns minutos, disse:

— Lembro... Foi um pouco antes de Nestor renascer. Logo em seguida eu e os outros iríamos.

— Foi isso mesmo. E vocês, estão se lembrando?

Álvaro e Leandro fizeram que sim com a cabeça. André continuou:

— Estamos aqui por que os planos daquele dia estão tomando um rumo diferente. Miguel está se afastando deles, e precisamos tentar fazer algo para que ele retorne.

Álvaro começou a chorar:

— Sei disso, e o culpado fui eu. Não soube educá-lo, não soube ser um bom pai.

André continuou:

— Não diga isso. Você fez o que achou certo. Ele, ao seu lado, teve toda a segurança para bem cumprir a sua missão. Foi ele quem falhou novamente. Mas isso agora não tem importância, precisamos encontrar uma solução. Ficar lastimando o que foi ou não feito não vai adiantar.

Álvaro baixou a cabeça. Odete disse:

— E os outros? Também virão?

— Hélio deve estar chegando. Vamos esperar mais um pouco, enquanto isso faremos uma prece agradecendo por mais esta oportunidade.

Foi o que fizeram. Estavam terminando a oração quando ouviram uma voz raivosa e irônica que dizia:

— Olá! Os santos estão reunidos?!

Terminaram de fazer a oração, depois André calmamente disse:

— Seja bem-vindo, Hélio. Estávamos a sua espera...

— Para quê? Vejo que também o perdedor está aqui! Estão tentando salvá-lo?

— Vejo que continua inteligente, mas desta vez errou. Não estamos tentando salvá-lo, mas sim a você...

Hélio começou a rir mais alto:

— Estão tentando me salvar?! Eu não preciso de salvação, tudo isso é balela! Só preciso de vingança! E estou conseguindo! Estou me vingando de todos! Onde está Marilu?

— Ela chegará em seguida, mas sente-se...

— Não quero me sentar, vou embora daqui!

Com voz firme, André disse:

— Sinto muito, mas você não pode ir embora, tem que se sentar e ouvir o que temos para dizer.

— Não quero ouvir nada! Estou feliz por ver esse covarde derrotado da maneira como está!

Letícia chorava e, em oração, pedia ajuda. André fez um sinal ao rapaz que trouxera Hélio. Este fez com que ele se sentasse. Muito nervoso, olhou para todos e disse:

— Estão mesmo todos aqui! Até você, Mário, que se dizia meu amigo! Está também do lado deles?

Leandro, com outro corpo e rosto, sorriu tristemente:

— Estou, sim, e não era seu amigo. Ainda sou, mas também de Miguel.

Antes que Hélio dissesse alguma coisa, entraram na sala duas jovens que conduziam Iracema, que ao ver todos reunidos e olhando para Artur, disse:

— Eu tentei! Fiz a minha parte...

André sorriu:

— Olá, Marilu! Sabemos disso, mas é importante que hoje esteja aqui, pode se sentar...

Ela, olhando nos olhos de cada um, sentou-se”.

## **O PASSADO**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

”Artur já estava completamente bem, olhava para eles e aos poucos os ia reconhecendo. Olhou para o lado e seus olhos se encontraram com os de Leticia, que chorava. Por uns instantes ele ficou olhando, quando de repente deu um grito:

— Leticia! E você mesma? Leticia!

Sem perceber, os dois foram se levantando e em poucos segundos um estava abraçado ao outro, chorando. Beijavam-se e abraçavam-se, não conseguiam dizer nada. Apenas queriam ficar daquela maneira, sentindo todo o carinho e o amor que um sentia pelo outro.

Os demais acompanhavam aquela cena e também não disseram uma palavra, eles conheciam a história, sabiam o porquê de tantas lágrimas.

O encontro foi emocionante. Ficaram assim por muito tempo, até que Hélio, irritado, disse:

— Até quando vai durar essa palhaçada? Vou embora, não tenho nada para fazer aqui.

— Você não vai para lugar algum. Estamos aqui para conversar e esclarecer alguns pontos que ficaram obscuros.

— Não preciso esclarecer nada! Sei tudo o que aconteceu e nada está obscuro para mim!

André apenas olhou com severidade e disse:

— Sente-se.

Hélio sabia que não poderia lutar contra ele. Embora estivesse aborrecido com o encontro de Leticia e Artur, foi obrigado a sentar-se e ficar calado.

André continuou dizendo:

— Leticia, Miguel, sentem-se.

Eles obedeceram.

— Estamos aqui para tentar fazer com que tudo volte ao seu lugar, para que assim possamos cumprir a missão que um dia planejamos.

Artur olhava ora para um, ora para outro. Foi reconhecendo um a um. Eles apareciam a seus olhos como amigos de outros tempos. Estavam diferentes em seus rostos e roupas, mas ele reconheceu a cada uma. Disse olhando para André:

— Estou feliz por estar aqui e por tê-los encontrado, mas não sei o que está acontecendo e por que estamos reunidos.

André, com sua calma conhecida, respondeu:

— Sabemos disso, estamos reunidos apenas para relembrar aquele dia em que, pela última vez, nos reunimos todos e discutimos o que foi planejado naquela ocasião. Todos estavam aqui, menos Hélio.

Artur fechou os olhos tentando se lembrar. André lhe disse:

— Não tente se lembrar, sua mente está um pouco entorpecida pela droga. Olhe para aquela tela.

No fundo da sala uma grande tela apareceu. Artur e os outros olharam para ela. Viram um enorme prédio, que parecia ser de um hospital ou faculdade. Dois rapazes caminhavam apressados. O que parecia ser o mais velho, disse:

— Miguel, estamos atrasados. O professor de Latim vai ficar uma fera.

Miguel soltou uma gargalhada:

— Não se preocupe, ele já está velho, nem vai notar quando entrarmos na sala de aula. Sabe que ele não enxerga muito bem.

O outro riu, mas mesmo assim apressaram o passo. Chegaram à sala de aula alguns minutos antes do professor entrar. Assim que ele entrou, todos os alunos se levantaram. Ele, com a mão, fez com que se sentassem. Assim que todos se sentaram, ele iniciou a aula dizendo:

— Sei que alguns dos senhores não gostam da minha aula, mas sei também que pretendem, um dia, tornarem-se advogados, e para isso é necessário que aprendam bem o Português. Em conseqüência, precisam aprender o Latim, pois foi dele que muitas palavras surgiram.

A classe permaneceu em silêncio, não se atreviam nem a respirar. Após a aula, reuniram-se no pátio da escola. Miguel e Hélio estavam conversando quando se aproximou outro rapaz:

— Olá! Estou entregando este convite para alguns de meus amigos.

Miguel recebeu o convite e, após lê-lo, disse:

— Vai ser a festa da sua irmã?

— Sim, Letícia vai completar quinze anos e meus pais resolveram dar uma festa para ela. Espero que compareçam.

Miguel olhou para o outro rapaz, que também lia o convite.

Disse:

— Hélio, você vai?

Hélio levantou os olhos do convite, olhou para ele e respondeu:

— Só se você for.

Miguel respondeu com voz triste:

— Sabe que não posso comparecer a uma festa como essa...

Mário, o rapaz que havia entregado os convites, perguntou:

— Por que não pode?

Miguel olhou para Hélio, depois para Mário, e respondeu:

— Os dois sabem que só frequento esta escola por ter ganhado uma bolsa de estudos. Meu pai não tem posses como os seus. Sabem que assim que sair daqui preciso ir até o cartório onde trabalho. Não tenho roupa para me apresentar em uma festa como essa...

Hélio começou a rir:

— Ora, meu amigo! Isso não é problema, tenho muita. Temos o mesmo corpo, poderá escolher aquela que mais lhe agradar.

Mário, com entusiasmo, disse:

— Também tenho roupas, isso não será desculpa para não ir a minha casa.

Miguel percebeu que não poderia se recusar. Ia responder, quando ouviram alguém chamando. Olharam em direção à voz e sorriram. Um rapaz se aproximou ofegante:

— Ainda bem que os encontrei! Estava na biblioteca lendo um livro, sabem como vou mal em Literatura.

Os outros riram. Miguel, passando a mão sobre a cabeça do outro, disse em tom de deboche:

— Sabemos que vai mal em Literatura, mas por outro lado, com as mulheres não tem problema algum.

— Tem razão! Agora mesmo, lá na biblioteca, estive olhando para uma. Estava em uma foto, num livro.

Todos começaram a rir, pois Nestor só falava em mulher o tempo todo. Mas, na realidade, nunca havia namorado, assim como todos eles. Eram jovens estudantes, estavam todos praticamente com a mesma idade, em torno dos dezenove anos. As moças ficavam a maior parte do tempo em suas casas, sob a proteção dos pais e irmãos. A maioria não estudava, mas algumas tinham seus professores, que lhes davam aula em casa. Só saíam acompanhadas, e isso dificultava os encontros.

Os rapazes estavam cursando o primeiro ano de faculdade, todos queriam ser advogados e pretendiam, assim que terminassem o curso, montar junto um escritório. Todos eram filhos de família abastada, menos Miguel, pois seu pai era apenas um funcionário de cartório. Era ele quem transcrevia as certidões. Usava para isso letras góticas, das quais muito se orgulhava. Sua caligrafia era perfeita. Trabalhando ali, conseguira que Miguel também trabalhasse, e com prazer lhe ensinara sua profissão. Ele era muito conhecido na cidade. Através de seus conhecimentos descobriu que a faculdade tinha certo número de bolsistas; fazia isso para não pagar muito imposto ao governo. Descobriu o dia em

que seriam feitos os testes para esses bolsistas. Miguel, com alegria, participou desse teste e foi aceito.

Assim que começaram as aulas, ele fez amizade com Hélio e em seguida com os outros dois. Eles sabiam de sua origem, mas não se importavam. Tornaram-se amigos inseparáveis. Estudavam e saíam juntos para todo lugar. Um ajudava o outro nas matérias que tivessem dificuldade. Estava quase terminando o ano letivo e todos estavam bem. Suas notas eram louváveis.

Embora participasse do grupo, Miguel nunca havia freqüentado suas casas, não por falta de convites, mas por sentir-se diminuído diante deles. Sabia que não tinha roupas para isso. Dessa vez, parecia que não haveria escapatória, teria que ir.

Mário entregou o convite a Nestor, que, ao recebê-lo, começou a rir, enquanto dizia:

— Uma festa? Claro que irei, assim poderei ver novamente sua irmã. Ela é linda!

Mário, também sorrindo, disse:

— Qual delas?

— Amélia, é claro, a outra é ainda uma pirralha. Hélio, com um ar de superioridade e rindo, disse:

— Uma pirralha, mas linda! Mário, fingindo estar irritado, disse:

— Esperem aí! Estão falando das minhas irmãs! Olhem o respeito!

— Não estamos faltando com o respeito. Quem manda você ter irmãs tão bonitas?

— Sabe Hélio, você tem razão, elas são bonitas mesmo, mas moças de respeito.

— Disso nunca duvidei.

Miguel acompanhava a conversa, mas estava tentando encontrar uma desculpa para não comparecer à festa. Ele não se sentia bem naquele ambiente. Gostava dos amigos, mas sabia que não pertencia ao mundo deles.

Hélio, percebendo o ar de preocupação do amigo, disse:

— Sabe Nestor, Miguel não está querendo ir à festa.

— Por quê?

— Diz que não tem roupa adequada...

— Que é isso, Miguel! Sabe que tenho muitas roupas, poderá usar aquela que quiser!

— Eu e Mário dissemos isso a ele, mas parece que ele não está convencido.

Hélio falou furioso:

— Miguel! Já foi convidado para muitas festas e nunca aceitou, mas desta vez não terá desculpa, terá que ir.

Miguel percebeu que não haveria desculpas mesmo. Disse:

— Está bem, irei.

Todos riram e voltaram para a sala de aula. Assim que as aulas terminaram, Miguel se despediu dos amigos e saiu apressado. Precisava ir para o cartório, só trabalhava à tarde. Tinha tempo de chegar a casa, trocar de roupa e comer alguma coisa.

Naquele dia fez o mesmo de sempre, mas não conseguia esquecer o convite. Estava realmente preocupado. Assim que chegou ao cartório, foi como sempre para a sala onde seu pai trabalhava. Ao entrar, viu o pai cercado por papéis e escrevendo. Ao vê-lo entrar, o pai disse:

— Ainda bem que chegou, tem muito para fazer, precisa carimbar estes papéis. Miguel não respondeu, pegou os papéis e ia saindo quando o pai disse:

— Miguel, espere.

Ele parou e se voltou:

— Pois não.

— Está acontecendo alguma coisa? Está com problemas na faculdade?

— Não, papai, está tudo bem, o senhor sabe que não tenho problemas quanto ao meu estudo.

— Então por que está com essa cara?

— Que cara?

— De preocupação. Está preocupado com o quê?

— Como sabe que estou preocupado?

— Eu o conheço há quase vinte anos. Sempre que chega aqui entra contando como foi à aula. Sempre tem algo para falar sobre seus amigos, mas, hoje, entrou calado, sem dizer uma palavra...

Miguel sorriu:

— O senhor presta atenção em tudo mesmo.

— Se não prestasse atenção em tudo, não poderia exercer a minha profissão. O que está acontecendo?

— Realmente estou com um problema. Um dos meus amigos me convidou para a festa de aniversário de sua irmã.

— Isso é muito bom, não vejo onde está o problema.

— O problema é que não posso ir.

— Não pode ir por quê?

— Não tenho roupa adequada. Precisaria de um fraque, camisa de seda e uma cartola. Isso é muito caro, sabe que não temos dinheiro.

— Mas seus amigos conhecem sua situação financeira, e se o convidaram é porque não se importam com isso.

— Sei disso, até me ofereceram as roupas deles, mas eu não me sinto bem.

— Sabe meu filho, você precisa aprender que não é o hábito que faz o monge. Eles gostam de você assim como é. São seus amigos...

Miguel ficou pensativo. O pai continuou:

— Sou um homem feliz, tenho a melhor família do mundo.

Você e seus irmãos me trazem toda a felicidade do mundo. Só fico triste por não poder dar um conforto melhor para todos.

Miguel percebeu que o pai estava realmente triste. Disse:

— O senhor é o melhor pai do mundo. E acredito que tenha razão, vou aceitar a roupa e irei a essa festa.

— Estive pensando. Sabe que conheço muitas pessoas. Vou falar com o Augusto da loja de tecidos e com o Matias. Ele é alfaiate. Depois falarei com o Aguinaldo da chapelaria. Você terá a sua roupa e pagarei aos poucos.

Miguel admirou-se:

— Não, papai! O senhor não pode fazer isso! Sabe muito bem que todo o dinheiro que ganhamos, eu e o senhor, dá apenas para mantermos a nossa casa!

— Não se preocupe com isso, sei o que estou dizendo. Você irá a essa festa com a sua própria roupa, assim não se sentirá diminuído perante seus amigos. Terá muito tempo para aprender o verdadeiro sentido da palavra amizade. Agora vá cuidar do seu trabalho.

Miguel saiu da sala. No íntimo estava feliz por ter sua própria roupa para a festa e cada vez mais gostava de seu pai. Ele sempre fora dedicado à família, ficara feliz por seu filho estar freqüentando uma faculdade tradicional e estava orgulhoso do filho que tinha.

Os dias foram se passando. Miguel estava feliz, seu pai cumprira o que dissera, falara com as pessoas e, em poucos dias, ele já estava com o seu fraque, camisa de seda e sua bela cartola. Poderia comparecer à festa sem se sentir humilhado. Os amigos também ficaram felizes, principalmente Hélio, que julgava ser o melhor amigo de todos.

O dia da festa chegou. Como havia combinado, Hélio passaria pela casa de Miguel e o levaria em seu coche. Na hora marcada estava lá. Sob os olhos orgulhosos de sua família, Miguel subiu no coche e foi para a festa tão esperada.

Ele nunca fora à casa de Mário, por isso ficou maravilhado com o tamanho. Calculou que deveria ter muitos quartos, diferente da sua, que só tinha dois. Foram recebidos por um negro, que guardou suas capas e indicou o caminho que teriam que seguir. Ao entrar na sala, Miguel teve que respirar fundo, nunca havia visto uma sala como aquela. Só conseguiu ver um lustre enorme que pendia do teto. Ele tinha muitas velas, que iluminavam a sala toda, além de outras penduradas nas paredes. Tudo eram luxo e riqueza. Estava admirando quando ouviu a voz de Mário.

— Miguel! Ainda bem que veio! Pensei que desistiria na última hora!

— Confesso que quase fiz isso, mas acredito que me arrependeria, isto aqui é muito bonito.

— Está mais bonito porque todos os meus amigos estão aqui. Venha, vou lhe apresentar meus pais.

Estava indo em direção aos pais de Mário, que recebiam os convidados, quando, ofegante, Nestor chegou.

— Pensei que chegaria atrasado, sabe como é, fiquei conversando com uma moça.

Os três riram. Sabiam que ele estava mais uma vez contando lorota. Mário os conduziu até seus pais, que os receberam com alegria e um sorriso nos lábios. Assim que Miguel foi apresentado, os quatro se dirigiram a um canto do salão e ficaram conversando. Uma moça aproximou-se. Ao vê-la, Mário disse para Miguel:

— Essa que está se aproximando é minha irmã Amélia.

Miguel olhou para ela e ficou abismado com tanta beleza.

Com cabelos castanho-claros presos na nuca, olhos cor-de-mel, trajando um vestido azul, realmente era linda. Nestor, ao vê-la se aproximando, disse:

— Eis aí a mulher da minha vida. Mário, fingindo estar bravo, disse:

— Cuidado, Nestor! Ela é minha irmã!

— Sei disso, estou dizendo a verdade, não é linda mesmo?

— Nem tanto, é apenas bonita.

— Você diz isso porque é sua irmã, mas eu vou me casar com ela.

Não houve tempo para que Mário respondesse. Amélia se aproximou. Mário a recebeu.

— Amélia, estes são meus amigos: Nestor e Hélio, que você já conhece, e este é Miguel. É a primeira vez que ele vem aqui.

Ela, sorrindo, estendeu a mão aos três, que delicadamente a beijaram. Miguel ficou encantado com a beleza da moça. Conversaram amenidades por um tempo, depois ela se afastou, sob os olhares embevecidos de Nestor. Os três olhavam-se entre si, rindo dele, que com os olhos a acompanhava até desaparecer no meio dos convidados. Assim que ela desapareceu, ele disse:

— Realmente, essa será a mulher da minha vida.

Os três riram e saíram andando. Uma música suave era tocada por um violonista. Miguel caminhava entre as pessoas, cada vez mais se admirava com o que via. De repente a música parou e o pai de Mário disse:

— Peço a atenção de todos a aniversariante vai descer por aquela escada.

Todos se voltaram para o alto e para a escadaria, que era forrada com um tapete vermelho. Em poucos instantes, uma moça começou a descer por ela. Miguel ficou estático, seu coração começou a disparar. Ele nunca em sua vida havia visto beleza igual àquela. Loura, com os cabelos cacheados, e sobre eles um pequeno casquete de flores azuis no mesmo tom de seu vestido — um pouco mais claro que o de Amélia -, que combinavam com seus olhos, que também eram azuis. Ela foi descendo suavemente e sorrindo. Atrás dela, outras moças também desceram. Tinham os vestidos iguais ao de Amélia. Ao pé da escada, o pai dela, orgulhoso, recebeu a filha. Atrás dele, rapazes, entre eles Mário, Hélio e Nestor, seguravam em suas mãos pequenas velas acesas. Receberam as outras moças e as conduziram ao centro da sala. Todos fizeram uma roda em volta de Letícia, que foi apagando todas as velas. Uma valsa se fez ouvir e todos saíram dançando animados. Miguel estava extasiado com tudo o que via, muito mais com a beleza de Letícia.

A valsa terminou. Ele que havia poucos instantes, junto com os outros, brincara por causa da maneira como Nestor olhava para Amélia, estava da mesma maneira. Não conseguia desviar os olhos de Letícia. Seu coração parecia que ia explodir. Alguns minutos após a valsa ter terminado, Mário, acompanhado por Letícia, aproximou-se dele, dizendo:

— Miguel, esta é a aniversariante. Não está linda?

Miguel, a princípio, não conseguiu responder, a emoção que sentia fez com que ficasse calado. Em seguida, sem tirar os olhos dos dela, respondeu:

— Ela é linda, sim. Muito prazer, senhorita.

Ela apenas sorriu e lhe estendeu a mão. Ele fechou os olhos antes de beijá-la. Em seguida, sorrindo, ela se afastou. Miguel, assim como Nestor havia feito, seguira-a, até que desapareceu no meio dos convidados. Mário seguiu atrás dela e não notou como Miguel havia ficado. Estava assim pensando, quando foi interrompido por uma voz.

— Você conheceu Letícia?

Era Hélio quem perguntava. Miguel só conseguiu dizer:

— Sim, ela é muito bonita.

— Também acho. Sabe que nossos pais estão conversando a respeito do nosso casamento? Sabe como é, unir os nomes e as fortunas das famílias. Confesso que essa idéia me agrada.

Miguel respirou fundo. Aquelas palavras o trouxeram de volta à realidade. Apenas disse:

— Você é um homem de sorte, ela realmente é linda.

— Não contei a nenhum dos nossos amigos, sei que se contar serei alvo de brincadeiras, assim como Nestor. Mas vou confiar em você. Estou perdidamente apaixonado por ela e farei qualquer coisa para tê-la como esposa.

Novamente Miguel demorou a responder. Finalmente disse:

— Formam um belo par, acredito que serão felizes.

— Também acho.

Estavam ali quando uma moça, acompanhada de um rapaz, se aproximou. Enquanto estendia a mão para Hélio, dizia:

— Olá, Hélio! Como está?

— Olá, Marilu! Estou muito bem, e você?

— Estou adorando a festa, está tudo perfeito! Quem é o seu amigo?

— Desculpe, este é Miguel, nosso colega de faculdade e também um amigo muito querido.

Miguel, sorrindo, beijou a mão que ela estendia e disse:

— Muito prazer, senhorita.

— Hélio já conhece, mas o senhor ainda não. Este é o meu irmão Rui.

Miguel cumprimentou Rui, e ficaram conversando por alguns minutos. Depois que se afastou, Hélio disse:

— Eles são primos de Mário. Seus pais possuem uma grande fortuna, moram aqui na cidade. Ele estuda Medicina e ela não sei o que faz, mas, como as outras, deve bordar e tocar piano. São agradáveis, embora os achem um pouco pedantes. Principalmente Marilu.

— Não notei isso.

— Porque falou com ela por pouco tempo. Terá oportunidade de vê-la outras vezes, e assim notará.

Os pares rodopiavam no centro da sala. Nestor e Amélia ficaram o tempo todo dançando. Miguel sorriu ao vê-los. Percebeu que entre eles começava a acontecer algo. Estava assim observando quando viu Leticia, que caminhava em sua direção. Mais uma vez seu coração começou a bater descompassado. Sentiu até certa dificuldade para respirar. Ela se aproximou e, sorrindo, disse:

— Me desculpe não ter lhe dado muita atenção no início da festa, mas é que estava um pouco nervosa e tendo que cumprimentar muitas pessoas. O senhor é amigo do meu irmão, não é?

Ele, um pouco nervoso, respondeu:

— Sim, estudamos juntos, meu nome é Miguel.

— O meu como já deve saber, é Letícia. O senhor não dança?

— Confesso que não sei dançar...

— Não se preocupe, eu o ensinarei.

— Não sei se será razoável...

— Claro que será. Venha!

Sem que ele pudesse fazer um gesto, ela o levou até o centro da sala e começaram a dançar. Para espanto deles, ele logo aprendeu os passos da valsa, e em poucos minutos rodopiavam ao som da música. Dançaram muitas vezes seguidas, o que chamou a atenção de Hélio e Marilu.

Ela se aproximou de Hélio, dizendo com sarcasmo:

— Parece que seu amigo encantou minha prima.

— Estão apenas dançando.

— Da maneira como estão fazendo, nem parece que só estão dançando...

— Que maneira?

— Não percebeu que de quando em vez os olhos se cruzam?

— Não percebi nada. Além do mais, nossos pais já estão providenciando nosso casamento.

— Não sei não...

Assim dizendo, e com um sorriso no canto da boca, ela se afastou, deixando Hélio preocupado e prestando mais atenção em Miguel e Letícia, que continuavam dançando. Olhou para os outros pares que dançavam, olhou para Letícia e Miguel e percebeu que Marilu estava com a razão. A atitude deles era realmente estranha. De tempos em tempos se olhavam com um olhar apaixonado. Preocupado, pensou:

"Será que Marilu está certa? Estarão mesmo interessados um no outro? Letícia, hoje, como sempre, me tratou bem, mas não lembro de ter me dado um sorriso como esse que está dando a Miguel. Dançou algumas vezes comigo, mas já faz um bom tempo que só dança com ele."

Realmente Marilu tinha razão. Entre Miguel e Letícia algo estava surgindo. Ambos sentiam-se as pessoas mais felizes do mundo. Miguel, embora a segurasse com suavidade, apertava sua cintura e sua mão com carinho. Ela correspondia, apertando a mão dele. Em dado momento, ela disse:

— Nas férias de fim de ano eu e minha família iremos para o Rio de Janeiro, temos uma casa na montanha. Você não gostaria de passar alguns dias lá?

Aquela pergunta fez com que ele voltasse à realidade. Como poderia passar dias sem trabalhar no cartório? Com que roupa se apresentaria todos os dias diante de seus anfitriões? Sem saber o que responder, apenas disse:

— Vou pensar, e lhe darei uma resposta.

A música parou. Os músicos precisavam descansar por alguns minutos. Amélia se aproximou.

— Letícia, venha comigo, precisamos conversar.

A contragosto, ela a acompanhou. Foram para o quarto de Amélia, onde Marilu as esperava. Assim que entraram, Marilu disse curiosa:

— Então, Letícia! Está gostando do amigo de Mário?

Letícia pensou um pouco, e em seguida respondeu:

— Ele é agradável e um belo rapaz, confesso que estou interessada.

Amélia a interrompeu:

— Você não pode fazer isso! Sabe que papai está conversando com os pais de Hélio a respeito do seu casamento. Sabe também como ele é intransigente quando decide algo, ainda mais se envolve dinheiro.

— Não posso me casar com Hélio. Gosto dele como amigo, e não quero passar o resto da minha vida a seu lado.

— Espero que mude de idéia. Papai não vai aceitar uma desobediência, sabe disso!

— Não sei o que farei, mas com Hélio não me casarei.

Marilu disse com olhar maroto:

— Ainda bem, pois eu estou apaixonada por ele, e me casarei com muito prazer.

Letícia riu, levantou-se e dirigiu-se novamente para a sala. As duas a seguiram. Na sala, procurou por Miguel, mas não o encontrou. Chamou Mário e perguntou:

— Onde está Miguel?

— Ele se despediu faz alguns minutos e saiu com Hélio. Por que pergunta?

— Por nada, só para saber.

Afastou-se, e Mário a seguiu com os olhos. Estava preocupado com a atitude dela. Não queria nem imaginar se o que estava pensando fosse verdade. Como todos em sua família, sabia que Letícia já estava prometida para Hélio.

Assim que os músicos pararam para descansar e Letícia acompanhara a irmã, Hélio se aproximou de Miguel, dizendo:

— Parece que está gostando da festa.

— Estou sim, e muito, mas acredito que já está na hora de eu ir embora.

— Por quê? O que aconteceu?

— Nada, só estou cansado...

Um garçom passou por eles carregando uma bandeja com champanhe. Hélio, pegando uma taça de champanhe, ofereceu-a a Miguel. Percebendo que ele estava nervoso, disse:

— Aconteceu alguma coisa que o aborreceu?

Tomando o champanhe, Miguel respondeu:

— Não aconteceu nada, mas este não é o meu mundo. Preciso ir embora e retornar àquilo que sempre fui um pobre.

Hélio percebeu a amargura que o amigo sentia. Disse:

— Não sei qual é o motivo dessa revolta, mas acredito que não deve sentir isso, somos todos seus amigos e gostamos de você da forma que é. Nunca nos preocupamos com sua classe social.

— Sei disso, e agradeço a todos, mas quero ir embora. Vou alugar um coche.

— De maneira alguma, eu o trouxe e vou levá-lo de volta.

Antes que Miguel dissesse algo, Hélio segurou em seu braço e o conduziu para fora. Já no coche, disse:

— Você dançou muito com Letícia, o que acha dela?

— Uma linda moça, e agradável também.

— Ela disse algo que o magoou?

— Por que faz essa pergunta?

— Porque vocês pareciam tão felizes dançando. De repente você quis ir embora!

— Não, ela é adorável, só fiquei cansado, nada, além disso.

— Ainda bem que gostou dela. Sabe que pretendemos nos casar, e ficarei feliz se você comparecer ao casamento.

Com a voz embargada, Miguel disse:

— Irei... Claro que irei...

O coche parou em frente à casa de Miguel. Rapidamente ele desceu, dizendo:

— Obrigado por tudo, foi uma linda noite.

Hélio apenas sorriu e ordenou ao cocheiro que seguisse.

Miguel entrou em casa. Não era ainda meia-noite. Seu pai estava sentado na sala lendo um livro. Assim que viu o filho entrando, perguntou:

— Como foi à festa? Divertiu-se?

Miguel, sentando-se a seu lado, respondeu:

— A festa foi maravilhosa, nunca imaginei que pudesse existir um lugar como aquele!

— Por que diz isso?

— A casa é luxuosa, e as pessoas que estavam lá ricas e muito bem-vestidas.

— Você também está bem-vestido!

Miguel começou a rir:

— Sei disso! O senhor me proporcionou esta roupa, não fiquei devendo nada a ninguém. Mas como o senhor mesmo disse a roupa não faz o monge.

— Por que está dizendo isso?

— Embora eu estivesse vestido como eles, não pertencço àquele mundo. Nunca poderei pertencer.

— Encontrou alguma moça que o agradou? Ele olhou assustado para o pai. Perguntou:

— De onde tirou essa idéia?

— Até agora nunca se importou com quem era sempre estudou para ser um bom advogado e, assim, conseguir uma vida mais confortável. De repente vem com essa conversa de diferença social... Deve ter encontrado uma moça de nível social diferente.

— O senhor talvez tenha razão. Meus amigos pertencem a uma classe social diferente, mas nunca fizeram qualquer coisa para que eu me lembrasse disso, a não ser agora com essa festa. Conheci uma moça, sim, ela é linda, mas pertence a uma das

famílias mais ricas desta cidade. Nunca poderei almejar o seu amor.

— Por que não? Para o verdadeiro amor não existe diferença alguma. As pessoas se amam, simplesmente.

— Não é tão fácil assim. Existem entre eles certos códigos e acertos. Os pais dela e de Hélio, que também pertence a uma família rica, estão agora tratando da possibilidade de casamento dos dois, para que as fortunas das famílias se unam. Como vê, não é tão fácil assim.

— Os jovens se amam?

— Ela eu não sei, mas Hélio com certeza a ama, e muito.

— Para que um casamento seja perfeito é necessário que haja amor entre as duas partes.

— Também pensava assim, mas diante do que está acontecendo com eles, acredito que amor seja o que menos importa. Mesmo que não houvesse esse acordo entre seus pais e que a minha condição social não existisse, nunca poderia haver nada entre nós.

— Por quê?

— Hélio é o meu melhor amigo. Eu jamais faria algo que o desagradasse.

— E deixaria de lado sua própria felicidade?

Miguel ficou olhando para o infinito enquanto respondia.

— Sim. Não voltarei mais àquela casa, nunca mais a verei. Não é o meu mundo.

— Você é quem sabe, mas volto a lhe dizer que a pessoa não deve ser medida pelo que tem, mas sim pelo que é.

— Pode ser em teoria, mas na prática é diferente. Ontem foi assim, hoje é, e amanhã com certeza será também. Existem dois mundos: o dos ricos e o dos pobres.

— Você está muito deprimido. Nunca pensei que uma festa poderia deixá-lo dessa maneira! Esforcei-me tanto para que participasse dela...

— Não diga isso! Estou feliz por ter ido. O senhor foi maravilhoso, sei que se esforçou muito. Foi bom, porque tive certeza de que aquele é um outro mundo. Sei que jamais pertencerei a ele. Mas isso não me preocupa, sou feliz por ter um pai como o senhor. Agora vamos dormir? Amanhã é domingo, mas mesmo assim quero levantar cedo, preciso estudar. Como trabalho durante a semana, não me sobra muito tempo.

— Sei disso, mas o que ganho não é o suficiente para o nosso sustento...

— Não estou reclamando, só preciso estudar.

— Está bem, vá dormir. Estou terminando de ler este livro, irei em seguida.

Miguel foi para o seu quarto. Vestiu o pijama, deitou-se e tentou dormir. Tentou, mas não conseguiu. O rosto e o sorriso de Leticia não saíam de sua mente. Virou de um lado para o outro até que resolveu se levantar e ir à sala pegar uma bebida. Não estava acostumado a beber, mas naquele momento pensou que seria uma solução. Dentro de um móvel havia algumas garrafas de vinho e copos. As garrafas estavam ali só como enfeite, pois nem ele nem seu pai bebiam. Pegou uma garrafa, tirou a rolha, colocou em um dos copos e aos poucos foi bebendo. A imagem de Leticia ficava cada vez mais forte, e ele bebia mais. Sem perceber, bebeu a garrafa toda. Cambaleando, foi para o seu quarto, e dessa vez adormeceu. Hélio, assim que deixou Miguel em casa, ordenou ao cocheiro que o levasse de volta à festa. Assim que entrou, viu Leticia, que desfilava entre os convidados. Mas percebeu que ela já

não estava tão feliz como no início da festa. Dirigiu-se até ela e tocou em seu braço, enquanto dizia:

— Leticia, poderia me conceder esta dança?

Ela, sorrindo, abriu os braços, e começaram a dançar.

Durante a dança ela perguntou:

— Onde você estava? Procurei-o e não o encontrei.

— Sentiu minha falta?

— Sim, sua e de Miguel também.

— Saí exatamente com ele, quis ir para casa e eu o acompanhei.

— Por que ele quis ir embora?

— Não sei, pensei que você soubesse.

— Por que diz isso?

— Dançaram muitas vezes seguidas, acreditei que houvesse acontecido algo desagradável entre vocês.

Ela fez uma expressão de espanto.

— Não aconteceu nada! Eu não notei nada de errado.

— Sobre o que conversaram?

— Sobre muitas coisas. Ele é muito agradável. Convidei-o para que nas férias fosse conosco para o Rio de Janeiro. Disse que todos iriam, até você.

Hélio entendeu o que havia acontecido. Novamente a insegurança de Miguel. Ele conhecia sua origem, sabia o que sentia em relação a sua condição social. Entendeu, mas não disse nada a esse respeito, apenas comentou:

— Ele é um pouco estranho, mas é meu amigo. Parece que você se interessou por ele.

— Sim, é falante e educado. É uma pena ele ter se comportado dessa maneira. Mas não faltará ocasião para nos encontrarmos novamente. Quero conhecê-lo melhor.

— Por quê? Acredito que não seja correto.

— O que há de mal nisso?

— Sabe muito bem que nossos pais estão conversando a respeito do nosso casamento.

— Sei disso, mas não quero me casar com você. Quero-o para sempre como um amigo, mas não como esposo. Sonho encontrar o meu verdadeiro amor e com ele passar o resto da minha vida. E decididamente não é você. Quero, sim, sua amizade e poder contar com ela também para o resto da minha vida.

— Quando nos casarmos, farei tudo para que comece a me amar. Eu a amo por nós dois. Não acredita nisso?

Letícia ia responder, mas a música parou. Amélia aproximou-se, dizendo:

— Letícia, está na hora de cortar o bolo, venha!

Letícia em pensamento agradeceu a sua irmã por ter interrompido aquela conversa, que estava se tornando desagradável. Sorrindo, disse:

— Vamos sim, estou com muita vontade de comer bolo.

Olhou para Hélio, dizendo:

— Venha! Este é o momento mais esperado de qualquer aniversário!

Foram para o lado da mesa. O bolo foi cortado em meio a muita alegria.

Depois disso, os convidados foram se despedindo. Marilu também fez o mesmo. Quando chegou perto de Hélio, disse:

— Não se esqueça, quero que me visite. Ele, sem muito entusiasmo, disse:

— Irei sim, irei.

Ela percebeu que ele não iria, mas pensou.

"Você ainda será meu."

Todos os convidados se retiraram. Letícia, cansada, despediu-se dos pais e foi para o seu quarto. Deitada em sua cama, pensava em Miguel:

"Ele é tão bonito... por que me senti tão feliz em seus braços? Como eu queria que a música não terminasse para poder ficar ali com ele me enlaçando. Preciso encontrar uma maneira para que ele volte aqui em casa."

Assim pensando, adormeceu.

Marilu, acompanhada dos pais e do irmão, também chegou a casa e em seu quarto pensava na festa e em tudo o que havia acontecido naquela noite:

"Hélio quase nem me olhou! Só tem olhos para Letícia. Sei que seus pais estão planejando o casamento, mas não permitirei. Ele será meu marido! Só meu!"

Hélio também chegou a casa e estava em seu quarto pensando:

"Sei que ela não me ama, mas isso não importa. Nossos pais decidirão nosso futuro. Quando ela for minha esposa, farei com que me ame, sei que seremos felizes..."

## **INSEGURANÇA**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Na manhã seguinte, ao acordar, Miguel não sabia a hora, mas sentiu que já era tarde. Pegou o relógio de bolso que estava em seu criado-mudo e se assustou, pois já passava das dez horas.

Levantou-se, mas foi obrigado a deitar-se novamente, pois sua cabeça doía terrivelmente. Logo entendeu que aquilo estava acontecendo por ter bebido muito na noite anterior. Após alguns minutos, e com muito esforço, conseguiu se levantar. Saiu do quarto e foi em direção à sala. Seu pai estava sentado em uma cadeira. Estava com o cotovelo sobre uma mesa e nas mãos segurava um livro, que parecia ler. Parecia, mas na realidade não conseguia, pois assim que se levantara, vira sobre a mesa uma garrafa de vinho vazia e um copo. Percebera quando Miguel se levantara durante a noite. Não quisera ir até a sala e perguntar por que ele não estava dormindo. Após a conversa que tiveram, sabia que ele estava com problemas. Esperaria o momento certo para perguntar, ou que ele próprio resolvesse lhe contar o que realmente acontecera na festa. Assim que viu o filho entrar, disse:

— Bom dia, meu filho. Não dormiu bem?

— Bom dia papai, não dormi mesmo, mas como sabe?

— Estava ainda acordado quando você se levantou, e hoje pela manhã encontrei esta garrafa e este copo. Por que bebeu tanto?

Um pouco envergonhado, Miguel respondeu:

— Desculpe papai, mas não conseguia dormir. Levantei-me e comecei a beber, não percebi o quanto até ver a garrafa vazia.

— Isso é muito mal...

— Por que diz isso?

— Se bebeu sem perceber, é preciso ficar longe da bebida, ela é muito perigosa...

— Que é isso, papai? Está pensando que vou me tornar um alcoólatra?

— Se não percebeu o quanto estava bebendo, é um sério candidato ao alcoolismo...

— Nem pense nisso! Estava preocupado, não conseguia dormir! Foi só isso que aconteceu! Além do mais, hoje é domingo, e eu não precisava levantar cedo nem ir para a faculdade!

— Quero acreditar que seja só isso mesmo. Deve aceitar que eu esteja preocupado, nunca antes o vi bebendo.

— E não verá nunca mais, pode ficar tranqüilo.

— Espero que tenha sido a primeira e última vez. Não gostaria de ter um filho viciado! Agora vou até o mercado comprar frutas e verduras e um frango para o almoço. O café está pronto.

— Está bem, papai, vou tomar café e depois preciso estudar.

Sem dizer nada, o pai saiu. Miguel percebeu a revolta, o sofrimento e a decepção que ele estava sentindo. Sabia que seu pai não merecia, e naquele momento jurou que aquela cena nunca mais aconteceria.

Foi para a cozinha. Sua cabeça continuava doendo, mas não quis comentar com seu pai, pois sabia que ele ficaria preocupado, e isso ele não queria. Sabia o quanto o pai o amava e o quanto esperava dele. Tomou café e voltou a seu quarto. Pegou um livro de Latim e começou a ler. Começou, mas não conseguiu prosseguir. A imagem de Letícia surgiu em seu pensamento. Seu rosto, cabelos, olhos e principalmente seu sorriso. Tentou afastar o pensamento, mas não conseguiu. Levantou-se e saiu para a rua. O dia estava lindo, não havia nuvens escuras e o sol brilhava com intensidade. Olhou para os dois lados da rua, seguiu à esquerda. Caminhou alguns quarteirões. Enquanto caminhava, ia se lembrando da festa, e da casa de Letícia.

"A casa é imensa, já na sala pode-se ver o tamanho da fortuna de seus pais. Não consigo esquecê-la, mas isso não pode continuar. Ela é filha de uma das mais importantes famílias desta

cidade! Eu sou apenas o filho de um escrivão de cartório! Ela está muito distante. Além de ser muito rica, é a prometida de Hélio. Que vou fazer? Preciso esquecê-la."

Tentou se interessar pela paisagem, mas não adiantou. Parou em frente a um bar onde costumava tomar lanche junto com seus amigos. Por isso o garçom o conhecia. Assim que entrou, ele o recebeu com um sorriso:

— Olá, Miguel, o que está fazendo aqui? Hoje é domingo!

— Olá, Jeremias! Acordei e fiquei com vontade de andar. Quando me dei conta, estava aqui. Estou precisando espairecer. Dê-me um copo de vinho.

O garçom admirou-se:

— Vinho?! Nunca o vi beber!

— Mas hoje estou precisando esquecer. Sei que só o vinho poderá me ajudar...

— Tem certeza disso?

Miguel disse, irritado:

— Você vai ou não me vender o vinho?

Sem responder, o garçom encheu o copo. Miguel bebeu quase de uma vez. Assim que terminou, bebeu outro e mais outro. Quando percebeu que não estava bem, disse ao garçom:

— Jeremias, agora vou embora. Meu pai está me esperando para o almoço.

O garçom apenas acenou com a mão. Cambaleando, Miguel foi para casa. Assim que entrou, seu pai percebeu que ele estava bêbado. Não conseguia acreditar nem entender o que estava acontecendo com seu filho.

Miguel quase caiu, e foi apoiado por seu pai, que disse:

— Venha, meu filho, vamos para o seu quarto. O que está acontecendo?

— Ela é linda, papai! Linda!

— Agora você vai dormir. Quando acordar, conversaremos.  
Venha.

Ajudou Miguel a se deitar. Bastante preocupado, ficou olhando e pensando:

"Meu Deus... o que está acontecendo com meu filho? O que posso fazer para ajudá-lo? Foi sempre um bom filho e responsável, nunca me deu trabalho algum? Que posso fazer?"

Deixou Miguel dormindo e voltou para a sala. Seu coração estava apertado. Miguel era seu filho único. Sempre fora um bom menino, carinhoso, estudioso, e sempre dizia que um dia seria um advogado e teria muito dinheiro. Muitas vezes ele havia dito ao filho:

"— Meu filho, o dinheiro é importante, mas não deve ser o principal motivo que deve levá-lo a ser um advogado. Essa profissão é uma das maiores conquistas da humanidade, e com ela poderá ajudar a muitas pessoas. Você terá em suas mãos a defesa de inocentes."

Quando ele dizia isso, Miguel ria e respondia:

"— De criminosos também!"

O pai respondia:

"— Sim, mas eles também merecem defesa."

"— Papai, às vezes penso que o senhor não é deste mundo! Fica sempre procurando algo de bom em todas as pessoas."

"— Porque todas as pessoas têm sempre algo de bom. A vida pode levá-las a fazer maldade, mas no íntimo sempre existe o bem."

"— O senhor pode continuar pensando assim, mas eu só vou atender a quem possa me pagar. Para isso estou estudando."

Ele estava ali pensando em tudo o que havia conversado com o filho, mas naquele momento, aquele filho que sempre fora seguro e sabia o que queria da vida estava embriagado e perdendo suas referências. Seus olhos ficaram marejados, uma lágrima quis se formar, mas ele logo a afastou, pensando:

"Assim que ele acordar conversaremos. Precisa me contar o que está realmente acontecendo. Quem será essa moça? "

Letícia também naquela manhã acordou, mas diferente de Miguel, estava feliz pela festa que tivera e, principalmente, por tê-lo conhecido. Estava abrindo os olhos quando Amélia entrou dizendo:

— Bom dia, minha irmã! Como está esta manhã?

Letícia, com os olhos brilhantes, sentou-se na cama. Pegou um travesseiro, colocou sobre os joelhos e seus cotovelos sobre ele. Respondeu:

— Estou muito feliz, a festa foi linda!

— Foi mesmo! Você estava linda!

— Também achei. E você, como está?

— Feliz muito feliz!

— Por causa de Nestor? Amélia corou ao responder:

— Você notou algo?

— Letícia riu:

— Claro que sim! Todos perceberam vocês ficaram o tempo todo juntos, dançaram quase a noite toda. E o brilho dos olhos? Mesmo que quisessem esconder, ele não deixaria. Pareciam quatro faróis.

— Você também dançou muito com aquele rapaz amigo de Mário!

Dessa vez foram os olhos de Letícia que brilharam ao dizer.

— Foi mesmo! Ele não é lindo?

— Para ser sincera, não notei. Mas a que família ele pertence?

— Não sei! Não perguntei, mas se estuda na faculdade do largo São Francisco deve pertencer a uma família ilustre.

— Deve mesmo. Mesmo assim, você sabe que não pode ficar tão empolgada.

— Por que não?

— Papai já deixou claro que você vai se casar com Hélio. Uma sombra passou pelos olhos de Letícia.

— Não vou me casar com ele! Não o amo...

— Sabe que para nós, mulheres, isso de amor não importa.

Não somos donas de nossas vidas. Pertencemos a nossos pais. Eles decidem o nosso destino.

Letícia disse irritada:

— Isso não está certo! Não posso viver o resto da minha vida com alguém a quem não amo!

— Sinto muito, irmãzinha, mas tem que ser assim. Agora se levante Marilu chegará em breve. Vai passar o dia conosco.

— Ela é alegre e uma amiga sincera.

— È sim, gosto muito dela. Agora vou sair, preciso cumprimentar nossos pais. Eles já devem estar na mesa do café. Você não vem?

— Irei em seguida. Vou me preparar.

Amélia saiu. Letícia continuou na cama pensando em Miguel.

"Ele é lindo! A que família pertencerá? Tomara que a uma família com recursos, assim papai não se oporá ao nosso amor. Sim, porque eu o estou amando!"

Levantou-se, vestiu-se e em poucos minutos estava sentada à mesa do café. Seus pais e irmãos comentaram sobre a

feira. Estavam felizes, pois tudo havia dado certo. Letícia os ouvia falando, mas não prestava atenção. Seu pensamento estava todo voltado para Miguel. Ele realmente a impressionara muito.

Meia hora antes do almoço, Marilu chegou. Ela também era uma linda moça. Um pouco mais velha que Letícia, tinha os cabelos negros e caídos sobre os ombros em cachos delicados. Dentes perfeitos, olhos castanhos escuros. Ao chegar, Amélia e Letícia a levaram para o jardim, queriam comentar sobre a festa. Já no jardim, Amélia perguntou:

— Que achou da festa?

— Gostei muito. Você parece que gostou mais do que eu!

— Por que está dizendo isso?

— Ficou quase a noite toda nos braços de Nestor. Corada,

Amélia perguntou:

— Também notou?

Marilu riu, enquanto respondia:

— Eu e todas as pessoas que estavam na festa.

As três riram. Marilu olhou para Letícia, dizendo:

— Você também dançou muito com aquele rapaz amigo de Mário. Quem é ele? A que família pertence?

Letícia, com o rosto de Miguel no pensamento, suspirou antes de responder:

— Não sei quem ele é, e nem a que família pertence, mas gostei muito dele.

Marilu segurou suas mãos enquanto dizia com voz pausada, mas firme:

— Não pode dizer isso, sabe que está quase prometida a Hélio...

Novamente irritada, Letícia respondeu:

— Não vou me casar com ele! Não vou!

Marilu pensou:

"Não vai mesmo! Não permitirei!" Disse:

— Sabe que não poderá decidir isso.

— Sei que devo obediência aos meus pais, mas isso não é nada justo!

— Também acho que não é justo, mas é assim e nunca mudará...

— Tem que mudar! Precisa mudar!

Foram chamadas para o almoço.

Miguel acordou. Lembrou-se do que havia acontecido. Envergonhado, continuou na cama, não sabia o que diria ao pai. Sabia que ele esperava que acordasse para pedir explicações.

"Não sei o que dizer! Não posso lhe dizer que estou envergonhado da minha situação social! Não posso dizer que estou apaixonado por uma moça como Leticia! Ele não entenderá!"

Seu pai entrou no quarto. Ao vê-lo acordado, disse:

— Finalmente acordou! Já vim aqui muitas vezes, você dormia profundamente. Como está?

— Estou bem, e quero lhe pedir mais uma vez que me desculpe. Prometo que isso não se repetirá...

— Você já disse isso, e foi hoje pela manhã. Estou preocupado. Se continuar assim, não conseguirá seguir e terminar a faculdade, não será aquele advogado que sempre sonhou ser.

— Sei disso, mas estou com um problema e preciso encontrar uma solução.

— Acredita que ela está na bebida?

— Claro que não, mas com ela consigo esquecer...

— Esquecer não! Dormir! Assim que acorda tudo volta novamente. Não quer me contar do que se trata?

Quis contar, mas pensou:

"Ele ficará triste se souber o que estou pensando. Não posso dizer que estou envergonhado de minha condição social. Ele poderá pensar que estou envergonhado dele, e isso não é verdade. Eu o adoro, só preferia ter nascido em outra casa, em uma família com posses. Se isso tivesse acontecido, agora não estaria com problema algum. Poderia falar com o pai de Letícia, casar-me com ela e ser feliz. Poderia? E Hélio?"

Pensou isso, mas respondeu:

— Não se preocupe papai, o problema é meu e vou resolvê-lo. Só quero que saiba que eu gosto muito do senhor e que não farei nada que lhe cause tristeza. Nunca mais tocarei em um copo de bebida. Serei aquele advogado sonhado por nós dois!

— Está bem, meu filho, quero e preciso acreditar nisso. Ficaria triste se fosse o contrário. Venha, vamos comer alguma coisa.

— Não estou com fome.

— Sei disso, mas precisa se alimentar.

Juntos e abraçados, foram em direção à cozinha.

As jovens almoçaram, passaram o resto da tarde conversando sobre a festa e os rapazes. Amélia falava sobre Nestor, Letícia sobre Miguel. A única que não falava sobre rapaz algum era Marilu. Em dado momento, Letícia perguntou:

— Marilu, você não se interessou por rapaz algum?

Ela calmamente respondeu:

— Não, não me interessei. Como sabem me casaria com Hélio, se pudesse.

Elas riram e continuaram conversando. Estava quase anoitecendo quando um coche chegou. Vinha buscar Marilu, que se despediu de todos com abraços e beijos e foi para casa.

Enquanto o coche seguia, ela, acompanhada por sua mucama, pensava.

"Preciso encontrar uma maneira de fazer com que Letícia se encontre com Miguel. Preciso fortalecer esse início de romance, só assim Hélio vai esquecê-la e poderei conquistá-lo. Mas como farei? Quem será ele? A que família pertencerá?"

Assim pensando, chegou em casa. Seu irmão estava na biblioteca lendo. Ela perguntou por ele, foi até lá. Entrou, beijou o irmão, dizendo:

— Preciso falar com você.

Rui, desviando os olhos do livro que lia, perguntou:

— Sobre o quê?

— Sobre Miguel, que estava na festa. Ele é amigo de Mário e dos rapazes.

— Não o conheço muito bem. Sei que estuda na faculdade de Direito e que é amigo deles, mas como sabe, estudo em outra faculdade. Vejo-os de vez em quando, mas minhas amizades são outras.

— Sei disso, mas preciso saber quem ele é. E a que família pertence.

— Por que o interesse? Está gostando dele?

Ela começou a rir:

— Não! Eu não, mas uma minha amiga está, e pediu que eu descobrisse tudo sobre ele.

— Está bem, farei algumas perguntas. Assim que souber algo, conto-lhe tudo. Está bem assim?

— Está ótimo, mas não demore, tenho urgência.

— Amanhã mesmo investigarei. Assim que voltar da faculdade devo ter uma resposta. Agora saia, deixe-me estudar.

Ela deu um beijo em sua testa e saiu”.

## **A DESCOBERTA**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“No dia seguinte, Marilu esperou ansiosa a chegada do irmão da faculdade. Sabia que ele lhe traria uma resposta. Sempre fora assim entre os dois. Ele era seis anos mais velho que ela. Enquanto esperava, pensava:

"Ele sempre fez tudo o que lhe pedi. Sempre me tratou como se eu fosse uma criança. Por isso sei que me trará uma resposta. Hoje mesmo saberei quem é Miguel. Depois disso, terei que encontrar uma maneira para que se encontre com Letícia. Preciso que haja um romance entre eles, assim Hélio se decepcionará e me dará atenção."

De fato, isso aconteceu. Assim que ela viu o coche parando em frente a sua casa, correu para encontrar Rui, que a recebeu com um sorriso:

— Sei que está ansiosa. Pode ficar calma, tenho todas as informações que quer. Mas, antes, preciso saber para quê.

Enquanto entravam, ela, com a mão no braço dele, respondia:

— Sabe que gosto de Hélio, mas ele está cego de amor por Letícia. Ela, por sua vez, não gosta dele. Conheceu Miguel e está interessada nele.

Ele começou a rir:

— Está pretendendo ser o cupido?

— Não, o que quero é Hélio.

— Mas o que lhe garante que se ela ficar com Miguel ele a notará como mulher? Sabe muito bem que ele só gosta de você como amiga!

— Sei disso, mas pode mudar. Depois que se decepcionar com Letícia, ficará triste e carente, e aí eu entro na história.

— Sinto muito, mas acredito que isso não vai ser fácil...

— Por quê?

— Miguel não pertence a nossa classe social.

— Que está dizendo?

— Isso mesmo, não é de boa família. Não tem fortuna, nem posses. Ele e seu pai trabalham no cartório. Seu pai é escrivão e ele faz pequenos trabalhos.

— Não posso acreditar no que está dizendo! Deve estar brincando! Ele estuda na melhor faculdade do país!

— Não estou brincando, irmãzinha, tudo o que lhe contei é a mais absoluta verdade. Ele conseguiu uma bolsa de estudos. Como vê um romance entre os dois é impossível. Os pais da Letícia nunca o aceitarão.

Ela ficou pensando. Estava preocupada, pois aquilo nunca havia passado por sua cabeça. Disse:

— Isso muda tudo, vou ter que encontrar uma outra maneira.

— Sei que encontrará. Conheço-a o bastante para dizer isso.

Ela sorriu e foi para o seu quarto. Precisava pensar. Queria o amor de Hélio e o conseguiria.

Durante o resto do dia ficou pensando a esse respeito. À noite já havia tomado uma decisão.

"Contarei tudo a Letícia, mas preciso convencê-la de que a diferença de nível social não deve interferir no amor deles.

Saberei como falar, a induzirei para que vá procurá-lo no cartório."

Tinha tudo planejado, só precisava encontrar uma maneira de colocar o plano em ação. Como fazer para levar Letícia até o cartório? Se lhe contasse antes, talvez ela não quisesse mais saber de Miguel. Teria que ser uma surpresa.

Pensou muito durante aquela noite. Na manhã seguinte, ao acordar, já tinha uma solução. Logo depois da manhã foi até sua mãe e disse-lhe:

— Mamãe, Letícia pediu que eu fosse até a casa dela para almoçar. À tarde, eu, ela e Amélia iremos ao centro da cidade, elas precisam fazer compras. Posso ir?

— Se levar sua mucama junto, não terá problema, mas precisamos falar com seu pai.

— Deixe que eu fale. Ele nunca me negou um pedido.

A mãe sorriu:

— Desde que você era pequena, foi sempre assim. Conseguiu sempre o que quis.

Marilu sorriu:

— É isso mesmo, foi sempre assim. Sou muito feliz pela família maravilhosa que tenho. Obrigada, mamãe.

Sob o olhar amoroso de sua mãe, ela se retirou e voltou para o seu quarto. Precisava ensaiar bem as palavras e o que dizer. Letícia não saía muito de casa, e quando isso acontecia estava sempre acompanhada por um dos irmãos. Marilu sabia que precisava convencer Amélia para que fosse junto. Depois do almoço, com o consentimento do pai e acompanhada da mucama, ela foi à casa de Letícia. Tinha tudo planejado, nada daria errado.

O coche parou em frente à casa de Letícia. Logo um dos escravos foi abrir a portão. Ela entrou altiva e rapidamente, não

tinha muito tempo. Assim que a viu entrar, Letícia, que estava bordando, levantou-se alegre:

— Marilu! Que bom que veio!

— Vim porque preciso de sua ajuda.

— Minha ajuda?! Para quê?

— Papai quer dar um presente para mamãe, no mês que vem será o aniversário de casamento deles. Ele quer lhe dar uma jóia, pediu que eu escolhesse. Não gostaria de fazer isso sozinha, tenho medo de não escolher bem, por isso preciso que você e Amélia venham junto comigo.

— Hoje?!

— Sim, precisa ser hoje. Na semana que vem papai vai viajar e quer que a jóia já esteja comprada.

— Amélia deve estar em seu quarto lendo. Vamos até lá?

Entraram no quarto. De fato, Amélia estava recostada na cama lendo. Ao vê-las, admirou-se. Marilu contou seu problema, e ela se prontificou a ajudar. Foram juntas conversar com a mãe e pedir permissão. A mãe foi até o escritório para falar com seu marido. Após alguns minutos, voltou com a permissão. As três saíram no coche de Marilu acompanhadas por sua mucama.

No centro da cidade, entraram em algumas lojas. Em dado momento, Marilu, sob os olhos admirados das duas, entrou no cartório. Elas a acompanharam. Assim que entraram, Letícia ficou parada, branca como cera. Seu coração quase parou. Marilu segurou-a para que não caísse. No meio do salão estava Miguel, carregando uma caixa com muitos documentos. Amélia também o viu, e como Letícia, ficou sem saber o que fazer. Como que atraído pelo olhar delas, ele se voltou e as viu. Assim como elas, ficou petrificado. A caixa quase caiu de suas mãos, não sabia o que dizer ou fazer. A única que tinha o controle era Marilu, que fez um

sinal com as mãos para que ele se aproximasse. Ele, cambaleando, obedeceu. Assim que se aproximou, Marilu, fingindo surpresa, disse:

— Miguel! Boa tarde! Não sabia que você trabalhava aqui!

Ele, gaguejando e sem coragem de olhar para Letícia, respondeu:

— Boa tarde, trabalho aqui sim, ajudo meu pai. Mas o que fazem aqui?

— Estávamos passeando. Letícia, você se lembra de Miguel? Ele estava em sua festa!

Ela, trêmula e com voz baixa, respondeu:

— Lembro sim, como vai, Miguel?

— Estou bem.

Letícia conseguiu superar o susto. Amélia, assim como ela, estava intrigada. Jamais poderia imaginar que aquele rapaz elegante e educado não pertencesse à mesma classe social que elas. Estavam sem saber como continuar a conversa quando Marilu disse:

— Miguel, falta muito tempo para terminar o expediente?

Ele olhou para o relógio que estava na parede, e ainda com a voz trêmula, respondeu:

— Quarenta minutos. Por quê?

— Poderemos esperá-lo para irmos juntos até a confeitaria tomar um chá. Que acham da minha idéia?

As moças concordaram, mas ele ficou em dúvida, pois teria que pagar a conta e não tinha dinheiro para isso. Mas, mesmo assim, disse:

— Está bem. Assim que terminar o expediente eu as encontrarei na confeitaria.

Disse aquilo, mas não sabia como faria. Assim que elas saíram, ele foi para a sala onde seu pai trabalhava. Em poucos minutos contou o acontecido e disse que precisava de dinheiro. Seu pai respondeu:

— Sabe que não temos dinheiro para essas extravagâncias, mas como parece ser importante para você, ei-lo.

Ele agradeceu ao pai ainda confuso e saiu da sala. Não sabia o que dizer. Mas, enfim, as cartas estavam jogadas. Impressionara-se com Letícia, mas sabia que ela pertencia a outro mundo. Tinha medo que ela o rechaçasse, mas já chegara à hora. Não teria como evitar o encontro.

Assim que o expediente terminou, ele se despediu do pai e foi para a confeitaria. As moças já estavam sentadas esperando. Letícia, desde que saíra do cartório, não dissera uma palavra. Desde a noite da festa não conseguira esquecê-lo. Sabia que seria difícil convencer seu pai a não obrigá-la a se casar com Hélio, mas também sabia que ele nunca permitiria que se casasse com Miguel.

Amélia também pensava a mesma coisa. Marilu era a única que estava controlada e feliz, pois seu plano estava dando certo. Bastava só convencer os dois de que a diferença social não deveria interferir no amor deles.

Miguel chegou, cumprimentou-as e sentou-se em uma cadeira, que propositadamente Marilu deixara vaga ao lado de Letícia. Ficaram alguns minutos calados. Marilu iniciou a conversa:

— Então, Miguel! Foi uma surpresa encontrarmos você trabalhando no cartório!

Ele, ainda desconcertado, disse:

— Também fiquei surpreso ao vê-las. Preciso que me desculpem. Nada disse, mas de maneira alguma quis passar por aquilo que não era. Mário e os outros me conhecem e sabem da minha origem.

Marilu continuou:

— Assim como para eles isso não deve ter importância, para nós também não tem, não é, meninas?

Elas apenas balançaram a cabeça. Ficaram ali tomando chá e conversando amenidades. Marilu, com um sinal, fez com que Amélia a acompanhasse até o banheiro, deixando Miguel e Leticia a sós. Ela, intrigada, perguntou:

— Por que saiu da festa sem se despedir?

— Peço que me desculpe, mas senti que estava gostando de você e sabia que seria impossível. Achei melhor me afastar.

— Por que não me disse o que estava sentindo?

— Pensei que só eu estivesse sentindo aquilo. Como vê, sou de origem pobre, e sei que está prometida para Hélio, que é meu amigo.

— Nada disso importa. Não ligo para o dinheiro ou a origem. E quanto a Hélio, ele sabe que não o amo e que não quero me casar com ele.

— Do modo como fala parece que tudo é fácil.

— E é! Se gostar realmente de alguém, nada disso será empecilho!

— Você é ainda uma criança, não sabe o que está dizendo.

— Você não é muito mais velho que eu! Sei muito bem o que estou dizendo. Também me interessei por você e fiquei muito triste quando foi embora.

— Acredita mesmo que poderá haver algo entre nós?

— Tenho certeza disso!

— Poderemos nos ver?

— Isso será um pouco difícil, sabe que não posso sair sozinha de casa, mas darei um jeito. Se realmente quiser me ver, arrumarei uma forma.

— Claro que quero vê-la!

— Então vamos marcar. Na próxima semana, neste mesmo dia da semana, aqui neste lugar. Está bem assim?

— Claro que está. Tem certeza que poderá vir?

— Se não vier, foi porque não consegui, mas estarei com você em meus pensamentos.

Ele ia dizer algo quando Marilu e Amélia se aproximaram. Esta última disse:

— Letícia, está na hora de irmos embora. Se pretender sair outras vezes é melhor não nos atrasarmos.

— Tem razão. Miguel foi um prazer encontrá-lo. Não se esqueça do que combinamos.

Ele se levantou e, sorrindo, disse:

— O prazer foi todo meu. Espero vê-las novamente.

Acompanhou-as até o coche, que em seguida, sob o seu olhar, se afastou.

No caminho de volta, Letícia contou o que havia conversado com ele enquanto elas estavam no banheiro e pediu ajuda para continuar se encontrando com ele. Elas disseram que ajudariam.

Miguel também chegou feliz em casa e contou ao pai o acontecido. Após ouvi-lo, o pai disse:

— Sei que está feliz meu filho. Isso me alegra muito, e espero que tudo dê certo.

— Dará papai! Dará!

Jantaram e foram para os seus quartos.

Daquele dia em diante começaram a se encontrar uma vez por semana. O amor entre os dois foi crescendo cada vez mais. Leticia saía sempre acompanhada por Amélia e Marilu, que não cabia em si de felicidade, pois sabia que Hélio, não tendo mais Leticia, seria dela.

Embora nunca mais Miguel tornasse a beber como das primeiras vezes, continuava bebendo. Um pouco menos, mas continuava.

Fazia quase um ano que se encontravam uma vez por semana. Resolveram que não contariam a ninguém além de Amélia e Marilu, que juraram absoluto segredo. Miguel, quando conversava com Hélio, não comentava nada. Amava Leticia e fazia o possível para continuar com ela. Aproximava-se novamente o aniversário dela. Leticia combinou com ele que nesse dia o apresentaria oficialmente a seus pais. Quando ela lhe disse isso, ele se assustou e perguntou:

— Tem certeza que será uma boa hora? Não acha que é ainda muito cedo? Falta muito tempo para eu me formar.

— A hora é essa. Farei dezesseis anos, sabe que nessa idade as moças costumam firmar compromissos de noivado. Temo que meu pai queira fazer isso entre mim e Hélio. Preciso me antecipar.

— Você é quem sabe. Farei tudo para vê-la feliz.

Naquela tarde chegou feliz em casa. A noite, na hora do jantar, contaria tudo o que estava acontecendo. Conversou com Amélia e convidou Marilu para o jantar.

— Preciso da presença das duas. Sei que me ajudarão! Elas riram. Marilu disse:

— Não se preocupe, dará tudo certo, sabemos o quanto se amam. Enquanto jantavam, Letícia ia pensando nas palavras que diria.

Precisava tomar cuidado, pois seu pai, embora amasse os filhos, era rígido em suas decisões e exigia total obediência.

Assim que terminaram de jantar, quando ela ia começar a falar, o pai a interrompeu dizendo:

— Letícia, preciso fazer um comunicado a todos, e principalmente a você. Conversei longamente com o pai de Hélio e decidimos que na festa de seu aniversário será uma ótima ocasião para anunciarmos seu noivado com Hélio.

Ela sentiu como se houvessem jogado um balde de água fria sobre ela. Olhou para Amélia e Marilu, que assim como ela, estavam abismadas com o que acabaram de ouvir. Tomou coragem e disse, chorando:

— Não quero me casar com Hélio! Eu não o amo!

O pai a olhou secamente.

— Sempre soube que estávamos tratando disso. Não aceito desobediência, fará como estou dizendo.

Antes que ela ou alguém dissesse alguma coisa, ele se levantou e saiu da sala de jantar. Letícia chorava inconsolável. Marilu também estava nervosa, pois sentia que seus planos não haviam adiantado para nada. Se aquele casamento acontecesse, perderia Hélio para sempre.

A mãe de Letícia disse:

— Sei minha filha, o que está sentindo, pois passei por isso também. Quando me casei não amava seu pai, foi também um acerto entre o pai dele e o meu. Mas hoje não me arrependo, aprendi a gostar dele, e ele me deu vocês três. Você também aprenderá a gostar de Hélio, ele me parece um bom rapaz.

— Não gostarei dele nunca! Sei que é um bom rapaz e um bom amigo também, mas não o quero como marido!

— Sinto muito, minha filha, sabe que terá de ser assim. Seu pai já deu a palavra ao pai de Hélio e não mudará de opinião.

— Não posso me casar com ele! Não posso!

Saiu da mesa e da sala em disparada. Foi para o seu quarto, e Amélia e Marilu a seguiram. Já no quarto, jogou-se chorando sobre a cama. Amélia não sabia o que dizer. Sabia que a mãe tinha dito a verdade, seu pai não mudaria de idéia, mas sabia também o quanto Letícia e Miguel se amavam. Marilu estava desesperada, sentia que seu amor lhe fugia pelos dedos. Mas naquele momento não soube o que dizer. Apenas tentou fazer com que Letícia parasse de chorar.

— Letícia, não fique assim, haveremos de encontrar uma solução. Você não se casará com Hélio. Posso até jurar, se for preciso.

Fique calma, pensarei em alguma coisa.

— Sei que não haverá solução, meu pai já decidiu.

Deu um pulo da cama quase gritando:

— Hoje é sexta-feira! Não terei como contar a Miguel o que está acontecendo!

— É, minha irmã, isso é verdade. Ele terá de saber pela boca de Hélio, que com certeza contará a todos na segunda-feira durante a aula.

— Que farei? Que farei?

Marilu fez com que ela voltasse para a cama enquanto dizia:

— Por enquanto não pode fazer nada, mas encontrarei uma solução. Agora fique calma.

Com a presença das famílias de Hélio e de Marilu, o almoço transcorreu normalmente, a não ser por Letícia, que embora estivesse bem-vestida, estava pálida e com os olhos inchados de tanto chorar.

Assim que o almoço terminou, todos foram conduzidos à sala onde seria servido o licor ou o café. Quando todos se acomodaram, o pai de Hélio disse:

— Como todos sabem, estou aqui para pedir oficialmente a mão de Letícia para o meu filho Hélio.

O pai de Letícia, sorrindo e feliz, disse:

— É com prazer que aceito o pedido. O casamento se dará dentro de um ano.

Todos se levantaram para cumprimentar os noivos. Letícia, sem muito entusiasmo, recebeu os cumprimentos, enquanto Hélio não cabia em si de tanta felicidade. Finalmente estava realizando o sonho de sua vida. Hélio tinha três irmãs e dois irmãos. Os rapazes foram para a sala de jogos. As moças ficaram conversando entre si sobre os vestidos que usariam no casamento. A mãe de Letícia, junto com as senhoras, discutia os quitutes que seriam servidos. Marilu olhava a tudo desesperada. Não havia ainda encontrado uma solução.

Mais ou menos uma hora depois, Letícia se aproximou de Hélio e o convidou a ir ao jardim. Queria conversar com ele. Prazerosamente ele aceitou. Assim que chegaram ao jardim, ela se sentou em um banco e pediu a ele que se sentasse também. Quando ele se sentou, ela disse:

— Hélio, você é o único que pode impedir essa loucura!

— Por que está dizendo isso?

— Não posso me casar com você! Não o amo! Você pode dizer a seu pai que não me quer como esposa!

— Sabe muito bem que não posso fazer isso. Assim como o seu pai, o meu também decidiu. Sabe que eles têm total domínio sobre nossas vidas.

— Sei disso, mas com o homem é sempre diferente! Se conversar com ele, talvez lhe dê atenção!

— Poderia até tentar, mas não quero.

— Por que não?

— Porque eu a amo, e muito, e estou feliz por tê-la como esposa.

— Eu não o amo! Sabe muito bem que não seremos felizes!

— Mas eu a amo o suficiente por nós dois. Sei que com a convivência farei com que aprenda a me amar.

— Isso não acontecerá nunca! Gosto de você apenas como amigo, nada além disso.

— Pagarei para ver. Garanto que em menos de um ano de casados estará totalmente apaixonada.

— Isso é loucura! Está em suas mãos nos livrar de uma vida inteira de sofrimentos!

— Você, como uma boa moça romântica, está sofrendo sem motivo. Verá como seremos felizes.

Assim dizendo, pegou em sua mão, a fez levantar e a conduziu de volta para dentro da casa.

Letícia seguiu-o sem discutir. Sabia que seu destino estava nas mãos dele.

Anoitecia quando os convidados começaram se despedir. No quarto de Letícia, as três moças conversavam. Letícia, inconsolável, chorava e dizia:

— Que farei? Miguel não pode ficar sabendo através de outra pessoa. Preciso falar com ele, mas como? Meus pais não me

deixarão sair a esta hora da noite. Além do mais, não sei onde ele mora!

Marilu foi até uma cômoda, abriu uma gaveta e de dentro tirou um álbum que continha papéis de carta perfumados. Ela sabia que estavam ali, pois fora ela mesma quem trouxera de presente para Letícia de uma das vezes em que fora à Europa. Entregou o álbum a Letícia:

— Escreva uma carta contando tudo. Meu irmão sabe onde ele mora. Pedirei ao meu cocheiro que vá até a casa dele e lhe entregue a carta.

— Fará isso? Seu pai concordará com que o cocheiro se ausente?

— Não se preocupe, pedirei a Rui que me ajude. Direi que a carta é de extrema importância e que Miguel precisa recebê-la ainda hoje. Meu pai não se importará e deixará que use a carruagem.

Letícia tirou de dentro do álbum uma folha e escreveu.

"Querido Miguel":

Infelizmente, nossos planos não poderão ser concretizados. Meu pai comunicou hoje o meu noivado com Hélio e o casamento para daqui a um ano.

Não preciso lhe dizer o quanto estou desolada, mas não há nada que eu possa fazer. Embora continue amando-o — e sei que esse amor será para toda a eternidade —, não poderei mais encontrá-lo. Sou agora uma mulher comprometida e não posso trair meu noivo. Mas nada poderá me impedir de pensar em você e amá-lo. Com carinho, e já com saudades, Letícia.

Assim que terminou de escrever, beijou o papel, colocou-o em um envelope e entregou-o a Marilu”.

## **MARILU PLANEJA**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Marilu, assim que chegou em casa, desceu do coche acompanhada dos pais e de Rui. Seguiu com ele em direção ao interior da casa. Disse:

— Vamos para o meu quarto, preciso conversar com você.

Ele não se admirou, pois sabia que quando a irmã falava assim queria dizer que estava tentando fazer algo não muito certo, e que precisava de sua ajuda.

Entraram no quarto de Marilu. Ela, aflita, disse:

— Preciso que me ajude!

— O que é desta vez?

Ela contou tudo o que havia acontecido, desde o dia em que ele descobrira quem era Miguel. Disse que precisava fazer com que Miguel descobrisse sobre o casamento pela própria Letícia, pois assim restaria uma esperança e ela teria tempo de pensar em uma maneira para afastar Hélio de Letícia.

Rui ouviu tudo em silêncio. Quando ela terminou, disse espantado:

— Letícia com Miguel? Mas ele é um dos melhores amigos de Hélio!

— Sei disso, mas ela não quer se casar, está sendo obrigada pelo pai.

— Hélio sabe sobre Miguel?

— Não! E nem pode saber! Só preciso que entregue esta carta para ele. Deixe o resto por minha conta.

— E como farei isso?

— Sabe muito bem que, como homem, pode usar o coche quando quiser. Eu não poderei sair à noite. Só quero que leve esta carta para Miguel!

— Não estou entendendo. Quer tanto ficar com Hélio, mas entregando essa carta fará com que o amor de Leticia e Miguel termine. Assim Hélio poderá ficar com ela sem problema algum...

Ela gritou:

— Nunca! Ele se casará comigo! Só preciso ter um tempo para planejar. A princípio parecerá que tudo está acabado, mas assim que Miguel deixar Leticia, encontrarei uma maneira para que fiquem juntos. Dará tudo certo! Eu ficarei com Hélio e ela com Miguel! Agora faça o que lhe pedi.

— Está bem, irmãzinha. Vou agora mesmo pedir a carruagem a papai.

Com um sorriso, saiu do quarto.

Miguel estava estudando e sozinho em casa. Seu pai ganhara dois convites para assistir a uma peça de teatro. Convidara-o, mas ele não aceitara, pois realmente precisava estudar. Estava distraído com a leitura quando ouviu alguém batendo palmas em seu portão. Não esperava ninguém, ainda menos àquela hora. Saiu para ver do que se tratava. Ficou mais admirado ainda quando viu Rui. Não o conhecia muito bem. Encontrara-o algumas vezes quando saía em companhia de

Mário, Nestor e Hélio, mas como estudavam em faculdades diferentes, quase nunca se viam. Ao vê-lo, disse:

— Rui! Que está fazendo aqui?

— Boa noite, Miguel. Estou aqui cumprindo uma missão.

— Boa noite! Quer entrar?

— Não, obrigado, só vim mesmo para lhe entregar esta carta.

— Carta?! De quem é?

— Não sei, mas assim que ler saberá.

Entregou a carta. Miguel segurou-a em suas mãos. Ao pegá-la, sentiu o perfume. Sorrindo, disse:

— Parece ser de mulher. Quem lhe deu essa incumbência?

— Não posso dizer, mas assim que a ler entenderá. Bem, missão cumprida. Até mais.

Com a carta nas mãos, Miguel correspondeu com um sorriso. Disse:

— Embora não saiba o conteúdo da carta, agradeço-lhe pelo trabalho. Até mais.

O coche foi embora e Miguel voltou para dentro da casa. Antes de abrir a carta, cheirou-a. O perfume era suave e um tanto adocicado. Curioso, mas com cuidado, ele abriu o envelope. Começou a ler. Seu rosto foi se modificando. Quando terminou de ler, lágrimas caíam. Ficou com a carta em sua mão, parado, sem saber o que fazer. Desesperado, pensou:

"Sempre soube que isso aconteceria, mas sempre tive uma esperança... que farei da minha vida? Como viverei sem ela?"

Olhou para a cristaleira. Lá estava a solução para os seus problemas. Pegou uma garrafa de vinho e começou a beber.

Seu pai, ao chegar, encontrou-o com a cabeça sobre a mesa e com a carta amassada na mão. Com cuidado, tirou a carta

e leu. Pôde logo perceber por que seu filho estava daquela maneira. Ajudou-o a se levantar, conduziu-o para o quarto e o deitou. Miguel, ao perceber a presença do pai, começou a chorar:

— Papai... Eu a perdi para sempre! Ela vai se casar com Hélio! Não sei como viverei sem ela!

— Eu sei meu filho, mas agora precisa dormir. Quando acordar conversaremos.

— Não quero dormir! Quero morrer!

O pai não respondeu, apenas deitou-o. Em seguida saiu do quarto. Embora não chorasse, seu rosto estava crispado, demonstrando o grande sofrimento que sentia ao ver o filho daquela maneira. Sabia que seu filho havia se tornado um alcoólatra e que qualquer motivo era suficiente para que bebesse. Desesperado, pensou:

"Meu filho! Que posso fazer para ajudá-lo? Não sei, não sei apenas rezar e pedir a Deus que o ajude...".

Miguel só acordou na manhã seguinte e na hora de ir para a faculdade. Assim que abriu os olhos lembrou-se de tudo o que havia se passado. Sabia que seu pai deveria estar na sala lendo, como fazia todas as manhãs. Sentiu que seu corpo exalava odor de bebida. Sua cabeça doía, mas nada daquilo o incomodava. A única coisa que lhe importava era Letícia, que estava perdida para sempre. Lágrimas começaram a se formar em seus olhos.

Levantou-se e foi ter com o pai. Estranhou, ao entrar na sala, não encontrá-lo lendo, como sempre fazia. Foi em direção à cozinha. Seu pai estava sentado tomando um café. Ao ver o filho entrar, disse:

— Bom dia. Vejo que acordou, mas parece que não está bem.

— Bom dia, papai. Sinto muito por mais uma vez ter me excedido na bebida. O senhor leu a carta de Letícia?

— Li, e entendi. E agora, o que pretende fazer? Continuar se embriagando?

— Não sei... Não sei.

— Com essa carta, ela demonstrou ser uma moça honesta e sensata. Sabe que será obrigada a obedecer ao pai, e que também honrará o marido e seu casamento. Você agora só tem dois caminhos a seguir. Aceita a situação, continua estudando para ser um bom advogado e conquistar tudo o que sonhou, ou se entrega à bebida e se torna um alcoólatra. Você é meu filho muito querido. Não sei o que fazer para ajudá-lo, mas seja o que for que escolher, estarei a seu lado. Pense bem, sua vida está em suas mãos. Não comprarei mais bebida alguma. Se quiser beber terá que ser fora de casa. Só posso lhe dizer que a bebida não é solução para nada.

Levantou-se da cadeira em que estava sentado e saiu da cozinha, dizendo:

— Estou indo para o cartório, preciso chegar mais cedo, tenho muito trabalho. Até mais tarde. Fiz um chá de losna para que tome, sei que não deve estar bem do estômago.

Saiu. Miguel sabia que ele estava mentindo e que não iria para o cartório àquela hora. Sentiu que seu pai não queria conversar com ele, e sabia qual era o motivo. Estava magoado e triste por tê-lo encontrado embriagado.

Realmente aquilo era verdade. Seu pai saiu de casa pensando, e foi caminhando sem destino.

"É ainda muito cedo para ir ao cartório, mas não sei o que dizer a ele. Entendo seu sofrimento, mas não sei como ajudá-lo. Só ele poderá decidir sua vida...".

Miguel tomou o chá, preparou-se e saiu em direção à faculdade. Imaginava o que encontraria lá. E realmente encontrou. Hélio estava feliz e contando para os colegas de seu noivado e futuro casamento. Foi cumprimentado por todos e também por Miguel, que fez o máximo possível para não demonstrar o seu sofrimento.

Letícia, por sua vez, também sofria muito. Sozinha em seu quarto, chorava enquanto pensava:

"Sei que não terei como evitar esse casamento, tenho que obedecer ao meu pai. Preciso esquecer Miguel, mas sei que nunca conseguirei e o amarei para sempre, até a eternidade. Mas, mesmo contra minha vontade, deverei honrar meu marido."

Desde então, seus olhos nunca mais brilharam como antes, e quase sempre estavam vermelhos e inchados de chorar.

O tempo foi passando. Miguel não conseguia ficar longe da bebida, todos os fins de semana passava embriagado, para desespero de seu pai. Suas notas decaíram, com muito custo conseguiu mantê-las no limite para ser aprovado.

Já havia algum tempo corriam rumores de que a abolição da escravatura seria proclamada. Os estudantes estavam alvoroçados. Alguns tinham mesmo o sentimento de lutar pelos negros. Outros apenas acompanhavam os colegas, pois eram ricos, possuíam escravos e gostavam de ser atendidos por eles. Miguel nunca quisera participar dessa luta, pois em certa ocasião, quando comentara com o pai, este lhe dissera:

— Cuidado, meu filho. Essa luta é contra o Império, portanto, contra os poderosos.

— Mas papai, quase todos os meus colegas da faculdade estão envolvidos nela!

— Não se esqueça que eles pertencem a famílias ricas e também poderosas. Se forem presos, seus pais terão dinheiro para contratar bons advogados, e logo serão libertados. Mas conosco é diferente. Se você for preso, não terei como ajudá-lo.

Embora fosse simpatizante da causa e desejasse mesmo que os escravos fossem libertados, sabia também que o pai tinha razão no que dizia. Por isso, até então não havia participado. Mas desde que recebera a carta de Letícia e nunca mais a vira, só desejava morrer. Não havia mais motivo para continuar vivendo. Seus sonhos estavam desfeitos para sempre. Mário, Nestor e Hélio participavam ativamente. Ele começou a acompanhá-los às reuniões. Não lhe importava mais o que pudesse lhe acontecer. Sempre que os estudantes iam a essas reuniões, alguns deles levavam consigo armas, para se proteger caso houvesse um ataque da guarda Imperial.

O tempo foi passando. A data do casamento estava se aproximando. As duas famílias se uniram e compraram uma bela casa, onde Letícia e Hélio viveriam. Letícia não esquecia Miguel, mas estava conformada, sabia que aquele amor era impossível. Marilu, por sua vez, não se conformava, não aceitava a idéia de ver Hélio casado com outra que não fosse ela. Durante todo o tempo tentou convencer Letícia:

— Você não pode aceitar isso sem lutar! Vocês se amam!

Com lágrimas Letícia respondia:

— Sei que o amo, mas não posso desobedecer meu pai, nem trair Hélio. Ele sabe que não o amo, mas mesmo assim insiste nesse casamento.

Marilu, irritada, disse:

— Nunca pensei que você fosse tão fraca! Pensei que gostasse de Miguel sinceramente!

— Eu gosto, e muito, mas sei que não adianta. Não posso desobedecer meu pai! Se fosse ao seu caso, o que faria?

Marilu ficou pensando antes de responder:

— Não sei. Assim como você, fui criada para obedecer, mas não acho isso justo! Só por sermos mulheres não somos diferentes! Temos os nossos sentimentos, assim como os homens! Dia virá em que seremos iguais! Poderemos nós mesmas decidir nossa vida!

— Acredita mesmo nisso?

— Não sei, mas gostaria muito que fosse assim.

Letícia também queria que fosse assim, mas no momento não era. Sabia que devia obediência a seu pai, e que, após o casamento, essa obediência seria transferida para Hélio.

Marilu estava desesperada. Pensou muito em uma maneira de separar Hélio de Letícia para sempre. Para isso precisaria da ajuda de Rui, seu irmão.

— Rui, preciso que me ajude.

— No quê?

— O casamento de Hélio com Letícia está se aproximando. Preciso impedir!

Contou a ele seu plano:

— Quero que você convide Miguel para um encontro e o leve até um hotel barato. Farei com que Letícia também vá. Quando os dois estiverem lá conversando, você terá que encontrar uma forma de que Hélio descubra e vá encontrá-los.

— Isso é loucura! Não sabe o que pode acontecer!

— Não vai acontecer nada! Hélio só vai tomar conhecimento do amor que existe entre os dois. Sentindo-se traído, abandonará Letícia, e assim eu terei chance com ele!

— Como farei para convencer Miguel a ir a esse hotel?

— Você mesmo me disse que ele está gostando de beber. Basta só lhe oferecer uma bebida. Assim que estiver embriagado, leve-o até lá.

— Não sei se vai dar certo.

— Claro que vai. O importante é que Hélio e Leticia nunca descubram que estamos envolvidos nisso.

— Como farei?

— Após deixar Miguel dormindo no hotel, contrate um rapaz ou menino para levar uma mensagem a Hélio. Nessa mensagem, diga que nesse hotel haverá um encontro de estudantes. Eu falarei com Leticia e a convencerei a ir até lá.

— Acredita que vai dar certo mesmo?

— Vai! Hélio não suportará ser traído e a abandonará!

— Está bem, vou fazer como você quer. Quando será isso?

— Planejarei tudo direito para que nada saia errado. Assim que estiver tudo certo, comunico.

— Ficarei aguardando. Agora preciso estudar.

Rui saiu e ela ficou imaginando a melhor forma de colocar seu plano em ação. Era a última cartada, por isso nada poderia dar errado.

Durante alguns dias ficou pensando, até que finalmente, com tudo meticulosamente planejado, foi novamente falar com Rui.

— Está tudo pronto. Você deve fazer do modo como vou lhe dizer. Amanhã à tarde, na hora em que Miguel costuma sair do cartório, disfarçadamente você deve encontrá-lo, como se fosse por acaso. Convide-o para tomar alguma coisa e conversar. Dê uma bebida a ele, depois outra. Assim que estiver embriagado, leve-o a esse hotel. Quando ele estiver deitado e dormindo, saia imediatamente. Fique em uma esquina perto do hotel. Assim que

vir Leticia entrando, mande alguém dizer a Hélio para ir até lá para um encontro com outros estudantes.

— E se ele não for?

— Ele irá. O resto ficará por minha conta. Ele ouviu com atenção. Disse:

— Tem certeza que tudo dará certo?

— Claro que sim. Agora não se preocupe com isso. Faça da maneira que lhe disse.

Na tarde seguinte, conforme o planejado Rui estava andando pela rua do cartório quando viu Miguel saindo. Aproximou-se dele, dizendo:

— Miguel, que bom encontrá-lo! Como vai? Miguel, também surpreso, respondeu:

— Rui! É uma surpresa, o que está fazendo por aqui?

— Estou vendo se encontro uma cartola. Mas vamos conversar?

— Claro que sim. Só preciso avisar meu pai, senão ele ficará preocupado.

Voltou para dentro do cartório e disse ao pai:

— Estou saindo com um amigo, mas não me demorarei. O pai, um pouco preocupado, perguntou:

— Algum amigo da faculdade?

— Não, ele faz faculdade de Medicina. É amigo de Hélio e dos outros.

— Você não está indo para uma daquelas reuniões, está?

— Não, papai, não se preocupe, logo mais estarei em casa.

O pai sorriu e ele saiu. Rui estava nervoso esperando-o. Seguiram em direção ao bar que Miguel costumava freqüentar. Miguel não queria beber, mas diante da insistência de Rui, não

teve como evitar. Beberam o primeiro copo, depois outros. Logo estava completamente embriagado. Rui, levantando-se, disse:

— Parece que não está bem, vou levá-lo para casa.

Miguel ainda tentou argumentar, mas percebeu que naquela situação em que estava não conseguiria chegar em casa. Deixou-se levar.

De acordo com o combinado, Rui levou Miguel até o hotel. Assim que chegaram, Miguel percebeu que não estava em seu quarto, mas não conseguiu argumentar. Com a ajuda de Rui, deitou-se e adormeceu.

Assim que Rui viu Miguel dormindo, rapidamente saiu dali. Encontrou um rapaz com o qual já havia combinado, deu a ele o envelope e o endereço de Hélio, dizendo:

— Vá a este endereço, lá pergunte por Hélio e entregue este envelope em mãos.

— E se ele não estiver em casa?

— Ele estará já me certifiquei disso. Mas não diga quem lhe pediu que fizesse isso.

O rapaz sorriu e saiu apressado.

Dentro do envelope, havia um pequeno papel, onde estava escrito:

"Hélio:

Você precisa vir até esse endereço. Estamos esperando você para uma reunião de emergência".

Só isso. Não havia assinatura, mas Hélio sabia tratar-se da reunião que os estudantes costumavam fazer para tratar de alguma estratégia a respeito da abolição. Assim que leu, disse:

— Estou indo agora mesmo.

Foi o que fez. Pegou o coche e pediu ao cocheiro que o levasse até o endereço.

Enquanto isso, Marilu estava escondida em seu coche, em uma rua perto dali. Rui foi encontrá-la para dizer que tudo estava certo. Assim que tomou conhecimento que Miguel estava dormindo no hotel, pediu ao cocheiro que a levasse até a casa de Leticia.

Assim que o coche parou em frente à casa de Leticia, ela desceu apressada. Leticia admirou-se por ela estar ali àquela hora.

Marilu se aproximou, dizendo com a voz aflita:

— Você precisa vir comigo agora! Miguel está em péssimas condições!

Ela, assustada, perguntou:

— Que condições?

— Está bêbado em um hotel de quinta categoria!

— Como sabe disso?

— Rui me contou e disse que Miguel está armado e que se você não for até lá vai se suicidar!

— Não posso sair agora! Amélia saiu com mamãe! Estou sozinha em casa!

— Não podemos perder tempo! Quando tudo estiver resolvido, você volta, e se necessário, conta o acontecido. Certamente todos entenderão!

Enquanto falava, empurrava Leticia para fora da casa. Ela, assustada e querendo ajudar Miguel, deixou-se levar.

Assim que chegaram ao hotel, Marilu perguntou a um homem que estava atrás de um balcão:

— Em que quarto está um moço que chegou acompanhado por um outro?

— Aquele que chegou bêbado?

— Ele mesmo!

Está lá em cima, no quarto vinte e cinco.

Ela seguiu na frente levando Letícia pela mão.

Entraram no quarto. Miguel estava dormindo. Ao vê-lo daquela maneira, Letícia não resistiu. Correu em sua direção e abraçou-o, chorando e dizendo:

— Miguel, meu amor! O que você está fazendo com sua vida?

Sem perceber que Marilu havia saído, ela começou a beijar o rosto de Miguel, que com muito custo conseguiu abrir os olhos. Ao vê-la, julgou estar sonhando. Abraçou-a, dizendo:

— Letícia, meu amor! Você está aqui ou estarei sonhando? Se for um sonho, não quero nunca mais acordar. Eu a amo!

Estavam assim abraçados quando Hélio chegou. Ao ver aquela cena, não se conteve. Tomado de ódio, tirou da cintura um revólver que carregava sempre que ia a uma das reuniões. Letícia, ao vê-lo, levantou-se. Tentou contar a ele o que havia acontecido, mas não teve tempo. Hélio apontou o revólver em direção a Miguel e atirou. Em seguida, levou-o até o próprio ouvido e atirou também. Letícia começou a gritar sem parar. Em poucos minutos o recepcionista entrou no quarto. Ao ver os dois corpos ensangüentados, entenderam o que havia acontecido. Letícia continuava gritando desesperada.

Marilu, depois que entrara com Letícia no quarto, ao ver que ela se abraçara a Miguel, saíra disfarçadamente. Na rua, pegara o coche e, acompanhada por Rui, que já estava nele, seguira para sua casa”.

## NA SALA DE ANDRÉ

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Todos na sala de André assistiam e lembravam aquela história na qual estiveram envolvidos. Hélio, embora inquieto — pois julgava conhecer a história —, ficou o tempo todo querendo ir embora, mas foi impedido por André:

— Você precisa ficar até o fim.

— Mas eu não quero ficar! Conheço a maneira como fui traído pela mulher que amava e por meu melhor amigo.

— Fique até o fim, depois poderá ir embora.

Sem alternativa, ele permaneceu ali assistindo. Mas quando a história chegou ao ponto da traição, ele gritou raivoso, para Iracema:

— Foi você quem tramou tudo? Letícia e Miguel nunca me traíram, então?

Marilu não conseguiu dizer nada. André, tranqüilo, foi quem respondeu:

— Como viu, não. Você nunca foi traído. Letícia, embora sofrendo muito, resolveu respeitar você. E Miguel também fez o mesmo.

— Todos sabiam! Por que não me contaram?

— Porque naquele dia, depois do assassinato de Miguel e de, seu suicídio, você saiu em desabalada carreira. Em seguida foi perseguido por irmãos das trevas. No primeiro instante sofreu muito, mas logo se aliou a eles e desapareceu. Nunca conseguimos encontrá-lo.

Hélio, com as mãos na cabeça, repetia sem parar:

— Eu não sabia! Eu não sabia...

— Sei disso, mas agora já tomou conhecimento de tudo. Esta reunião foi feita por sua causa. Agora já poderemos apagar a tela e eu lhe contarei o resto.

— Preciso saber.

— É pra isso que estamos aqui reunidos. O recepcionista do hotel, ao comprovar a morte dos dois, retirou Letícia do quarto e chamou a polícia. Não a conhecia, mas por suas roupas e educação, percebeu que ela pertencia a uma família rica, e o mais importante, era ainda uma menina. Letícia continuava chorando, não queria sair do quarto, mas ele insistiu, até que ela o acompanhou. Antes que a polícia chegasse, ele pediu a ela que dissesse quem era e onde morava, pois não queria que ela permanecesse ali. A princípio ela resistiu, mas depois percebeu que aquela seria a melhor solução para o momento. Deu o endereço a ele, que chamou um coche de aluguel. Deu o endereço ao cocheiro e pediu que a levasse para casa. A polícia chegou e ele disse o que havia acontecido. Omitiu a presença de Letícia e de Marilu. Disse que Miguel estava no quarto e que em seguida Hélio chegara. Em seguida ouvira os dois disparos. Ele não sabia o nome verdadeiro de nenhum deles. Vendo que não havia criminoso para ser encontrado, a polícia deu o caso por encerrado.

Assim que Letícia chegou em casa, foi obrigada a contar tudo o que havia sucedido, pois estava com as roupas sujas de sangue. Seu pai ficou bravo por ela ter saído sozinha de casa, ainda mais para encontrar Miguel, alguém que ele nem sabia que existia. Com medo que descobrissem o que havia sucedido, ele mandou que Letícia fosse para um convento. Ela não se importou, pois com a morte de Miguel não havia mais nada na vida que a atraísse. Tornou-se uma irmã de caridade. Dedicou o resto de sua

vida a ajudar pessoas carentes, principalmente crianças. Trabalhou em hospitais e escolas. Miguel, ainda embriagado, não se deu conta do que havia acontecido. Foi levado para um hospital. Quando voltou a si, foi informado de tudo. Sofreu preocupado com o pai, Letícia e o próprio Hélio. Marilu e Rui não contaram a ninguém que haviam participado e do modo como o fizeram. Com essa atitude, atraíram espíritos das trevas, que passaram a persegui-los. Com aquele plano todo, eles mudaram a vida de todos. Miguel se tornaria um ótimo advogado, depois seria um político que colaboraria com a criação de leis que ajudariam a muitas pessoas. Depois da abolição, Hélio também se tornaria político, e junto com Miguel, lutaria em favor da população. Marilu casou-se dois anos depois com um homem da sociedade. Ele foi um mau marido, ciumento e tirano. Ela ficou ao lado dele, até que, com quarenta e dois anos, morreu de um ataque cardíaco. Rui continuou lutando a favor da abolição, mas daquele dia em diante nunca mais foi o mesmo. Sentia-se perseguido, e o remorso o levou a tornar-se um alcoólatra. Formou-se médico, mas por beber muito, sua licença foi caçada. Terminou seus dias em um hospital psiquiátrico. O pai de Miguel ficou desesperado com a morte do filho. Ficou algum tempo em casa, não conseguia trabalhar, mas com ajuda espiritual, ele reagiu. Voltou ao trabalho e, aos poucos, embora sentisse saudade do filho, continuou sua vida anterior. Morreu com cinquenta e quatro anos. Nestor e Amélia se casaram, tiveram seis filhos e uma vida tranqüila, pois se amavam. E parece que se amam até hoje.

Quando disse isso, olhou para Odete e Álvaro, que permaneceram o tempo todo de mãos dadas. Continuou:

— Mário foi o único que conseguiu se formar e ser um bom advogado. Nunca quis ser político, mas ajudou muitas pessoas,

dando assistência gratuita. Depois de tudo o que aconteceu com a irmã e sua família, viu seu pai definhando por ver a vida da filha destruída. Aprendeu que nada na vida tinha valor, a não ser as boas ações praticadas. Marilu e Rui ficaram vagando por muito tempo, sempre juntos, um tentando proteger o outro dos assédios que eles próprios atraíam. Tiveram momentos de terror e medo. Ficaram assim, até que um dia entenderam o grande mal que haviam praticado contra seus amigos, e muito mais, contra eles próprios. Pediram perdão e juntos foram resgatados e trazidos para cá, onde aos poucos foram se recuperando.

Hélio gritou:

— Isso jamais poderia ter acontecido! Eles não mereciam perdão!

André, com sua calma de sempre, disse:

— Somos todos filhos de Deus. Não importa a Ele o quanto vai demorar, pois sabe que um dia o encontraremos. Nem que para isso seja preciso que nos dê várias oportunidades.

Todos os outros permaneciam calados, só Hélio continuava inquieto e nervoso. Disse:

— Está me dizendo que apesar de tudo o que aconteceu por causa deles dois, no final ficaram bem?

— Sim, aos poucos todos foram se encontrando e conversando sobre o que havia acontecido. Foram entendendo e se perdoando. Miguel e Letícia permaneceram juntos, aprendendo e se preparando para uma nova encarnação. O amor entre eles já vinha de muito tempo. Se nada daquilo tivesse acontecido, seria a última encarnação dos dois na Terra.

Hélio olhou para Marilu e, com ódio, disse:

— Você foi à culpada da nossa desgraça! Você foi à culpada por eu ter ficado esse tempo todo vagando, perdido!

Iracema, que fora Marilu e que praticara aquele desatino, apenas chorava. Não tinha como pedir perdão ao homem que amara tanto e ainda amava.

André foi quem continuou falando:

— Fique calmo, Hélio. Ela já pagou muito e ainda hoje paga. Todos aqui se lembram o que foi decidido naquela última reunião antes da reencarnação de cada um.

— Eu não estava aqui!

— Eu já lhe disse que você, tomado pelo ódio, aproximou-se e ficou protegido por energias pesadas que impediam que fôssemos em seu auxílio. Por esse motivo, você não estava aqui naquele dia e não pôde planejar sua reencarnação. Nela, teria a oportunidade de recomeçar uma nova etapa para a sua própria evolução.

— E o que decidiram nessa reunião?

— Vocês já estão juntos há muito tempo. Durante muitas encarnações vêm se ajudando. Naquela última, onde tudo aquilo aconteceu, havia sido planejado que depois dela não precisariam mais reencarnar na Terra. Poderiam permanecer aqui no plano espiritual trabalhando e ajudando os que ainda permanecem na Terra. Como não deu certo, e estavam todos preparados para uma nova jornada, nos reunimos para decidir o que cada um queria. Miguel reconheceu que havia fracassado por ser inseguro e ter se deixado dominar pelo vício, pois se naquele dia não estivesse embriagado, não teria caído naquela armadilha. Marilu também reconheceu que fracassou por ter sido uma menina rica e mimada, que quando queria algo, não media conseqüências para conseguir satisfazer seu desejo. Rui reconheceu que havia fracassado por também ser um fraco e não conseguir resistir, mesmo sabendo que estava cometendo um erro, inclusive ficando

calado, sem dizer para ninguém o que havia realmente acontecido. Juntos decidiram que voltariam pobres, que teriam que lutar muito pela vida e que seriam também, um dia, vítimas da mesma injustiça que eles próprios haviam praticado. Artur, Álvaro e Odete se entreolharam. Foi ela quem disse:

— O colar! Por isso ela teve que ser acusada de ter roubado o colar?

— Sim, e Rui hoje seu filho, também foi indiretamente atingido. Perdeu o emprego e a chance de estudar. Um dia, indiretamente, ele ajudou no crime, e hoje indiretamente estava sendo julgado.

Todos ficaram calados e pensando. Álvaro foi quem interrompeu o silêncio:

— Que lei maravilhosa é essa!

André sorriu.

— Também é daquela que ninguém escapa. A lei dos homens pode condenar ou absolver, com justiça ou não, mas a lei divina não erra nunca e dá a cada um de acordo com a sua obra, seja ela boa ou má.

— É realmente maravilhoso...

— Naquela reunião, ficou claro para todos que Miguel e você, Hélio, foram os mais prejudicados. Nós o procuramos, mas não conseguimos encontrá-lo. Miguel pediu uma nova chance, que lhe foi dada. Letícia, Amélia, Nestor e Mário não precisariam mais voltar, mas se recusaram a deixar Miguel sozinho. Queriam voltar para ajudá-lo a lutar contra o vício, que inevitavelmente apareceria em sua vida, e assim ajudá-lo a ficar livre para sempre. Correndo todos os riscos, voltaram. Nestor como Álvaro e Amélia como Odete. Com eles, Miguel teria uma vida tranqüila, seria criado por pais amorosos e dedicados, não tendo assim a desculpa

de ser pobre e sem recursos para se viciar. Mário quis vir como seu irmão e assim poder estar ao lado dele o tempo todo. Hélio, curioso, perguntou:

— E Letícia? Por que não voltou?

— Hoje a Ciência evoluiu. Já existe o computador, e Miguel teria a oportunidade de estudar e se dedicar a ele. Através desse equipamento descobriria um programa que ajudaria os cientistas a encontrar a cura para muitas doenças. Essa seria a sua missão. Letícia só apareceria em sua vida quando ele já tivesse cumprido essa tarefa. Caso contrário, ela não voltaria mais para viver ao seu lado. Ele, aos trinta e sete anos, deveria estar com sua missão cumprida, e então a encontraria e seriam felizes. Hoje Artur está com dezenove anos, seria o momento de Letícia renascer. Quando se encontrassem, ela teria dezoito anos, e nesse momento recomeçariam.

Hélio insistiu.

— Por que está falando como algo que não vai mais acontecer?

— Porque novamente Miguel, hoje no corpo de Artur, se deixou envolver pelo vício. Para que ele não se complique mais espiritualmente, em breve o traremos de volta. Assim sendo, Letícia não precisa renascer.

Artur, desesperado, disse:

— Por favor! Não faça isso! Agora que me lembrei de tudo o que se passou vou largar a droga e retomar o meu caminho! Não quero ficar longe de Letícia nunca mais! Quero cumprir a minha missão, sim!

— Está dizendo isso porque está aqui protegido por este ambiente onde as energias são puras. Mas amanhã, quando acordar, estará sujeito às energias que você mesmo fabricar.

Embora tenha muitos amigos ao seu lado, tanto na Terra como aqui, não podemos interferir no seu livre arbítrio. Só você poderá decidir o que fazer.

— Vou decidir! Deixarei as drogas para sempre!

— Estamos todos desejando que isso seja verdade, mas sabemos que é difícil. Só mesmo com muita força de vontade conseguirá isso.

— Vou conseguir! Tenho certeza!

— Está bem. Terá o prazo de um mês. Se não conseguir, retornará, não mais para cá, mas para outro lugar, distante de todos nós, inclusive de Letícia.

Letícia, que estava quieta ouvindo, disse chorando:

— Não, André! Por favor, não me separe dele novamente!

— Sinto muito, querida, mas a lei tem que ser cumprida. Se ele fracassar novamente, terá que recomeçar, e dessa vez sem amigos por perto.

Ela se voltou para Miguel e disse:

— Por favor, meu amor! Não permita que tenhamos que ficar separados para sempre! Está em suas mãos! Não permita!

Ele, também chorando, segurou em suas mãos, dizendo:

— Fique tranqüila, eu vou resistir, por você. Mesmo que me esqueça de tudo o que aconteceu aqui, tenho certeza que de seus olhos não esquecerei. Vou resistir e retornar ao meu caminho.

André continuou falando:

— Todos aqui esperamos que realmente consiga. Será uma alegria. De nossa parte, faremos o possível para ajudá-lo. Agora está na hora de retornarem. Quando acordarem não se lembrarão de nada, apenas acreditarão que sonharam.

Hélio ficou calado. Olhou para Letícia, que estava com a mão sobre o braço de Artur. Com lágrimas nos olhos, disse:

— Letícia, também tive a minha parcela de culpa. Sabia que você não me amava, mas mesmo assim, por capricho, obriguei-a a ficar comigo. Quero pedir-lhe perdão.

Ela, com carinho, olhou para ele dizendo:

— Todos temos os nossos acertos e erros. Estou feliz por finalmente você estar ao nosso lado novamente. Não tenho nada para perdoar.

Hélio sorriu e disse, olhando para Artur:

— Será que algum dia poderá me perdoar por ter impedido você de cumprir sua missão e hoje estar tentando destruí-lo novamente?

Todos olharam para Miguel esperando sua resposta. Ele pensou um pouco antes de responder. Finalmente disse:

— Como Letícia disse, todos temos os nossos acertos e erros. Nada tenho para perdoar. Também não posso condená-lo por se apaixonar por ela. Ela é maravilhosa!

Todos riram, até Hélio. Letícia, corada, beliscou o braço de Artur.

Em seguida, Artur olhou para André, colocou a mão sobre a mesa e estendeu-a em direção a ele. Com lágrimas nos olhos, disse:

— Meu pai, o que mais sinto é tê-lo tido como pai, convivido por muito tempo e não aprendido nada com seus conselhos. Que saudade sinto do tempo em que, juntos, trabalhávamos naquele cartório. O quanto tentou me ensinar, e o quanto deixei de aprender. Obrigado, papai.

André, por alguns minutos, deixou aquele ar seguro que até então mantinha. Uma lágrima começou a descer por seu rosto.

— Obrigado, meu filho. Só posso também agradecer por ter tido essa oportunidade. Você, antes e depois do vício, sempre foi muito querido.

Engoliu em seco e continuou:

— Agora precisam retornar ao corpo e acordar. Vamos agradecer a Deus por esta nova oportunidade que está nos dando.

Todos se deram as mãos, e André começou a dizer:

— Meu Pai santíssimo, bendita seja a Sua lei, que permite que numa noite como estas possam estar aqui reunidas, todos juntos, na tentativa de dar mais um passo em Sua direção. Bendito seja por dar sempre novas oportunidades para Seus filhos, que se deixam desviar durante o caminho. Que Sua luz bendita nos acompanhe e ilumine para sempre. Ajude-nos a conseguir galgar mais um degrau para que amanhã, todos juntos, companheiros de jornada, possamos subir a escada.

Obrigado, meu Pai.

Assim que ele terminou, todos se despediram e voltaram ao corpo e para seus quartos.

Letícia, com os olhos marejados, viu Artur ir embora. A única coisa que queria naquele momento era que ele conseguisse vencer, e assim ela pudesse ir ao seu encontro”.

## **A FORÇA DA DROGA**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Na manhã seguinte, Artur abriu os olhos, mas tornou a fechá-los, pensando:

"Quero dormir novamente e continuar sonhando. Não me lembro do que sonhei, só sei que havia muitas pessoas e uma linda moça. Quero continuar sonhando!"

Tentou dormir novamente, mas não conseguiu. Ao lado da cama estava Osmar, que sorriu ao vê-lo daquela maneira. Ele fora instruído por André para ficar ao lado de Artur e observar tudo o que ele fizesse. Deveria também mantê-lo informado. Para Osmar aquilo era um prazer, pois já estava ao lado de Artur havia muito tempo e aprendera a gostar dele.

Sem conseguir dormir, Artur se levantou e foi para o banheiro. Estava terminando de tomar banho quando Rosaria entrou. Parecia nervosa. Ao vê-la, ele se enrolou em uma toalha e disse:

— Bom dia! Parece que está nervosa.

— Estou mesmo! Ontem à noite, quando cheguei, quis conversar com você, mas estava dormindo profundamente e não consegui acordá-lo.

— Recebi um comunicado dizendo que alguns homens importantes da organização querem se encontrar, e escolheram a galeria para isso. Disseram que por ser uma galeria de arte e pertencer a uma mulher, não despertará suspeita.

— E qual é o problema? Acredito que tenham razão.

— Tenho medo de que algo não dê certo. Gostaria que fosse em outro local.

— Diga então que não quer.

— Eles não aceitarão isso.

— Então aceite. Nunca ninguém desconfiará de nada.

— Acredita mesmo? Ele a abraçou, dizendo:

— Claro que acredito. Você é livre de qualquer suspeita. Pertence a mais alta sociedade deste país.

Ela começou a rir.

— Não brinque com uma coisa séria como essa!

— Não estou brincando, estou dizendo o que penso. Agora vamos ao trabalho, estou louco de vontade de ver o meu computador.

Saíram juntos, mas cada um em seu carro. Assim que chegou à galeria, Artur foi procurar Gilberto. Estava ansioso para lhe contar sobre um programa de computador que revolucionaria o mundo. Assim que entrou na sala de computadores, viu Gilberto sentado em um deles. Disse alegremente:

— Bom dia, Gilberto! Não sei o que aconteceu, mas estou pensando em um programa de computador que vai revolucionar o mundo. Não sei ainda para que sirva, nem como fazê-lo, mas estou certo de que juntos poderemos criá-lo!

Gilberto começou a rir:

— Pelo jeito, andou sonhando! Chega aqui e diz que quer fazer um programa de computador, mas não sabe qual é, nem como fazer! Está drogado logo pela manhã?

Artur respondeu sério:

— Nada disso! Não estou drogado, aliás, nunca mais usarei droga, e estou falando sério! Sei que preciso descobrir um programa novo, e vou precisar da sua ajuda.

— Está bem, mas para isso precisamos estudar. Sabe que tudo o que fazemos é meio na intuição. Você ainda teve escola, mas eu não. Tudo o que aprendi foi sozinho.

— Rosaria tem muito dinheiro. Ela poderá nos financiar e contratar o melhor professor que existir para nos ensinar aquilo que não sabemos.

— Já que é assim, mãos à obra. Fale com ela.

— Agora não posso, precisamos esperar uns quinze dias.

— Por quê?

— Hoje ela está nervosa, disse que daqui a quinze dias haverá aqui uma reunião de alguns chefões da organização.

Gilberto se admirou:

— Aqui?! Por quê?

— Eles dizem que por ser uma galeria e pertencer a uma mulher não despertará suspeitas.

— Nisso eles têm razão. Está bem, vamos deixar isso de professor para depois que eles forem embora.

O dia transcorreu normalmente. Artur não sentiu falta da droga em momento algum. A noite, em casa, após o jantar, foi para seu quarto. Rosaria não estava em casa, ele a havia deixado na galeria preparando a visita dos chefões.

Ele se deitou em sua cama e começou a pensar em sua vida e na sua família. A vontade da droga surgiu. Ele resistiu, mas não por muito tempo. Logo estava abrindo a gaveta e pegando um pacotinho de pó, que inspirou prontamente. Em poucos minutos estava delirando sob o efeito do pó, para desespero de Leticia, que chamada por André, a um sinal de Osmar, estava ali.

Ela começou a chorar:

— André! Você não pode fazer nada para impedir? Ele sozinho não vai conseguir resistir... A droga já tomou conta do seu organismo...

— Sinto muito, minha filha, mas não posso influir no livre arbítrio dele. Ele, e somente ele poderá escolher o caminho que deseja seguir.

Eles ficaram ao lado de Artur o resto da noite.

Pela manhã, ele acordou enjoado. Estava bravo consigo mesmo por não ter resistido. Mais uma vez prometeu a si mesmo:

"Nunca mais vou usar! Preciso ficar bem para poder fazer o programa!"

Durante aqueles dias, quase não se encontrou com Rosaria em casa e na galeria. Ela chegava tarde e saía cedo. Precisava cuidar de tudo para a visita, e o mais importante, precisava de segurança para proteger os visitantes.

Com a desculpa de estar sozinho e carente, Artur se drogava todas as noites.

Toda a manhã Gilberto brigava com ele, pois assim que se encontravam percebia que os olhos de Artur estavam vermelhos, o que significava que ele havia se drogado.

Finalmente, o dia da visita chegou. Rosaria saiu apressada de casa. Não eram ainda seis horas da manhã. Na noite anterior havia dito a Artur:

— Amanhã às dez horas será o encontro. Quero que esteja lá para qualquer coisa.

— Estarei, estarei... Não se preocupe.

Pontualmente às oito horas ele chegou. Encontrou com Gilberto, dizendo:

— Hoje é o grande dia. Depois que tudo terminar, falarei com ela a respeito dos nossos planos.

Gilberto sorriu:

— Estou ansioso. Se isso que está pensando der certo, ficaremos ricos!

Artur riu gostosamente.

Não eram nove horas quando o primeiro convidado chegou. Artur e Rosaria o receberam no saguão da galeria. Depois deles, outros foram chegando e sendo recebidos pelos dois. Artur notou que todos estavam bem-vestidos, e que realmente não despertaria suspeita alguma, pois eram pessoas que com certeza

teriam dinheiro para visitar uma galeria e comprar suas obras de arte. Gilberto estava em um canto da galeria. Rosaria lhe ordenara que ficasse ali, prestando atenção em tudo que acontecia. E, se houvesse algo de estranho, ele deveria avisar imediatamente.

Quando haviam chegado dezoito homens e mulheres, Rosaria os encaminhou para a sala de reuniões que ficava no interior da galeria. Eles entraram e a porta foi fechada. Artur respirou aliviado. Disse para Gilberto:

— Agora poderemos descansar por um tempo. Essa reunião deverá demorar umas três horas.

Gilberto disse:

— Nós poderíamos aproveitar esse tempo para ir à lanchonete tomar um café. Acordei atrasado e vim correndo para cá, não tomei café e estou com fome.

Artur olhou em volta, estava tudo calmo. A recepcionista sorriu para ele. Ele lhe disse:

— Vou com Gilberto até a lanchonete. Se dona Rosaria perguntar, diga onde estou.

Ela sorriu, dizendo:

— Ela não vai perguntar, pois sabe que vocês todos os dias a esta hora vão para lá.

Os dois, sorrindo, saíram. A lanchonete ficava do outro lado da rua, em frente ao prédio da galeria.

Na lanchonete fez seus pedidos ao garçom, o que era desnecessário, pois ele já os conhecia e sabia do que gostavam de comer e tomar.

Enquanto esperavam o café e o lanche, Artur viu sobre o balcão um jornal. Começou a ler sem muito interesse. De repente soltou um grito que assustou Gilberto e o garçom. Os dois perguntaram juntos:

— Que foi que aconteceu?

Artur tremia muito e estava branco como a neve. Não conseguia falar, apenas apontou com o dedo para o jornal. Gilberto leu a manchete da primeira página: "Filho de conceituado advogado sofre um assalto e reage".

Gilberto abriu o jornal para ler a reportagem completa que dizia:

"Leandro Gomes de Matos, dezesseis anos, filho do doutor Álvaro Gomes de Matos, conceituado advogado desta cidade, reagiu a um assalto e foi baleado. Está em estado grave no hospital. Testemunhas dizem que, enquanto era conduzido ao hospital, Leandro dizia: 'Não podia deixá-los levar meu tênis, meu pai pensaria que eu estava mentindo'".

Assim que terminou de ler, Gilberto perguntou a Artur:

— Por que está tão nervoso? Isto acontece quase todos os dias! Artur, que chorava, disse:

— Ele é meu irmão...

Gilberto, tomado de surpresa, perguntou:

— Que está dizendo? Você é filho do doutor Álvaro?

— Sou, e o meu irmão resistiu porque um dia eu menti que havia sido assaltado e que os ladrões haviam levado meu tênis importado...

Gilberto estava nervoso com aquela situação. Não sabia o que dizer ou fazer. Olhou para o relógio e disse:

— Precisamos voltar para a galeria.

Artur, ainda chorando, disse:

— Não quero voltar... Preciso ir para o hospital... Quero ver o que aconteceu com meu irmão...

Gilberto, muito nervoso, disse:

— Hoje não! O assalto foi ontem, o que acha que seus pais farão quando o virem? Não se esqueça de que estão nervosos e com certeza culpando-o por tudo o que aconteceu com seu irmão.

Vamos entrar logo.

Artur pensou por um minuto e viu que ele tinha razão. Acompanhou Gilberto de volta à galeria. Iam atravessando a rua quando Gilberto olhou novamente para o relógio e disse, quase gritando:

— Corra! Precisamos sair daqui!

Artur não entendeu o que estava acontecendo, porém Gilberto não lhe deu tempo para pensar. Agarrou-o pelo braço e saiu correndo. Assim que viraram a esquina, ele parou. Artur, ofegante, perguntou:

— O que aconteceu? Por que me fez correr assim?

Gilberto, também ofegante, ia responder, quando viram viaturas policiais cercando o prédio onde estava a galeria. Uma delas parou bem em frente a eles, fechando a rua de um lado. Vários soldados desceram e, armados, ficaram parados.

Ao ver aquilo, Artur imediatamente percebeu o que estava acontecendo. Disse:

— O prédio está cercado, vão prender todos? Gilberto, com um sorriso aliviado, respondeu:

— Espero que sim.

— Até Rosaria?

— Sim, ela também. Você não pode negar que ela, embora tenha aquele rosto angelical, é também uma criminosa. Com seu trabalho acaba com a vida de muitos jovens e suas famílias, assim como aconteceu com você e sua família.

— Como pode dizer isso? Trabalhava lá! Todos confiavam em você. Afinal, quem é você na realidade?

— Agora já posso lhe dizer. Sou um policial, estou infiltrado lá já há muito tempo. Sabíamos que a galeria era só uma fachada. Com o programa que juntos desenvolvemos, consegui e entreguei ao meu superior nomes e endereços.

— Você é um policial?!

— Sim! Meu desejo era outro, mas a vida me encaminhou para a polícia.

— Por que não nos prenderam antes?

— Sabíamos que eles fazem esse tipo de reunião que estão fazendo hoje. Não queríamos prender só um, mas também nunca imaginamos que essa reunião seria feita aqui. Parece coisa de Deus. No dia em que me contou, imediatamente reportei ao meu superior, e tudo foi planejado.

— Você sabia que viriam?

— Claro que sim, por isso o tirei dali. Não queria que quando chegassem o encontrassem.

— Por que fez isso?

— Não sei. Eu o conheci, convivemos e me tornei seu amigo. É, talvez tenha sido isso...

— Se eu for até lá, o que acontecerá?

— Será preso junto com os outros, e eu não poderei fazer nada. Além do mais, precisa saber como seu irmão está.

— Você disse que meus pais não me receberiam.

— Disse e acredito. Por isso, você agora vai comigo para minha casa. Não poderá voltar para a casa de Rosaria, pois a polícia com certeza irá até lá. Ficará em minha casa e eu irei até o hospital e descobrirei como ele está.

Artur achou que aquela seria a melhor solução, mas no mesmo instante lembrou de João e Rubinho, que estavam em casa. Disse:

— Preciso telefonar para a casa de Rosaria, João e Rubinho não têm nada a ver com o trabalho dela. Eles precisam sair dali antes que a polícia chegue.

— Tem certeza que não estão envolvidos?

— Até onde eu sei, não.

— Está bem, vá até aquele telefone e ligue a cobrar. Não tenho cartão, e você não deve ter também.

Foi o que ele fez. Ligou, João atendeu. Em poucas palavras contou tudo o que havia acontecido. Assustado, João disse:

— Estamos indo embora agora mesmo, mas não se preocupe, Rosaria não ficará muito tempo presa, ela tem amigos influentes.

— Tem certeza disso?

— Claro que sim. Até um dia.

— Você tem dinheiro para a fuga?

— Sim, não se preocupe. Adeus, e, meu filho, saia dessa vida!

— Sairei. Pode ter certeza disso.

Artur desligou o telefone. Estava com os olhos marejados. Havia se afeiçoado a João. Gilberto perguntou:

— Tudo bem? Eles vão fugir?

— Sim, agora mesmo.

— Pois bem, vamos para minha casa.

Deu sinal a um táxi que passava. Entraram. Ele disse o nome de uma rua ao motorista. Seguiram.

Artur percebeu que o táxi se dirigia a um bairro afastado. Não se preocupou com isso, seu pensamento estava voltado para Leandro e seus pais. Podia imaginar o que eles sentiam naquele momento. Ele próprio já havia lhes dado um desgosto enorme, e

nesse momento, com isso que estava acontecendo, deveriam estar desesperados. Comentou com Gilberto.

— No jornal estava escrito que Leandro foi em estado grave para o hospital. Será que ele morreu?

Gilberto, que seguia o tempo todo calado, com o pensamento distante, demorou um pouco para responder:

— Não sei, tomara que não. Assim que o deixar em casa irei para lá.

— Estou ansioso, poderíamos passar antes pelo hospital.

— Agora não posso, tenho algo importante para resolver. Depois poderemos fazer o que você quiser.

Artur percebeu que ele estava preocupado. Não sabia do que se tratava, mas achou melhor concordar. De qualquer maneira, não poderia mesmo aparecer diante dos pais. Mas precisava saber notícias de Leandro, e só Gilberto poderia ajudá-lo.

O táxi continuou. Gilberto seguia calado, Artur também não estava com vontade de conversar. Seguia pensando:

"Muita coisa aconteceu hoje. Descobri que meu irmão está em um hospital, e que reagi ao assalto por minha culpa. Sim, não posso negar, se eu não tivesse mentido a reação dele seria outra. Se ele morrer, nunca me perdoarei. Descobri também que o meu melhor amigo, aliás, o único, esteve o tempo todo mentindo para mim. Estava apenas querendo tirar informações. Sei também que a droga me levou a isso, causando esse sofrimento para meus pais e Leandro. E ainda quase fui preso... Preciso largá-la para sempre. Sinto que tenho que descobrir esse programa. Mas sei também que sem ajuda não conseguirei deixar a droga...".

Enquanto pensava, lágrimas começaram a cair por seu rosto.

Gilberto percebeu e perguntou:

— Por que está chorando?

— Estou aqui analisando a minha vida... Ela está destruída... Por causa da droga causei muito sofrimento para muitas pessoas. E agora meu irmão pode estar morrendo...

— Sempre lhe disse que precisava largar, mas você parecia feliz. A quem causou sofrimentos?

— Primeiro aos meus pais. Sei que eles devem estar sofrendo muito por minha ausência, e agora ainda mais por tudo que está acontecendo com Leandro...

— São seus pais, e eles com certeza o perdoarão e o ajudarão, se você fizer por merecer. Hoje talvez não, porque seu irmão está ferido, mas amanhã, quem sabe.

Artur estava desesperado, não sabia o que fazer. Continuou dizendo:

— Estou pensando. Por que não aceitei a ajuda do meu pai? Desde que descobriu, ele quis que eu fosse para uma clínica, mas eu fiquei com medo. Se tivesse ido naquela época, talvez nada disso estivesse acontecendo...

— Acredito nisso, mas sempre é tempo. Na minha família estamos todos seguindo uma doutrina que nos ensina que tudo está sempre certo. Que Deus é um pai amoroso e justo, e que nunca nos abandona.

-Não conheço muito sobre Deus. Nunca segui uma religião...

— Você pode não conhecê-lo, mas Ele com certeza o conhece e nunca o deixou só. Sua justiça é divina.

— Acredita mesmo nisso?

— Há algum tempo talvez eu não acreditasse, mas hoje acredito sim, e neste momento acredito mais ainda.

— Por quê?

Gilberto ia responder, mas o motorista do táxi perguntou:

— Onde fica sua casa? Gilberto respondeu:

— Ali, no número quarenta e seis.

Artur não percebera, mas o táxi entrara em uma rua onde as casas eram todas iguais. Casas modestas, de uma boa aparência. Pensou:

"Essas casas devem ter sido construídas por uma companhia. Até que são bonitinhas."

O táxi parou em frente a um portão. Gilberto pagou o motorista e os dois desceram. Artur pôde notar que o jardim era bem cuidado e que tinha rosas de várias cores plantadas. Gilberto abriu o portão e fez com que ele entrasse.

Uma moça ouviu o barulho do táxi. Saiu, queria ver quem havia chegado. Ao ver Gilberto, disse, sorrindo:

— Gilberto! Você há esta hora em casa? O que aconteceu?

— Não aconteceu nada, só preciso resolver um assunto. Este é um amigo meu, ele está precisando de um lugar para ficar. Vou ver se a mãe o deixa ficar aqui por alguns dias. Artur, esta é minha irmã, Narinha.

— Bom dia, Narinha.

— Bom dia. Meu nome na realidade é Nara, mas todos me chamam de Narinha.

— Não sei por que está preocupado. Conhece a mãe, claro que ela vai deixar. Sabe que ajuda todo mundo!

— Nunca se sabe nunca se sabe...

Artur calculou que ela deveria ter uns doze anos e percebeu também que era muito bonita.

Entraram em casa. Na sala simples, embora agradável, Gilberto indicou a Artur um sofá e fez um sinal para que ele se sentasse. Depois perguntou a Narinha:

— A mãe está em casa?

— Claro que não! Se estivesse teria também ido lá fora para ver quem havia chegado.

— Onde ela está?

— Foi até a venda, disse que precisava comprar mistura pro almoço. Eu quis ir, sabe como ela gosta de andar.

— Sei sim. Artur fique à vontade. Você quer um café ou alguma coisa para beber? Chegamos quase na hora do almoço. Minha mãe cozinha muito bem, vai gostar.

— Obrigado, mas não estou com fome. Queria ir logo para o hospital.

— Eu disse que irei sozinho.

— Não, eu vou junto. Fico esperando do lado de fora!

— Está bem.

Sentado ali, Artur estava aflito para ir ao hospital. Não entendia por que Gilberto resolvera passar antes em casa. Mas, enfim, estava feito, teria que esperar.

Narina estava no portão ansiosa esperando a volta da mãe. Assim que a viu apontando no início da rua, correu para encontrá-la. Chegou perto dela e, esbaforida, disse:

— Mãe! Meu irmão tá lá em casa!

— Qui tem isso, minina!

— Ele está com um moço bonito!

— Menina! Que moço?

— Não sei, disse que ele está precisando de ajuda e vai pedir pra senhora o deixar ficar um pouco de tempo aqui em casa. Deixe mãe! Deixe!

— Pur que todo esse interesse?

— Ele é tão bonito!

A mãe começou a rir. Entendia perfeitamente a idade que a filha estava vivendo. Disse:

— Si continua falando desse jeito, não vô dexá ele fica em casa.

— Deixe mãe! Não vou falar mais nada, mas que ele é bonito, isso é!

— Tá bom, vô conversa com seu irmão e saber qui tá contecendo.

Entraram em casa. Assim que elas chegaram e entraram na sala, Artur se levantou e quase desmaiou.

O mesmo aconteceu com a mãe de Gilberto, e ele correu em sua direção para ampará-la. Narinha não estava entendendo nada. Perguntou:

— Que foi?

Artur, com muito custo, disse:

— Iracema! Aqui é sua casa?

Ela também, tremendo muito, respondeu:

— É sim...

Olhou para o filho. Disse:

— Jarbas, que tá acontecendo? Você sabe quem ele é?

— Sei mãe, conheço-o já faz algum tempo, mas só fiquei sabendo hoje quem era realmente.

— E mesmo assim troxe ele aqui pra dentro da nossa casa?

— Precisava fazer isso. A senhora sabe o quanto o odiei e tentei encontrá-lo, mas hoje tudo é diferente. As coisas mudaram e ele está precisando da nossa ajuda.

— Nossa ajuda?

Artur, chorando, disse:

— Perdão, Iracema. Sei que não mereço, mas mesmo assim peço perdão.

— Não sei se vô consegui te perdoar, não, minino. Por sua causa sofri muito. Você não me defendeu e deixou que seu pai me levasse pra delegacia.

— Sei disso, mas me arrependi muito. Sei que me conhece desde criança e sabe que antes da droga eu era outra pessoa.

Ela não respondeu. Olhou para o filho, perguntando:

— O que acha que vô fazê?

— Não sei. No primeiro momento, quando descobri quem era ele, minha intenção foi prendê-lo. Mas decidi que a senhora era quem deveria dizer o que ele merecia.

— Eu?!

— Sim, pois foi à senhora quem mais sofreu com tudo o que aconteceu. Ficou doente. Sei que é mais de tristeza do que outra coisa qualquer. Por isso, a senhora é quem vai decidir. Poderemos ajudá-lo, ou posso prendê-lo, já que toda a quadrilha está presa.

Iracema olhou para Artur, depois novamente para o filho. Perguntou:

— Pur que não prendeu ele logo?

— Convivi com ele por algum tempo, percebi que era um garoto perdido na droga, mas que era um bom garoto. Gostei dele sinceramente. Posso até dizer que até hoje pela manhã, antes de eu descobrir tudo, era o meu melhor amigo. Por isso o trouxe para cá, a senhora será quem decidirá a vida dele. O que decidir, eu farei.

Iracema ficou olhando para Artur e lembrando de quando ele era pequeno e ficava em torno dela, correndo,

brincando com Leandro. Lembrou-se de Odete e Álvaro, que sempre a trataram bem e a ajudaram para que conseguisse criar os filhos. Sabia que também eles foram enganados.

Com lágrimas nos olhos, disse:

— Sabe, Artur, naquele tempo foi tudo muito difíci. Eu e o Jarbas perdemo o emprego e os otro era tudo piqueno, não podia trabaiá. Eu fiquei duenti, só chorava, não me conformava de pensa que ocê feiz aquilo. O Jarbas não continuo na faculdade pra ser adevogado, mas estudo sozinho e conseguiu entra na polícia, e hoje é um bom policiá. As otra criança foram crescendo. Todos começaram a trabaiá e nós conseguiu compra esta casa. Quando eu tava bem doente, uma vizinha me levo pra uma religião. Lá eu aprendi que tudo tá sempre certo. Qui nós não deve julga ninguém. Vai sabe que mardade eu num fiz na outra incarnaçã, num é memo?

Artur não entendia nada do que ela dizia em relação à religião. Gilberto já havia comentado alguma coisa, mas ele não prestara atenção.

Ainda aturdido, Artur olhou espantado para Gilberto:

— Então quer dizer que você é o Jarbas que papai demitiu no escritório?

— Sim.

— Mas por que o nome Gilberto?

— Da mesma maneira que você usava o nome Fred.

Artur sorriu. Gilberto continuou:

— Na polícia, nos envolvemos com marginais, pessoas sem escrúpulos. A mudança de nome, então, torna-se necessária.

Só em casa me chamam de Jarbas. Para o mundo, como policial, sou Gilberto.

Artur baixou os olhos, emocionado. Iracema passou a mão em seu rosto. Em seguida voltou-se para o filho, dizendo:

— Sabe meu fio, ocê fez bem em trazê ele aqui. Vou perdoa ele, e ele podi fica aqui em casa o tempo que precisa.

— No fundo, eu sabia que a senhora ia dizer isso. Mas ele não pode ficar aqui em casa. Se ficar, vai continuar se drogando.

Artur quase gritou:

— Nunca mais! Não quero me drogar! Vou conseguir deixar, você vai ver!

Gilberto começou a rir e perguntou:

— Quantas vezes você já disse isso? Sabe que sozinho não conseguirá. Conheço uma clínica que é muito boa, tem conseguido recuperar muitos que levei. Se quiser, sairemos daqui agora mesmo e o levarei até lá.

— Como vou pagar? Sabe que não tenho dinheiro!

— Ela é gratuita para quem não pode pagar. Aqueles que podem, pagam. Você quer ir?

Artur pensou um pouco e respondeu:

— Quero sim. Você tem razão, sozinho não vou conseguir.

Em seguida voltou-se para Iracema:

— Obrigado, Iracema. Embora eu tenha feito aquela maldade, sempre gostei de você. Obrigado por seu perdão.

Ela abriu os braços e ele se aconchegou a ela. Os dois, chorando, ficaram assim por muito tempo. Depois que se soltou, ela disse:

— Só vô ti perdoa di verdade quando dexá essa porcaria di lado e volta a sê aquele Artur de antes.

— Voltarei a ser o mesmo, sim, e também vou deixar essa porcaria de lado. Pode ter certeza disso. Não entendi o que disse

sobre essa religião, encarnação e tudo o mais, mas gostaria de entender.

Gilberto foi quem disse:

— Na clínica vai ter muito tempo para ler e aprender. Prometo que não o deixarei sem livros.

Iracema sorriu:

— Isso memo, meu fio, faiz isso.

— Farei mãe, farei. Agora que está tudo resolvido, podemos ir para a clínica.

— Não posso ir agora! Antes preciso passar pelo hospital e ver como Leandro está!

Iracema se assustou:

— No hospital qui o Leandro tá jazendo lá?

Gilberto contou tudo o que havia acontecido. Ela disse:

— Vô junto cum ocês, perciso sabe como ele tá. Vô vê meu minino!

— Acha mesmo que deve ir?

— Acho meu fio, e vô.

— Vai encontrar com doutor Álvaro e dona Odete. Eles devem estar lá...

— Nun mi importo. Perciso vê o Leandro!

— Está bem, se quer assim, vamos. Mas, Artur, não pense que o deixarei escapar. Ficarei com você do lado de fora. Minha mãe vai entrar e trazer notícias.

— Não vou tentar escapar, aprendi muito. Só quero mesmo saber notícias de Leandro, depois irei com você.

— Então vamos logo.

Iracema trocou de roupa e foram embora. André, Letícia e agora Hélio estavam ali e acompanharam toda a conversa. Quando os três saíram, André disse:

— Ele está tendo mais uma chance, espero que agora aproveite. Letícia, sorrindo, disse:

— Vai aproveitar... Tem que aproveitar!

Narinha acompanhara toda a conversa. Quando tudo acontecera, ela era pequena, mas se lembrava da doença da mãe e sabia que fora o filho da sua patroa que havia mentido. Durante esse tempo todo, mesmo sem conhecê-lo, sentia muita raiva dele. Mas, ao tomar conhecimento de tudo, começou a mudar de idéia. Acompanhou-os até o portão. Assim que desapareceram na esquina, ela pensou:

"Ele é bonito mesmo!"

## **AJUSTE DE CONTAS**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“A bala perfurara o intestino de Leandro. Assim que chegou ao hospital, foi imediatamente operado. Álvaro e Odete, avisados por dois soldados da polícia, chegaram o mais rápido possível. Quando chegaram, Leandro ainda estava na sala de cirurgia. Estavam desesperados. Quando Leandro saiu para ir à aula de Inglês, nunca poderiam imaginar que uma coisa daquela fosse acontecer. Ficaram na sala de espera, aguardando que a cirurgia terminasse e eles pudessem finalmente falar com o médico e realmente saber o estado de Leandro. Inevitavelmente, os dois se lembraram de Artur e da história que ele havia inventado quando trocara o tênis pela droga. Mas nenhum dos dois tocou no

assunto. A preocupação deles no momento era Leandro, que sabiam estar gravemente ferido. Após duas horas de espera, o médico entrou na sala. Disse confiante:

— Terminei agora a cirurgia. Tudo o que era possível fazer, foi feito. Agora só vai depender do organismo dele reagir. Mas ele é um garoto saudável, tem tudo para resistir.

Álvaro, emocionado, não conseguia falar. Odete perguntou:

— Podemos vê-lo?

— Por enquanto, não. Ele está anestesiado e será enviado para a UTI. Ficará lá por quarenta e oito horas. Depois disso, se tudo estiver bem, irá para o quarto. Daqui a uns quinze minutos os senhores poderão vê-lo através do vidro. Depois disso, sugiro que vão para casa e voltem amanhã.

— Não sairemos daqui! Eu e meu marido precisamos de notícias dele!

— Se quiserem, podem ficar, mas aconselho que não. Amanhã precisam estar bem. Prometo que assim que ele acordar, a enfermeira ligará para dizer como ele está.

— Está bem, doutor, vamos ver o que faremos.

O médico saiu. Ela olhou para Álvaro, que continuava calado. Perguntou:

— O que devemos fazer?

— Não sei, mas ficarmos aqui nesta sala também não vai resolver. O médico tem razão, vamos para casa. Avise sua mãe e peça para ela ir até nossa casa. Juntos faremos uma prece e pediremos ajuda aos médicos espirituais. Aliás, eles já devem estar aqui e ajudando.

Odete admirou-se com o que ele dissera. Sabia que ele estava lendo muito e às vezes até participava de algumas sessões espíritas, mas não imaginava que ele acreditasse tanto. Disse:

— Está bem, querido. Faremos isso, e amanhã bem cedo retornaremos.

Foram para casa com o coração apertado, pois não sabiam o que aconteceria com Leandro. Assim que chegaram em casa, Odete telefonou para sua mãe e contou o que havia acontecido. Noélia, a princípio, levou um susto, mas em seguida disse:

— Minha filha, entregue a vida nas mãos de Deus. Ele é quem sabe de tudo, nós não sabemos de nada. Estou indo para aí.

Meia hora depois estava lá. Encontrou os dois abatidos e tristes. Abraçou-os, dizendo:

— Quando voltarão ao hospital?

— Amanhã bem cedo.

— Irei também, tenho certeza que teremos boas notícias.

Álvaro, ao abraçá-la, começou a chorar:

— Dona Noélia... Por que Deus está fazendo isso conosco? Já perdemos Artur e agora está levando Leandro...

Ela olhou bem em seus olhos. Respondeu:

— Não diga isso! Vocês não perderam Artur. Ele voltará, e Leandro também ficará bom. Só precisamos confiar na bondade e justiça de Deus.

— A senhora faria uma prece conosco?

— É claro que sim, para isso estou aqui.

Sentaram-se e juntos fizeram a prece pedindo por Leandro. Quando estavam quase terminando, Noélia disse:

— Meu Deus, por favor, proteja Artur. Faça com que ele volte ou ao menos nos dê notícias.

Meia hora depois ela se despediu e combinou que os encontraria pela manhã no hospital.

Naquela noite, nenhum deles conseguiu dormir. Odete foi a primeira a se levantar. Foi para a cozinha preparar o café. Em seguida Álvaro chegou. Tomaram apenas um café preto e saíram em seguida. Assim que chegaram ao hospital, foram imediatamente para o andar onde estava a UTI.

A enfermeira lhes disse que Leandro havia passado bem à noite, mas que eles não poderiam entrar. Entenderam, e ela deixou que eles o vissem pelo vidro. Leandro estava dormindo. Recebia soro e sangue.

Ficaram no vidro por muito tempo, até que a enfermeira sorriu enquanto fechava a cortina. Eles ainda permaneceram ali por um bom tempo, depois foram para a sala de espera do andar. Em seguida Noélia chegou. Assim que os viu, foi encontrá-los. Foi informada de como estava seu neto. Os três sentaram-se e intimamente fizeram suas preces. Já passava do meio-dia quando Noélia disse:

— Deveríamos comer alguma coisa. Precisamos estar bem para entrar e ver Leandro.

Embora com problemas graves, eles entenderam que ela tinha razão. Resolveram que comeriam ali mesmo no hospital, pois havia uma lanchonete. Saíram da sala e se dirigiram ao elevador. Assim que a porta do elevador se abriu, viram Iracema e Jarbas que estavam saindo.

O coração dos três começou a disparar. Ficaram mudos de surpresa. Noélia foi a primeira que conseguiu falar:

— Iracema! Que bom vê-la! Como está?

— Tô bem, dona Noélia. Só vim vê como tá o meu minino.

— Ele está melhorando, e agora, vendo-a aqui, tenho certeza que ele vai ficar bom e logo voltará para casa.

Odete, chorando, disse:

— Iracema! Nós a procuramos tanto, mas não a encontramos você havia se mudado. Quando descobrimos tudo sobre Artur, entendemos a grande injustiça que cometemos. Poderá nos perdoar?

— Dona Dete, isso num tem mais importância, não. Já se passo muito tempo. Aprendi que tudo tá certo nessa vida! Só o que importa agora é o Leandro. Ele vai fica bom, num vai?

— Vai sim! Claro que vai. O médico disse que às três horas poderemos um de cada vez, entrar no quarto e ficar com ele alguns minutos, só que não pode ser muito tempo.

— Sei que num sô da família, mais vô fica contente só di vê ele de longe.

Odete a abraçou, chorando. Disse:

— Claro que você vai entrar e falar com ele! Garanto que ele ficará muito feliz. Foi ele quem mais insistiu para que fossemos procurá-la, nunca acreditou na sua culpa. Ele gosta muito de você...

Iracema também a abraçou com carinho.

— Se a senhora dexá, craro que quero vê ele.

— Vai vê-lo sim.

Iracema olhou para Álvaro, dizendo:

— Como vai, doto?

Álvaro, emocionado e envergonhado, não dissera nada até aquele momento, mas diante da pergunta de Iracema, não teve como não falar. Respondeu:

— Desculpe, mas estou muito emocionado por encontrá-la.

Não sei o que fazer para que me perdoe, e a você, Jarbas. Fui injusto e cruel.

Iracema olhou para o filho, que disse:

— Doutor, eu já senti muita raiva do senhor. Com sua injustiça não permitiu que eu realizasse o meu sonho de ser um advogado assim como o senhor. Mas, de qualquer maneira minha vida mudou. Hoje sou um policial e me orgulho muito disso.

— Se quiser, pode voltar ao escritório e para a faculdade. Será o mínimo que poderei fazer para me redimir.

— Obrigado, doutor, mas não precisa fazer nada disso, nem ficar com remorso. Estamos bem, e só queremos o bem de Leandro.

— Estou desesperado, não sei o que fazer. Já perdi Artur para a droga, e agora Leandro.

— Tenha fé que ele vai ficar bem. Quanto a Artur, também sempre existe uma chance dele se recuperar.

— Acredita mesmo nisso?

— Sim, já lhe disse que sou policial, já vi muitos se recuperarem. Acredite na proteção divina. Agora que já conversamos, preciso ir embora. Já percebi que não vou conseguir tirar minha mãe daqui antes que veja Leandro. Será que o senhor poderia colocá-la em um táxi quando ela quiser ir embora?

— Não se preocupe, eu mesmo a levarei para casa.

Jarbas despediu-se de todos e foi embora. Havia deixado Artur na rua. Não sabia se o encontraria, estava preocupado. Olhou para o lugar onde o havia deixado, mas ele não estava lá. Decepcionado, pensou:

— Ele fugiu... Eu sabia que isso poderia acontecer, mas precisava arriscar. E uma pena...

Estava indo embora quando ouviu:

— Gilberto!

Voltou-se e viu Artur, que vinha correndo. Sorriu aliviado e disse:

— Que bom que você está aí!

— Por que está dizendo isso?

— Pensei que tivesse fugido!

— Não! Só fui até o estacionamento ver se o carro do meu pai estava lá! Viu Leandro? Como ele está?

— Está na UTI, mas parece que vai ficar bom. Minha mãe ficou lá com seus pais e sua avó.

— Vai ficar bom mesmo?

— Vai sim, precisamos acreditar nisso.

— Cumpriu sua promessa? Não disse aos meus pais que eu estava aqui e que estou indo para a clínica?

— Não disse nada, já que você não quer.

— Não, não quero. Quando eles me virem novamente eu estarei curado. Mas tenho medo de não conseguir me livrar da droga.

— Terá uma oportunidade. A clínica para a qual o estou levando é muito boa, só dependerá de você. Estarei sempre ao seu lado. Mesmo não sabendo por que, tornei-me seu amigo e quero ajudá-lo. Agora está pronto? Vamos para a clínica?

— Vamos. Ao menos neste momento estou disposto a me livrar disso. Quero ser um homem livre e poder abraçar novamente meus pais e Leandro.

— Continue pensando assim e conseguirá. Vamos indo?

Artur concordou com a cabeça e juntos seguiram.

Na clínica foi informado que teria de ficar três meses sem receber visitas. Ele concordou.

Esses três meses foram muito difíceis. Sofreu muito com a abstinência, algumas vezes até tentou fugir e ir em busca da droga. Nessas horas sempre teve alguém a seu lado. Os médicos,

enfermeiros e viciados como ele, mas que já estavam ali havia mais tempo. Leticia, André e Hélio também não se afastaram dele.

Jarbas não podia vê-lo, mas sempre ia lá para saber como ele estava e lhe levava livros para que lesse. No primeiro dia depois dos três meses, Iracema e toda a sua família foi visitá-lo. Assim que os viu, ele não coube em si de tanta felicidade. Jarbas foi acompanhado de uma moça muito bonita. Ficou feliz por ver que Artur estava bem. Abraçando-o, disse:

— É, meu amigo, parece que conseguiu vencer.

— Ainda não. Estou tentando, e para isso nunca posso me esquecer que sou um doente e por isso preciso tomar cuidado.

— Quero lhe apresentar minha esposa. O nome dela é Marisa.

— Você se casou? Quando?

— Faz um mês, sabe como é. Aconteceu, e nós estamos esperando um filho.

— Um filho?! Meus parabéns! Marisa, você tirou a sorte grande. Jarbas é o melhor homem do mundo! Por mais que eu faça, nunca conseguirei agradecer por tudo que fez por mim. Olhou para Iracema e abraçou-a, dizendo:

— A você também, Iracema, nunca poderei agradecer por tudo, e principalmente por ter me perdoado.

— Dexa isso pra lá, meu fio. Tô feliz por te vê bonito como era antes.

— Estou bem mesmo, mas durante esse tempo todo não tive notícias de Leandro. Como ele está?

— Tá bem, minino! Muito bem! Ocê num sabe o qui cunteceu naquele dia que a gente foi lá!

— O que aconteceu?

— Na hora da visita, a sua mãe, aquela santa, dexô eu entrar pra vê o meu minino. Ele, coitadinho, num conseguia nem fala de tão fraquinho que tava, mais ocê num vai credita na cara que ele feiz quando me viu. Abriu uma risada grande na cara e disse:

"— Iracema! Você está aqui? Papai, mamãe! Conseguiram encontrá-la?"

"— Não, meu filho, ela nos encontrou, tudo para poder vê-lo."

— Eu chorava tanto que num consegui dizê nada. Só o beijei nada mais. Dispois desse dia, eu fui no hospitá todos os dia, até que ele foi pra casa. Teve qui toma remédio, mas eu tava lá pra isso.

— Você voltou a trabalhar lá em casa?

— Vortei sim, seus pai pediram, eu aceitei. Meus fio nun queria, mais eu gosto muito de oceis. Inda mais sabendo qui o Leandro tava percisando.

— Estou muito feliz por isso. Mas você não contou pra eles que estou aqui, contou?

— Quando via eles triste, muitas veiz tive vontade di conta, mas tinha prometido pra ocê, num podia te trai.

— Mesmo eu tendo traído você um dia?

— Esquece isso, minino, só procura si cura. Tudo isso já passo.

— Obrigado, Iracema.

— Quem sabe o que eu fiz na outra incarnaçã, num é memo?

— Você não deve ter feito nada errado.

— Num sei não... Não sei não.

Ficaram ali durante todo o período de visita.

Após um ano de tratamento, durante o qual Iracema e sua família nunca deixaram de visitá-lo, Artur finalmente teve alta. Em um sábado pela manhã Jarbas foi lá para buscá-lo. Estava radiante, pois pelos olhos de Artur percebeu que ele estava livre das drogas. Mas, como policial, disse:

— Parece que está bem. Agora veremos como se comportará lá fora...

Artur sorriu:

— Sei o que está pensando, mas nunca mais chegarei perto da droga outra vez. Nesse tempo todo em que estive aqui pude pensar muito em tudo o que aconteceu. Vi que não só quase destruí minha vida, como também daqueles que amo. Quase perdi meu irmão. Perdi muito tempo da minha vida envolvido nesse mundo de sonhos e ilusão. Mas ainda tenho chance para recuperar o tempo perdido.

Jarbas o abraçou, enquanto dizia:

— É isso aí, meu amigo, nunca é tarde para recomeçar. Espero que não se esqueça do que está dizendo hoje.

— Não me esquecerei. Além do mais, aprendi muito com os livros que você me trouxe. Hoje tenho muitas respostas para minhas dúvidas. Sei que nunca estou só, por isso quero estudar a fundo essa doutrina.

— Fico feliz por isso. Agora vamos? Quer ir para sua casa?

— Não, ainda não. Só voltarei para lá quando estiver realmente curado.

— Sabe muito bem que essa sua doença é incurável. Terá que ficar longe das drogas para sempre. Vamos para casa. Minha mãe me disse que, se você quiser, poderá ficar lá para sempre.

— Iracema é uma mulher maravilhosa!

— É sim, e eu me orgulho muito dela.

André e Hélio estavam lá. André sorriu e disse:

— Viu, Hélio, desde que você se afastou dele, deixou-o livre para decidir sua vida.

Hélio sorriu:

— Ainda bem que naquela noite você nos reuniu e eu pude saber de como tudo havia acontecido. Sabendo de tudo, não só me afastei de Miguel como eu próprio encontrei o meu caminho e a minha paz.

— Foi uma tentativa que deu certo.

— E se não tivesse dado certo?

— Haveria outra, e mais outra, até chegar naquela que daria certo. Agora vamos acompanhá-los. Quero estar presente quando Artur encontrar Iracema novamente.

Quando chegaram à casa de Iracema, a alegria foi geral. Um almoço estava preparado, pois Iracema tinha quase certeza que Artur iria para a casa dela. Marisa, esposa de Jarbas, aproximou-se. Trazia uma criança em seus braços. Depois de abraçar Artur, disse:

— Esta é a nossa filhinha, seu nome é Renata. Ela não é linda?

Artur, um pouco sem jeito, pegou a criança no colo. Assim que isso aconteceu, ela abriu os olhos e todos podiam jurar que ela sorria. Artur ficou emocionado. Disse:

— Ela é linda mesmo! Esses olhos parecem que já vi antes...

Iracema, dando uma gargalhada, disse:

— Vai vê qui já viu mesmo! Quem sabe, né? A gente nun sabe nada dessa vida! Quem sabe ocê num conheceu ela di otra incarnation, num é mesmo?

Todos riram. A felicidade ali era completa. Com a convivência de todo aquele ano, a amizade entre todos crescera. Narinha estava encantada com a figura de Artur, mas ele olhava sem parar para os olhos da criança e pensava:

— Já vi esses olhos antes! Ela é linda!

## **PLANO DE VIDA**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Artur continuou morando com eles. Com a ajuda de alguns amigos, Jarbas conseguiu um emprego para ele em uma oficina que consertava computadores. Ele começou a estudar sem parar, precisava recuperar o tempo perdido.

Leandro estava completamente curado. Estava estudando para prestar o vestibular, queria ser médico, para tristeza de Álvaro, que queria que ele fosse advogado. Quando reclamava, Odete dizia:

— Não reclame com o menino, deixe-o ser o que quiser.

— Sei disso, mas para quem vou deixar meu escritório?

— Não se preocupe com isso.

Iracema continuava trabalhando lá. Ela já não precisava, mas não queria deixá-los. Sempre que via Odete ou Álvaro tristes pelos cantos, sentia vontade de dizer que Artur estava bem e na casa dela, mas havia prometido e não trairia sua confiança. Ainda mais naquele momento, que ele estava tão bem.

Um ano e meio mais tarde, Iracema chegou trazendo em suas mãos um papel, onde havia um endereço. Entregou-o para Odete e Álvaro, que almoçavam. Disse para Álvaro.

— O meu filho pediu pra eu entrega esse papel, disse que sabe que o dotô tá preocupado cum as droga no mundo. Pediu pro doto i amanhã que vai tê uma palestra ou sei lá o quê. A senhora também, dona Dete, é bom ir.

Álvaro pegou o papel e leu o endereço. Passou para Odete, que após ler, passou para Leandro, que disse:

— Também quero ir. Vamos, papai! Sei que não gosta de falar sobre Artur, mas desde que tudo aquilo aconteceu, o senhor está interessado no assunto e ajudando várias clínicas que recuperam viciados.

Álvaro pensou um pouco e disse:

— Está bem, Iracema, pode dizer ao Jarbas que iremos. Já que perdi meu filho para as drogas, quem sabe não poderei ajudar outros a sair delas.

— Isso mesmo, dotô, quem sabe. O Jarbas vai fica contente, vai sim.

No dia seguinte, à hora marcada, Álvaro estacionou o carro no endereço marcado. Era uma escola. Nas paredes havia faixas e cartazes contra as drogas. Jarbas estava ansioso no portão andando de um lado para outro. Assim que os viu descendo do carro, correu para eles, dizendo:

— Ainda bem que chegaram! Daqui a dez minutos vai começar.

Eles entraram. Perceberam que muitos jovens estavam acompanhados por seus pais. Sentaram-se em poltronas que Jarbas lhes mostrara. Ficavam na quarta fileira do auditório, que era bem grande. No palco havia uma mesa com uma toalha branca

e enfeitada com flores. Algumas pessoas entraram e tomaram assento nas cadeiras que estavam em volta dela.

Quando todos estavam sentados, um senhor começou a falar:

— Hoje estamos aqui reunidos para discutirmos a droga, que está tomando conta de muitas pessoas, mas principalmente dos nossos jovens. Sei que muitos são pais ou parentes de dependentes químicos. Sabemos o mal que isso representa para a família e para o país. Eu, como pai de um ex-dependente, sei o quanto à família sofre, mas posso lhes dizer que o dependente sofre muito mais e precisa de toda a ajuda que possamos lhe dar, pois sempre há uma esperança. Para provar o que estou dizendo, chamo neste momento ao palco o senhor Artur. Ele nos contará sua história.

Ao ouvirem aquilo, Álvaro, Odete e Leandro levantaram-se sem perceber. Os três não sabiam se riam ou choravam. A emoção era tanta que eles não conseguiram dizer nada. Lágrimas caíam por seus rostos. As pessoas que estavam sentadas atrás deles pediram que se sentassem. Ainda chorando, e de mãos dadas, sentaram-se. Artur entrou no palco, o auditório estava lotado. Olhou para todos, viu muitas pessoas com o mesmo olhar que um dia vira no rosto de seus pais. Não viu que eles estavam no auditório. Já não era mais aquele garoto alto e magro, com o rosto cheio de espinhas. Havia tomado corpo, seus cabelos bem penteados, seus olhos com um brilho imenso de felicidade e lucidez. Começou a falar:

— Meu nome é Artur, sou um dependente químico, mas estou dia a dia lutando contra isso. Sei que muitos dos que estão aqui são pais, esposas, esposos ou simplesmente amigos de outros como eu. Sei o quanto estão sofrendo, mas como nosso dirigente

disse, existe sempre uma esperança, e eu estou aqui para provar. Vou lhes contar minha história.

Começou a contar desde o início. Muitas vezes teve que parar, pois a emoção tomava conta dele e dos ouvintes. Enquanto falava, atrás dele André sorria.

Quando terminou de contar tudo o que lhe havia acontecido e como conseguira se libertar, disse:

— Gostaria muito que meus pais e meu irmão estivessem aqui.

Durante esse tempo todo estive afastado deles e morro de saudades, mas prometi a mim mesmo que só voltaria a encontrá-los quando estivesse certo de que realmente eu havia conseguido. E, graças a Deus, esse dia chegou. Assim que sair daqui, irei para casa, pois preciso lhes contar que terminei o segundo grau, prestei o vestibular, e quero abraçá-los e voltar a dizer: agora sim, serei o rei dos computadores.

A platéia começou a aplaudir. Todos estavam emocionados e, conforme ele previra, muitos choravam. Mas tinham uma esperança de dias melhores.

Álvaro, Odete e Leandro não se contiveram. Saíram de onde estavam e dirigiram-se ao palco. Artur, ao vê-los, ficou paralisado. O coração deles batia sem controle. Jarbas aproximou-se de Álvaro, dizendo:

— Venham, vou levá-los até o palco. Enquanto subiam, Álvaro lhe disse:

— Por que não nos contou?

— Precisava ter certeza de que ele havia mesmo se libertado.

E, além do mais, ele me proibiu.

Finalmente chegaram. Artur não sabia se ria ou chorava. Lágrimas caíam de seus olhos, mas dessa vez eram de felicidade. Estava diante das pessoas que mais amava. Correu para recebê-los. Assim que se encontraram não disseram nada, apenas se abraçaram, beijaram e choraram muito. O auditório estava todo em pé aplaudindo. Eles também estavam emocionados e felizes por ver aquela família reunida novamente. Ninguém havia dito que aquelas pessoas que subiram ao palco eram da família de Artur, mas não foi necessário, todos entenderam.

Sem que a platéia visse, muitos amigos espirituais estavam presentes. Luzes brilhantes caíam sobre eles. Entre todos, André era o que parecia estar mais feliz.

Assim que terminaram de se abraçar, Jarbas os conduziu para que descessem do palco. Foi o que fizeram, sob muitos aplausos. Embaixo, ao pé da escada, estavam Iracema e sua família, que também queriam abraçar a todos, principalmente a Artur.

Ao vê-la, Odete não se conteve e abraçou-se a ela, dizendo:

— Obrigada, Iracema, por tudo que fez para ajudar meu filho!

Nunca poderei pagar sua bondade, mas também nunca poderei perdôá-la por ter-nos escondido que ele estava em sua casa.

Iracema, também chorando, disse:

— Num podia, dona Dete... Num podia. Ele pediu... Sabe que sempre fiz tudo que ele pediu...

— Isso agora não tem mais importância, hoje é o dia mais feliz da minha vida!

— Da nossa, dona Dete! Da nossa!

Todos juntos, saíram dali. Já na rua, Leandro, abraçado ao irmão, disse:

— Poxa, cara! Precisei quase morrer pra você sarar da sua doença!

Artur, chorando, respondeu:

— Foi isso mesmo, cara! Mas você está bem e bonito pra caramba. Está quase da minha altura!

— Agora eu vou ganhar a briga! E você nunca mais vai me roubar batatas!

— Isso vamos ver! Pode ter certeza que continuarei tentando.

Álvaro, que escutava os dois conversando, disse:

— Já sabem que não gosto de brigas durante as refeições...

Artur voltou-se para ele. Os olhos se encontraram, um nó se formou na garganta. Queriam falar, mas não conseguiam. Apenas abriram os braços e se abraçaram com muita emoção. Álvaro disse:

— Seja bem-vindo, meu filho, de volta à família... Esperei com ansiedade por este dia, mas preciso confessar que algumas vezes pensei que nunca chegaria...

— Obrigado, papai, por tudo que tentou fazer para me ajudar. Sei que lhe causei muitos desgostos, mas prometo que de hoje em diante farei o possível para compensá-lo.

— Não se preocupe com isso... Só quero que seja feliz e conquiste sua felicidade. Desculpe se algumas vezes, mesmo sem saber, exigi muito de você...

— Não se culpe de nada, o senhor foi, é e será sempre um pai maravilhoso, e eu o amo muito...

Odete, que estava conversando com Iracema, ao ver o marido e o filho abraçados, disse:

— Iracema, finalmente este dia chegou. Preciso agradecer a Deus por tudo o que nos está acontecendo.

— Isso mesmo, dona Dete... Isso mesmo...

Álvaro levou todos para um restaurante. Precisavam comemorar aquele dia tão importante. Odete pediu licença e voltou para dentro da escola. Pediu para usar o telefone, ligou para sua mãe. Noélia lia um livro quando o telefone tocou. Assim que ouviu a voz de Odete, percebeu que algo havia acontecido. Disse:

— O que aconteceu, minha filha?

— Mamãe, a senhora não vai acreditar! Artur voltou! Está lindo e curado!

Noélia sentou-se, dizendo:

— Louvado seja Deus! Onde ele está?

— Aqui, mamãe! Estamos todos juntos e indo para o restaurante do Gino. A senhora pode ir até lá?

— Claro que sim. Estou indo agora mesmo.

— Venha, mamãe! Artur ficará muito feliz.

Desligaram. Noélia levantou os olhos para o alto, dizendo:

— Obrigada, meu Pai, por este momento, por ter trazido meu neto para junto de nós. Obrigada...

Vestiu-se e saiu rapidamente.

Todos no restaurante, enquanto comiam, conversavam. A felicidade naquele momento era completa. Odete viu nos braços de Jarbas a pequena Renata. Aproximou-se, dizendo:

— Ela é muito bonita! Vai se tornar uma linda moça!

Artur, rindo, disse:

— É, meu amigo, ela vai lhe dar muito trabalho. Você vai ter que ter cuidado com os gaviões!

Jarbas, sorrindo, disse:

— Pode deixar aquele que se aproximar eu mato.

Foi preciso juntar muitas mesas no restaurante para que coubessem todos. Iracema olhou para Álvaro e disse:

— Dotô, quando o sinhô imaginô que um dia todos nós ia tá sentado numa mesma mesa?

— Preciso confessar que nunca. Mas estou muito feliz!

— Eu tamén! Vai vê nós tudo já foi amigo em outra incarnação! Num é mesmo?

— Quem sabe... Quem sabe...

Terminaram de comer e saíram. Lá fora, enquanto se despedia de Jarbas, Álvaro disse:

— Sei que cometi uma enorme injustiça com você, e você me devolveu meu filho. Preciso de alguma forma, compensá-lo.

— Deixe disso, doutor. Minha vida tomou outro rumo, estou contente com a profissão que tenho, e tão feliz quanto o senhor por ver Artur bem. Gosto muito dele.

— Sei disso, e lhe agradecerei pelo resto da minha vida. Mas, como sabe, meu escritório é grande, já viu que não terei para quem deixá-lo. Leandro diz que vai ser médico, Artur engenheiro de computação. De todo o único que sei que quer ser advogado é você. Queria lhe pagar a faculdade, e assim, quando eu me for desta Terra, saberei que meu escritório continuará.

Jarbas respirou fundo, não sabia o que responder. Artur, que ouvira o pai dizer aquilo, começou a rir:

— Ê, meu amigo, se você não aceitar, vai ter que ouvi-lo lhe pedindo pelo resto da vida! Ele adora aquele escritório. Se disse que é pra você que ele quer deixá-lo como herança, com certeza vai conseguir convencê-lo. Para evitar trabalho é melhor aceitar logo. Conheço o pai que tenho.

Jarbas disse:

— Não sei doutor. Não quero receber pagamento por algo que fiz por amizade.

— Quem está dizendo que quero pagar? Quero apenas dar-lhe uma oportunidade, como alguém um dia me deu! Sei que você será um ótimo advogado.

— Vou pensar e conversar com minha mãe e minha esposa. Depois lhe darei uma resposta.

Despediram-se. Voltaram para suas casas. Artur acompanhou os pais. Assim que entrou em seu quarto, pôde perceber que tudo estava igual. Deitou-se na cama, olhou para o teto, pensando:

"Obrigado, meu Deus, por mais esta oportunidade. Depois de tudo que aprendi sobre a Sua lei, sei que alguém está aqui neste momento. Sei também que fui muito ajudado. Seja você quem for, obrigado, muito obrigado..."

André, que estava ali, sorriu e disse:

— Meu filho, seja bem-vindo de retorno ao seu caminho. Deus o abençoe.

Jogou muita luz sobre ele. Tanta que o quarto ficou todo iluminado.

## EPÍLOGO

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

“Aquele dia em diante tudo se modificou e voltou ao normal. Artur dedicou-se intensamente aos estudos. Jarbas concordou em estudar, pois era o que mais queria na vida. Continuou como policial, conseguiu organizar sua vida para que pudesse estudar e trabalhar. Nas horas de folga ia para o escritório de Álvaro e o ajudava ao mesmo tempo em que aprendia na prática. Em toda oportunidade que tinha Álvaro dizia em alto e bom som, para que todos pudessem ouvir:

— Sabe, com Jarbas eu ganhei mais um filho. Esse moço vale ouro mesmo!

Ele e Odete respiravam tranqüilos. Renata ia completar cinco anos. Jarbas teve outro menino, dois anos mais novo que ela. Para seu aniversário foi organizada uma festinha simples, só mesmo para a família.

No dia da festa, as duas famílias estavam reunidas. Iracema brincava com Renata quando Artur chegou e lhe entregou uma caixa grande. Assim que Renata pegou a caixa, quase a deixou cair. Artur abaixou-se para ajudá-la, os olhos se encontraram. Ele sentiu algo estranho, mas não deu atenção. Disse:

— Deixe que eu a ajude, é muito pesada.

— Já sei! É uma boneca!

— Isso mesmo! Será que vai gostar?

— Claro que vou! Foi você quem me deu!

— Por que está dizendo isso?

— Porque quando eu crescer vou me casar com você!  
Iracema e Artur riram. Ele disse:

— Isso é impossível, sou muito mais velho, poderia até ser seu pai.

Ela fez um beicinho e disse quase chorando:

— Não é! Vou me casar com você! Iracema, rindo, disse:

— Essa menina é muito esperta! Quem sabe ocês não se casam mesmo! Artur, rindo mais ainda, disse:

— Você deve estar louca!

— Num sei não, vai vê ocês já foram namorados em outra incarnation! Quem sabe, num é mesmo?

O tempo passou. Artur e Jarbas formaram-se. Jarbas deixou a polícia e foi trabalhar com Álvaro. Precisava aprender muito e sabia que ali seria o melhor lugar para isso. Leandro estava na faculdade de Medicina. Artur começou a trabalhar em uma grande empresa de medicamentos. Trabalhava com computador e ajudava na área de pesquisas. Ele não tinha ainda trinta anos quando, um dia, acordou com um programa todo pronto em sua cabeça. Foi para a empresa, trabalhou muito até conseguir. Surgiu um programa que facilitaria aos cientistas pesquisar a cura de muitas doenças. Ele foi muito premiado e elogiado, além de receber um aumento de salário.

Álvaro e sua família e a família de Iracema compareceram à festa onde ele seria homenageado.

Ao ver o neto recebendo aquela homenagem, Noélia não conseguiu evitar as lágrimas e, mais uma vez, agradeceu a Deus por tanta felicidade.

Artur, trabalhando, viajou muito pelo mundo. Nunca se interessou por moça alguma. Dizia sempre que não tinha tempo

para o casamento. Em uma das vezes em que estava em casa, ia acontecer novamente o aniversário de Renata. Ela ia fazer dezesseis anos. Novamente a família foi convidada. Assim que chegou à casa de Jarbas, viu Renata, que foi correndo para recebê-los. Ele ficou parado e pensando:

"Como ela está linda! Transformou-se! Não é mais aquela menina!

Ela se aproximou, olhou bem em seus olhos, dizendo:

— Está quase chegando à hora da gente se casar.

Álvaro olhou para Odete, que olhou para Leandro, que olhou para Iracema, mas ninguém disse nada. Depois de alguns segundos, Iracema disse:

— Essa menina só diz bestagem! O pior é que sempre falou isso, desde que era piquininha!

Dessa vez, Artur não disse que não, estava encantado com aquela moça que lhe sorria. Só pensava:

"Já conheço esses olhos!"

A festa começou. Todos se divertiram muito. Havia paz no ar. Leandro já era médico e estava acompanhado de sua esposa e de um bebê recém-nascido.

Álvaro conduziu Odete para o jardim. Lá fora, disse:

— Nossa família está feliz. Finalmente encontramos a paz, mas fico pensando: será que no final não foi bom tudo aquilo ter-nos acontecido?

— Por que está dizendo uma coisa como essa?

— Porque aprendemos muito. Eu, pelo menos, aprendi. Deixei de lado meus preconceitos e minha superioridade. Entendi que não somos nada nesta vida e que não temos nada sob controle. Além do mais, com tudo aquilo que aconteceu pudemos

descobrir que o nosso amor é realmente verdadeiro. Eu a amo muito!

— Não mais que eu a você. Só posso agradecer a Deus por este momento e por ter-me dado um marido como você e dois filhos maravilhosos, que só me causam orgulho.

Artur estava em um canto da sala quando Renata se aproximou dizendo:

— Vamos dançar?

Ele, um pouco sem jeito, aceitou. Começaram a dançar calados, apenas os olhos se encontravam de vez em quando.

André e Hélio acompanhavam tudo. Também estavam felizes, pois o filho e amigo de outros tempos tinha conseguido vencer suas fraquezas e estava ali, vitorioso. André disse:

— Finalmente estão juntos. Letícia conseguiu com seu amor e esperança.

Hélio interrompeu-o, nervoso:

— André! Não vai dar certo. A diferença de idade é muito grande. As famílias não concordarão!

— Ora, Hélio! Para o amor não existe idade! Haverá alguma confusão, mas no final dará tudo certo. O amor entre eles é imenso, nada nem ninguém poderá impedi-los de ficar juntos para sempre.

— Tem certeza disso?

— Claro que sim! E você, meu amigo, vá se preparando, que logo fará parte dessa família que está nascendo...

Hélio arregalou os olhos:

— Que está dizendo? Serei filho deles?

— Só se não quiser...

— Mas claro que quero! Serei o melhor filho do mundo!

Você vai ver!

— Espero que seja mesmo!

Hélio, rindo muito, começou a voitar por toda a sala, e da ponta dos dedos jogava luz prateada sobre todos os presentes. Parecia uma criança que acabara de ganhar uma bala.

André ria da felicidade dele e dizia baixinho:

— Espero que seja mesmo um bom filho, e que todos sejam felizes para sempre...”

**Fim**

“É PRECISO ALGO MAIS” \_ ELISA MASSELLI

Esta obra é distribuída **Gratuitamente** pela Equipe Digital Source e Viciados em Livros para proporcionar o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure :

[http://groups.google.com/group/Viciados\\_em\\_Livros](http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros), será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



[http://groups.google.com/group/Viciados\\_em\\_Livros](http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros)

<http://groups.google.com/group/digitalsource>